



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

RITOS GENÉTICOS EDITORIAIS EM PERIÓDICOS:
GESTÃO DAS AUTORIAS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

LETÍCIA MOREIRA CLARES

SÃO CARLOS
2023



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
LABORATÓRIO DE ESCRITAS PROFISSIONAIS E PROCESSOS DE EDIÇÃO
COMUNICA – INSCRIÇÕES LINGUÍSTICAS NA COMUNICAÇÃO

RITOS GENÉTICOS EDITORIAIS EM PERIÓDICOS:
GESTÃO DAS AUTORIAS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

LETÍCIA MOREIRA CLARES
BOLSISTA FAPESP
(PROCESSOS N. 2017/14641-9 E N. 2019/09568-6 – BEPE)

TESE APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTORA EM LINGUÍSTICA.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. LUCIANA SALAZAR SALGADO

SÃO CARLOS – SÃO PAULO – BRASIL
2023

Clares, Letícia Moreira

Ritos genéticos editoriais em periódicos: gestão das autorias na comunicação científica / Letícia Moreira
Clares -- 2023.
205f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Luciana Salazar Salgado
Banca Examinadora: Ana Carolina Nunes da Cunha
Vilela-Ardenghi, Jaime Tadeu Oliva, José de Souza Muniz
Jr., Rejane Rocha
Bibliografia

1. Efeito de padronização. 2. Gestão das autorias. 3.
Mediação editorial. I. Clares, Letícia Moreira. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Letícia Moreira Clares, realizada em 26/04/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar)

Profa. Dra. Ana Carolina Nunes da Cunha Vilela-Ardenghi (UFMT)

Prof. Dr. Jaime Tadeu Oliva (USP)

Profa. Dra. Rejane Cristina Rocha (UFSCar)

Prof. Dr. José de Souza Muniz Júnior (CEFET-MG)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

*DEDICO ESTA TESE A TODOS OS PROFISSIONAIS
DA EDITORAÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA.
VIVA A UNIVERSIDADE PÚBLICA, A CIÊNCIA,
O ACESSO ABERTO, A PRODUÇÃO E A
PARTILHA DEMOCRÁTICA DO CONHECIMENTO!*

AGRADECIMENTOS

Esta tese foi escrita em grande parte durante a pandemia de Covid-19, um período de inúmeras vulnerabilidades políticas, econômicas, sociais e pessoais. É resultado de seis anos de pesquisa cujos achados puderam ser discutidos com pessoas essenciais para o meu percurso de doutoramento, mesmo durante o conturbado processo de escrita que vivi – ora pela solidão do distanciamento social, ora pelo desgaste de uma conjuntura nacional desconcertante.

Uma das maiores interlocutoras durante todo esse processo foi a Luciana Salazar Salgado, a quem agradeço pela orientação instigante, responsável e sensível. Tenho a honra de trabalhar com Luciana desde 2012, quando comecei a explorar o universo da edição numa iniciação científica, e aqui chegamos depois de um longo caminho em que pudemos dividir inquietações, projetos, ideias e devaneios, uma parceria que, para além deste estudo, certamente se reflete na minha formação como pesquisadora, profissional do texto e mulher no mundo.

Também sou muito grata aos professores Ana Carolina Vilela-Ardenghi e José de Souza Muniz Junior, que foram banca dos meus exames de qualificação e defesa e fizeram apontamentos primordiais para o desenvolvimento do trabalho e sua versão final. Ao Zé Muniz agradeço ainda mais carinhosamente pelas trocas frequentes no Labepe e no Comunica, bem como por fazer parte da minha trajetória de pesquisadora desde o mestrado, quando também compôs minhas bancas de qualificação e defesa.

Aos professores Rejane Rocha e Jaime Tadeu Oliva, que integraram minha banca de defesa fazendo contribuições valiosas, sobretudo, para a circulação desta tese, agradeço pela disponibilidade e abertura ao diálogo. Uma das lições mais significativas que meu objeto de estudo me ensinou é que a interdisciplinaridade é uma potência que exige de nós grandes esforços, entre eles a escuta disposta a rearranjos de si.

Aos professores Ana Elisa Sobral Caetano da Silva Ferreira e Pedro Henrique Varoni de Carvalho, que compuseram a banca de defesa como suplentes, agradeço pela disponibilidade. À Ana Elisa, companheira do Comunica/Labepe, também agradeço pelas tantas trocas sobre a pesquisa e o mundo acadêmico.

O professor Johannes Angermuller, que supervisionou meu estágio de pesquisa na França, também teve participação importante no processo que celebro aqui. Além da orientação atenta e gentil do projeto complementar que desenvolvi no estágio, agradeço ao Johannes pelo empenho na construção de redes de mobilidade internacional de fato integrativas e humanas.

Agradeço ainda a todos os editores e profissionais do texto que acreditaram na seriedade desta pesquisa e dedicaram tempo e esforços para que ela fosse possível. Espero que esta tese possa contribuir de alguma forma para o avanço e o reconhecimento do trabalho crucial que fazem em prol da produção e da democratização do acesso ao conhecimento, tão ameaçadas diante dos tempos sombrios que enfrentamos no Brasil do negacionismo.

Agradeço à terapeuta Larissa Ruiz pelo apoio psicológico fundamental durante boa parte do doutorado, sem o qual certamente o caminho até aqui seria mais difícil. Esse agradecimento é também um convite para naturalizarmos o cuidado com a saúde mental na pós-graduação, que pode ser vivida com mais leveza e respeito aos processos individuais.

Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa Comunica e do Labeppe pelo companheirismo no trabalho e para além dele. Cada um a seu modo me ensinou que a construção do conhecimento só se faz assim, junto, na partilha.

Agradeço aos amigos e companheiros queridos por todas as vivências e pelas tantas acolhidas nesse período, à minha mãe e aos meus avós por todo afeto e apoio, e ao meu parceiro ronronento pela doçura felina que sempre alegra meus dias.

Por fim, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2017/14641-9, pelo financiamento.

*[...] SE É PRECISO NEUTRALIZAR O DISCURSO SOBRE
A TÉCNICA, A PRÓPRIA TÉCNICA NÃO É NEUTRA, A
DESPEITO DE SUAS LEGENDAS.*

(DEBRAY, 1993, P. 77)

CLARES, Letícia Moreira. **Ritos genéticos editoriais em periódicos**: gestão das autorias na comunicação científica. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

RESUMO

Este é um estudo discursivo-mediológico da constituição editorial da autoria na comunicação científica, para o qual compomos um cópulo que parte de quatro periódicos brasileiros de ampla circulação: a *Geosp: espaço e tempo*, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FFLCH-USP; a *Cerâmica Industrial*, da Associação Brasileira de Cerâmica; a *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, do Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar; e a *Rieb*, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Apoiadas no quadro teórico da análise do discurso de base materialista, examinamos as condicionantes da autoria na produção de artigos científicos em diferentes áreas de saber, levando em conta a relação entre autor e coenunciador editorial nos *ritos genéticos editoriais* (SALGADO, 2011), bem como a proposta metodológica de análise do lugar de autor definida como *paratopia criadora* (MAINGUENEAU, 2014 [2006]) e sua relação inextricável com as questões de *médium* (DEBRAY, 2000a, 2000b) na editoração científica. No decurso da pesquisa, mobilizamos para isso uma série de materiais de circulação restrita que, afinal, constituíram nosso cópulo: entrevistas com profissionais dos referidos periódicos; artigos em processo de avaliação por pares e seus respectivos pareceres; e dados do primeiro curso brasileiro de avaliador de artigo científico, ofertado pela Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC). Ao focalizar a atuação de editores e pareceristas nos processos de coenunciação editorial, selecionamos os pareceres e demais materiais correlatos à avaliação por pares para análises dos regimes de autoria dos artigos, considerando que é nessa etapa decisória de tratamento dos textos destinados à publicação que as peculiaridades do próprio sistema científico parecem mais contundentes. Refletimos, assim, sobre a *transitividade das autorias* (SALGADO, 2016a), uma abordagem material da gestão dos processos que, explicitada na etapa de avaliação de artigos, mostrou-se também constituinte dos mundos éticos da comunicação científica, ainda que velada pelo que chamamos de *efeito de padronização* – uma estratificação de pesquisadores, de carreiras docentes, de áreas de saber e, portanto, das próprias autorias.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação científica; efeito de padronização; gestão das autorias; mediação editorial; mundos éticos.

CLARES, Letícia Moreira. **Rites génétiques éditoriaux dans les revues** : gestion de l'auctorialité dans la communication scientifique. 2023. Thèse (Doctorat en Linguistique) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

RÉSUMÉ

Il s'agit d'une étude discursive-midiologique de la constitution éditoriale de l'auctorialité dans la communication scientifique, pour laquelle nous avons constitué un corpus provenant de quatre revues brésiliennes à large diffusion : *Geosp: espaço e tempo*, du Programme d'études supérieures en géographie de la FFLCH-USP ; *Cerâmica Industrial*, de l'Association Brésilienne de Céramique ; *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, du Département d'Ergothérapie de l'UFSCar ; et *Rieb*, de l'Institut d'Études Brésiliennes de l'USP. En s'appuyant sur le cadre théorique de l'analyse du discours basée sur le matérialisme, nous examinons les contraintes de l'auctorialité dans la production d'articles scientifiques dans différents domaines du savoir, en prenant en compte la relation entre auteur et co-énonciateur éditorial dans les *rites génétiques éditoriaux* (SALGADO, 2011), ainsi que la proposition méthodologique d'analyse de la place de l'auteur définie comme *paratopie créatrice* (MAINGUENEAU, 2014 [2006]) et son inextricable relation avec les enjeux du *médium* (DEBRAY, 2000a, b) dans l'édition scientifique. Au cours de la recherche, nous avons mobilisé une série de documents à diffusion restreinte qui constituaient pourtant notre corpus : entretiens avec des professionnels des revues susmentionnées ; les articles dans le processus d'évaluation par les pairs et leurs avis scientifiques respectives ; et les données du premier cours brésilien d'évaluation d'articles scientifiques, proposé par l'Association Brésilienne des Éditeurs Scientifiques (ABEC). En nous concentrant sur le rôle des éditeurs et des arbitres dans les processus de co-énonciation éditoriale, nous avons sélectionné des avis scientifiques et d'autres matériaux liés à l'évaluation par les pairs pour réaliser des analyses des régimes de l'auctorialité des articles, considérant qu'il s'agit de cette étape décisionnelle de traitement des textes destinés à la publication que les particularités du système scientifique lui-même semblent plus fortes. Donc, nous réfléchissons sur *la transitivité de l'auctorialité* (chez SALGADO, 2016a), une approche matérielle de la gestion des processus qui, explicitée dans l'étape d'évaluation de l'articles, s'est également révélée être une composante des mondes éthiques de la communication scientifique, même si elle est voilée par ce que nous appelons *d'effet de standardisation* – une stratification des chercheurs, des carrières d'enseignant, des domaines de savoir et, par conséquent, des auctorialités eux-mêmes.

MOTS-CLÉS : communication scientifique ; l'effet de standardization ; gestion de l'auctorialité ; médiation éditoriale ; mondes éthiques.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Classificação da <i>Cerâmica Industrial</i> no quadriênio 2013-2016	32
Figura 2 Classificação da <i>CBTO</i> no quadriênio 2013-2016 (ISSN impresso)	38
Figura 3 Classificação da <i>CBTO</i> no quadriênio 2013-2016 (ISSN eletrônico)	38
Figura 4 Classificação da <i>Geousp</i> : espaço e tempo no quadriênio 2013-2016	42
Figura 5 Classificação da <i>Rieb</i> no quadriênio 2013-2016	47
Figura 6 Os mundos éticos no diagrama do ethos efetivo	58
Figura 7 <i>Layout</i> da <i>Rieb</i>	62
Figura 8 <i>Layout</i> da <i>Geousp</i>	63
Figura 9 <i>Layout</i> da <i>CBTO</i>	64
Figura 10 <i>Layout</i> da <i>Cerâmica</i>	65
Figura 11 Exemplo de página de metadados de um artigo da <i>Rieb</i>	67
Figura 12 Exemplo de página de visualização e <i>download</i> de um artigo da <i>Rieb</i>	68
Figura 13 Capa de edição completa da <i>Rieb</i> na página principal	70
Figura 14 Capa de edição completa da <i>Rieb</i> na página de metadados.....	70
Figura 15 <i>Rieb</i> na página do SciELO	72
Figura 16 Alguns detalhamentos da estrutura das quatro revistas do <i>cópus</i>	75
Figura 17 Sumário da edição completa do n. 78 (2021) da <i>Rieb</i>	77
Figura 18 Versão do n. 78 (2021) da <i>Rieb</i> no portal da USP.....	78
Figura 19 Versão do n. 78 (2021) da <i>Rieb</i> no portal do SciELO	79
Figura 20 Capa da edição completa.....	80
Figura 21 Caderno de imagens da edição completa	81
Figura 22 Página introdutória do editorial.....	86
Figura 23 Página introdutória do dossiê	87
Figura 24 Página introdutória da documentação	88
Figura 25 Página introdutória das resenhas	89
Figura 26 Folha de créditos da edição completa	90
Figura 27 Expedientes da <i>Rieb</i> no portal da USP	92
Figura 28 Expedientes da <i>Rieb</i> no portal do SciELO.....	93
Figura 29 Nó borromeano das três instâncias que configuram a gestão autoral	100
Figura 30 Nó borromeano das três instâncias que configuram a gestão autoral de professores-pesquisadores considerados aptos a exercer os ofícios de parecerista e editor	103
Figura 31 Submissão do Artigo 1 à <i>Cerâmica Industrial</i>	107
Figura 32 Acesso à comissão editorial da <i>Cerâmica Industrial</i> para análise do Artigo 1 ...	111
Figura 33 Parecer 1 do Artigo 1 da <i>Cerâmica Industrial</i>	111
Figura 34 Parecer 2 do Artigo 1 da <i>Cerâmica Industrial</i>	111

Figura 35 Parecer Final do Artigo 1 da <i>Cerâmica Industrial</i>	112
Figura 36 Nó borromeano da mediação editor-pareceristas no convite para avaliação por pares e no Parecer Final da <i>Cerâmica</i>	113
Figura 37 Parecer do Artigo 2 da <i>Cerâmica Industrial</i>	114
Figura 38 Formulário de avaliação da <i>Geosp</i>	118
Figura 39 Parecer 1 da <i>Geosp</i>	119
Figura 40 Parecer 2 da <i>Geosp</i>	120
Figura 41 Comentário do Avaliador B no resumo de um artigo da <i>Geosp</i>	121
Figura 42 Realce do Avaliador B em artigo da <i>Geosp</i>	122
Figura 43 Comentário do Avaliador B na primeira seção de um artigo da <i>Geosp</i>	122
Figura 44 Indicações de correção do Avaliador B em artigo da <i>Geosp</i>	123
Figura 45 Indicações de reescrita do Avaliador B em artigo da <i>Geosp</i>	123
Figura 46 Ajuste do Avaliador B em artigo da <i>Geosp</i>	123
Figura 47 Sugestão de citação do Avaliador B em artigo da <i>Geosp</i>	123
Figura 48 Comentário do Avaliador B em trecho de um artigo da <i>Geosp</i>	124
Figura 49 Formulário de avaliação da <i>Rieb</i>	125
Figura 50 Respostas do Avaliador B ao formulário da <i>Rieb</i>	127
Figura 51 Trecho 1 do parecer do Avaliador A.....	128
Figura 52 Trecho 2 do parecer do Avaliador A.....	129
Figura 53 Trecho 3 do parecer do Avaliador A.....	129
Figura 54 Trecho 4 do parecer do Avaliador A.....	129
Figura 55 Trecho 5 do parecer do Avaliador A.....	131
Figura 56 Trecho 1 do parecer do Avaliador B.....	131
Figura 57 Trecho 2 do parecer do Avaliador B.....	132
Figura 58 Trecho 3 do parecer do Avaliador B.....	132
Figura 59 Trecho 5 do parecer do Avaliador B.....	133
Figura 60 Trecho 4 do parecer do Avaliador B.....	133
Figura 61 Nó borromeano das três instâncias que configuram a gestão autoral de autores considerados referência em determinada área	134
Figura 62 Emissão do parecer final da <i>Geosp</i>	135
Figura 63 Ficha para análise de artigo da <i>CBTO</i> – Parte A.....	139
Figura 64 Ficha para análise de artigo da <i>CBTO</i> – Partes B, C e D.....	140
Figura 65 Ficha da <i>CBTO</i> preenchida pelo parecerista 2 – Parte A.....	141
Figura 66 Ficha da <i>CBTO</i> preenchida pelo parecerista 2 – Partes B, C e D	142
Figura 67 Sugestões do parecerista 1 em resumo de artigo da <i>CBTO</i>	144
Figura 68 Sugestões do parecerista 1 em trechos de artigo da <i>CBTO</i>	144

Figura 69 Sugestões do parecerista 1 em trecho de artigo da <i>CBTO</i>	145
Figura 70 Sugestões do parecerista 1 em trecho de artigo da <i>CBTO</i>	145
Figura 71 Sugestões do parecerista 1 em trecho de artigo da <i>CBTO</i>	145
Figura 72 Sugestões do parecerista 2 em citação direta de artigo da <i>CBTO</i>	146
Figura 73 Sugestões do parecerista 2 em título de seção de artigo da <i>CBTO</i>	146
Figura 74 Sugestões do parecerista 2 em trecho de artigo da <i>CBTO</i>	146
Figura 75 Sugestões do parecerista 2 em título de seção de artigo da <i>CBTO</i>	146
Figura 76 Sugestões do parecerista 2 em trecho de artigo da <i>CBTO</i>	147
Figura 77 Observações do parecerista 2 na seção de metodologia de artigo da <i>CBTO</i>	147
Figura 78 Parecer final de artigo da <i>CBTO</i>	148
Figura 79 Parte da síntese da avaliação do parecerista 1 no parecer final da <i>CBTO</i>	148
Figura 80 Parte da síntese da avaliação do parecerista 2 no parecer final da <i>CBTO</i>	149
Figura 81 Instrução do parecer final de artigo da <i>CBTO</i>	149
Figura 82 Solicitação do parecer final de artigo da <i>CBTO</i>	150

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 Sistematização inicial do córpus.....	51
Quadro 2 Modelo simples-cego de avaliação pré-publicação.....	152
Quadro 3 Modelo duplo-cego de avaliação pré-publicação.....	152
Quadro 4 Modelo triplo-cego de avaliação pré-publicação.....	152
Quadro 5 Descrição dos 14 papéis de autoria ou contribuição do CRediT.....	156

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
PARTE 1 PROBLEMÁTICAS CONSTITUTIVAS DE UMA PESQUISA SOBRE O TEMPO PRESENTE	24
O ACESSO REGULADO E A EDIÇÃO NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	24
<i>CERÂMICA INDUSTRIAL</i>	30
<i>CADERNOS BRASILEIROS DE TERAPIA OCUPACIONAL</i>	36
<i>GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO</i>	41
<i>REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS</i>	45
DAS RESTRIÇÕES ÀS POSSIBILIDADES	48
PARTE 2 MÉDIUM E GESTÃO DA AUTORIA NO ESTUDO DE OBJETOS EDITORIAIS	53
A MEDIAÇÃO EDITORIAL, UMA FORMA DE TRANSMISSÃO	53
OS MUNDOS ÉTICOS DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA NOS PERIÓDICOS E O EFEITO DE PADRONIZAÇÃO	57
COENUNCIÇÃO EDITORIAL, PARATOPIA CRIADORA E TRANSITIVIDADE DAS AUTORIAS	95
PARTE 3 REGIMES DE AUTORIA NA AVALIAÇÃO POR PARES	102
PRESCRIÇÕES E PRÁXIS: O QUE SIGNIFICA AVALIAR UM ARTIGO?	102
O SISTEMA CREDIT E O AUTOR-COLABORADOR	153
CONCLUSÕES	159
REFERÊNCIAS	163
APÊNDICES	173

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento das primeiras revistas científicas¹, na segunda metade do século XVII (Cf. MEADOWS, 1999), e exponencialmente a partir do advento da internet, na década de 1990, a publicação de artigos científicos tem sido cada vez mais valorizada para a produção e a circulação do conhecimento. No cenário atual da comunicação científica², os periódicos vêm sendo bastante discutidos, sobretudo no que se refere a sua especialização e avaliação, diretamente relacionadas, por sua vez, a avaliação de programas de pós-graduação brasileiros e suas consequências – de saída, financiamentos para formação, pesquisa e extensão.

Em julho de 2019, a Capes, fundação responsável por essa avaliação, anunciou alterações no processo de avaliação da pós-graduação (via Ofício n. 6/2019-CGAP/DAV/Capes), destacando sua nova proposta para o sistema Qualis-Periódicos³. Segundo a instituição, o que motivou a mudança “[...] foi a busca por critérios mais objetivos que permitam maior comparabilidade entre áreas de avaliação, atentando-se também para a internacionalização” (CAPES, 2019b).

Vigente desde o triênio 2007-2009, o Qualis usa informações inseridas anualmente pelos programas de pós-graduação na Plataforma Sucupira⁴ para rastrear as revistas em que seus pesquisadores vinculados publicam, dividindo-as por estratos (até 2019, de A1, o nível com maior peso, A2, B1, B2, B3, B4 e B5 até C, o nível com peso zero) segundo parâmetros dos comitês de cada área (CAPES, [S.d.]). O modelo

¹ Stumpf (1998, p. 3) diferencia os termos “revista científica” e “periódico científico” de acordo com seu emprego por diferentes profissionais. Segundo a pesquisadora: “Os bibliotecários preferem a denominação ‘periódicos científicos’, utilizando esta forma de expressão como termo técnico. Já os pesquisadores, cientistas, professores e estudantes preferem a denominação ‘revistas científicas’. Este grupo muitas vezes nem se preocupa em qualificar o termo ‘revistas’ pelo adjetivo ‘científicas’, considerando que o próprio ambiente acadêmico em que estas publicações são usadas dispensa esta qualificação” (p. 3). Nesta tese, consideramos os dois termos sinônimos, pois são usados indiscriminadamente pelos profissionais de editoração científica, bem como intercambiados por “revista” e “periódico”, que também têm grande circulação por contexto nos ambientes especializados.

² Cenário para o qual, neste trabalho, estabelecemos como marco inicial 1996, ano em que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) cria a base Qualis para a avaliação dos programas de pós-graduação, formalizando a avaliação de periódicos.

³ Ferramenta da Capes “usada para classificar a **produção científica dos programas de pós-graduação** no que se refere **aos artigos publicados em periódicos científicos**”, conforme descrição apresentada no *site* da fundação (em <https://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-suporte/qualis-periodicos-e-classificacao-de-producao-intelectual>, acesso em 27 mar. 2020).

⁴ Plataforma usada “para coletar informações, realizar análises e avaliações e ser a base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG)” (informações retiradas da página <https://www.capes.gov.br/avaliacao/plataforma-sucupira>, acesso em 27 mar. 2020).

tem problemas amplamente debatidos entre editores e pesquisadores, como os próprios parâmetros aplicados por cada área para a avaliação dos periódicos.

O novo sistema tem quatro princípios norteadores: 1. uma única classificação para cada periódico, ainda que vinculado a mais de uma área de avaliação; 2. classificação por área mãe (área com maior número de publicações nos anos de referência da avaliação); 3. classificação de referência (Qualis Referência) feita pela combinação de indicadores bibliométricos e um modelo matemático não discriminado⁵; e 4. indicadores bibliométricos que consideram o número de citações do periódico nas bases de indexação Scopus (CiteScore), Web of Science (Fator de Impacto) e Google Scholar (Índice h5)⁶.

Em meio às notícias e informações sobre o tema que repercutiram em equipes de editoria e programas de pós-graduação, vimos que muitos editores se manifestaram quanto aos parâmetros propostos. É o caso do editorial recortado a seguir, intitulado *Contribuições ao debate sobre a avaliação da produção científica no Brasil*, publicado pela revista *Cadernos de Saúde Pública* em outubro de 2019:

A premissa da adoção de um único critério para avaliação de periódicos científicos é questionável, considerando as profundas diferenças entre as áreas acadêmicas na produção e divulgação do conhecimento, o que gera resultados desastrosos a periódicos já consolidados em suas áreas de atuação. (EDITORIAL, 2019)

⁵ Este é um critério que não havia sido detalhado pela Capes, mesmo no documento de esclarecimento que publicou em julho de 2019 no seu *site*, no qual constava apenas que “A nova metodologia do Qualis propõe uma classificação de referência que é dada por meio do uso combinado de indicadores bibliométricos e um modelo matemático. A atribuição do Qualis Referência foi feita pela própria Diretoria de Avaliação e, portanto, as áreas já receberam a lista de periódicos com essa pré-classificação. As áreas de avaliação puderam propor alterações de até 10% em 2 estratos e 20% em 1 estrato, para cima ou para baixo” (CAPES, 2019a). Em 10 de setembro de 2021, a fundação publicou a Portaria n. 145 com as consolidações da nova proposta do Qualis, pela qual explica esse uso combinado de indicadores: “Art. 12. A estratificação far-se-á por meio de utilização de um dos seguintes agrupamentos de indicadores: I - QR1: uso do CiteScore, obtido a partir da base de dados Scopus, e da base de dados Journal of Citation Report (JCR), ou, subsidiariamente, dos índices h5 ou h10 gerados por meio da ferramenta de busca Google Metrics; II - QR2: uso exclusivo dos índices h5 ou h10 gerados por meio da ferramenta de busca Google Metrics; § 1º Ficará a critério da Área de avaliação a definição do agrupamento que mais se ajuste a suas especificidades e que correspondam ao reconhecimento científico de sua comunidade acadêmica. § 2º A Diretoria de Avaliação divulgará a lista consolidada dos agrupamentos aplicáveis a cada Área de avaliação.” (CAPES, 2021, Seção III).

⁶ Vale observar que todos esses indicadores são produtos de empresas privadas (Elsevier, Thomson Reuters e Google) e que o mercado de publicações científicas tem sido ranqueado como um dos mais lucrativos do mundo (Cf. BURANYI, 2017; LAWSON; GRAY; MAURI, 2016).

Entre as preocupações dos editores, destaca-se a possibilidade de uma avaliação ruim de periódicos no novo sistema, que propõe uma única classificação para cada revista, sem a estratificação nas diferentes áreas que publica, como acontecia até então⁷. A inquietação se legitima no fato de uma má avaliação poder ter implicações no orçamento destinado ao periódico, na nota do programa de pós-graduação ao qual ele se vincula, no número de contribuições submetidas à publicação, entre outras, embora se trate de uma revista da área da saúde – proeminente no que se refere à proposição de métricas no sistema científico.

Nessa direção, também se posicionaram duas das revistas que nos interessam diretamente aqui, a *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional* e a *Geousp: espaço e tempo*. A primeira enfatizou em nota disponível na capa do seu *site*⁸:

*Aos nossos colaboradores e colaboradoras:
[...] Entendemos que a classificação preliminar dos Cadernos Brasileiros em Terapia Ocupacional no estrato “C” ocorre devido à nossa mudança de nome em 2017 (o que implica no mesmo para os Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, devido à sua extinção em 2017), uma vez que atendemos ao critério Google Scholar índice H >= 5 (número de citações em relação ao número de produções em um período), dado que o nosso maior índice (atualmente subdividido em três) é **12**.
Ainda, estamos indexados na Scopus, o que deve gerar o SJR no intervalo de até dois anos; e no Emerging Sources Citation - Web of Science, aguardando avaliação para futura geração de JCR [...].
(CAPA, 2019, grifos do original)*

O tom de justificativa da equipe de editoria se apoia nas métricas de avaliação e nas plataformas de indexação, ambas ponderadas na classificação de periódicos. Deve-se à preocupação com o que pode significar a queda da nota da revista no novo sistema Qualis, especialmente considerando sua inserção recente na Coleção SciELO Brasil⁹, para a qual foi necessária a referida mudança de nome.

⁷ Antes, a classificação das revistas variava entre todas as suas áreas de publicação, que eram estratificadas de A1 a C. Agora, independentemente do número de áreas que publica, será atribuída uma única classificação a todas elas.

⁸ Em <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/index>, acesso em 19 nov. 2019.

⁹ A Coleção SciELO Brasil “indexa e disponibiliza online em acesso aberto textos completos de periódicos científicos brasileiros de todas as áreas do conhecimento que publicam” (descrição retirada de http://www.scielo.br/avaliacao/inclusao_pt.htm, acesso em 27 mar. 2020). Para compor essa coleção, as revistas precisam atender a critérios de admissão e permanência que a SciELO divulga em documento específico atualizado periodicamente. Em geral, esses critérios avaliam o caráter científico dos periódicos, sua gestão editorial, periodicidade de publicação, internacionalização e forma de apresentação dos artigos. Como se entende que a visibilidade dos periódicos tem relação direta com

Já na *Geousp*, não se busca questionar critérios específicos do novo sistema, embora uma discussão deste seja mencionada, mas sim pontuar a mobilização de editores e periódicos da área de geografia frente às atuais práticas de produção científica:

Nossa associação já promoveu uma série de fóruns de editores que remontam a um período anterior ao atual formato de avaliação Qualis/Capes (iniciado em 2006), o que deixa patente que o interesse dos geógrafos sobre o tema vai além de questões pragmáticas como a pontuação que, infelizmente, podem ensejar práticas nem sempre louváveis devido à excessiva importância que lhe imputam as instituições acadêmicas.

[...] O mais recente debate foi promovido pelo Seminário de Periódicos de Geografia da Anpege [...]. O evento veio num momento muito oportuno e avançou numa série de temas que terão continuidade no XIII Enanpege.

Na ocasião, pudemos contar com as intervenções dos professores Gláucio J. Marafon e Tadeu P. A. Arrais, que deram um panorama esclarecedor do atual sistema de avaliação Qualis/Capes, o que proporcionou um ambiente de debate que tratou de temas técnicos, acadêmicos e políticos.

Pareceu-nos oportuno este breve relato para indicar quão séria é a questão que mobilizou editores de vários estados para a UFRJ. A produção de artigos vem sendo cada vez mais importante para avançarmos no conhecimento geográfico, e a coesão das revistas e de seus editores conta muito.

Tanto é assim que, por força dessa união e dessa visão política da produção científica, os periódicos de geografia estão entre os que mais oferecem acesso aberto, sem cobrar acessos ou submissões [...]. (ANTAS JR., 2019)

Mencionam-se ainda temas como o acesso aberto e a submissão gratuita de artigos, que vêm perdendo gradativamente espaço nos periódicos que buscam adotar os chamados *padrões internacionais de publicação*, muitas vezes replicando protocolos de edição e circulação consagrados em regiões do hemisfério norte, com vistas ao que se compreende por “internacionalização”.

Esses são dados que explicitam o que chamamos na análise do discurso de base materialista (doravante AD) de *condições de produção* da comunicação científica, a qual atualmente tem os periódicos como dispositivos comunicacionais

sua indexação, todos eles buscam se adequar às exigências de portais como o da SciELO e o da Capes para constar em suas coleções (Cf. CLARES, 2017). Na versão mais recente do documento da SciELO, de maio de 2020 (disponível em <https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/20200500-Criterios-SciELO-Brasil.pdf>, acesso em 2 jun. 2021), foram inseridos critérios que falam diretamente de autoria, os quais discutiremos na Parte 2.

centrais de seu funcionamento. Mais do que isso, evidenciam consensos e resistências na relação entre normas e técnicas da editoração científica a partir do lugar do editor, uma figura decisória importante entre os demais atores que participam da mediação editorial (revisores, tradutores, pareceristas e os próprios autores).

Na perspectiva discursivo-mediológica que assumimos aqui, entendemos que tanto os periódicos quanto os artigos são objetos técnicos modelares dessa relação entre normas e técnicas, que dialoga fundamentalmente com o médium (DEBRAY, 2000a, 2000b), o conceito com que abordamos esses objetos. Imbricam-se aí duas questões-chave desta tese: a constituição da autoria e o efeito de padronização.

Decorrente da pesquisa de mestrado *Mediação editorial na comunicação científica: um estudo de dois periódicos de humanidades* (CLARES, 2017), em que analisamos os processos de tratamento editorial em dois periódicos científicos de humanidades e seus efeitos sobre a comunicação do conhecimento científico, o problema da autoria se pôs na pesquisa de campo então feita, quando enfrentamos uma dificuldade frequente nos estudos de tratamento editorial de textos, que é o acesso aos materiais destinados à publicação ainda em seu processo de edição.

Nossa hipótese é que, no caso dos periódicos, essa dificuldade se deve à existência de um imaginário de autoria apoiado em *mundos éticos* (MAINGUENEAU, 2015) da comunicação científica que suscitam um apagamento dos processos editoriais que acontecem nas publicações científicas, uma vez que esses processos não são comumente explicitados. Na referida pesquisa de mestrado, pudemos constatar, inclusive, certa evitação de que sejam estudados.

Em outras palavras, trata-se de materiais de circulação restrita em que é mais comum que apareça seu produto final (periódicos e, sobretudo, artigos), e não seus processos, que dão indícios de uma construção colaborativa da autoria que estudamos como *gestão autoral*. Na editoração científica, percebemos que a cultura das métricas é um dos ingredientes dessa gestão, do que decorre o que chamamos aqui de *efeito de padronização*, uma estratificação de pesquisadores, de carreiras docentes, de áreas de saber e, portanto, das próprias autorias que tem seu cerne nos regimes de regularidade das publicações periódicas.

Considerando que discursivamente o médium é uma convergência de modos de inscrição e de circulação (MAINGUENEAU, 2014 [2006]) presente em todas as instâncias de existência dos periódicos – desde a produção e a avaliação até a distribuição e o consumo –, um ponto de partida do trabalho é compreender os

periódicos como médiums, pois são objetos editoriais condicionantes da própria escrita científica, então dos artigos científicos e da gestão autoral.

Dada essa delimitação, **de saída selecionamos** quatro periódicos qualificados e de importância nacional de áreas distintas, a *Geosp: espaço e tempo*, dos Programas de Pós-Graduação em Geografia Humana e Geografia Física da Universidade de São Paulo (USP), a *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP – Rieb* (ambas estudadas também no mestrado), a *Cerâmica Industrial*, da Associação Brasileira de Cerâmica, e a *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, do Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar.

A seleção desses periódicos foi feita considerando prioritariamente a acessibilidade de seus profissionais, processos editoriais e materiais editados, condição que só pôde ser verificada no percurso da pesquisa de campo, essencial para esse tipo de estudo. É por isso que dedicamos a Parte 1 desta tese a uma discussão metodológica que visa registrar as dificuldades e estratégias para a constituição do *cópus*, apresentando detidamente as particularidades de cada uma das revistas e os tipos de dados coletados e **analisados**.

Baseadas no quadro teórico da AD, nosso objetivo é examinar as condicionantes da autoria na produção de artigos científicos nas diferentes áreas de saber em questão – geografia (física e humana), interdisciplinar, engenharia de materiais e ciências da saúde. Para isso, mobilizamos a relação entre o autor e o coenunciador editorial nos *ritos genéticos editoriais*, segundo formulação de Salgado (2011), com apoio numa proposta metodológica de análise da gestão autoral definida por Maingueneau (2014 [2006]) como *paratopia criadora*.

Ao propor que se chame de ritos genéticos editoriais tudo aquilo que se faz para que um texto vá a público, isto é, todos os processos de edição que acontecem antes de um texto autoral virar um produto “final”, Salgado (2011) faz um desdobramento da noção de ritos genéticos de Maingueneau. O analista do discurso afirma que “o escritor original é de fato obrigado a inventar ritos genéticos na medida da sua necessidade”, uma vez que “é preciso já ter encontrado os ritos genéticos pertinentes para elaborar as obras, mas [que] é o êxito das obras realizadas que consagra a pertinência desses ritos” (MAINGUENEAU, 2014 [2006], p. 157). Nesse sentido, os ritos genéticos editoriais especificam e direcionam a noção de Maingueneau focalizando os processos de edição adotados em diferentes publicações, “sem jamais perder de vista que o trabalho do coenunciador editorial,

assim como o do autor e de todos os que lidam com seu texto, é feito de um dado lugar discursivo” (SALGADO, 2011, p. 155).

Quanto à noção de paratopia criadora, é formulada por Maingueneau nas análises de discursos constituintes¹⁰, especialmente no estudo do discurso literário, e é produtiva para nossas reflexões por conta da natureza do nosso objeto de estudo, e, então, para entendermos a proposta de gestão da autoria no discurso científico. Tal regime discursivo mobiliza um conjunto específico de fatores que se relacionam e constituem as condições de produção da comunicação científica, como os sistemas de avaliação da produção acadêmica e todos os seus protocolos, que sustentam, como já pontuamos, programas de pós-graduação, carreiras docentes e a própria existência dos periódicos.

Assim, a produção de artigos para publicação é condicionada por esses protocolos, promovidos tanto pelos atores que ocupam posições de maior poder na edição de periódicos (editores e pareceristas) como pelos autores, que submetem seus textos a determinados periódicos e não outros, muitas vezes em função de sua classificação perante as métricas, aceitam ou não novas textualizações, as quais dependem de critérios não só linguístico-discursivos, mas predominantemente técnicos e políticos. A partir dos desdobramentos do Exame de Qualificação e do estágio de pesquisa Bepe que desenvolvemos no exterior, selecionamos como *cópus* os pareceres e demais materiais correlatos à avaliação por pares para análises dos regimes de autoria dos artigos, incluindo informações do primeiro curso do Brasil para avaliador de artigo científico¹¹. É nessa etapa decisória de tratamento dos textos destinados à publicação que as peculiaridades do próprio sistema científico parecem mais contundentes, por isso observar o modo como as textualizações são prescritas

¹⁰ Ou seja, discursos “não tópico[s], que não se ocupa[m] de se localizar, que fala[m] por si sem recurso a outros discursos (ou com efeito de um discurso que não recorre ao que já está estruturado, em circulação)” (SALGADO, 2016, p. 7). Nas palavras de Maingueneau (2014 [2006], p. 34, grifo do autor): “Os discursos constituintes têm efetivamente um estatuto singular: são zonas de palavras entre outras e palavras que se pretendem marqueise de todas as outras. Sendo discursos-limite, localizados num limite e tratando do limite, devem gerar textualmente os paradoxos que seu estatuto implica. Com eles, colocam-se, em toda sua acuidade, as questões relativas ao carisma, à Encarnação, à delegação do Absoluto: para não se autorizarem apenas por si mesmos, devem apresentar-se como ligados a uma Fonte legitimadora”.

¹¹ Lançado em 2021 pela Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC), o curso EaD *Avaliador de artigo científico* é a primeira formação do Brasil para a atividade de avaliação por pares (detalhamentos sobre a oferta em <https://www.abecbrasil.org.br/novo/2021/07/programa-abec-educacao/>). Constitui-se, assim, como uma referência importante para nossas discussões sobre o trabalho dos pareceristas, uma vez que nos põe em contato com parâmetros tidos como básicos por especialistas da editoração científica de diferentes áreas para uma análise técnica de artigos submetidos à publicação em periódicos.

e movidas pelos atores envolvidos nesse jogo de imaginários e embates possibilita examinar as diferenças silenciadas nos artigos publicados.

Isso significa que, considerada a dimensão editorial de cada caso, a paratopia criadora permite entender os tipos de autoria que se estabelecem nos artigos a partir de seus pareceres, isto é, como a autoria funciona nas diferentes áreas de saber publicadas por cada periódico em estudo, permitindo, assim, que se olhe para o que Salgado (2016) chama de *transitividade das autorias*. Essa perspectiva implica considerar as relações discursivas entre os sujeitos e os objetos que produzem, entre os meios de produção, circulação e consumo desses objetos técnicos, e ainda entre as normas e técnicas que também condicionam essas relações ou são condicionadas por elas. Trata-se de

[...] levar em conta todos esses aspectos entendendo que as várias relações que se estabelecem – ou não se estabelecem – entre fontes produtoras e dispersoras [...] são cruciais para uma perspectiva discursiva de estudo das mediações editoriais. Os modos de dar a ler o que se dá a ler implicam articulações complexas entre materiais verbais e não verbais, consideradas aí suas inscrições materiais, fortemente condicionadas e também condicionadoras dos meios de dispersão. (SALGADO, 2016, p. 191)

Quando falamos em mediação editorial na editoração científica, levamos em conta que as relações entre serviços (tipos de trabalho), funções (divisões setoriais ou oficiais do trabalho), etapas e tarefas (divisões intelectuais do trabalho) se alteram de diferentes formas em cada periódico quando são adotadas, por exemplo, plataformas eletrônicas de edição recomendadas pelas instituições que normatizam a comunicação científica. Importa considerar também que existe uma indefinição terminológica no tratamento editorial de textos no Brasil, já que não há legislação específica que regulamente a contratação de profissionais do texto, e disso decorrem problemas como o acúmulo de funções e a precarização das condições de trabalho e de remuneração dos profissionais (Cf. RIBEIRO, 2007, 2009; YAMAZAKI, 2007, 2009; MUNIZ JR., 2010a, 2010b; SALGADO, 2011), situações que se agravam com os prazos exíguos impostos para a editoração científica (Cf. CLARES, 2017).

A revisão de textos¹², por exemplo, é uma questão emblemática dessa indefinição nos diferentes periódicos em estudo, pois não há consenso quanto ao seu

¹² Na pesquisa de mestrado *Definições terminológicas da Revisão de Textos: estudos iniciais para a elaboração de um glossário*, Balestero (2019) faz um estudo pioneiro que visa suprir a ausência de

emprego entre os diferentes coletivos de trabalho. Por se tratar de um termo considerado guarda-chuva nas atividades de edição, *revisão* é usado para nomear ora uma etapa única, não necessariamente de ordem linguístico-discursiva, ora um serviço que contempla diferentes etapas, algumas vezes indicadas como finais nas próprias plataformas de editoração, apesar do leque de outras etapas e funções que abarcam. Essa distribuição incerta de tarefas é visível nas próprias categorias dos formulários de avaliação das revistas, muitas vezes considerados insuficientes pelos pareceristas, que extrapolam o que a princípio estaria previsto no que se entende por avaliação por pares e fazem outros tipos de intervenções nos artigos avaliados, como a revisão linguística.

Para descrever e analisar esses limites e liames, é preciso entender melhor a associação entre serviços, técnicas, normas e médium no estudo de objetos editoriais, bem como olhar para as possibilidades do exercício das diferentes autorias nos artigos a partir das práticas da comunicação científica, e é nesse sentido que organizamos a Parte 2 da tese, voltada ainda à conceituação discursiva da Mediologia – ou Midiologia, a depender da tradução brasileira do termo nas obras de Debray. Nela, articulamos dados que ilustram as questões teóricas – as entrevistas com editores e profissionais do texto e as informações sobre os ritos genéticos editoriais de cada revista –, para na Parte 3 analisarmos as instâncias da paratopia criadora no funcionamento da gestão da autoria, examinando dados de artigos em processo de avaliação – pareceres de avaliação dos originais, pareceres editados pelos editores, trechos com sugestões dos pareceristas, trechos revisados e trechos adaptados pelos autores.

Com base em Salgado (2011), circunscrevemos aí outro ponto de partida da pesquisa, concebendo não só o tratamento editorial de textos, mas também a avaliação por pares como uma etapa autoral. Desse modo, não nos propomos a fazer uma revisão bibliográfica da noção de autoria nos estudos discursivos, mas a investigá-la na comunicação científica a partir dos estudos da edição, focalizando aspectos da gestão autoral nos expedientes de avaliação e de editoria de artigos, a serem detalhados no âmbito das práticas científicas, acadêmicas e intelectuais de seus atores.

trabalhos terminológicos sobre a revisão de textos. Reunindo 30 definições que irão compor o primeiro glossário em língua portuguesa do domínio da revisão, a pesquisadora dá um passo importante na tentativa de diminuir essa instabilidade.

Logo, esta tese também se caracteriza como um registro do atual período da comunicação científica brasileira e do modo como o funcionamento do sistema de publicações científicas interfere nas dinâmicas de trabalho dos profissionais de editoração, cujos ofícios são primordiais para a publicização e a consequente legitimação do conhecimento.

PARTE 1

PROBLEMÁTICAS CONSTITUTIVAS DE UMA PESQUISA SOBRE O TEMPO PRESENTE

O ACESSO REGULADO E A EDIÇÃO NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Estudar objetos técnicos representativos do tempo presente requer reflexões constantes sobre o próprio processo de pesquisa. No caso de objetos editoriais, há questões especificamente ligadas a essa condição, sobretudo se considerarmos a etapa de pesquisa de campo, crucial para a organização do córpus na área de edição. Embora indispensável para esta tese, essa etapa não é óbvia para os estudos do discurso, cujos trabalhos costumam tratar mais de efeitos de sentido produzidos do que da produção de efeitos de sentido.

A pesquisa de campo na AD tem uma série de peculiaridades quando seu objeto de estudo envolve o tratamento editorial de textos. Nos periódicos científicos, essas particularidades impõem dificuldades metodológicas específicas, e uma delas é o acesso aos artigos em processo de edição.

Isso acontece porque são diversos os protocolos para que esse tipo de material, de circulação restrita, possa ser cedido como objeto de estudo, ou ainda compreendido como tal mesmo pelos profissionais envolvidos no seu tratamento. Nesse sentido, a reflexão sobre a conquista dos dados de pesquisa não é secundária e, ao contrário, está no coração do problema da constituição da autoria na comunicação científica que estudamos aqui, a partir das práticas científicas, acadêmicas e intelectuais das figuras do parecerista e do editor de periódicos.

Na nossa pesquisa de mestrado, o que possibilitou o acesso parcial aos dois periódicos estudados – a *Geosp: espaço e tempo* e a *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (Rieb)* – foi o contato prévio que a orientadora da pesquisa tinha com os editores, devido à sua longa tradição como revisora de textos na assessoria de periódicos. Pode parecer que essa é uma informação trivial, mas nossa experiência com a pesquisa de doutorado confirma que este não só é um dado relevante, como também impôs um problema metodológico para a constituição do córpus: enquanto conseguimos nova autorização para estudo de uma das revistas já pesquisadas no

mestrado, a *Geousp* (agora com acesso “irrestrito” aos arquivos editados e ao processo de avaliação por pares), que conta com o mesmo editor há alguns anos, na *Rieb* só foi possível falar com a nova equipe de editoria da revista, para quem escrevemos muitas vezes sem obter retorno, depois de cerca de um ano de tentativas.

Para isso, foi preciso recorrer a um dos editores anteriores do periódico, pedindo que nos apresentasse aos atuais editores por *e-mail* para estabelecer um primeiro contato e agendar uma reunião, que, diferentemente dos casos dos outros periódicos, nunca aconteceu presencialmente com o editor, com quem falamos por telefone.

Nos casos da *Cerâmica Industrial* e da *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional (CBTO)*, também foi importante mostrar aos editores o pertencimento a uma rede de contatos familiar e/ou comum, ou ao que chamamos na AD de *comunidade discursiva*. Tanto o editor da *Cerâmica* quanto a editora da *CBTO* contam com a assessoria da Editora Cubo, uma empresa especializada em editoração científica sediada na cidade de São Carlos-SP, na qual já trabalhamos com a chamada *marcação de artigos*¹³, um dos serviços contratados pelos dois periódicos.

Assim, o fato de ser revisora na editoração científica também é relevante e caminha junto da nossa condição de pesquisadora, pois parece avaliar essa condição, tornando-nos sujeitos autorizados a realizar esse tipo de pesquisa. Entende-se, nesse meio, que podemos falar sobre editoração científica, uma vez que, assim como esses editores, somos profissionais da área.

Mesmo assim, a editora da *CBTO* solicitou a inserção de um compromisso no documento de autorização de uso da revista nos seguintes termos: “Enfatiza-se ainda que a pesquisadora se compromete a apresentar para a equipe de editoria da revista os resultados encontrados e a análise que fará” (Cf. Apêndice 1).

¹³ A marcação é um serviço que começou a ser exigido pela SciELO em 2014. Visa gerar documentos digitais em linguagem XML a partir da inserção de *tags* em todas as partes dos artigos, as quais estruturam os textos com instruções sobre como devem ser exibidos e a partir das quais podem ser localizados na web. Embora seja oferecido atualmente por diversas empresas de editoração científica, há uma página no *site* da SciELO que certifica as empresas autorizadas segundo a metodologia imposta: “SciELO atesta que as empresas listadas foram especificamente avaliadas segundo sua capacidade técnica de marcação de textos em XML de acordo com SciELO Publishing Schema, e têm o compromisso de acompanhar os lançamentos das novas versões de SciELO PS e atualizações da metodologia de publicação” (informações retiradas da página <https://scielo.org/pt/sobre-o-scielo/parcerias/empresas-com-atestado-de-capacidade-para-marcacao-de-textos/>, acessada em 28 mar. 2020).

Essa solicitação em si também se configura como um dado que corrobora nossa já referida hipótese – é de processos não explicitados e, frequentemente, mal compreendidos que se trata, mesmo entre profissionais qualificados, porque existe um imaginário de autoria que suscita um apagamento dos processos de edição das publicações científicas.

Esse imaginário apareceu logo nas primeiras entrevistas com editores dos periódicos. Quando mencionávamos que a pesquisa se constitui como um estudo da autoria em artigos científicos, alguns deles se preocupavam com a “exposição dos autores” ou “dos erros dos autores nos textos”, exatamente nesses termos. Por conta disso, nossa estratégia inicial foi evitar detalhamentos sobre o termo *autoria* nas primeiras conversas, apresentando apenas um roteiro sobre o contexto geral da pesquisa (Cf. Apêndice 2).

Porém, como foi solicitado apresentá-la por escrito para pedir autorização de uso dos periódicos, preparamos um documento mais consistente sobre o estudo, e consideramos que naturalizar o uso desse termo no contexto de um grupo de pesquisa (o Comunica – inscrições linguísticas na comunicação, UFSCar-SP/CEFET-MG, CNPq) e de um laboratório (o Labeppe – Laboratório de Escritas Profissionais e Processos de Edição, UFSCar-SP/CEFET-MG) especializados na rubrica mediação editorial, além de pontuar o tipo de dado com que pretendemos trabalhar, poderia ser uma estratégia mais interessante que evitá-lo. Esse documento passou a ser apresentado impresso nas entrevistas, e foi adotado em todas elas, com as adaptações necessárias a cada caso (Cf. Apêndice 3).

Nas entrevistas com os diferentes profissionais que atuam nas revistas, assim como no acesso aos diversos tipos de dados e de processos editoriais com que lidamos na pesquisa, também somos frequentemente chamadas a ocupar o lugar discursivo de revisora. Isso significa que conhecer o funcionamento dos expedientes editoriais nos auxilia nas tarefas de identificar, selecionar, descrever e interpretar, como o próprio método descritivo-interpretativo da AD sugere, os diferentes ritos genéticos editoriais empregados em cada um dos periódicos estudados, que podem variar.

Na *Cerâmica Industrial*, por exemplo, um periódico de perfil técnico voltado para profissionais de nível médio (sem formação acadêmica em engenharia de materiais) que trabalham nas indústrias de cerâmica, a grande preocupação do editor da revista, depois de compreender nossa proposta de estudo, era de que a *Cerâmica* pudesse

não interessar para a pesquisa por não ser bem-classificada nas métricas de avaliação e classificação de periódicos. Essas métricas são gerenciadas, no Brasil, por agências como a Capes, responsável pela classificação da produção intelectual das universidades que instaurou o sistema Qualis-Periódicos, e, mais indiretamente, a SciELO, uma importante base de indexação de revistas.

Como veremos na Parte 2 desta tese, o ranqueamento dos periódicos e dos programas de pós-graduação tem sido tão priorizado no atual período que, para o editor, ter uma avaliação considerada ruim não só coloca a revista fora de um sistema específico e consagrado de comunicação científica (ainda que por opção), como também indica que seus ritos genéticos editoriais estão aquém do que se espera para um periódico especializado. Na verdade, é justamente por conta das especificidades desses ritos (discutidas na próxima seção) que a *Cerâmica* é um caso interessante para o estudo comparativo da gestão da autoria que fazemos.

Vale pontuar que o atendimento aos padrões impostos pelas agências regulamentadoras da comunicação científica no Brasil coloca uma série de questões para as revistas, as quais condicionam os ritos adotados por cada uma delas. Uma dessas questões é a atribuição de autoria, se considerarmos que os artigos contam tanto na avaliação dos pesquisadores individualmente quanto para os programas de pós-graduação a que estão vinculados e os grupos de pesquisa de que participam, viabilizando financiamentos, auxílios etc.

Na *Geousp*, que conta com um editor e assessoria editorial de uma empresa especializada chamada Confraria de Textos, a exigência pela profissionalização da revista implicou a mudança de plataforma, que passou a ser o SEER (Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas)¹⁴, e a contratação dos serviços da empresa de um modo muito particular, devido ao orçamento limitado que o periódico tem – apesar de esse ser um periódico com excelente avaliação e pontuado no topo das métricas.

Além disso, a revista interrompeu sua versão impressa e passou a publicar só a versão eletrônica, que também tem custos para sua edição, embora muitos dos envolvidos em sua publicação entendessem que não haver mais impressão

¹⁴ Desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o SEER é um *software* gratuito de gestão de publicações periódicas eletrônicas criado a partir de uma personalização do Open Journal Systems (OJS). O OJS, por sua vez, é um *software* criado pelo Public Knowledge Project para a editoração eletrônica de revistas, configurando-se como o programa mais indicado pelas agências de regulamentação da produção científica. Registra-se que, em 2019, tanto a *Geousp* quanto a *Rieb* adotaram a plataforma OJS, o que parece ser uma tendência entre os periódicos, balizados por parâmetros convencionais de internacionalização.

barateasse o processo e que a versão digital não fosse outro tipo de empreendimento, com as especificidades dessas outras materialidades inscricionais, com outros ritos etc.

Já a *CBTO*, na busca por atender a padrões impostos pelas agências regulamentadoras, faz uma mudança no título do periódico. No volume 25, número 2 de 2017, a revista passa de *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* para *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, justamente por recomendação das referidas agências. Esse é um caso interessante porque se trata de uma revista consagrada na área, com circulação desde 1990, e o impacto dessa mudança é percebido no editorial da referida edição, no qual a exigência pela alteração é explicitada já no título *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional: mudando para permanecer e avançar*.

[...] temos sido instados sobre a necessidade e pertinência acerca da mudança do nome do periódico, uma vez que a designação do local de editoria, da UFSCar, carrega a possibilidade de uma errônea impressão de tratar-se de uma publicação local, quando, na verdade, estamos envolvidos e consolidados com a divulgação do conhecimento em terapia ocupacional em âmbito nacional, avançando para o cenário latino-americano e buscando contornos para uma circulação mundial.

Sendo assim, em continuidade aos Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, temos, a partir da presente edição, [...] os Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy. (MALFITANO; CRUZ; LOPES, 2017, p. 243)

No mesmo número, a revista também interrompe sua circulação impressa e assume só a edição eletrônica, “com vistas à diminuição de custos e em consonância com o maior alcance de nossos textos” (MALFITANO; CRUZ; LOPES, 2017, p. 243). Essa medida tem sido um reflexo do atual sistema de editoração eletrônica de periódicos, que tem exigido que estes não só publiquem seus artigos *on-line*, mas também adaptem seus processos editoriais para gestão e tramitação de arquivos em plataformas especializadas como o OJS.

Outro ponto que também se justifica por questões técnicas é o recorte temporal dos periódicos para a pesquisa. Para ter acesso a todos os materiais de edição, que não se concentram só na figura do editor, mas se distribuem entre os diferentes profissionais envolvidos na editoração, foi preciso considerar alguns pontos:

- os prazos limitados de trabalho que os profissionais enfrentam para atender à periodicidade das revistas, imposta pelas agências de normatização da produção científica;
- a demanda gerada pela pesquisa para esses profissionais, considerando esses prazos;
- os casos de interesse para a pesquisa e sua recorrência, dado que não seria viável solicitar acesso ao arquivo completo de publicação de cada um dos periódicos.

Foi na *CBTO* que, primeiramente, esse recorte se fez necessário. A questão levantada pela editora logo na primeira entrevista foi objetiva: “para avaliar a possibilidade de autorização de uso da revista na pesquisa, preciso saber exatamente quanto de material você vai precisar”. Para coletar um número representativo de materiais em processo de edição na revista gerando o mínimo de trabalho possível para sua equipe, a estratégia adotada foi propor um recorte de tempo, o que nos permite reunir de forma mais prática os arquivos dos processos de edição.

Os dois últimos anos de publicação mais recentes quando da pesquisa de campo, 2016 e 2017, nos pareceram suficientes para o caso do periódico, que tem periodicidade trimestral. Isso significa que, entre 2016 e 2017, temos 8 números da revista coletados, com cerca de 20 artigos cada, todos disponíveis prontamente e sem necessidade de busca nos arquivos da revista ou da empresa de editoração, uma vez que foram publicados num período relativamente recente.

Embora as demais revistas tenham periodicidades diferentes (a *Cerâmica* é bimestral, a *Geosp* e a *Rieb* são quadrimestrais), esse recorte se estabeleceu para todas elas (com uma extensão para 2018 nos casos da *Cerâmica* e da *Rieb*, explicitada nas respectivas seções de cada revista), considerando-se que, caso não seja levantada uma quantidade significativa de casos de interesse para a pesquisa nesse período, seria possível ter acesso a outros números.

Além desse recorte temporal, o uso estratégico dos dados coletados é outra necessidade desse tipo de pesquisa, uma vez que é preciso resguardar a identidade de autores, pareceristas e quaisquer membros da comissão editorial. Nesse ponto, chegamos a mais uma questão metodológica, agora relativa a um fator limitante para as análises: como explorar os dados das revistas sem expor artigos completos, títulos

de artigos ou textos completos de avaliação por pares, condição pontuada na autorização assinada pelos editores de todos os periódicos em estudo (Apêndice 1)?

A decisão mais acertada nos parece ser trabalhar com trechos desses materiais. Ainda assim, esse é mais um indício do acesso regulado aos processos e materiais da comunicação científica, cujo funcionamento depende de uma série de protocolos de uma certa comunidade discursiva (formada por agentes e/ou agências de regulação) que parece ditar para nós, pesquisadores, o que é ou não importante como objeto ou tema de estudo, o que podemos ou não de fato acessar entre os materiais passíveis de coleta, enfim, para quais práticas discursivas desse meio de apagamentos sistemáticos estamos autorizados a olhar.

Considerando todas essas restrições, percebemos na Qualificação que o cópuz coletado permitia muitas entradas diferentes, ao mesmo tempo que colocava dificuldades para a escolha do caminho a seguir na pesquisa, já que os limites entre cada uma dessas opções são imprecisos. Tentando cercear melhor esses limites, e com vistas a uma entrada mais pontual na questão da constituição da autoria, definimos a partir desse estágio da pesquisa: 1. a etapa do processo de editoração científica que investigaremos mais a fundo (avaliação por pares); 2. os atores envolvidos nela (os pareceristas e os editores); 3. os dados mais representativos e com possibilidade de uso efetivo dessas etapas e das funções desses atores (os pareceres). A pertinência dessa escolha fica mais clara ao entendermos o funcionamento de cada periódico em estudo e olharmos para a totalidade dos materiais organizados na sistematização do cópuz e suas possibilidades de abordagem.

CERÂMICA INDUSTRIAL

Localizada no Departamento de Engenharia de Materiais do *campus* São Carlos da UFSCar, a *Cerâmica Industrial*¹⁵ é um periódico técnico-científico da Associação Brasileira de Cerâmica que teve seu primeiro número publicado em março de 1996. Diferentemente das outras revistas que compõem nosso cópuz, seu público-alvo são profissionais de nível médio das indústrias de cerâmica, por isso sua

¹⁵ Disponível em <https://www.ceramicaindustrial.org.br/>, acesso em 19 nov. 2020.

publicização não se dá por canais consagrados no atual cenário da comunicação científica.

Com periodicidade bimestral, tem acesso aberto e circulação eletrônica em *site* próprio (que se organiza também como uma base de dados com todos os números mais antigos digitalizados) e no Portal de Periódicos da UFSCar¹⁶, e impressa, cuja pequena tiragem é distribuída entre seus patrocinadores¹⁷, as indústrias de cerâmica. Essas indústrias são sua única fonte anual de financiamento, pois, embora vinculada ao Departamento de Engenharia de Materiais de uma universidade pública, seu escopo não atende ao perfil acadêmico previsto de leitor, mas sim ao que o editor chama de “chão de fábrica”, isto é, trabalhadores do setor de cerâmica que não têm formação acadêmica ou exercem atividades de pesquisa.

Devido a essa opção, a revista não se insere em bases de indexação da área ou coleções como a da SciELO, e não visa se adequar a critérios exigidos por instituições desse tipo para se valer de indicadores e métricas de avaliação da produção científica. Ainda assim, é classificada pelo Qualis-Periódicos no quadriênio 2013-2016, um método da Capes que avalia a produção intelectual de programas de pós-graduação, e, graças a seu tipo de artigo, recebe estratificação nas diferentes áreas que contempla entre B3 e C (Figura 1) – respectivamente, peso mediano e peso zero, segundo indicação da Capes¹⁸:

¹⁶ Em <http://www.periodicos.ufscar.br/periodicos-ufscar/ceramica-industrial>, acesso em 19 nov. 2020.

¹⁷ No editorial do volume 21, número 2 de 2016, o editor justifica a redução de exemplares impressos da revista e diferenças gráficas entre suas versões eletrônica e impressa: “Devido ao difícil momento por que passa a economia de nosso país, reduziremos o número de exemplares impressos da Cerâmica Industrial. Esperamos que essa medida não prejudique a contribuição da Cerâmica Industrial no aprimoramento e atualização dos profissionais que atuam na indústria cerâmica, pois todos os trabalhos publicados podem ser livremente acessados através do nosso site, com a vantagem da ferramenta de busca. Além disso, devido a limitações orçamentárias, na versão impressa os trabalhos são em escala de cinza e na versão digital, coloridos. Os que quiserem continuar recebendo a versão impressa deverão nos contatar, através do e-mail [...], justificando essa preferência” (BOSCHI, 2016). Dada a atual conjuntura política do país, veremos que os cortes de orçamentos que as universidades públicas têm sofrido nos últimos três anos também se refletem fortemente nesse tipo de medida por parte dos periódicos acadêmicos, pois a redução de verbas destinadas aos programas de pós-graduação e, conseqüentemente, a esses periódicos os força a diminuir suas equipes de trabalho e, quando possível, a terceirizar alguns serviços editoriais, o que compromete o atendimento aos prazos, as condições de trabalho dos profissionais, e assim por diante. Desde junho de 2021, temos tido notícias da interrupção das atividades de periódicos científicos de humanidades por falta de recursos, sobretudo por conta da escassez de editais de apoio à publicação (Cf., por exemplo, revistas Sala Preta, da USP, e Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, da UnB).

¹⁸ Em <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>, acesso em 19 nov. 2020.

Figura 1 Classificação da *Cerâmica Industrial* no quadriênio 2013-2016

Periódicos			
ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
1413-4608	CERÂMICA INDUSTRIAL (IMPRESSO)	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B4
1413-4608	CERÂMICA INDUSTRIAL (IMPRESSO)	ASTRONOMIA / FÍSICA	C
1413-4608	CERÂMICA INDUSTRIAL (IMPRESSO)	CIÊNCIAS AMBIENTAIS	B4
1413-4608	CERÂMICA INDUSTRIAL (IMPRESSO)	ENGENHARIAS I	B4
1413-4608	CERÂMICA INDUSTRIAL (IMPRESSO)	ENGENHARIAS II	B3
1413-4608	CERÂMICA INDUSTRIAL (IMPRESSO)	ENGENHARIAS III	B4
1413-4608	CERÂMICA INDUSTRIAL (IMPRESSO)	GEOCIÊNCIAS	B5
1413-4608	CERÂMICA INDUSTRIAL (IMPRESSO)	INTERDISCIPLINAR	B3
1413-4608	CERÂMICA INDUSTRIAL	MATERIAIS	B3
1413-4608	CERÂMICA INDUSTRIAL (IMPRESSO)	MATERIAIS	B3
1413-4608	CERÂMICA INDUSTRIAL (IMPRESSO)	QUÍMICA	C

1 a 11 de 11 registro(s)



Fonte: [Qualis-Periódicos – Plataforma Sucupira](#)¹⁹.

Nosso primeiro contato com o editor da revista se deu no primeiro semestre de 2017 por *e-mail*. Na sequência, fizemos uma entrevista presencial gravada em áudio (transcrita no Apêndice 4), na qual foi possível conhecer seu atual processo editorial, a equipe de edição de que dispõe e o tipo de artigo que tem publicado.

A equipe editorial interna da *Cerâmica* é composta de um editor, que recebe os artigos submetidos à publicação por *e-mail* e os encaminha para os pareceristas, o tradutor e a empresa de editoração, ficando à disposição para resolver pendências e problemas nesse percurso, e uma assistente editorial, que cuida de questões

¹⁹ Na Plataforma Sucupira, ainda não há informações disponíveis sobre a última avaliação dos periódicos (quadriênio 2017-2020). Ao clicarmos na aba *Qualis*, aparece a seguinte nota sobre o novo modelo do Qualis: “Reiteramos, mais uma vez, que as informações do Qualis-Periódicos disponíveis para consulta na Plataforma Sucupira referem-se apenas às classificações das revistas consolidadas do Triênio 2010-2012 e Quadriênio 2013-2016. Esses estratos foram utilizados, à época, para subsidiar os processos de Avaliação, fim para o qual o Qualis-Periódicos foi concebido e é referendado pela CAPES. Em relação ao novo modelo do Qualis Referência, ele ainda se encontra em fase de discussão e aprimoramentos pelas Áreas de Avaliação. Informações adicionais podem ser consultadas nos links: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/processo-de-avaliacao-da-pos-graduacao-e-aprimorado> e <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/capes-melhora-ferramentas-de-avaliacao-da-pos-graduacao>. Ressaltamos que os estratos atribuídos para fins de discussão nos seminários de meio termo não são os definitivos, pois há dependência dos envios das Coletas 2019 e 2020 e haverá continuidade no aperfeiçoamento da metodologia do Qualis, de forma que se tenha uma versão final até a próxima Avaliação Quadrienal em 2021, quando os estratos atualizados serão publicados pela CAPES” (em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/#>, último acesso em 20 ago. 2021).

administrativas, além de manter diálogo com a referida empresa e as indústrias de cerâmica que financiam a revista.

O tradutor é um professor-pesquisador acadêmico da área de engenharia de materiais e trabalha a distância como profissional terceirizado. A atualização do *site*, a padronização dos artigos depois de traduzidos, a diagramação e a impressão na gráfica são etapas do tratamento editorial da revista que ficam a cargo da Editora Cubo.

Por conta desse perfil predominantemente técnico, a *Cerâmica Industrial* publica não só artigos submetidos, mas também, e especialmente, artigos sob encomenda do editor com base nas necessidades identificadas nas indústrias de revestimentos cerâmicos do país. Entre os artigos originais, reserva espaço para textos de pesquisadores que estão começando a atuar na área, com o objetivo de incentivar o trabalho de grupos de pesquisa.

São selecionados ainda artigos já publicados em grandes eventos da área, como o QualiCer²⁰, um congresso mundial de cerâmica, e em revistas relevantes para a área de países como Itália, Alemanha e Espanha. Esses artigos são traduzidos para o português brasileiro, único idioma de publicação da revista, e o processo de tradução é particularmente interessante: segundo entrevista com o tradutor, feita por *e-mail* (Apêndice 5), os textos são traduzidos do inglês ou do espanhol e têm sua linguagem, geralmente acadêmica, adaptada para uma forma mais técnica e ao mesmo tempo acessível aos profissionais das indústrias, de modo que possam ser lidos e aplicados no seu dia a dia de trabalho.

O tradutor, que não tem formação na área editorial, chama esse processo de *tradução*, mas afirma que também revisa os textos traduzidos para fazer essa “adaptação da linguagem”, além de ajustar as referências para adequá-las às normas de publicação da revista, um serviço que, a princípio, é feito na Editora Cubo. No processo de tradução, não há diálogo com o autor do artigo original para estabelecer a versão final adaptada em português, que é definida, então, pelo próprio tradutor, um procedimento incomum para essa etapa no universo de produção acadêmica.

Nota-se que toda essa complexidade do processo de edição da *Cerâmica* coloca inquietações singulares para o estudo da gestão da autoria de seus artigos, pois a atuação do tradutor como um coenunciador editorial que produz versões

²⁰ Mais informações em <http://www.qualicer.org/que-es-qualicer/>.

técnicas marcadamente adaptadas dos artigos traduzidos parece fazê-lo ocupar uma instância decisória tão importante quanto a de avaliação por pares e de editoria para o estabelecimento de uma versão final, o que, como veremos, não acontece nos demais periódicos em análise. Esse processo, que talvez possa ser considerado de divulgação científica, embora esteja situado como um protocolo de comunicação científica, chama a atenção para a constituição da autoria em uma versão de artigo, e ainda para o papel do editor como fiador dessa versão, que não recebe nenhuma nota técnica sinalizando os expedientes de tradução ou de adaptação.

Depois de traduzidos, os artigos são tratados na Editora Cubo, já mencionada. Pudemos entrevistar por *e-mail* uma profissional da empresa (Apêndice 6), que explicou cada etapa dos serviços contratados pela *Cerâmica*, conforme sintetizamos:

- assistência editorial: recebe os artigos do editor e os envia para o recebimento;
- recebimento: faz uma checagem inicial de elementos básicos dos artigos (título, nome dos autores, afiliações, dados para correspondência, resumo, palavras-chave, figuras e tabelas citadas no corpo do texto, lista de referências etc.); em caso de problemas simples, anota as pendências para que sejam solicitadas na prova de *layout* dos artigos (enviada na diagramação); dependendo do item, paralisa a produção dos artigos e entra em contato com o autor;
- figuras: retira as figuras dos arquivos de Word e as salva no formato ideal para a diagramação, encaminhando o artigo para a padronização;
- padronização: adequa os textos à norma da revista; são ajustados itens como título, nome dos autores, afiliações, dados para correspondência, resumo, palavras-chave, títulos de seções, legendas de figuras e tabelas; em caso de dúvidas ou problemas, anota pendências para o autor;
- diagramação: aplica aos artigos o *layout* próprio da revista e gera arquivo em PDF (chamado *prova de layout*); cria uma página com todas as pendências identificadas nas etapas anteriores para envio ao autor, que deverá responder às solicitações e aprovar o artigo para publicação;
- revisão interna: confere os padrões de elementos específicos do texto (títulos e títulos de seções, nomes dos autores e suas afiliações, apresentação de resumos e palavras-chave, seções do texto, lista de referências, paginação,

cabeçalho e rodapé etc.), para garantir que o artigo seja publicado sem erros; as correções são anotadas no PDF revisado e a equipe de diagramação é encarregada de fazer esses ajustes e gerar um novo arquivo PDF.

- fechamento: monta o boneco final, ou seja, um PDF com todos os artigos do número em edição de acordo com a ordem previamente indicada pelo editor da revista; o boneco passa por uma revisão interna para conferência dos elementos acrescentados durante sua montagem (rodapé e cabeçalho, sumário, paginação etc.); anotados os ajustes indicados, faz as correções necessárias, gera um novo PDF e envia uma prova para o editor, que a revisa; encaminha o PDF final, aprovado pelo editor, para a gráfica (impressão) e para o *helpdesk* (publicação eletrônica);
- *helpdesk*: publica os artigos no *site* da revista.

Reunimos, então, informações detalhadas sobre os processos de edição, tradução e editoração da revista, e coletamos todos os arquivos editados pela Cubo nessas diferentes etapas nos 10 números publicados em 2016 e 2017. No que se refere aos arquivos de editoria/parecer, tivemos uma tentativa de coleta junto ao editor antes de fazer contato com a empresa, mas não foi possível pegar esse material, que, por estar disperso em endereços de *e-mail* diferentes, demandaria uma pesquisa mais refinada nessas contas, que são de acesso particular do profissional.

Após a coleta na editora, fizemos uma lista de todos os artigos publicados nesses dois anos com seus respectivos autores e enviamos ao editor para facilitar essa pesquisa. Também enviamos a lista ao tradutor, pedindo que nos disponibilize todos os arquivos possíveis do processo de tradução editados nesses 10 números.

Entretanto, por conta da dinâmica de trabalho dos dois profissionais, não foi possível acessar esse material. No caso do tradutor, o material disponível seria “o PDF original e um arquivo doc com a tradução” (Conversa por *e-mail*); segundo o editor, “a seleção desses artigos foi feita de forma bastante informal, praticamente sem registros” (Conversa por *e-mail*). Em outubro de 2018, o editor nos encaminhou por *e-mail* dois artigos submetidos à publicação no período com seus respectivos pareceres, os quais, apesar de não contemplarem o recorte 2016-2017 que estabelecemos na pesquisa, foram incorporados ao nosso *cópus* como modelares dessa etapa de tratamento editorial do periódico.

Vale registrar que a revista interrompeu suas atividades em janeiro de 2020, quando o editor deixou o cargo depois de quase 25 anos de atuação (Cf. Editorial do v. 25, n. 1), anunciando que caberia à Associação Brasileira de Cerâmica direcionar os rumos da publicação. Em 2021, foi publicado um novo número da revista, com um editorial informativo sobre as mudanças da editoria, que agora é feita por um grupo de editores de diferentes universidades e tem o até então tradutor da revista como Editor Responsável – um dado interessante, se considerarmos a atuação já decisória desse profissional que descrevemos mais acima. O escopo do periódico continua o mesmo, mas seu logotipo mudou e seu sistema de submissão de artigos está sendo adaptado para funcionamento *on-line*, e o número mais recente do *site* indica que a revista tende a assumir o fluxo contínuo de publicação (há somente dois artigos publicados sem editorial do volume²¹).

CADERNOS BRASILEIROS DE TERAPIA OCUPACIONAL

A *CBTO*²² foi a segunda revista a que tivemos acesso na pesquisa, por indicação de um dos cofundadores da Editora Cubo, que também é responsável por algumas etapas do tratamento de seus artigos. Logo que constatamos a falta de disponibilidade da equipe de editoria da Materials Research, uma das revistas selecionadas no Projeto Inicial da pesquisa, que nunca retornou nosso contato, pedimos ao profissional indicações de periódicos editados pela empresa que tivessem sede na UFSCar, e prontamente recebemos o *e-mail* de seus editores.

Fizemos uma entrevista gravada com a editora (transcrita no Apêndice 7), que explicou o processo editorial da revista e o trabalho de sua equipe de edição. Com início em 1990, a *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, continuidade da *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* desde o segundo número de 2017, tem periodicidade trimestral e publica trabalhos inéditos em inglês, espanhol e português de terapia ocupacional e áreas afins, dando ênfase para “problemáticas físicas, sensoriais, mentais, psicológicas e/ou sociais relacionadas ao cotidiano e ao fazer humano, articulados à participação, à autonomia e à inserção de sujeitos (individuais e coletivos) na vida social”, conforme indicado na capa de seu *site*.

²¹ Cf. <https://www.ceramicaindustrial.org.br/ed/6108054ea9539546453da153>, acesso em 20 ago. 2021.

²² Disponível em <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/index>, acesso em 19 nov. 2020.

A mudança de título foi sugerida pela SciELO numa das tentativas de inserção do periódico na Coleção SciELO Brasil: entre os argumentos para a recusa, foi pontuada a necessidade de marcar no título sua circulação nacional, uma vez que a revista, embora já tivesse esse perfil, indicava apenas o vínculo institucional com a universidade e/ou o departamento em que se sedia. A interrupção de sua versão impressa, informada no mesmo número, também é uma medida que, além de motivações financeiras, buscava atender a esses critérios para admissão na plataforma SciELO²³.

Apesar de ser um periódico de importância nacional, sua estratificação no Qualis-Periódicos varia entre B1 e C nas diferentes áreas de conhecimento que publica, o que pode ter relação com as bases em que é ou não indexada, seu processo editorial, que é feito parcialmente (e não integralmente) no SEER, uma das plataformas recomendadas pelas agências de avaliação à época da entrevista, entre outros pontos.

É interessante observar que há diferenças na classificação da revista entre os registros do ISSN (International Standard Serial Number) impresso e eletrônico (Figuras 2 e 3)²⁴, tanto na estratificação da área de Educação (de B5 para B3) quanto no número de áreas contempladas (de 21 para 8):

²³ Desde janeiro de 2020, notamos que ela está indexada na plataforma SciELO, mas não localizamos registro da data exata em que essa indexação aconteceu.

²⁴ Ainda não há registros do novo ISSN da revista na Plataforma Sucupira, pois sua mudança de título aconteceu em 2017 e a classificação mais recente divulgada pela Capes é a de 2013-2016.

Figura 2 Classificação da *CBTO* no quadriênio 2013-2016 (ISSN impresso)

Periódicos			
ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B3
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN	B1
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	ARTES	B3
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	B5
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II	C
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	EDUCAÇÃO	B5
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	EDUCAÇÃO FÍSICA	B1
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	ENFERMAGEM	B2
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	ENGENHARIAS III	B4
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	ENGENHARIAS IV	B5
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	ENSINO	B4
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	INTERDISCIPLINAR	B2
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	MEDICINA I	C
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	MEDICINA II	B5
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	NUTRIÇÃO	B5
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	ODONTOLOGIA	B4
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL / DEMOGRAFIA	B1
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	PSICOLOGIA	B2
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	SAÚDE COLETIVA	B4
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	SERVIÇO SOCIAL	B3
0104-4931	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR	SOCIOLOGIA	B4

Fonte: [Qualis-Periódicos – Plataforma Sucupira](#).

Figura 3 Classificação da *CBTO* no quadriênio 2013-2016 (ISSN eletrônico)

Periódicos			
ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
2238-2860	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR (ONLINE)	EDUCAÇÃO	B3
2238-2860	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR (ONLINE)	EDUCAÇÃO FÍSICA	B1
2238-2860	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR (ONLINE)	ENFERMAGEM	B2
2238-2860	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR (ONLINE)	ENSINO	B4
2238-2860	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR (ONLINE)	INTERDISCIPLINAR	B2
2238-2860	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR (ONLINE)	MEDICINA II	B5
2238-2860	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR (ONLINE)	PSICOLOGIA	B2
2238-2860	CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR (ONLINE)	SAÚDE COLETIVA	B4

« Início « Anterior 1 Próxima » Fim »

1 a 8 de 8 registro(s)

Fonte: [Qualis-Periódicos – Plataforma Sucupira](#).

Além de uma editora, que, entre outras funções, recebe os artigos pela plataforma SEER e os encaminha para a avaliação por pares e os editores de seção, a equipe de edição interna tem um estagiário da área de Linguística, o qual trabalha 20 horas semanais na secretaria do periódico verificando os artigos aprovados antes de enviá-los para a Editora Cubo. A empresa, por sua vez, oferece assessoria desde a normalização dos artigos até a publicação da revista eletrônica no *site*, se responsabilizando também pela revisão dos textos, feita por profissionais externos à editora.

A tradução dos artigos, um serviço opcional, é feita por uma tradutora terceirizada pela revista, profissional que, segundo a editora, oferece um preço de mercado mais acessível que o da Editora Cubo. Devido à sua importância frente às bases de dados, a versão em inglês é oferecida pela revista aos autores, que, se tiverem interesse em publicar no idioma estrangeiro, arcam com parte do custo do serviço.

Também fizemos uma entrevista gravada com o estagiário (transcrita no Apêndice 8), que forneceu todo o material de edição interna da revista dos números publicados em 2016 e 2017 e falou do processo editorial da submissão à publicação dos artigos, bem como suas funções na equipe. Em síntese, o fluxo editorial da *CBTO* tem as seguintes etapas:

- conferência (secretaria): verifica se os artigos submetidos estão nas normas da revista;
- envio aos pareceristas/editores de seção (editora): os textos podem ter de uma a três rodadas de avaliação;
- 2ª conferência (secretaria): verifica se a nova versão está nas normas da revista; se não estiver, ajustes necessários são solicitados aos autores;
- montagem do volume a ser publicado (secretaria/editora): organização dos artigos de acordo com quantidade e categoria dos textos (artigos, relatos de experiência, ensaios), distribuição geográfica das contribuições etc. e envio desse volume para a Editora Cubo para editoração final;
- editoração final (Editora Cubo): linguagem (revisão de textos em português e em inglês – *abstract*, *keywords* e título), marcação, padronização e normalização dos artigos, diagramação e geração de versão em PDF;

- consulta sobre versão em inglês (secretaria): verifica se os autores têm interesse em publicar também uma versão do seu texto em inglês;
- envio de PDF para tradução (secretaria);
- tradução (profissional terceirizada);
- envio de versão em inglês para Editora Cubo (secretaria);
- diagramação e fechamento da versão final para publicação (Editora Cubo).

Na Editora Cubo, também conseguimos acesso a todo o material editado dos números publicados em 2016 e 2017, agora de natureza um pouco distinta do que foi coletado do processo da Cerâmica Industrial, pois temos arquivos de revisão de textos – etapa chamada pela empresa de *linguagem*. É interessante notar que a etapa referida por *editoração final* pela editora da revista não tem nada de final, mas consiste numa série de serviços de tratamento editorial que contemplam etapas bastante distintas entre si.

Entre os arquivos que coletamos na secretaria da revista, temos as versões originais submetidas pelos autores, as versões editadas internamente, os termos de responsabilidade, conflito de interesse e transferência de direitos autorais exigidos pela revista, os materiais de gestão do fluxo editorial (em geral, planilhas) e pareceres de todos os artigos aprovados e recusados.

Esses materiais são extremamente ricos para análises de gestão da autoria da perspectiva da coenunciação editorial, e, pelo que observamos durante sua sistematização, podem nos oferecer dados para um estudo comparativo do tipo de intervenção que parece mais autorizada ao parecerista, que tem poder de aprovar ou recusar um texto, e menos ao revisor, que não é uma instância decisória nesse sentido, embora apareçam ajustes e sugestões da ordem da revisão linguística em alguns pareceres.

Outra questão interessante nos artigos da revista é uma seção chamada *contribuição dos autores*, na qual eles devem definir a contribuição efetiva de cada um no trabalho, indicando pontualmente a colaboração de todos com relação ao material publicado (concepção do texto, organização de fontes e/ou análises, redação do texto, revisão, entre outras categorias). Nas áreas de ciências da saúde, essa divisão de tarefas é bastante comum, por isso um mesmo artigo pode ter vários autores.

Algumas das questões que essa prática coloca para a pesquisa são: todos eles são autores? Quem pode ser considerado autor desse artigo? Alguém não pode ser

considerado autor? Alguém tem papel de coenunciador, apesar de situado institucionalmente na instância da autoria? Esses questionamentos se complexificam quando observamos que o documento mais recente de critérios de avaliação da SciELO (2020) inclui o item *créditos aos autores*, pontuando que os periódicos devem informar nas suas diretrizes os “critérios de aceitação de autoria”, tendo como base os 14 diferentes “papéis de autoria ou contribuição” estabelecidos pelo sistema CRediT (Contributor Roles Taxonomy) indicado no documento. Como os critérios SciELO são considerados referência para os periódicos, essas categorias de autoria/contribuição serão discutidas na Parte 2.

GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO

A *Geosp*²⁵ é um periódico científico dos Programas de Pós-Graduação em Geografia Humana e em Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Tem periodicidade quadrimestral e publica em acesso aberto artigos, notas de pesquisas de campo, resenhas críticas e notícias (informes) de encontros científicos que tratem de temas definidos por uma abordagem geográfica.

No Qualis-Periódicos, é estratificada nas diferentes áreas que publica entre A1 e B5 (Figura 4), mas, mesmo sendo referência para as revistas da sua grande área de interesse (geografia), avaliada como A1 há anos, ingressou na Coleção SciELO apenas em 2021.

²⁵ Disponível em <https://www.revistas.usp.br/geosp/>.

Figura 4 Classificação da *Geosp: espaço e tempo* no quadriênio 2013-2016

Periódicos			
ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B3
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN	B2
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	B2
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	CIÊNCIAS AMBIENTAIS	B1
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	CIÊNCIAS AMBIENTAIS	B1
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	ENGENHARIAS I	B5
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	GEOGRAFIA	A1
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	GEOGRAFIA	A1
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	INTERDISCIPLINAR	B4
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	INTERDISCIPLINAR	B4
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL / DEMOGRAFIA	B1
2179-0892	GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO	SAÚDE COLETIVA	B5

1 a 12 de 12 registro(s)

Fonte: [Qualis-Periódicos – Plataforma Sucupira](#).

Na pesquisa de mestrado, tivemos a oportunidade de estudá-la, mas com acesso restrito ao seu processo editorial, e não aos materiais em edição. Naquele momento (2014-2015), a revista passava por um processo exigido pelas agências de regulamentação e avaliação da produção científica chamado de *profissionalização*, para solicitar indexação na SciELO e em outras bases de dados de interesse para as áreas ligadas à geografia física e humana.

Esse processo exigiu diversas mudanças, duas delas bastante significativas: a contratação de uma empresa especializada em tratamento editorial, a Confraria de Textos, uma vez que a revista não conta com equipe interna para isso, e a editoração eletrônica via SEER, e não mais por *e-mail*, como acontecia até então. De saída, foram enfrentados desafios quanto ao orçamento limitado da revista e à mudança de plataforma, dadas as condições de produção impostas para que o periódico continuasse a existir, a circular, e mesmo a fazer parte do sistema vigente de comunicação científica.

É interessante observar que o uso de uma nova plataforma eletrônica alterou as relações profissionais entre editores, pareceristas, autores e revisores de texto, e, assim, o funcionamento do processo editorial e as próprias funções contempladas por cada etapa de trabalho. Em entrevistas que fizemos com o editor no período, notamos

como o SEER pode ser uma ferramenta de exclusão de alguns pareceristas de gerações anteriores à web 2.0, que, quando convidados a avaliar os artigos, encontram dificuldades no uso da plataforma e acabam nunca retornando o parecer, ou entregando o texto impresso, como faziam antes, ou por *e-mail*, uma das poucas práticas da cultura digital de publicação que dominam.

Não se trata, portanto, de desconsiderar a necessidade de tramitar os arquivos pelo sistema por opção, mas de contornar a dificuldade de acesso provocada pela inscrição desses atores em outro tipo de letramento. Esse problema também se verifica no caso de alguns autores que fazem a submissão de seus artigos por *e-mail* e precisam ser instruídos quanto ao cadastro na plataforma da revista, à forma de enviar por lá seu material, de acompanhar as etapas do processo, de responder aos pareceres etc.

Diante disso, alterou-se diretamente o trabalho do editor, que passa a ter como uma de suas funções instruir pareceristas e autores que têm esse tipo de dificuldade de acesso, a fim de continuar contando com sua contribuição. A revisora da Confraria de Textos, que também se deparou com os impactos dessa mudança de plataforma no seu trabalho, contou em entrevista que foi preciso fazer contato com os profissionais do portal de periódicos da USP para aprender a usar o SEER.

A contratação da Confraria de Textos tem particularidades relacionadas também ao uso das plataformas eletrônicas e das bases de dados de indexação de periódicos. Com baixo orçamento disponível para a gestão da revista, o editor precisou negociar com a empresa modos de baratear ao máximo a edição, sem que os diferentes tipos de serviços necessários aos artigos fossem dispensados.

Considerando essa necessidade, a revisora criou uma *checklist* de trabalho que mobiliza diferentes etapas de padronização, formatação, normalização e revisão em um único serviço, vendido como *revisão*. Nesse caso, não se leem os artigos completos, mas se segue um passo a passo bastante criterioso quanto às partes dos artigos mais visíveis, acessíveis ou pesquisáveis nessas plataformas de indexação e no *site* da revista: são lidos títulos, resumos, palavras-chave, considerações finais, notas de rodapé, legendas e fontes de ilustrações e listas de referências bibliográficas, as quais são padronizadas de acordo com normas da *Geousp*.

Pela ferramenta de busca do Word, programa em que os textos são tratados, são checados outros pontos de padronização gráfica, gramática, ortografia e acentuação. Criou-se, então, um método de trabalho totalmente diferente do que é

usual na revisão de textos, o qual, apesar de longe de ser o ideal almejado pelo editor e pela profissional, faz muita diferença na qualidade da versão final de cada artigo publicado.

Do ponto de vista da gestão das autorias, esses dados nos mostram que discutir a questão do médium é crucial. Se o cenário atual da comunicação científica exige que os periódicos repensem seu espaço de inscrição material, então suas normas, técnicas e práticas de produção e circulação de conhecimento, precisamos entender como a imposição do uso de determinadas plataformas de editoração eletrônica em detrimento de outras interfere nos seus ritos genéticos editoriais, nos modos de ler, de escrever, de revisar, enfim, de ser autor, parecerista e coenunciador editorial.

Atualmente, o processo editorial da *Geosp* é o mesmo, mas passou a ser gerido no OJS²⁶, a plataforma de editoração eletrônica de revistas mais recomendada pela SciELO. Sua interface e as ferramentas disponíveis são um pouco diferentes das do SEER, mas parecem distribuídas de forma semelhante em abas nomeadas por etapa de trabalho, com acesso por meio de perfis cadastrados (editor, editor de seção, parecerista, autor, revisor de textos).

Para esta pesquisa, coletamos todos os materiais editados dos números publicados em 2016 e 2017, reunidos tanto na empresa de revisão como na plataforma da revista, inclusive os arquivos de parecer dos artigos aprovados. Como a entrevista com o editor não foi gravada porque se configurou como uma conversa mais informal para organizar datas de coleta dos materiais e oficializar a assinatura da autorização para a pesquisa, usaremos o diário de campo (transcrito no Apêndice 9) que gravamos após a reunião para registrar algumas informações importantes sobre o atual período em que se encontra a *Geosp*.

Aqui, vale a pena recuperar uma dessas informações, que tem tudo a ver com os dados que apresentamos acima. Na última avaliação da Capes, os Programas de Pós-Graduação em Geografia Humana e Física da USP aos quais se vincula a revista sofreram uma alteração na nota, que foi rebaixada com a justificativa de que alguns professores dos programas não têm publicado o suficiente.

Segundo o editor, na verdade esses professores têm publicado, mas não nos dispositivos que se espera: as agências de avaliação não dão o mesmo crédito

²⁶ Em <https://www.revistas.usp.br/geosp/index>.

atribuído à publicação em periódicos para publicações em livros, que são muito importantes para a geografia, assim como para muitas outras áreas das humanidades. Por conta disso, quem tem dedicado seu trabalho a coleções e livros diversos pontua menos do que quem publica artigos em revistas A1.

Essa discriminação é problemática por vários motivos, mas, nesse caso, coloca também uma contradição. Se há incentivo para as publicações em periódicos, que têm mais peso que as demais, por que o fato de um programa de pós ter uma revista (no caso da *Geosp*, uma revista A1) não é considerado na avaliação? Mais uma vez, chegamos a questões de médium. Nas Partes 2 e 3 desta tese, veremos qual o papel dessas práticas e normas coercitivas sobre os suportes de inscrição e os meios de circulação do científico na gestão da autoria.

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS

A *Rieb*²⁷ é um periódico quadrimestral interdisciplinar que reúne artigos, resenhas e documentos relacionados aos estudos brasileiros. Assim como a *Geosp*, tem sido editada na plataforma OJS, mas seu processo editorial mudou totalmente desde a última entrevista que fizemos (em 2015) quando a estudamos no mestrado.

Sua equipe interna se constitui de três editores, um editor-executivo, uma revisora de textos e um diagramador, e pudemos entrevistar os três últimos profissionais. A conversa com a revisora e o diagramador (transcrita no Apêndice 10) aconteceu em 2017, antes de conseguirmos contato com os atuais editores para solicitar autorização de uso da revista na pesquisa.

Depois da mudança da equipe de editoria, escrevemos algumas vezes para a revista para agendar uma reunião sobre a pesquisa, mas não tivemos retorno. Essa conversa prévia com os profissionais do texto só foi possível graças a um dos antigos editores, que fez a mediação do contato.

A revisora trabalha sozinha nas diferentes etapas de leitura dos artigos – a preparação, as versões com ajustes dos autores e a revisão de boneco (texto diagramado) –, e é responsável também pela normalização dos textos de acordo com as normas da revista. O diagramador aplica aos artigos revisados a *template* da revista e os ajustes indicados pela revisora na revisão de boneco, incluindo as ilustrações do

²⁷ Disponível em <http://www.revistas.usp.br/rieb>, acesso em 19 nov. 2020.

acervo do IEB selecionadas para cada volume e gerando um pdf final do número a ser publicado.

Já o editor-executivo, com quem falamos em junho de 2018 (transcrição no Apêndice 11), depois de conseguir autorização dos editores para coletar materiais da *Rieb*, cuida de tarefas relacionadas à gestão do periódico, as quais envolvem receber os artigos, encaminhar aos pareceristas indicados pelos editores/editores de seção, acompanhar o processo de parecer, fazer contato com os pareceristas e autores quando necessário, solicitar os pareceres finais aos editores, enviar os pareceres finais aos autores, organizar os números de cada número, enviar os textos para a empresa de editoração eletrônica para a marcação em linguagem XML, encaminhar os artigos publicados para a SciELO e cuidar dos prazos de cada etapa desse processo.

Está cadastrada na Coleção SciELO Brasil, por isso terceiriza o serviço de marcação em XML, exigido pela agência para publicação dos artigos na página específica de cada periódico da coleção²⁸. Sua estratificação no Qualis-Periódicos varia de A2 a B5 entre as áreas que publica (Figura 5).

²⁸ Disponível na página http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0020-3874&lng=en&nrm=iso, acesso em 19 nov. 2020.

Figura 5 Classificação da *Rieb* no quadriênio 2013-2016

Periódicos			
ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA	B3
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	ARTES	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	ARTES	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	ARTES	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	B5
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	B5
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB)	CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	B5
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	CIÊNCIAS AMBIENTAIS	B1
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	B1
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	ECONOMIA	B2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	EDUCAÇÃO	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	EDUCAÇÃO	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	EDUCAÇÃO	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	ENSINO	B4
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	FILOSOFIA	B1
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	GEOGRAFIA	B3
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	HISTÓRIA	B2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	HISTÓRIA	B2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	INTERDISCIPLINAR	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	INTERDISCIPLINAR	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB)	INTERDISCIPLINAR	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB)	LINGUÍSTICA E LITERATURA	A2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	PSICOLOGIA	B2
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	SOCIOLOGIA	B1
2316-901X	REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS	SOCIOLOGIA	B1

⏪ Início
⏪ Anterior
1 ▼
Próxima ▶
Fim ▶▶

1 a 30 de 30 registro(s)

Fonte: [Qualis-Periódicos – Plataforma Sucupira](#).

Logo depois da entrevista com o editor-executivo, pudemos coletar todos os materiais de gestão, edição e diagramação de 2016 e 2017 disponíveis no seu arquivo pessoal de trabalho e na plataforma, inclusive os pareceres de artigos aprovados, mas nos deparamos com um problema no decorrer da coleta: notamos que poucos materiais desses dois anos de publicação estavam disponíveis na plataforma, que começou a ser usada recentemente, e mesmo na máquina do profissional, que começou a trabalhar na revista há poucos meses do início da nossa pesquisa de campo.

Tivemos acesso a poucos arquivos dos números 65 de 2016, 66, 67 e 68 de 2017, então achamos importante coletar também materiais do número 69 de 2018, que estava em produção no período, por isso totalmente acessível. Como a autorização da revista já estava assinada, solicitamos uma errata notificando a inclusão de 2018 no período de coleta (Cf. Apêndice 1).

Por se tratar de uma revista interdisciplinar, temos observado que os pareceres são bastante distintos uns dos outros, e as intervenções sugeridas são de ordens muito diversas, o que se constitui como um material heterogêneo para o estudo da gestão da autoria. Outro ponto interessante da *Rieb* são seus dossiês temáticos, geralmente compostos de artigos de autores convidados, que, no atual contexto da comunicação científica, têm exigido estratégias de circulação variadas frente à crescente valorização do artigo como unidade no sistema de fluxo contínuo, para além de sua relação com os demais textos de um mesmo número de periódico.

DAS RESTRIÇÕES ÀS POSSIBILIDADES

Depois de finalizar a fase de pesquisa de campo e fechar o cópuz do trabalho, chegou o momento de organizar todos os materiais que o compõem. Nesse processo, observamos mais detidamente que cada periódico tem dinâmicas de trabalho bastante específicas e, portanto, adota ritos genéticos editoriais diferentes entre si, apesar de todos serem balizados pelo funcionamento da comunicação científica e seus médiuns.

Por esse motivo, uma das etapas do trabalho de sistematização do cópuz foi a descrição e a interpretação dos ritos genéticos editoriais em si, isto é, de todos os processos de edição do expediente de cada uma das revistas – *Cerâmica Industrial*; *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional (CBTO)*; *Geosp: espaço e tempo*; *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (Rieb)*. Isso implicou identificar e descrever também todos os profissionais envolvidos na produção dos quatro periódicos, sejam eles membros das equipes internas, das empresas contratadas ou terceirizados²⁹, e suas respectivas funções.

Nesse sentido, as entrevistas com os diferentes profissionais das revistas foram fundamentais para a compreensão do funcionamento de cada uma delas e da

²⁹ Embora não discutida na pesquisa, a terceirização no mercado de publicações científicas é uma questão relevante a ser problematizada futuramente, sobretudo no que se refere à precarização das condições de contratação e de trabalho dos profissionais do texto.

experiência desses diferentes atores na edição de cada periódico, por isso fizemos suas transcrições já com apontamentos importantes, sobretudo, com relação aos sistemas de avaliação, editoração e publicação científica. A partir delas, é possível entender o perfil de cada periódico e perceber as diferenças dos ritos genéticos editoriais que justificam o estudo comparativo que propomos.

A categorização dos dados coletados foi outra etapa que identificamos como necessária à seleção de materiais para análise. A princípio, entendemos que seria possível elencar os casos mais representativos da gestão da autoria nos artigos científicos, mas a quantidade expressiva de materiais reunidos impossibilitou essa seleção prévia: considerando a gama de materiais a que tivemos acesso em cada uma das revistas, notamos que, antes disso, seria preciso rearranjá-los graficamente para explicitar sua diversidade e distribuição.

Fizemos, então, o que chamamos de sistematização inicial do *cópus*, reunindo informações sobre o funcionamento dos periódicos em estudo e os tipos de materiais coletados em campo, chegando ao Quadro 1, apresentado adiante. A organização desse quadro se deu da seguinte forma:

Coluna 1 – periódicos

Informações sobre a periodicidade das revistas e a quantidade de números e artigos coletados. Na última linha, relativa à *Rieb*, não há uma quantidade exata de edições e artigos porque a coleta extrapolou o recorte temporal 2016/2017 estabelecido na pesquisa, devido à mudança da equipe editorial interna do periódico e à migração para a plataforma de editoração eletrônica Open Journal Systems (OJS), o que impossibilitou o acesso a todo o material do período previsto.

Coluna 2 – coleta equipe interna

Informações sobre as entrevistas gravadas nas equipes internas dos periódicos, diários de campo e a diversidade de materiais coletados em cada caso – artigos, pareceres de artigos, detalhamentos dos processos editoriais e tramitação de arquivos. Há dados que exemplificam a vida dos profissionais com questões da comunicação científica (algumas já pontuadas ao longo desta parte da tese), como a dificuldade na seleção de pareceristas nas áreas de conhecimento publicadas por cada revista, de profissionais externos capacitados e de gestão de todos os prazos e custos de trabalho e publicação.

Coluna 3 – coleta empresa e terceiros da revista

Informações sobre as entrevistas gravadas nas equipes externas dos periódicos, sejam empresas de editoração científica contratadas ou profissionais terceirizados – entrevistas, detalhamentos do funcionamento da editoração nas duas empresas (Editora Cubo e Confraria de Textos) e arquivos de todo o processo editorial de ambas. A única exceção é a *Rieb*, que faz quase toda a produção da revista internamente.

Coluna 4 – coleta plataforma eletrônica

Informações sobre o uso ou não da plataforma OJS, exigida pelas agências de normatização da comunicação científica brasileira, na edição dos periódicos. A *Cerâmica Industrial* não adotou a plataforma porque, como periódico técnico, não tem interesse em fazer parte do SciELO, enquanto a *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional* se preparava para migrar para a plataforma.

Já a *Geosp* e a *Rieb* usam a OJS, e nos dois casos pudemos ter acesso à plataforma na fase de coleta da pesquisa. Os materiais dessa ordem são bastante diversos e ricos para a pesquisa, sendo compostos de capturas de tela da plataforma para a compreensão de seu funcionamento, artigos originais, pareceres e textos com sugestões dos pareceristas, versões pós-edição dos autores e dos editores, os quais mostram, por exemplo, que o trabalho do editor muitas vezes pode extrapolar funções administrativas e de gestão, assim como o do parecerista pode ser definidor de uma versão final bastante distinta da proposta pelos autores.

Quadro 1 Sistematização inicial do cópús

periódicos	coleta equipe interna	coleta empresa e terceiros da revista	coleta plataforma eletrônica
<i>Cerâmica Industrial</i> (bimestral: 10 números, +/- 7 artigos cada + 2 artigos/pareceres de 2018)	1 entrevista com editor (descrição do processo editorial da revista)	Editora Cubo (materiais dos processos de recebimento, figuras, linguagem, extyles, diagramação, XML) 1 entrevista com profissional da empresa por <i>e-mail</i> (descrição dos processos) tradutor (1 entrevista por <i>e-mail</i> : descrição dos processos de tradução e adaptação dos artigos)	– (não usa OJS)
<i>CBTO</i> (trimestral: 8 números, +/- 20 artigos cada)	1 entrevista com editora (descrição do processo editorial da revista) 1 entrevista com estagiário (artigos originais, pareceres de artigos aprovados e recusados)	Editora Cubo (materiais dos processos de recebimento, figuras, linguagem, extyles, diagramação, XML e versão em EN)	– (não usava OJS integralmente à época da coleta)
<i>Geosp: espaço e tempo</i> (quadrimestral: 6 números, +/- 10 artigos cada)	1 diário de campo (editor aprovou a pesquisa na 1ª reunião)	Confraria de textos (artigos editados e <i>checklists</i>)	acesso com perfil de editoria (prints da plataforma, artigos originais, pareceres e textos com sugestões dos pareceristas, versões pós-edição dos autores e dos editores)
<i>Rieb</i> (quadrimestral: números incompletos e artigos distribuídos para além do recorte 2016/2017)	1 entrevista com revisora e diagramador (descrição do processo de preparação/revisão dos artigos) 1 entrevista com o assistente editorial/editor-executivo (descrição do processo editorial da revista, arquivos de 6 números da revista disponíveis no sistema – 2 de 2016, 3 de 2017 e 1 de 2018 –, artigos revisados)	– (não tivemos acesso à empresa que trata os artigos em XML)	acesso com perfil de editoria (adoção recente da plataforma: alguns artigos originais, pareceres e versões avaliadas pelos pareceristas, versões pós- edição dos autores e dos editores; a maior parte do material é de 2018)

Fonte: elaboração própria.

A partir do referido quadro, compreendemos que a definição de categorias para os dados coletados é uma das grandes questões do trabalho, por isso não seria possível finalizá-la antes da articulação analítica da tese. Essa sistematização inicial do cópús, portanto, foi um passo imprescindível para reunirmos todas as informações que já descrevemos e, a partir daí, entendermos quais desses materiais podem ser considerados dados acessórios da pesquisa e quais são dados centrais para as análises.

No Exame de Qualificação, percebemos que, para nos determos no problema de pesquisa estabelecido desde o Projeto Inicial (a constituição da autoria na comunicação científica), muitas das questões que nos pareciam correlatas a ele têm potencial, na verdade, para abordagens autônomas em outras pesquisas, pois vão além do que podemos pontuar como condições de produção do trabalho – seja da comunicação científica, da ciência, dos periódicos brasileiros, entre outras. A título de registro, algumas dessas questões dizem respeito:

- à relação entre o sistema brasileiro de avaliação de periódicos (Qualis Capes), o acesso aberto e o mercado de publicações científicas atual;
- à relação entre as empresas privadas que fornecem índices bibliométricos para a avaliação de periódicos e pesquisadores, o mercado de publicações científicas e as empresas predatórias de publicação científica;
- à relação entre a internacionalização e agências de regulação, áreas mais ou menos normatizadoras, empresas de editoração científica, equipes de editoria e profissionais do texto;
- à relação entre a terceirização de profissionais da edição e o mercado de publicação científica.

Como se trata de *relações*, fica claro por que não é possível dar conta de todas essas questões num só trabalho. Também é evidente por que, apesar de não pretendermos aprofundá-las, é difícil separar muitas delas das dinâmicas de constituição da autoria, pois são componentes dessa constituição cuja trama investigamos. Nos diferentes tipos de dados coletados, notamos recorrências de várias dessas questões quando tocam um ponto sensível do sistema científico de que falamos até aqui: as restrições.

Considerando que há aí um caminho possível para delinear as totalidades desse sistema, elencamos os pareceres do processo de avaliação por pares como materiais produtivos para uma entrada mais pontual na questão da autoria que dê conta de entender como essas restrições do sistema atual de comunicação científica incidem sobre as práticas discursivas dos pareceristas e editores, coenunciadores editoriais que compõem duas das instâncias decisórias da publicação científica.

PARTE 2

MÉDIUM E GESTÃO DA AUTORIA NO ESTUDO DE OBJETOS EDITORIAIS

A MEDIAÇÃO EDITORIAL, UMA FORMA DE TRANSMISSÃO

A transmissão de uma ideia não é conceitual, a transmissão de uma forma não é formal, a transmissão de um resultado em uma ciência não é científica: coloca imediatamente em jogo dispositivos de autoridade e relações de dominação.

(DEBRAY, 1995, p. 63)

A perspectiva discursivo-mediológica com que trabalhamos aqui é mais um passo na direção de consolidar o programa teórico-analítico que temos construído no âmbito do Grupo de Pesquisa Comunica e do Labeppe³⁰, ambos interinstitucionais, numa atividade entre a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Assumindo uma terminologia que formaliza o aspecto mediológico dos estudos discursivos que temos feito em diferentes trabalhos desses coletivos, exploramos materiais contemporâneos variados como periódicos científicos (SALGADO; CLARES, 2017), plataformas de autopublicação (CHIEREGATTI, 2018), poesia slam (PINTO, 2018), livros e outros produtos literários (SALGADO; DORETTO, 2018; PRIMO, 2019; DORETTO, 2020), revistas de divulgação científica (SALGADO; DELEGE, 2018; DELEGE, 2019), materiais didáticos (BOSCHI, 2019), linguagem algorítmica (FERREIRA, 2021).

Ao considerar esses tipos de materiais *objetos editoriais*, estabelecemos um programa de pesquisa que

³⁰ Cujas atividades partilhamos nos sites <https://grupopesquisacomunica.wordpress.com/o-comunica/> e <http://www.labeppe.ufscar.br/>, no Instagram [@grupopesquisacomunica](https://www.instagram.com/grupopesquisacomunica) e no Canal do YouTube [Grupo de Pesquisa Comunica](https://www.youtube.com/Grupo de Pesquisa Comunica).

[...] pensa nos enunciados como fluxos de texto na sua dimensão encarnada – livros, monumentos, camisetas... sites, blogs, plataformas de partilha... todo material que se prepara para vida pública passando por um processo de edição. Certamente uns mais institucionalizados que outros, mas todos eles objetos técnicos que põem em relevo as seguintes dimensões: i) implicam um trabalho de inscrição material da língua em algum suporte, ii) cuja circulação se define às vezes em conformidade com o projeto, às vezes subvertendo-o, iii) conforme uma interlocução formalmente ensejada, que eventualmente pode vir a ser inesperada. (SALGADO, 2020, p. 2)

Nesses termos, nas duas linhas de pesquisa em que reunimos os trabalhos feitos no grupo e no laboratório, intituladas *Escritas Profissionais e Processos de Edição e Materialidades do Discurso Literário*, temos nos preocupado com questões de inscrição material, circulação, edição, criação, cibercultura, ciberespaço, cultura digital e autoria, que podem ser assentadas numa abordagem interdisciplinar recente conhecida como Humanidades Digitais.

No caso dos periódicos e, cada vez mais, dos artigos individualizados, a produtividade dessa perspectiva se justifica prontamente: dado o sistema vigente de comunicação científica, em que as plataformas de edição, publicação, indexação e classificação da produção intelectual têm subordinado sua existência, nosso objeto de estudo demanda reflexões sobre de que modo isso acontece, e estas nos levam às relações entre os protocolos (normas e técnicas), as institucionalidades, os suportes de inscrição, os meios de circulação e os atores envolvidos, isto é, os processos de mediação entre sujeitos e objetos. Nos valemos, assim, dos trabalhos de Debray (1993, 1995, 2000a, b) sobre a Mediologia ou Midiologia, conforme variações das traduções brasileiras de suas obras, definida como o estudo das mediações:

A midiologia tem por objetivo, através de uma logística das operações de pensamento, ajudar a clarificar esta questão lancinante, irresolúvel e decisiva declinada – conforme se é escritor, etnólogo ou moralista – como “o poder das palavras”, “a eficácia simbólica” ou ainda “o papel das ideias na História”. [...] Ela gostaria de ser o estudo das *mediações* pelas quais “uma ideia se torna força material”, mediações de que os nossos “meios de comunicação de massa” são apenas um prolongamento particular, tardio e invasor. (DEBRAY, 1993, p. 14, grifos do autor)

No *Discurso Literário*, ao tratar das implicações entre autoria e circulação da obra de campos regidos por discursos constituintes, Maingueneau (2014 [2006], p. 63) cita Debray (especificamente seu *Cours de médiologie générale*, de 1991) em

breve nota de rodapé, quando aborda a dimensão “midiológica” dos enunciados. Entendemos que essa é uma novidade interessante para a AD que não foi explorada pelo analista do discurso, embora acenada por ele como um caminho possível de estudo desse tipo de regime discursivo.

A teoria se volta para os *médiuns*, e não as *mídias*, como se poderia a princípio inferir, estas refutadas claramente pelo filósofo ao afirmar que “mediação não é mídia” (DEBRAY, 2000b, p. 21). Apesar de o termo *mídium* ser amplamente conhecido na AD de base materialista, optamos aqui pelo uso de *médium*, que, assim como *Mediologia*, explicita a ideia de mediação. Esse é um alinhamento que temos feito nas pesquisas em desenvolvimento no Comunica/Labeppe a partir do texto de Ferreira, Damaceno e Salgado (2021), que discutem as traduções desses termos nas obras de Debray publicadas no Brasil, mostrando

[...] como a falta de padronização do termo *médium* e do neologismo *Médiologie* nas diversas traduções para o português do Brasil pode afastar o leitor da proposta de Régis Debray, inclusive por dificultar a indexação das pesquisas que trabalham nesse marco teórico. (p. 7-8, grifos das autoras)

Assim, com a filiação “[...] ao emprego do termo com -e, Mediologia, procuramos resgatar a origem do neologismo de Debray e retomar a importância da ideia de mediação no processo de transmissão, essencial para a perspectiva mediológica” (no prelo). Na esteira da Mediologia, Debray (2000b) diferencia a *transmissão da comunicação*. A partir das dimensões material, diacrônica e política que discute, estabelece que a transmissão é “um termo regulador e ordenador” (p. 13). No nível material porque não existe “linguagem espiritual que não tenha sido invenção ou reciclagem de marcas e gestos”, “movimento de ideias que não implique movimentos de homens” ou “subjetividade nova sem objetos novos” (p. 14); no diacrônico porque, enquanto a comunicação é “um transporte no espaço”, a transmissão é “um transporte no tempo” (p. 15); e no político por seu caráter coletivo, já que o indivíduo “opera como membro de um grupo”, bem como “nos procedimentos codificados que assinalam sua distinção em relação aos outros grupos” (p. 17).

Transmitir é organizar, e isso se faz por meio de “técnicas de inscrição”. Não existe, portanto, transmissão sem conflito, havendo sempre “ruído e furor”. Toda transmissão é, nas palavras do mediólogo, “um combate contra o ruído, a inércia, os

outros transmissores e, até mesmo e sobretudo, os destinatários” (DEBRAY, 1995, p. 63).

Nesse processo, o médium é descrito como *matéria organizada (MO)*, que refere os aspectos técnicos da transmissão (sempre uma mediação), e *organização materializada (OM)*, que concerne aos seus aspectos institucionais: ele é a junção de *vetores de sensibilidade* (os dispositivos inscricionais) e *matrizes de sociabilidade* (as institucionalidades fiadoras)³¹. Em sua introdução à Mediologia, Debray (2000a, p. 168) explica essa relação citando a escrita alfabética:

A escrita alfabética, por exemplo, é um procedimento (técnico) cuja transmissão social supõe ao mesmo tempo, de um lado, papel, instrumentos de inscrição, livros (transmissores inertes) e, por outro lado, escola, editoras, um corpo docente (transmissores animados). Os suportes técnicos de informação aparecem então inscritos em e através de relações organizacionais com funções estratégicas, “privados” ou “públicos” (Agências, Centros, Empresas, Caixas, Comissões, Institutos, etc...).

Na comunicação científica, a metodologia MO-OM nos permite olhar categoricamente para os elementos da editoração científica, discutindo suas implicações mais e menos óbvias para a mediação editorial, entendida aqui como uma forma de transmissão: se estamos falando de uma dimensão técnica dos objetos, mais pontualmente dos objetos editoriais, essa mediação especializada também pode ser olhada como uma técnica ou como tecnologia – no sentido de um conjunto de técnicas, protocolos e processos de determinado campo –, pois tem como função intervir na produção de sentidos dos médiuns característicos dessa comunicação entre pares (periódicos e artigos), muitas vezes para moderá-los.

Como vetores de sensibilidade (MO), nota-se que os periódicos operam tanto com matrizes de sociabilidade (OM) quanto com outros vetores de sensibilidade. Para serem avaliadas como objetos técnicos comunicadores de conhecimento, as revistas precisam primeiramente ser profissionalizadas, ou seja, adotar uma série de

³¹ Em outras palavras: “Essas matrizes (em termos discursivos, institucionalidades fiadoras de discursos) são o que o mediólogo refere por *organização materializada* – OM, o modo como a sociedade se organiza “encarnando” suas práticas e valores em sistemas de objetos. Esses vetores (em termos discursivos, dispositivos inscricionais com valor genérico) são o que o mediólogo refere por *matéria organizada* – MO, o modo como os objetos resultam de lógicas de uso e impõem lógicas de uso, nem sempre coincidentes. A metodologia consiste, então, em conjugar OM/MO.” (SALGADO; CLARES, 2017, p. 31).

processos de transmissão autorizados, pelo que se entende por *comunidade científica* (ou os setores dela que têm mais poder decisório), a garantir sua qualificação.

Temos aí a relação entre duas matrizes de sociabilidade, que são o próprio sistema de comunicação científica atual e as instituições, empresas e instâncias que o regem e normatizam, e os diferentes vetores de sensibilidade destas, sejam eles plataformas, índices bibliométricos, gêneros discursivos e outros produtos de regulação. Discutimos abaixo o imbricamento dessas matrizes e seus vetores, do que decorre o que chamamos de efeito de padronização.

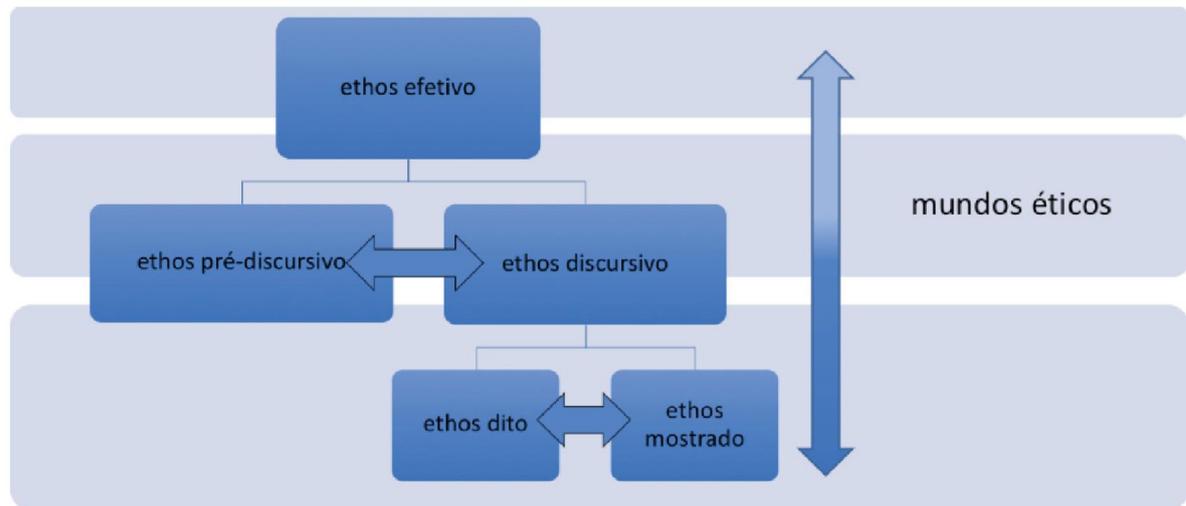
OS MUNDOS ÉTICOS DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA NOS PERIÓDICOS E O EFEITO DE PADRONIZAÇÃO

A normalização cada vez mais especializada da circulação das publicações periódicas indica que as instituições e instâncias decisórias da comunicação científica são responsáveis não só pela gestão desse sistema e de seus objetos editoriais, mas também pela promoção e pelo reforço de mundos éticos que asseguram seus médiums. Esses mundos éticos, que, a partir do constructo teórico de Dominique Maingueneau (2015) sobre a noção de ethos discursivo, são compreendidos como conjuntos de valores e de suas práticas de sustentação, discursivizam sobre imaginários de produção, avaliação e internacionalização da ciência tomados como base para sua comunicação profissionalizada.

Para que essa discursivização seja possível, estabilizam-se arranjos cenográficos³² dos quais decorre o que o analista chama de ethos efetivo, isto é, a imagem de si construída na enunciação (MAINGUENEAU, 2015). Salgado e Delege (2018) propõem um diagrama que sintetiza as correlações que produzem esse ethos, evidenciando as dinâmicas em que os mundos éticos estão implicados (Figura 6):

³² Não nos aprofundaremos aqui no modelo teórico-analítico das cenas da enunciação (MAINGUENEAU, 2008a), visto que mencionamos os arranjos cenográficos apenas para esclarecer como os mundos éticos são evocados. Em linhas gerais, o modelo inter-relaciona três instâncias que permitem estudar, por exemplo, aspectos dos discursos constituintes: a cena englobante (o tipo de discurso), a cena genérica (o gênero discursivo) e a cenografia (a textualização dos discursos). Em Clares (2017), há desenvolvimentos em que mobilizamos a noção para tratar do discurso científico em meio às tantas necessidades de legitimação impostas ao universo editorial da comunicação científica.

Figura 6 Os mundos éticos no diagrama do ethos efetivo



Fonte: SALGADO; DELEGE (2018, p. 376).

A partir de Maingueneau (2015), as pesquisadoras explicam que, conforme esboçam no diagrama,

[...] o *ethos efetivo* se produz numa conjugação de aspectos de um *ethos pré-discursivo* (que reúne expectativas e projeções dos interlocutores) e um *ethos discursivo* (que se textualiza atualizando um discurso), sendo que este se compõe na dinâmica de textualização que explicita mais ou menos assumidamente traços éticos, isto é, há sempre um *ethos mostrado* na seleção dos elementos constitutivos da textualização, e pode haver um *ethos dito* nos casos em que o locutor se volta explicitamente para a apreciação desses traços “próprios”. As setas duplas indicam as dinâmicas em jogo, e todos esses componentes se assentam, como sugerem as linhas de fundo, nos estereótipos socialmente estabelecidos, nas cenas validadas, isto é, exaustivamente retomadas a ponto de definirem as linhas de força das conjunturas em que emergem os enunciados: se assentam nos *mundos éticos*. (SALGADO; DELEGE, 2018, p. 375-376, grifos das autoras)

Ao definirem comunidades discursivas, neste caso figuradas, a princípio, numa comunidade científica única, os mundos éticos da comunicação científica contribuem para a legitimação desta como matriz de sociabilidade (uma OM, organização materializada), e fazem isso inscritos materialmente em vetores de sensibilidade (MO, matéria organizada), produtos de regulação que, por sua vez, apontam para outras matrizes de sociabilidade: as instituições, empresas e instâncias fiadoras dessa comunicação. No Brasil, podemos dizer que a Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Scientific Electronic Library Online (SciELO) são as instituições que atuam fundamentalmente na regulamentação do funcionamento dos periódicos científicos, os médiums centrais dessa comunicação, enquanto a Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC) contribui para a disseminação dos princípios estabelecidos pelas duas agências.

Com o intuito declarado de expandir e consolidar a pós-graduação brasileira, a Capes é uma fundação do Ministério da Educação que promove a avaliação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), o acesso à produção científica e sua divulgação, o investimento na formação de recursos de alto nível no país e no exterior e a cooperação científica internacional (CAPES, 2012). É responsável pelo Qualis-Periódicos, um sistema de classificação da produção intelectual que, como vimos na Introdução, estratifica as revistas científicas. Também mantém um portal de periódicos próprio que reúne revistas nacionais avaliadas pelo Qualis e distribuídas pela SciELO.

A SciELO é uma biblioteca eletrônica que visa proporcionar acesso aberto às revistas da Coleção SciELO Brasil, funcionando também como uma base de indexação de periódicos³³. Seu documento *Critérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil* (cuja versão mais recente é de maio de 2020) estabelece diretrizes periodicamente atualizadas para as revistas que desejam compor a referida coleção no que se refere ao caráter científico dessas publicações, sua gestão editorial e periodicidade, sua forma de apresentação dos artigos, entre outras questões técnicas.

Já a ABEC é uma sociedade civil de âmbito nacional e sem fins lucrativos que, fundada em 1985,

congrega pessoas físicas e jurídicas com interesse em desenvolver e aprimorar a publicação de periódicos técnicos-científicos; aperfeiçoar a comunicação e divulgação de informações; manter o intercâmbio de ideias, o debate de problemas e a defesa dos interesses comuns.³⁴

Como um de seus objetivos é a manutenção do diálogo entre associados, instituições e sociedades envolvidas com a editoração científica, a associação promove encontros e publicações que abordam temas do interesse, sobretudo, de

³³ Para detalhamentos sobre a atuação da Capes e da SciELO, ver Clares (2017, *Regulamentação e gestão de periódicos científicos no Brasil*).

³⁴ Informações retiradas de <https://www.abecbrasil.org.br/novo/abec-brasil/>, acesso em 27 set. 2021.

editores, e recentemente tem oferecido também cursos de formação nesse âmbito, como o de avaliador de artigo científico (que exploraremos na Parte 3).

Uma vez que a circulação e a visibilidade de um periódico estão inevitavelmente relacionadas à sua indexação, grande parte das revistas científicas busca se adequar aos critérios difundidos por portais como o da SciELO e o da Capes para integrar suas coleções, o que coloca esses critérios como modelos de referência para a editoração científica brasileira, embora não seja esse o seu escopo. Essa adequação compulsória requer ajustes nem sempre benéficos a todos os tipos de periódicos, promovendo o que percebemos como um efeito de padronização: buscam-se certos tipos de periódico eletrônico, que se adaptam a certos tipos de plataforma, que penduram certos tipos de artigo, que preveem certos tipos de uso da língua, de expediente de pesquisa, de publicação, de produção do conhecimento...

Os vetores de sensibilidade que explicitam esse efeito são diversos e estão presentes nos diferentes produtos de regulação constitutivos do objeto editorial em tela. Por exemplo, nas plataformas eletrônicas de editoração, quando a Capes e a SciELO passam a exigir o OJS para centralizar todo o processo editorial das revistas. A migração e o uso da plataforma exigem dos periódicos uma reorganização nem sempre possível de seus ritos genéticos editoriais, o que significa que não necessariamente todas as etapas de tratamento editorial vão acontecer via plataforma, por mais que se faça sua adesão. Temos notícia disso nas três revistas do corpús que operam no OJS, a *Geousp*, a *Rieb* e a *CBTO*, que acabam lidando com diversas funções por fora da plataforma, seja na tramitação de processos e arquivos ou no diálogo com profissionais e autores. A editora da *CBTO* comenta em entrevista que:

[...] a Editora Cubo [empresa externa que trata a revista] não usa o SEER [atualmente OJS]. A gente encaminha os arquivos em versão Word para eles fazerem a marcação, se comunicarem com os autores e fazerem o pdf, depois a gente sobe os pdfs pelo sistema, mas dentro da área de cada artigo; então o artigo está aprovado, depois, quando eles encaminham a versão final, a gente coloca lá o layout e publica. Todo contato que os profissionais da Cubo têm com os autores é feito por e-mail. (Entrevista CBTO, 2017)

Tecnicamente, ainda que a função da plataforma não seja viabilizar todas as etapas de tratamento dos periódicos, mas sim documentar o seu processo editorial, é notável como a própria reunião das informações quanto à comunicação entre os

diferentes atores envolvidos no processo e seu status gera para as equipes demandas que extrapolam os limites do OJS. Mantê-lo atualizado antes mesmo da publicação de cada volume, portanto, torna-se também uma tarefa da rotina editorial. O relato do estagiário da mesma revista reitera esse funcionamento paralelo:

Tem a plataforma on-line aqui dos Cadernos [OJS], em que o autor pode verificar várias informações. Ele verifica se o artigo foi aprovado também, mas é um pouco complicado. Às vezes as pessoas têm um pouco de preguiça, então eu acabo fazendo mais essa parte [de comunicação com autores] por e-mail para garantir que a pessoa saiba [do andamento da publicação] e por um pouco de comodidade [...]. (Entrevista CBTO, 2018)

Além da questão da “comodidade” dos informes por *e-mail*, esse acesso mais direto aos autores também visa resolver problemas quanto a suas dificuldades de letramento digital como usuários do OJS. Essa necessidade é apontada pelo editor da *Geosp*: “Nos casos em que não há retorno do autor, isso se deve a sua dificuldade para usar a plataforma; por isso alguns autores encaminham os textos por e-mail e pedem ao editor para subir na plataforma” (*Diário de Campo Geosp*, 2017). Nesses casos, além das tarefas de comunicação extra com autores e atualização da plataforma, podemos reconhecer ainda uma terceira demanda, que diz respeito à instrução de autores para o uso adequado do OJS.

Como a plataforma é destinada não só ao gerenciamento, mas também à publicação de periódicos eletrônicos³⁵, o *layout* é outro vetor de sensibilidade que tem implicações para o efeito de padronização. Se analisarmos as páginas das quatro revistas em estudo, notamos que todas têm o mesmo formato e apresentam seus números com a mesma estruturação (Figuras 7 a 10):

³⁵ Conforme descrição feita no *site* do Public Knowledge Project, responsável pelo desenvolvimento do *software* – disponível em <https://pkp.sfu.ca/ojs/>, acesso em 6 maio 2022.

Figura 7 Layout da Rieb

revista *ieb*

ATUAL ARQUIVOS SOBRE -

Q BUSCAR

INÍCIO / ARQUIVOS / n. 81 (2022)

n. 81 (2022)



A Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (RIEB) tem como missão refletir sobre a sociedade brasileira articulando múltiplas áreas do saber. Nesse sentido, empenha-se na publicação de artigos originais e inéditos, resenhas e documentos relacionados aos estudos brasileiros.

PUBLICADO: 2022-04-29

EDIÇÃO COMPLETA

 **PDF**

EDITORIAL

Brasis sobrepostos: fontes da conformação e transformação do tempo
Inês Gouveia, Luciana Suarez Galvão, Walter Garcia 13-16

 **PDF**

ARTIGOS

O caráter exemplar da obra de Alexander von Humboldt
Willi Bolle 18-41

 **PDF**

Observações e experiências de Alexandre Rodrigues Ferreira sobre agricultura no Pará (1784)
Ermelinda Moutinho Patata 42-62

 **PDF**

Celso Furtado, o Golpe de 1964 e a Ditadura Militar
Lilian da Rosa 63-83

 **PDF**

“O que causa prazer”: lundu entre neoclássicos e românticos na Casa da Ópera de Ouro Preto
Mariana Mayor 84-97

 **PDF**

IDIOMA

[English](#)

[Español \(España\)](#)

[Français \(France\)](#)

[Português \(Brasil\)](#)

Fonte: [site da Rieb](#).

Figura 8 Layout da Geosp

GEOUSP espaço e tempo
Cadastro Acesso

ATUAL ARQUIVOS NOTÍCIAS SOBRE ▾
Q BUSCAR

INÍCIO / ARQUIVOS / v. 26 n.1 (2022)

v. 26 n. 1 (2022)

PUBLICADO: 2022-04-28

EDITORIAL

Círculo superior e círculo inferior na publicação de periódicos científicos
Adriana Dorfman e-195555

[PDF \(ENGLISH\)](#) [PDF](#) [XML](#)

ENSAIO

Notas sobre a diferenciação espacial
Roberto Lobato Corrêa e-193069

[PDF \(ENGLISH\)](#) [PDF](#) [XML](#)

ARTIGOS

Utopias Urbanas desde o Giro Decolonial
Ester Limonad, Roberto Luís Monte-Mór e-189578

[PDF](#) [XML](#)

Le Corbusier e os situacionistas: a função contra a vida apaixonante.
Glauco Roberto Gonçalves e-190204

[PDF](#) [XML](#)

Teorias da justiça social e espacial: diálogos com a Geografia a partir da década de 1970
Jean Legroux e-188003

[PDF \(ENGLISH\)](#) [PDF \(FRANÇAIS \(FRANCE\)\)](#) [PDF](#) [XML](#)

Os guardadores de carro e a apropriação de espaço na Cidade de Maputo, Moçambique
Elmer Agostinho Carlos Matos e-175959

[PDF](#) [XML](#)

Sociabilidade pública: interação social e espaços públicos
Andre Felix de Souza e-188940

[PDF](#) [XML](#)

IDIOMA

English
Español (España)
Português (Brasil)
Français (France)

ENVIAR SUBMISSÃO

PALAVRAS-CHAVE



INFORMAÇÕES

Para Leitores
Para Autores
Para Bibliotecários

Fonte: [site da Geosp.](#)

Figura 9 Layout da CBTO

Cadastro Acesso


Sobre ▾ Políticas Editoriais ▾ Atual Arquivos Equipe Editorial Indexação Q Buscar

Início / Arquivos / v. 30 n. spe

v. 30 n. spe



Publicado: 2022-06-21

Idioma

- English
- Español (España)
- Português (Brasil)

Editorial

(Des)Conexões entre justiça ocupacional e justiça social: uma entrevista com Gail Whiteford¹ e Lilian Magalhães

Michael Palapal Sy, Daniela Castro de Jong, Rebecca Twinley, Kee Hean Lim, Kee Hean Lim, Patrícia Leme de Oliveira Borba e30202202

PDF (English)
 PDF

Preenchendo lacunas críticas em justiça ocupacional e justiça social nas práticas em terapia ocupacional

Elizabeth Townsend e30202201

PDF (English)
 PDF

Artigo Original

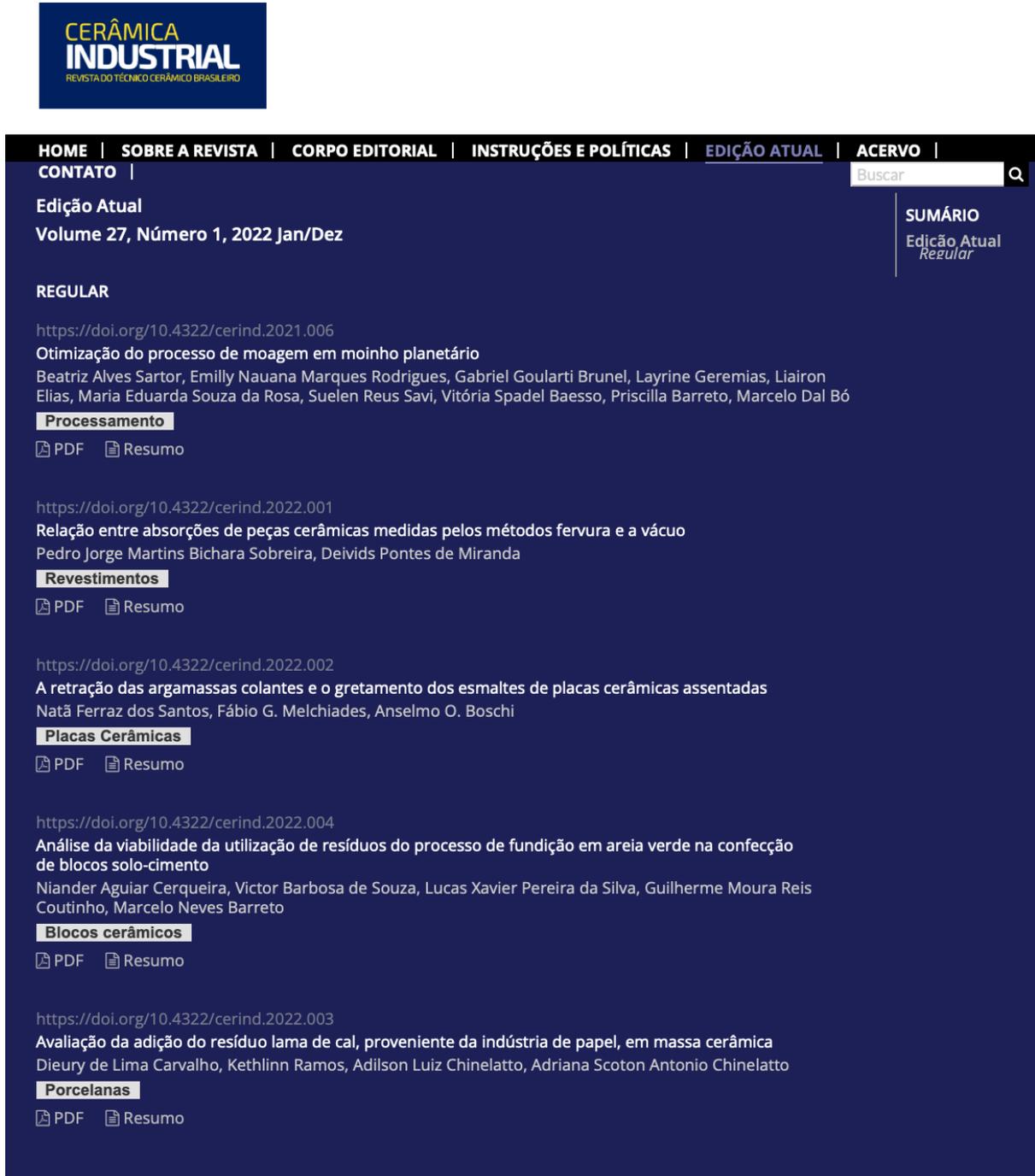
Pedagogias dentro do currículo de terapia ocupacional: centrando uma práxis decolonial na prática de desenvolvimento comunitário

Roshan Galvaan, Liesl Peters, Leigh Ann Richards, Mellisa Francke, Meghan Krenzer e3133

PDF (English)

Fonte: [site da CBTO](#).

Figura 10 Layout da Cerâmica



CERÂMICA INDUSTRIAL
REVISTA DO TÉCNICO CERÂMICO BRASILEIRO

HOME | SOBRE A REVISTA | CORPO EDITORIAL | INSTRUÇÕES E POLÍTICAS | EDIÇÃO ATUAL | ACERVO | CONTATO

Buscar

Edição Atual
Volume 27, Número 1, 2022 Jan/Dez

SUMÁRIO
Edição Atual
Regular

REGULAR

<https://doi.org/10.4322/cerind.2021.006>
Otimização do processo de moagem em moinho planetário
Beatriz Alves Sartor, Emily Nauana Marques Rodrigues, Gabriel Goularti Brunel, Layrine Geremias, Liairon Elias, Maria Eduarda Souza da Rosa, Suelen Reus Savi, Vitória Spadel Baesso, Priscilla Barreto, Marcelo Dal Bó
Processamento
PDF Resumo

<https://doi.org/10.4322/cerind.2022.001>
Relação entre absorções de peças cerâmicas medidas pelos métodos fervura e a vácuo
Pedro Jorge Martins Bichara Sobreira, Deivids Pontes de Miranda
Revestimentos
PDF Resumo

<https://doi.org/10.4322/cerind.2022.002>
A retração das argamassas colantes e o gretamento dos esmaltes de placas cerâmicas assentadas
Natã Ferraz dos Santos, Fábio G. Melchiades, Anselmo O. Boschi
Placas Cerâmicas
PDF Resumo

<https://doi.org/10.4322/cerind.2022.004>
Análise da viabilidade da utilização de resíduos do processo de fundição em areia verde na confecção de blocos solo-cimento
Niander Aguiar Cerqueira, Victor Barbosa de Souza, Lucas Xavier Pereira da Silva, Guilherme Moura Reis Coutinho, Marcelo Neves Barreto
Blocos cerâmicos
PDF Resumo

<https://doi.org/10.4322/cerind.2022.003>
Avaliação da adição do resíduo lama de cal, proveniente da indústria de papel, em massa cerâmica
Dieury de Lima Carvalho, Kethlenn Ramos, Adilson Luiz Chinelatto, Adriana Scoton Antonio Chinelatto
Porcelanas
PDF Resumo

Fonte: [site da Cerâmica](#).

Em todas elas predomina a mesma disposição das abas, que dão acesso aos mesmos tipos de informação: a edição atual (em Atual, Home e/ou Sobre), as edições anteriores (em Arquivos), o escopo, as normas para submissão e publicação, a composição da equipe editorial e o contato (em Sobre). A *Rieb* e a *Geousp* são as mais semelhantes porque compõem o portal de periódicos da mesma instituição, a USP, enquanto a *CBTO* integra o portal de periódicos da UFSCar. O caso da Cerâmica é o mais expressivo da problemática da padronização, pois a revista não usa o OJS nem está vinculada a um portal de periódicos institucional, mas ainda assim recorre ao mesmo *layout* proposto pela plataforma.

No que se refere à estruturação dos números das quatro revistas, é evidente o condicionamento do gênero *periódico científico* à interface do OJS. Conforme mostram as Figuras 7, 8, 9 e 10 apresentadas acima, há um desmembramento dos números completos em artigos individuais, que são disponibilizados por seção de cada revista com título, nome dos autores, paginação e pdf. No início da página são apresentados o ano, o volume e/ou o número do periódico e sua data de publicação, informações que sinalizam quanto ao cumprimento da periodicidade das revistas. Os *hiperlinks* dos títulos direcionam para suas respectivas páginas de metadados e os pdfs dão acesso aos artigos completos em nova página para visualização e *download* (Figuras 11 e 12).

Figura 11 Exemplo de página de metadados de um artigo da *Rieb*

revistaieb

ATUAL ARQUIVOS SOBRE -

INÍCIO / ARQUIVOS / N. 81 (2022) / Artigos

O caráter exemplar da obra de Alexander von Humboldt

Willi Bolle

Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
<https://orcid.org/0000-0002-5909-4000>

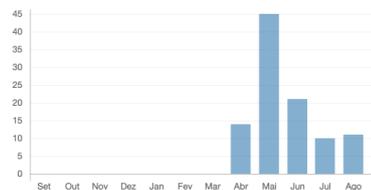
DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i81p18-41>

Palavras-chave: Viagens e explorações científicas, Alexander von Humboldt, Visão global

RESUMO

Da obra de Humboldt – que não foi autorizado a viajar pelo Brasil – são estudados: a apresentação científica e estética da natureza; a descrição de paisagens típicas; a valorização das culturas indígenas; os ensaios políticos sobre Cuba e o México; a crítica da escravização e a defesa da independência das colônias; a comparação entre os continentes e a visão do nosso planeta no conjunto do Universo. As ideias de preservação do meio ambiente e de uma humanidade que supere preconceitos e inimizades são um legado importante para nós, que vivemos – depois da era dos descobrimentos e a dos impérios – na terceira fase da globalização.

DOWNLOADS



BIOGRAFIA DO AUTOR

Willi Bolle, Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Professor titular sênior de Literatura na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). É autor dos livros *Fisiognomia da metrópole moderna* (1994), *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil* (2004), e *Boca do Amazonas: sociedade e cultura em Dalcídio Jurandir* (2020).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Ed. crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

BOLLE, Willi. Uma categoria geográfica que Alexander von Humboldt não citou. *Cerrados*, Brasília, n. 49, 2019, p. 72-98.

BOLLE, Willi. O retrato do Brasil no relato da viagem de Spix e Martius. *Anais da 72ª Reunião Anual da SBPC*. 2020. Disponível em: <http://reunioes.sbpcnet.org.br/72RA/textos/CO-WilliBolle.pdf>.

ETTE, Ottmar. *Alexander von Humboldt und die Globalisierung*. Frankfurt am Main e Leipzig: Insel Verlag, 2009.

ETTE, Ottmar (org.). *Alexander von Humboldt Handbuch: Leben – Werk – Wirkung*. Stuttgart: Metzler, 2018.

HOLL, Frank. *Alexander von Humboldt: mein vielbewegtes Leben – ein biographisches Porträt*. Berlin: Die Andere Bibliothek, 2017.



PDF

PUBLICADO

2022-04-29

COMO CITAR

Bolle, W. (2022). O caráter exemplar da obra de Alexander von Humboldt. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, 1(81), 18-41.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i81p18-41>

Formatos de Citação

EDIÇÃO

n. 81 (2022)

SEÇÃO

Artigos

LICENÇA

Copyright (c) 2022 Revista do Instituto de Estudos Brasileiros



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

- Todo o conteúdo do periódico, exceto onde está identificado, está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) do tipo atribuição BY-NC.

Fonte: [página da Rieb](#).

Figura 12 Exemplo de página de visualização e *download* de um artigo da *Rieb*

Zoom automático

O caráter exemplar da obra de Alexander von Humboldt

[*The exemplary qualities of Alexander von Humboldt's works*]

Willi Bolle¹

RESUMO · Da obra de Humboldt – que não foi autorizado a viajar pelo Brasil – são estudados: a apresentação científica e estética da natureza; a descrição de paisagens típicas; a valorização das culturas indígenas; os ensaios políticos sobre Cuba e o México; a crítica da escravização e a defesa da independência das colônias; a comparação entre os continentes e a visão do nosso planeta no conjunto do Universo. As ideias de preservação do meio ambiente e de uma humanidade que supere preconceitos e inimizades são um legado importante para nós, que vivemos – depois da era dos descobrimentos e a dos impérios – na terceira fase da globalização. · **PALAVRAS-CHAVE** · Viagens e explorações científicas; Alexander von Humboldt; visão global. · **ABSTRACT** · The exemplary qualities of Humboldt's works studied in this article are: a scientific and aesthetic view of nature, the description of typical landscapes, the valorization of indigenous cultures, the political essays on Cuba and Mexico, his critique of enslavement and defense of colonial independence, the comparison between continents and a view of our planet in the universe. His main legacy: environment preservation and peaceful coexistence among peoples. · **KEYWORDS** · Scientific journeys and expeditions; Alexander von Humboldt; global vision.

Recebido em 10 de fevereiro de 2022
Aprovado em 7 de março de 2022

BOLLE, Willi. O caráter exemplar da obra de Alexander von Humboldt. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 81, p. 18-41, abr. 2022.

 DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i181p18-41>

¹ Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

Fonte: [página da Rieb](#).

Se considerarmos que o artigo em pdf poderia ser acessado diretamente pelo título do texto, a página de metadados pareceria um excesso, inclusive porque repete muitas das informações que constam no documento. Entretanto, sua função de registrar e de certa forma garantir a visibilidade de cada texto individualmente fica clara quando observamos os tipos de dados que reúne e seu modo de organização. Além do recorte de elementos pontuais que compõem o gênero *artigo científico*, como título, nome dos autores e seus dados de afiliação, resumo e palavras-chave, biografia dos autores e lista de referências do texto, aparecem na página os *hiperlinks* para os perfis dos autores no ORCID (Open Researcher and Contributor ID) e o Digital Object Identifier (DOI), um gráfico com os números mensais de *download* do artigo e suas

possibilidades de citação segundo normas técnicas diversas. Em síntese, são priorizadas categorias que tratam da rastreabilidade dos artigos em bases de dados e índices bibliométricos, reforçando critérios quantitativos que levam à descaracterização do próprio gênero *periódico científico* em função das exigências para sua indexação e avaliação, o que traz limitações para periódicos como os das humanidades.

Reconhecendo o dilema que se impõe entre a necessidade de fazer parte desse funcionamento e os problemas a serem enfrentados pelas equipes editoriais para isso, o editor-executivo da *Rieb* chama a atenção para as restrições que o cumprimento de critérios como os do SciELO coloca:

O SciELO é o que nos dá mais trabalho, mas é também o que mantém a gente. É uma indexação um pouco mais reconhecida pela Capes no Qualis, então a gente mantém o SciELO a todo custo, a gente cumpre todas as regras. Inclusive a gente tem muito problema porque muita coisa que a gente quer fazer é um pouco, sei lá, bloqueada; [o SciELO] é um pouco restritivo por essas questões de norma do manual deles [critérios SciELO]. Então isso [a indexação na base SciELO] é, por um lado, bom, mas é um problema também. (Entrevista Rieb, 2018)

Para a *Rieb*, essas restrições afetam a própria circulação do periódico, que, ao ser desmembrado, tem prejuízos na composição dos seus dossiês temáticos, característicos de seu perfil interdisciplinar, e na divulgação do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) ao qual se vincula, uma de suas funções fundamentais. Na tentativa de driblar a sensibilização do *layout* do OJS para o acesso texto a texto, sua equipe editorial faz um esforço para a produção e a disponibilização também das edições completas da revista, que são indicadas pela apresentação da capa no topo da página principal de cada número, ao lado da descrição do seu escopo (Figura 13), e na página de metadados, à direita dos nomes dos autores, dados de afiliação, DOI e palavras-chave (Figura 14):

Figura 13 Capa de edição completa da *Rieb* na página principal

revista ieb

ATUAL ARQUIVOS SOBRE ▾

Q BUSCAR

INÍCIO / ARQUIVOS / n. 81 (2022)

n. 81 (2022)



A Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (RIEB) tem como missão refletir sobre a sociedade brasileira articulando múltiplas áreas do saber. Nesse sentido, empenha-se na publicação de artigos originais e inéditos, resenhas e documentos relacionados aos estudos brasileiros.

PUBLICADO: 2022-04-29

EDIÇÃO COMPLETA

PDF

IDIOMA

- English
- Español (España)
- Français (France)
- Português (Brasil)

Fonte: [página da Rieb](#).

Figura 14 Capa de edição completa da *Rieb* na página de metadados

revista ieb

ATUAL ARQUIVOS SOBRE ▾

Q BUSCAR

INÍCIO / ARQUIVOS / N. 81 (2022) / Artigos

O caráter exemplar da obra de Alexander von Humboldt

Willi Bolle
Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
<https://orcid.org/0000-0002-5909-4000>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.vii81p18-41>

Palavras-chave: Viagens e explorações científicas, Alexander von Humboldt, Visão global

RESUMO

Da obra de Humboldt – que não foi autorizado a viajar pelo Brasil – são



PDF

IDIOMA

- English
- Español (España)
- Français (France)
- Português (Brasil)

Fonte: [página da Rieb](#).

Apesar das duas indicações por meio da capa, a única forma de acessar de fato as edições completas do periódico é clicando no ícone do pdf posicionado abaixo de “edição completa”, na página principal de cada número (vide Figura 13 acima). O clique na imagem da capa tanto na página principal quanto na página de metadados direciona novamente para a página da revista que tem os artigos soltos, e não para o seu número completo. O ícone do pdf apresentado abaixo da capa na página de metadados (Figura 14 acima), por sua vez, direciona para o artigo individual em nova página para visualização e *download*. De novo, é priorizada a visibilidade de cada texto individualmente, agora a partir de uma navegação pouco intuitiva que, na contramão de um caminho já possibilitado pelo recurso da capa, reforça o não incentivo ao acesso de volumes completos.

Ao investigarmos a origem desse modelo de publicação, chegamos à recomendação dos critérios SciELO para a publicação contínua, pontuada no item *5.2.7 Fluxo de produção editorial – periodicidade, pontualidade e quantidade de artigos* do seu documento mais recente:

Os periódicos devem preferencialmente publicar os artigos de forma contínua ao longo do ano tão logo sejam aprovados e editados. Os artigos são reunidos em um volume anual com ou sem edições periódicas (números). Cada artigo é identificado por um número único dentro do volume e tem paginação sempre a partir de um. A publicação contínua contribui para acelerar a comunicação das pesquisas **e os periódicos operam como plataformas de publicação de artigos, e não mais como publicadores de edições periódicas**. Com a maioria dos periódicos publicando nesta modalidade, estabelece-se [que] a coleção SciELO promoverá um fluxo contínuo de comunicação das pesquisas com ganhos para todos os atores e interessados. (SCIELO, 2020, p. 21, grifos nossos)

Essa operação como plataforma de publicação de artigos em detrimento da publicação de edições periódicas é não só uma proposta do SciELO para todos os periódicos que queiram compor sua coleção, mas também uma prática adotada pela sua própria base de indexação, que dispensa qualquer elemento gráfico além do sumário simplificado que caracterize uma revista (Figura 15):

Figura 15 *Rieb* na página do SciELO

PORTUGUÊS ESPAÑOL
 Submission of manuscripts
 About the journal
 Editorial Board
 Instructions to authors

Journal homepage | all issues | « previous issue | **current issue** | next issue » | search | metrics

Table of contents

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Issue: 81, Published: 2022

Brasis sobrepostos: fontes da conformação e transformação do tempo Editorial
 Gouveia, Inês; Galvão, Luciana Suarez; Garcia, Walter
 Text: PT | PDF: PT

The exemplary qualities of Alexander von Humboldt's works Artigos
 Bolle, Willi
 Abstract: EN PT | Text: PT | PDF: PT

Observations and experiences of Alexandre Rodrigues Ferreira about agriculture in Pará (1784) Artigos
 Pataca, Ermelinda Moutinho
 Abstract: EN PT | Text: PT | PDF: PT

Celso Furtado, the Coup of 1964 and the Military Dictatorship Artigos
 ROSA, LILIAN DA
 Abstract: EN PT | Text: PT | PDF: PT

"What causes pleasure": lundu between neoclassicals and romantics at the Opera House of Ouro Preto Artigos
 Mayor, Mariana
 Abstract: EN PT | Text: PT | PDF: PT

Fonte: [página do SciELO](#).

Dada essa lógica da aceleração, evidenciada pela substituição dos periódicos científicos por plataformas que basicamente penduram artigos, notamos que o sistema de publicação contínua se sustenta em imaginários de uma produção científica hegemônica que se beneficia da não obrigatoriedade da composição de volumes e, conseqüentemente, do fim da publicação por periodicidade, desconsiderando a diversidade de áreas e as particularidades de seus objetos de estudo que fazem mais sentido na circulação por edições. Na página do SciELO apresentada acima (Figura 15), podemos observar que esses imaginários de hegemonia aparecem também no idioma predominante na plataforma, o inglês, usado como *default* nas páginas de todos os periódicos indexados pela instituição, mesmo nos casos de revistas que, como a *Rieb*, publicam majoritariamente em português. A tradução normalizada de todos os elementos da página e da revista, com exceção do título do periódico, do nome de suas seções e do título do editorial, demonstra que há um interesse preferencial na circulação internacional dos periódicos da coleção, o que está declarado no próprio documento de critérios do SciELO (2020, p. 16):

Os artigos devem conter título, resumo e palavras-chave no idioma original do texto do artigo e no idioma inglês, quando este não for o idioma original. O mesmo critério se aplica para o resumo visual. A linha de ação prioritária de internacionalização do SciELO busca maximizar o número de artigos originais e de revisão no idioma inglês de acordo com sua área temática.

Embora essa afirmação seja feita na seção do documento que incentiva o multilinguismo na comunicação científica, a exigência de título, resumo e palavras-chave em inglês, independentemente do segundo idioma de maior interesse de cada periódico, juntamente com a busca pela publicação de cada vez mais artigos completos também em inglês, reforça o imaginário de que internacionalizar a produção científica é necessariamente publicar em inglês. Há, portanto, uma contradição quando a instituição afirma em seus critérios que os periódicos “podem publicar todos os artigos em único idioma, todos os artigos simultaneamente em mais de um idioma, alguns artigos em um idioma e outros em outro idioma e ainda outros simultaneamente em mais de um idioma” (SCIELO, 2020, p. 16), mas enfatiza o uso do inglês pela sua recomendação no mesmo documento, pela exigência da tradução dos elementos pré-textuais e pelo seu emprego como o padrão da plataforma.

A contraposição entre interesses globais e locais aparece também em outras exigências do SciELO para a indexação de revistas. A *CBTO* precisou marcar sua circulação nacional em vez de institucional no nome, que desde então passou a ser grafado sempre com sua versão em inglês:

*Essa foi uma indicação. A gente fez uma solicitação no ano passado para a SciELO e foi recusada, e uma das questões que eles colocaram é que a revista demonstra uma abrangência nacional, mas seu nome é institucional, e que eles entendiam que isso era parte de um processo histórico, mas que a gente deveria mudar. A gente vem discutindo isso há bastante tempo porque dá uma marca muito forte chamar “da UFSCar”, né, então a gente vinha pensando como fazer, aí algumas pessoas da área de biblioteconomia tinham indicado para tentar umas primeiras indexações com o nome original pra depois poder fazer aquela vinculação de “continuidade de...”, para não parecer uma nova revista, ter que aguardar 2 anos etc. Então a gente fez esses processos e aí a partir do número 2 de 2017 a gente mudou de nome, então é *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy*; a gente já colocou os dois títulos. (Entrevista *CBTO*, 2017)*

Ressaltando outros problemas da disposição dos artigos em indexadores como o SciELO, o editor-executivo da *Rieb* aponta as diferenças entre o que é possível fazer neste e no portal de periódicos da USP (OJS):

A necessidade de colocar no site do SciELO texto por texto se dá pelas marcações XML. O SciELO é muito padronizado, então, por exemplo, quando a gente vai subir os arquivos no Portal de Revistas da USP [outro indexador], isso tem que ser feito manualmente; você coloca a capa, o sumário, o arquivo completo, e isso tudo não tem nos outros indexadores, não tem no SciELO e não tem na Redalyc, porque são indexadores diferentes. No Portal de Revistas da USP, isso é feito de um jeito na minha opinião bem melhor, porque fica mais com uma “cara de revista”: você entra e vê a capa, o sumário da forma como está lá [na edição completa], as páginas... Tem uma série de coisas ali que te dão mais ou menos uma noção de que você está dentro do sumário de uma revista. No SciELO não tem capa, não tem expediente, não tem sumário, não tem os critérios [as normas da revista]; nada que não seja artigo e que não seja científico está lá. Por exemplo, os critérios que estão no final da revista não estão lá, o informe IEB, que a gente coloca como news ou notícias, não está lá; eles só consideram aquilo que tem DOI, ou seja, só artigos, resenhas e documentos. Você entra lá [na página do SciELO] e só sabe que aquilo é da revista porque está na aba ou debaixo do nome da revista; fica tudo jogado ali, não parece uma revista. Tudo é contado como números. No Portal de Revistas da USP já se trabalha um pouco diferente, com uma noção de revista, inclusive na navegação. No SciELO e na Redalyc, você acessa as abas com os números anteriores; você tem lá atual, arquivo, mas você navega numa sequência de artigos, ou seja, se esses artigos são de um dossiê, eles estão junto com todos, eles não são agrupados por dossiês. Nesse sentido, o Portal de Revistas da USP é um pouco melhor para navegar, conhecer, baixar, você tem lá nomes de quem fez, tem o pdf, que você baixa se quiser. (Entrevista Rieb, 2018)

É interessante observar que os elementos valorizados pelo profissional no portal da USP são todos aqueles que sinalizam a “cara de revista” que ele menciona, isto é, que funcionam como vetores de sensibilidade do periódico completo, subvertendo em certa medida o condicionamento do gênero ao OJS e ao modelo do indexador SciELO: embora o sumário com as seções que constam no volume completo seja usual também na *Geousp*, na *CBTO* e na *Cerâmica*, a capa de cada edição completa, os próprios volumes completos e a paginação dos artigos por volume são recursos produzidos apenas pela *Rieb*. A *CBTO* apresenta uma capa genérica com o nome do periódico na página de todos os números publicados, mas não disponibiliza edições completas. Tanto ela quanto a *Geousp* aderiram à paginação recomendada pelo SciELO para a publicação contínua, pela qual “cada artigo é identificado por um número único dentro do volume e tem paginação sempre a partir de um” (SCIELO, 2020, p. 21), e a *Cerâmica* aderiu completamente ao fluxo contínuo, publicando os artigos avulsos em edições anuais (Figura 16).

Figura 16 Alguns detalhamentos da estrutura das quatro revistas do corp us

revista ieb

ATUAL ARQUIVOS SOBRE -

INÍCIO / ARQUIVOS / n. 81 (2022)

n. 81 (2022)

A Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (RIEB) tem como missão refletir sobre a sociedade brasileira articulando múltiplas áreas do saber. Nesse sentido, empenha-se na publicação de artigos originais e inéditos, resenhas e documentos relacionados aos estudos brasileiros.

PUBLICADO: 2022-04-29

EDIÇÃO COMPLETA

PDF

EDITORIAL

Brasis sobrepostos: fontes da conformação e transformação do tempo
Inês Gouveia, Luciana Suarez Galvão, Walter Garcia

13-16

ARTIGOS

O caráter exemplar da obra de Alexander von Humboldt
Willi Bolle

18-41

Ge USP espaço e tempo

ATUAL ARQUIVOS NOTÍCIAS SOBRE -

INÍCIO / ARQUIVOS / v. 26 n. 1 (2022)

v. 26 n. 1 (2022)

PUBLICADO: 2022-04-28

EDITORIAL

Círculo superior e círculo inferior na publicação de periódicos científicos
Adriana Dorfman

e-195555

PDF (ENGLISH) PDF XML

ENSAIO

Notas sobre a diferenciação espacial
Roberto Lobato Corrêa

e-193069

PDF (ENGLISH) PDF XML

ARTIGOS

Utopias Urbanas desde o Giro Decolonial
Ester Limonad, Roberto Luís Monte-Mór

e-189578

PDF XML

TERAPIA OCUPACIONAL

Sobre - Políticas Editoriais - Atual Arquivos Equipe Editorial Indexação

Início / Arquivos / v. 30 n. spe

v. 30 n. spe

Publicado: 2022-06-21

Editorial

(Des)Conexões entre justiça ocupacional e justiça social: uma entrevista com Gail Whiteford1 e Lillian Magalhães
Michael Palapal Sy, Daniela Castro de Jong, Rebecca Twinley, Kee Hean Lim, Kee Hean Lim, Patrícia Leme de Oliveira Borba

e30202202

PDF (English) PDF

Preenchendo lacunas críticas em justiça ocupacional e justiça social nas práticas em terapia ocupacional
Elizabeth Townsend

e30202201

PDF (English) PDF

Artigo Original

Pedagogias dentro do currículo de terapia ocupacional: centrando uma práxis decolonial na prática de desenvolvimento comunitário
Roshan Galvaan, Liesl Peters, Leigh Ann Richards, Mellisa Francke, Meghan Krenzer

e3133

PDF (English)

CERÂMICA INDUSTRIAL

REVISTA DO INSTITUTO DE CERÂMICA BRASILEIRO

HOME | SOBRE A REVISTA | CORPO EDITORIAL | INSTRUÇÕES E POLÍTICAS | EDIÇÃO ATUAL | CONTATO

Edição Atual
Volume 27, Número 1, 2022 Jan/Dez

REGULAR

<https://doi.org/10.4322/cerind.2021.006>
Otimização do processo de moagem em moinho planetário
Beatriz Alves Sartor, Emily Nauana Marques Rodrigues, Gabriel Goularti Brunel, Layrine Geremias, Liairon Elias, Maria Eduarda Souza da Rosa, Suelen Reus Savi, Vitória Spadel Baesso, Priscilla Barreto, Marcelo Dal Bó

Processamento

PDF Resumo

<https://doi.org/10.4322/cerind.2022.001>
Relação entre absorções de peças cerâmicas medidas pelos métodos fervura e a vácuo
Pedro Jorge Martins Bichara Sobreira, Deivids Pontes de Miranda

Revestimentos

PDF Resumo

<https://doi.org/10.4322/cerind.2022.002>
A retração das argamassas colantes e o gretamento dos esmaltes de placas cerâmicas assentadas
Natã Ferraz dos Santos, Fábio G. Melchhiades, Anselmo O. Boschi

Placas Cerâmicas

PDF Resumo

<https://doi.org/10.4322/cerind.2022.004>
Análise da viabilidade da utilização de resíduos do processo de fundição em areia verde na confecção de blocos solo-cimento
Niander Aguiar Cerqueira, Victor Barbosa de Souza, Lucas Xavier Pereira da Silva, Guilherme Moura Reis Coutinho, Marcelo Neves Barreto

Blocos cerâmicos

PDF Resumo

<https://doi.org/10.4322/cerind.2022.003>
Avaliação da adição do resíduo lama de cal, proveniente da indústria de papel, em massa cerâmica
Dieury de Lima Carvalho, Kethlenn Ramos, Adilson Luiz Chinelatto, Adriana Scoton Antonio Chinelatto

Porcelanas

PDF Resumo

Fonte: páginas da [Rieb](#), [Geusp](#), [CBTO](#) e [Cerâmica](#).

No comparativo das quatro revistas acima, podemos notar que esses elementos da *Rieb* não provocam alterações significativas em termos de *layout*, mesmo no caso da descrição do seu escopo, mantida ao lado da capa da edição completa, outro recurso que chama a atenção para a composição do periódico em vez dos artigos soltos. Porém, a subversão está nos mundos éticos que são acionados pela possibilidade de o leitor acessar o volume completo, os quais promovem efeitos de sentido contrários àqueles discursivizados pelas matrizes de sociabilidade de que falamos aqui – o sistema vigente de comunicação científica e as instituições, empresas e instâncias que o sustentam.

Enquanto o desmembramento das edições e a publicação contínua são incentivados por essas matrizes como contribuições para uma circulação mais dinâmica da produção científica a partir de artigos – “para acelerar a comunicação das pesquisas”, uma vez que estes devem ser publicados “tão logo sejam aprovados e editados” (SCIELO, 2020, p. 21) –, a confecção de volumes completos evidencia que existem tipos de produção científica que não cabem e/ou não têm interesse em caber nessa lógica da unidade e da aceleração. Nesse embate, o que está em jogo é mais do que o gênero discursivo que a “cara de revista” representa: é a cultura científica que esse objeto editorial pode promover ou rejeitar.

No caso da *Rieb*, a análise de uma de suas edições completas em comparação com suas versões nos portais da USP e da SciELO explicita que há perdas tanto para a produção do conhecimento que publica quanto para o registro dessa produção quando é feito o seu desmembramento. Tomemos como exemplo o número 78 da revista, publicado em 2021³⁶. Composto de um dossiê temático (característico de seu perfil interdisciplinar, como já dissemos), intitulado *Celso Furtado, transdisciplinar e contemporâneo*, o número tem um editorial, doze artigos que constituem o dossiê, um ensaio de documentação e duas resenhas que também tratam do autor homenageado (Figuras 17, 18 e 19):

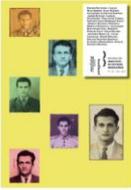
³⁶ Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/issue/view/11983/2023>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Figura 17 Sumário da edição completa do n. 78 (2021) da *Rieb*

13	Editorial - CELSO FURTADO, centenário		
	DOSSIÊ • DOSSIER)		
17	Apresentação - Celso Furtado, transdisciplinar e contemporâneo		
25	Celso Furtado, pensador global [<i>Celso Furtado, global thinker</i> • Rubens Ricupero		
35	El desafío de la sustitución de importaciones de las categorías occidénticas: Celso Furtado [<i>The challenge of the import substitution of western categories: Celso Furtado</i> • Carlos Malloquin		
66	Celso Furtado: por uma ciência econômica iconoclasta e inconformista [<i>Celso Furtado: for an iconoclastic and nonconformist economic science</i> • Elisa Klüger		
86	Celso Furtado, intérprete do Brasil [<i>Celso Furtado, interpreter of Brazil</i> • Alexandre de Freitas Barbosa		
108	"Pouco mais do que uma viagem de turismo": as viagens de juventude de Celso Furtado [<i>"Little more than a tourist trip": the youth travels of Celso Furtado</i> • Carmen Felgueiras		
135	A teoria do subdesenvolvimento e o projeto desenvolvimentista de Celso Furtado: reflexões sobre os limites do liberalismo [<i>The theory of underdevelopment and Celso Furtado developmental project: reflections on the limits of liberalism</i> • Vera Alves Cepêda • Gustavo Louis Henrique Pinto		
156	O pensamento de Celso Furtado sobre Estado e planejamento [<i>Celso Furtado's thought about State and planning</i> • Renato Nataniel Wasques		
182	Celso Furtado, intérprete da dependência [<i>Celso Furtado, interpreter of dependency</i> • Rômulo Manzatto • Alexandre Macchione Saes		
206	A história vista pelas lentes das ciências sociais: uma interpretação de <i>Economia colonial brasileira nos séculos XVI e XVII</i>, de Celso Furtado • [<i>History seen through the lens of the social sciences: an interpretation of "Economia colonial brasileira nos séculos XVI e XVII" by Celso Furtado</i> • Roberto Pereira Silva		
223	Celso Furtado e a antropologia: notas para o diálogo entre economia política e estudos culturais [<i>Celso Furtado and anthropology: notes for the political economy and cultural studies dialogue</i> • César Bolaño		
240	Leituras em competição (à distância): dois experimentos de pesquisa a partir da obra de Celso Furtado [<i>Readings in competition (at a distance): two research experiments based on the work of Celso Furtado</i> • Antonio Brasil Jr. • Lucas Carvalho • Karim Helayel		
	DOCUMENTAÇÃO • DOCUMENTS)		
274	Volta às fontes batismais: Celso Furtado e a profecia da Sudene [<i>Back to baptismal fonts: Celso Furtado and Sudene's prophecy</i> • Darlan Praxedes Barboza • Elisabete Marin Ribas		
	RESENHAS • BOOK REVIEWS)		
303	Celso Furtado, os Diários intermitentes e o Brasil: as memórias de um intelectual público [<i>Celso Furtado, "Diários intermitentes" and Brazil: the memories of a public intellectual</i> • Rafael Pacheco Mourão		
315	Destecer os 60 anos de <i>Formação econômica do Brasil</i> [<i>Unweave the 60 years of "Formação econômica do Brasil"</i> • Gustavo Louis Henrique Pinto		

Fonte: [n. 78 \(2021\) da Rieb](#).

Figura 18 Versão do n. 78 (2021) da *Rieb* no portal da USP

<p>revistaieb</p> <p>ATUAL ARQUIVOS SOBRE -</p> <p>INÍCIO / ARQUIVOS / n. 78 (2021)</p> <p>n. 78 (2021)</p>  <p>A Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (RIEB) tem como missão refletir sobre a sociedade brasileira articulando múltiplas áreas do saber. Nesse sentido, empenha-se na publicação de artigos originais e inéditos, resenhas e documentos relacionados aos estudos brasileiros.</p> <p>PUBLICADO: 2021-05-04</p>		<p>"Pouco mais do que uma viagem de turismo" as viagens de juventude de Celso Furtado Carmen Felgueiras 108-134 PDF</p> <p>A teoria do subdesenvolvimento e o projeto desenvolvimentista de Celso Furtado reflexões sobre os limites do liberalismo Vera Cepêda, Gustavo Louis Henrique Pinto 135-155 PDF</p> <p>O pensamento de Celso Furtado sobre Estado e planejamento Renato Wasques 156-181 PDF</p> <p>Celso Furtado, intérprete da dependência Rômulo Manzatto, Alexandre Saes 182-205 PDF</p> <p>A história vista pelas lentes das ciências sociais uma interpretação de Economia colonial brasileira nos séculos XVI e XVII, de Celso Furtado Roberto Silva 206-222 PDF</p> <p>Celso Furtado e a antropologia notas para o diálogo entre economia política e estudos culturais César Bolaño 223-239 PDF</p> <p>Leituras em competição (à distância) dois experimentos de pesquisa a partir da obra de Celso Furtado Antonio Brasil Junior, Lucas Carvalho, Karim Helayel 240-272 PDF</p> <p>DOCUMENTAÇÃO</p> <p>Volta às fontes batismais Celso Furtado e a profecia da Sudene Darlan Barboza, Elisabete Ribas 274-301 PDF</p> <p>RESENHAS</p> <p>Celso Furtado, os Diários intermitentes e o Brasil as memórias de um intelectual público Rafael Mourão 303-314 PDF</p> <p>Destecer os 60 anos de Formação econômica do Brasil Gustavo Louis Henrique Pinto 315-321 PDF</p>
<p>EDIÇÃO COMPLETA</p> <p>PDF</p>		
<p>EDITORIAL</p> <p>Celso Furtado, centenário Fernando Paixão, Inês Gouveia, Luciana Galvão 13-15 PDF</p>		
<p>DOSSIÊ: CELSO FURTADO, TRANSDISCIPLINAR E CONTEMPORÂNEO</p> <p>Apresentação - Celso Furtado, transdisciplinar e contemporâneo Alexandre Barbosa, André Botelho, Vera Cepêda, Alexandre Saes 17-24 PDF</p> <p>Celso Furtado, pensador global Rubens Ricupero 25-34 PDF</p> <p>El desafío de la sustitución de importaciones de las categorías occidentricas Celso Furtado Carlos Mallorquin 35-64 PDF</p> <p>Celso Furtado por uma ciência econômica iconoclasta e inconformista Eisa Klüger 66-85 PDF</p> <p>Celso Furtado, intérprete do Brasil Alexandre Barbosa 86-107 PDF</p>		

Fonte: [página da Rieb](#).

Figura 19 Versão do n. 78 (2021) da *Rieb* no portal do SciELO

SciELO *revista ieb* **Open Access**
 Revista do Instituto de Estudos Brasileiros
 Publicação de: Instituto de Estudos Brasileiros
 Área: Ciências Humanas
 Versão impressa ISSN: 0020-3874 Versão on-line ISSN: 2316-901X

ESPAÑOL ENGLISH
 Submissão de manuscritos
 Sobre o periódico
 Corpo Editorial
 Instruções aos autores

home do periódico todos os números número anterior número atual número seguinte buscar métricas

Compartilhe

Sumário

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Número: 78, Publicado: 2021

Celso Furtado, centenário **Editorial**
 Paixão, Fernando; Gouveia, Inês Cordeiro; Galvão, Luciana Suarez
 Texto: PT | PDF: PT

Celso Furtado, transdisciplinar e contemporâneo **Dossiê**
 Barbosa, Alexandre de Freitas; Botelho, André; Cepêda, Vera Alves; Saes, Alexandre Macchione
 Texto: PT | PDF: PT

Celso Furtado, pensador global **Dossiê**
 Ricupero, Rubens
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

El desafío de la sustitución de importaciones de las categorías occidénticas: Celso Furtado **Dossiê**
 Mallorquin, Carlos
 Resumo: EN ES | Texto: ES | PDF: ES

Celso Furtado: por uma ciência econômica iconoclasta e inconformista **Dossiê**
 Klüger, Elisa
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

Celso Furtado, intérprete do Brasil **Dossiê**
 Barbosa, Alexandre de Freitas
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

"Pouco mais do que uma viagem de turismo": as viagens de juventude de Celso Furtado **Dossiê**
 Felgueiras, Carmen
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

A teoria do subdesenvolvimento e o projeto desenvolvimentista de Celso Furtado: reflexões sobre os limites do liberalismo **Dossiê**
 Cepêda, Vera Alves; Pinto, Gustavo Louis Henrique
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

O pensamento de Celso Furtado sobre Estado e planejamento **Dossiê**
 Wasques, Renato Nataniel
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

Celso Furtado, intérprete da dependência **Dossiê**
 Manzatto, Rômulo; Saes, Alexandre Macchione
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

A história vista pelas lentes das ciências sociais: uma interpretação de Economia colonial brasileira nos séculos XVI e XVII, de Celso Furtado **Dossiê**
 Silva, Roberto Pereira
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

Celso Furtado e a antropologia: notas para o diálogo entre economia política e estudos culturais **Dossiê**
 Bolaño, César
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

Leituras em competição (à distância): dois experimentos de pesquisa a partir da obra de Celso Furtado **Dossiê**
 Brasil Jr., Antonio; Carvalho, Lucas; Helalay, Karim
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

Volta às fontes batismais: Celso Furtado e a profecia da Sudene **Documentação**
 Barboza, Darlan Praxedes; Ribas, Elisabete Marin
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

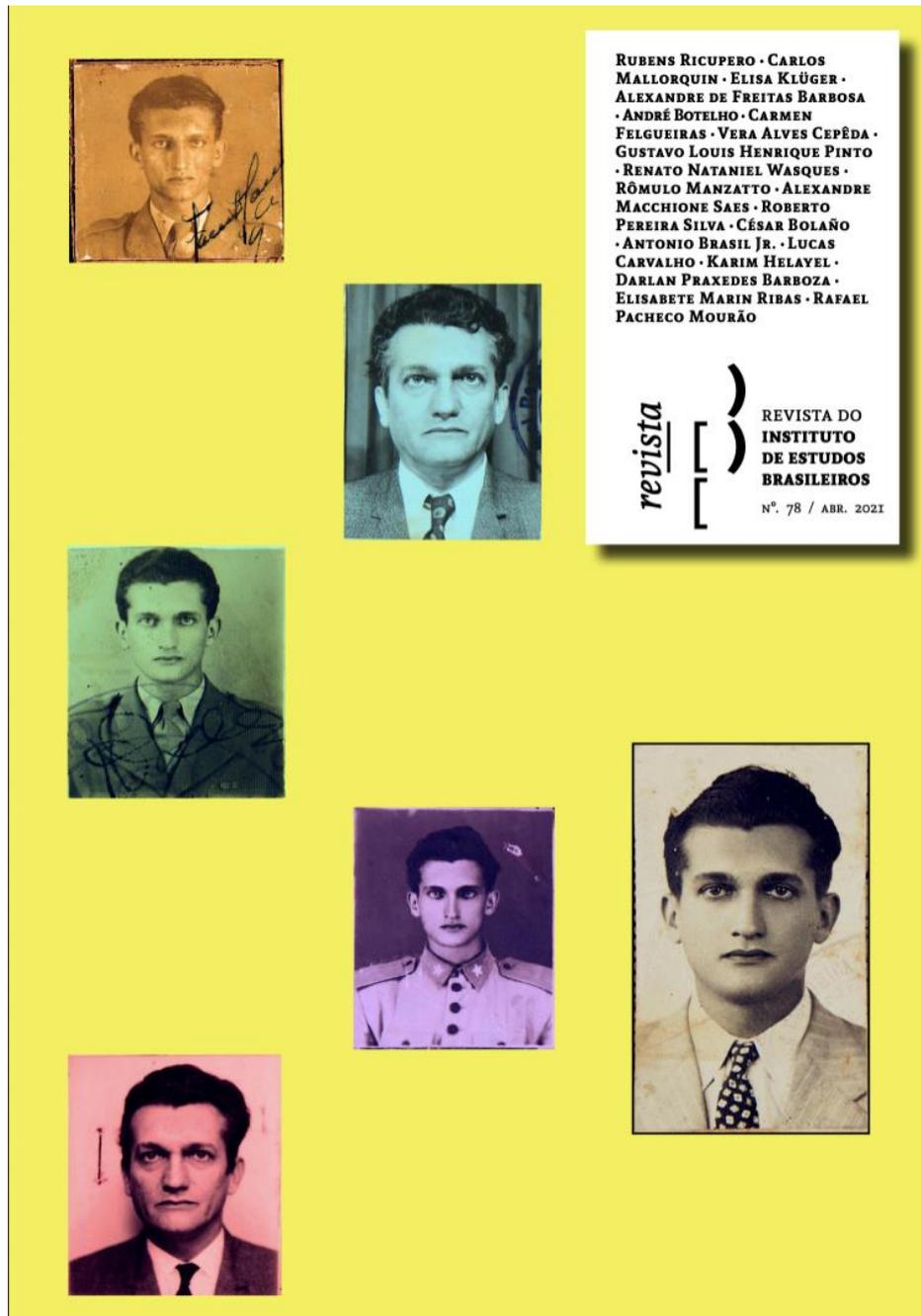
Celso Furtado, os Diários Intermitentes e o Brasil: as memórias de um intelectual público **Resenhas**
 Mourão, Rafael Pacheco
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

Destecer os 60 anos de Formação econômica do Brasil **Resenhas**
 Pinto, Gustavo Louis Henrique
 Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

Fonte: [página do SciELO](#).

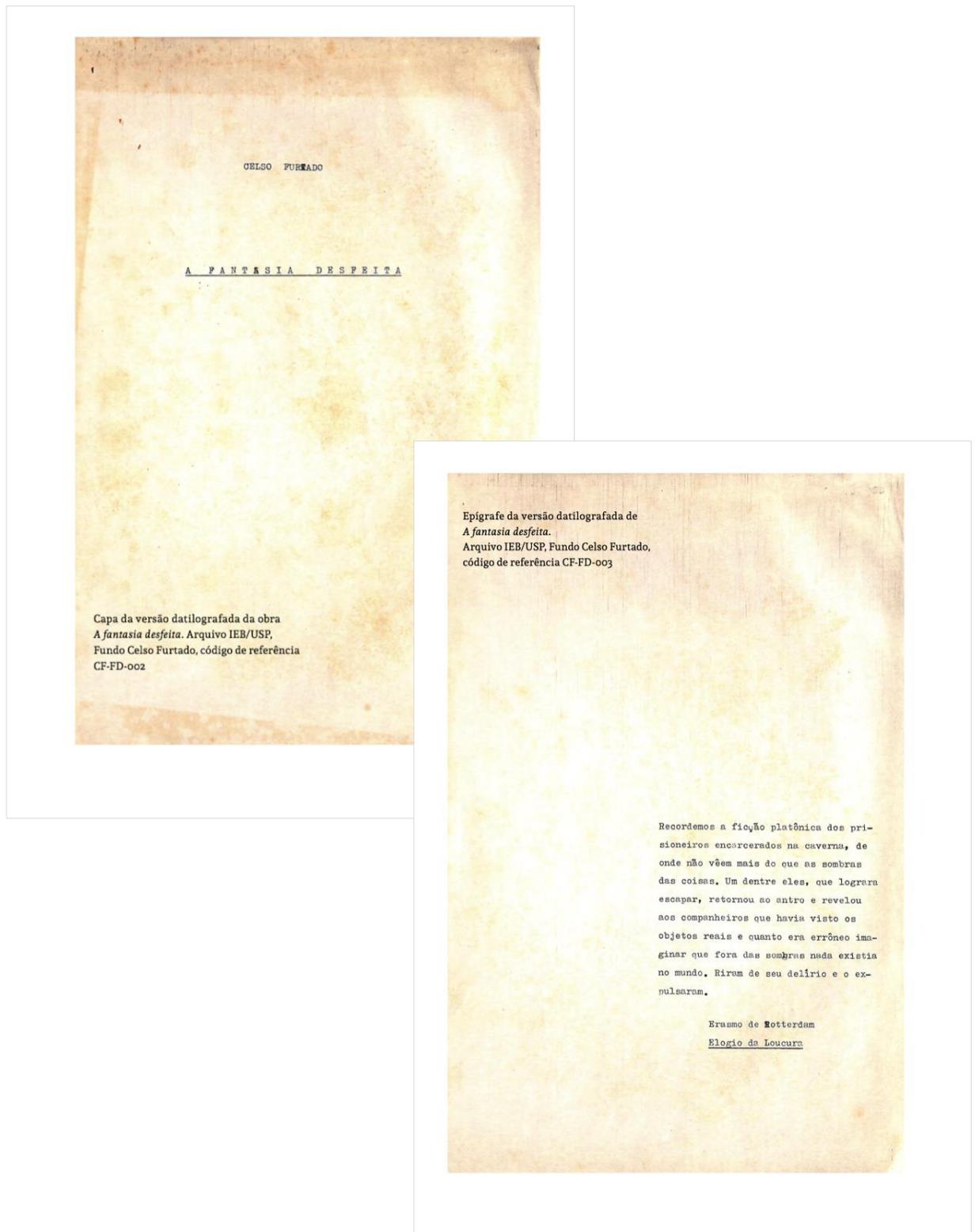
Além desses textos, a edição completa também reúne imagens de materiais do acervo do IEB que demarcam aspectos de vida e obra do pensador brasileiro. Algumas delas compõem a capa e as sete páginas do caderno de imagens, posicionado entre a capa e a folha de créditos da revista (Figuras 20 e 21):

Figura 20 Capa da edição completa



Fonte: [n. 78 \(2021\) da Rieb.](#)

Figura 21 Caderno de imagens da edição completa



Nombre: Celso Furtado

Categoría: Jefe Sec. Desarrollo

División: CEPAL-NU-México

Dirección particular:
Montes Urales 465-A

Estatura 1.78 Peso 76 kgs

Ojos: Verdes Pelo: Castaño

Fecha: 2 de marzo de 1956

Firma: *Celso Furtado*

Esta tarjeta es personal y no tiene otro fin que el de identificar a la persona a cuyo favor se expide.

Carteira funcional da Cepal. Arquivo IEB/USP.
Fundo Celso Furtado, código de referência CF-CEPAL-007

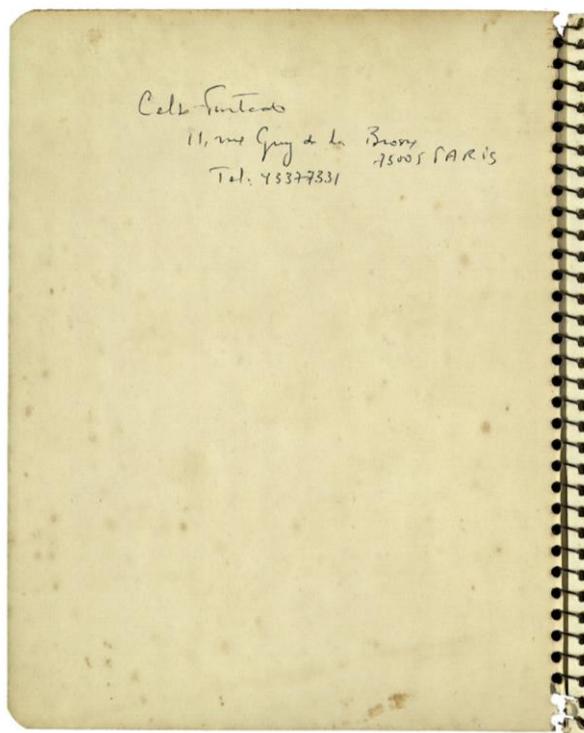
TARJETA DE IDENTIDAD NO. 29

 NACIONES UNIDAS MEXICO

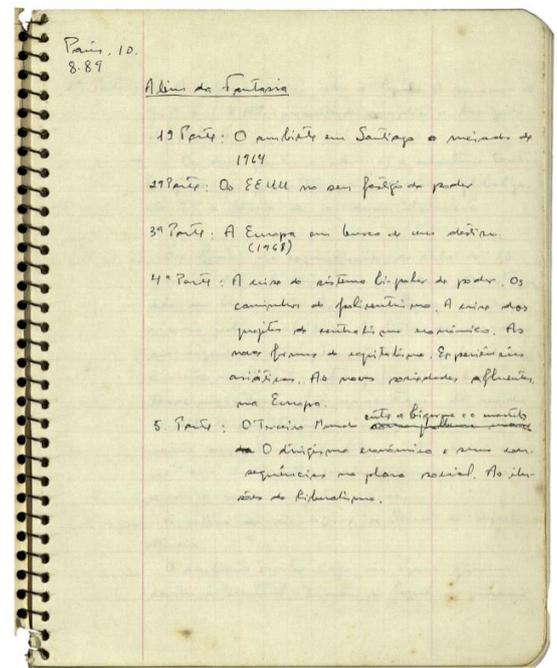
CERTIFICAMOS QUE
el señor Celso Furtado

cuya fotografía y firma aparecen al reverso de esta tarjeta
es funcionario de la Comisión Económica para América Latina de las Naciones Unidas en México.

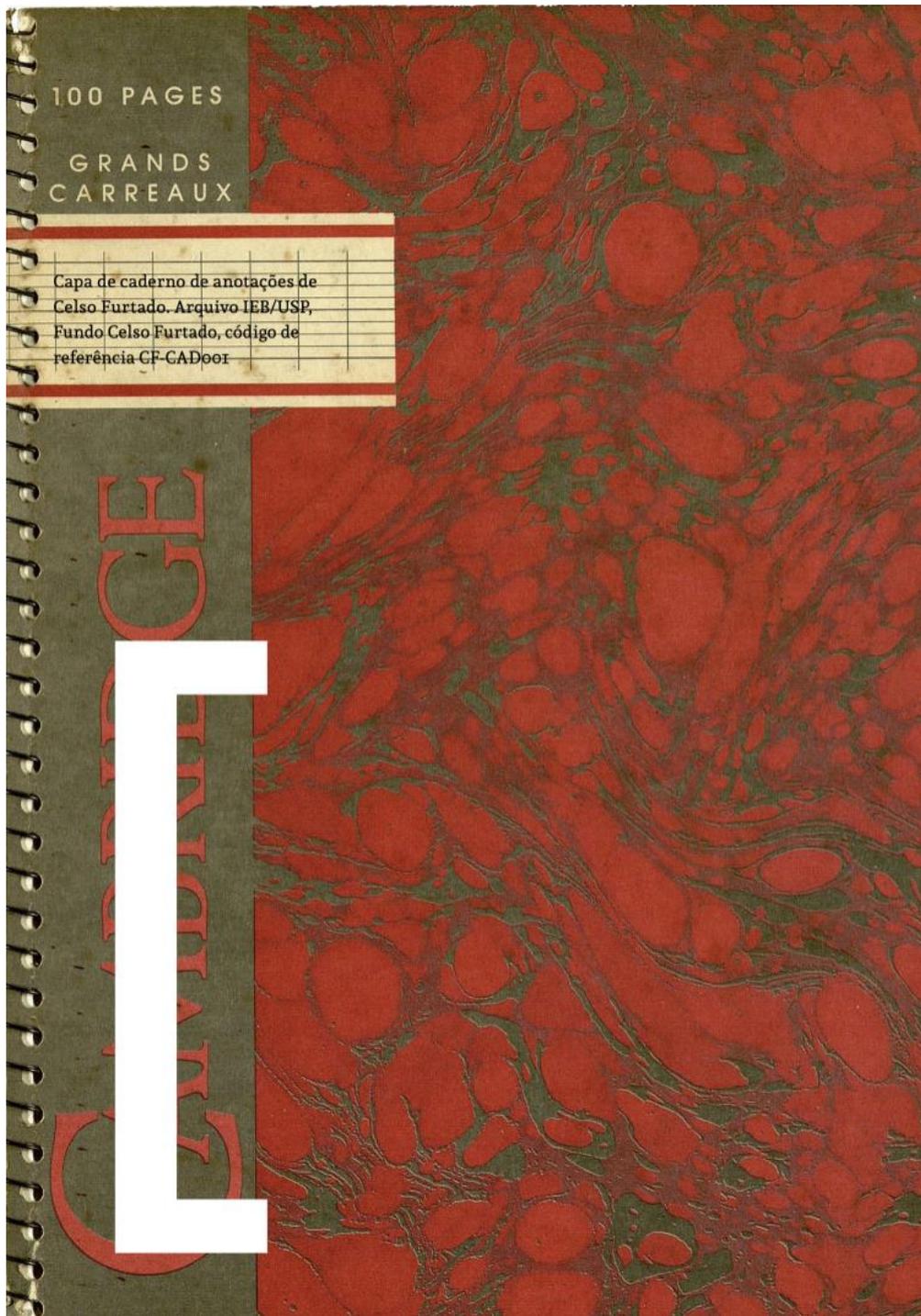
Firma autorizada: *S. O'Hare*
Jefe Administrativo



Interior da capa de caderno de anotações de Celso Furtado, em que se lê o registro de seu nome, seguido de seu endereço e telefone.
Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-CAD001



Primeira página do caderno de Celso Furtado, em que se vê a inscrição de local e data "Paris / 10.8.89". Ao lado se lê o título do livro - "Além da fantasia" - posteriormente alterado para "Os ares do mundo".
Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-CAD002



Fonte: [n. 78 \(2021\) da Rieb.](#)

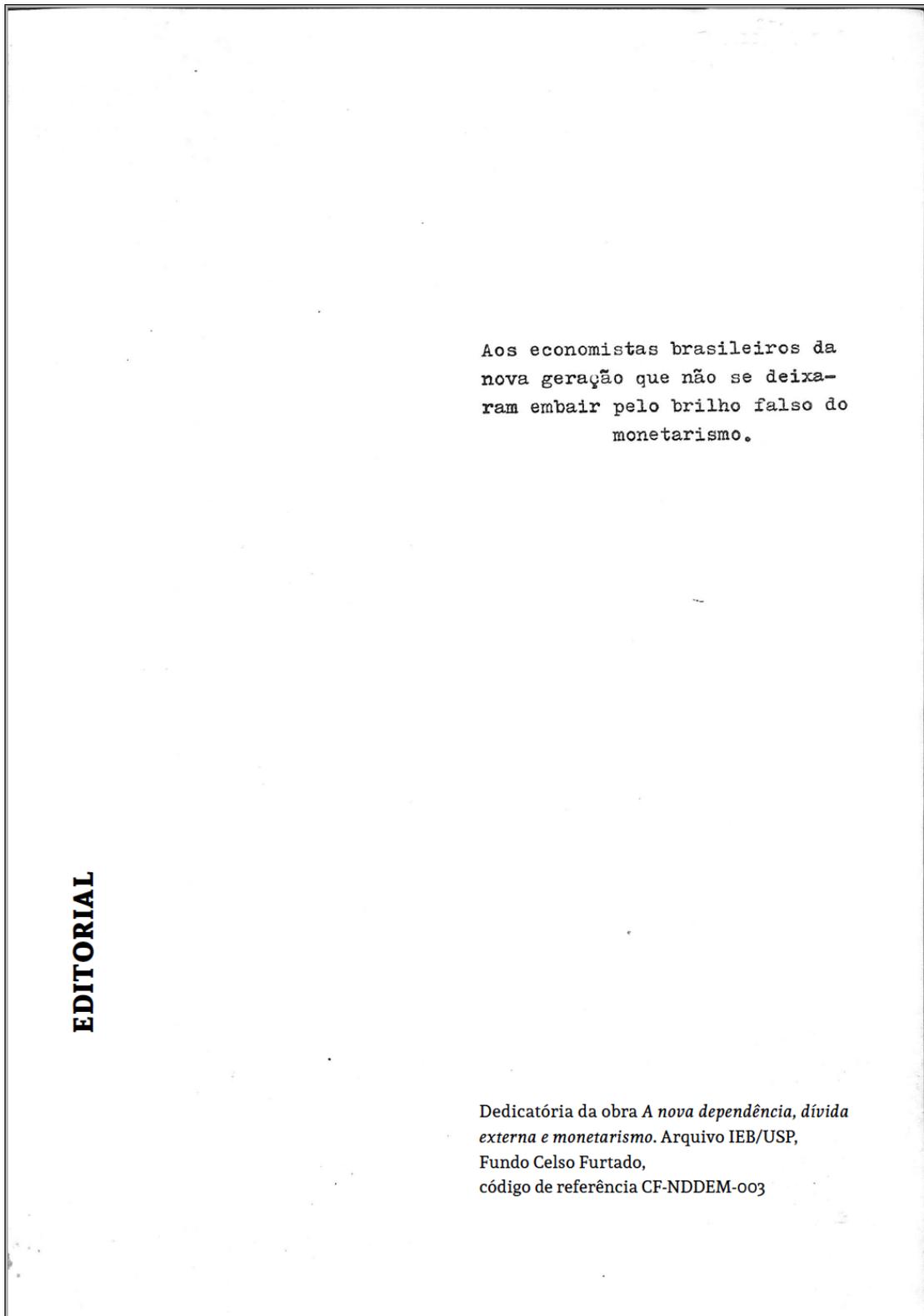
É possível observar que o trabalho de curadoria desses materiais se deteve na função documental do dossiê, comemorativo do centenário de Furtado, trazendo partes de obras datilografadas, cadernos de anotações do autor, fotografias e outros indícios de seu histórico de formação, atuação profissional e deslocamento. Logo no editorial da revista, nos deparamos com a relação inextricável entre o próprio dossiê e o acervo do IEB:

É importante destacar que este dossiê apenas existe graças à doação do arquivo e da biblioteca de Celso Furtado realizada por Rosa Freire d'Aguiar ao IEB no ano de 2019. As fotos e os documentos que o acompanham fazem parte desse valioso acervo. Desde então o IEB tem promovido um conjunto de atividades com o objetivo de contribuir para a divulgação e o debate em torno do pensamento dessa grande figura brasileira. Nesse sentido, como parte das atividades do seu centenário, o IEB organizou uma sequência de podcasts, os IEBinários Celso Furtado e um curso de pós-graduação sobre o seu método, trajetória e obra, além de ter estabelecido parcerias para a realização de seminários e publicações sobre Formação econômica do Brasil e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Essas iniciativas culminam agora neste dossiê, preparado de forma criteriosa por seus organizadores, que trataram de resgatar novos olhares sobre o intelectual a partir da dupla chave da transdisciplinaridade e contemporaneidade. (PAIXÃO; GOUVEIA; GALVÃO, 2021, p. 14)

Como a existência do dossiê está condicionada à existência do fundo documental de Celso Furtado no IEB, a função do periódico de divulgar o acervo do instituto é enfatizada nessa edição, cujo trabalho iconográfico do caderno de imagens dialoga, portanto, mais especialmente com os textos que a integram. Essa função se perde na disposição da revista nas plataformas da USP e do SciELO, que, ao listarem apenas os textos com DOI do referido volume, não têm espaço para esse tipo de material (vide Figuras 18 e 19). Consequentemente, a função documental do dossiê de que falamos acima também é afetada, já que há o apagamento desse diálogo construtivo de uma memória sobre a vida e a obra do intelectual e sua preservação no acervo do IEB que ressoa nessa publicação comemorativa.

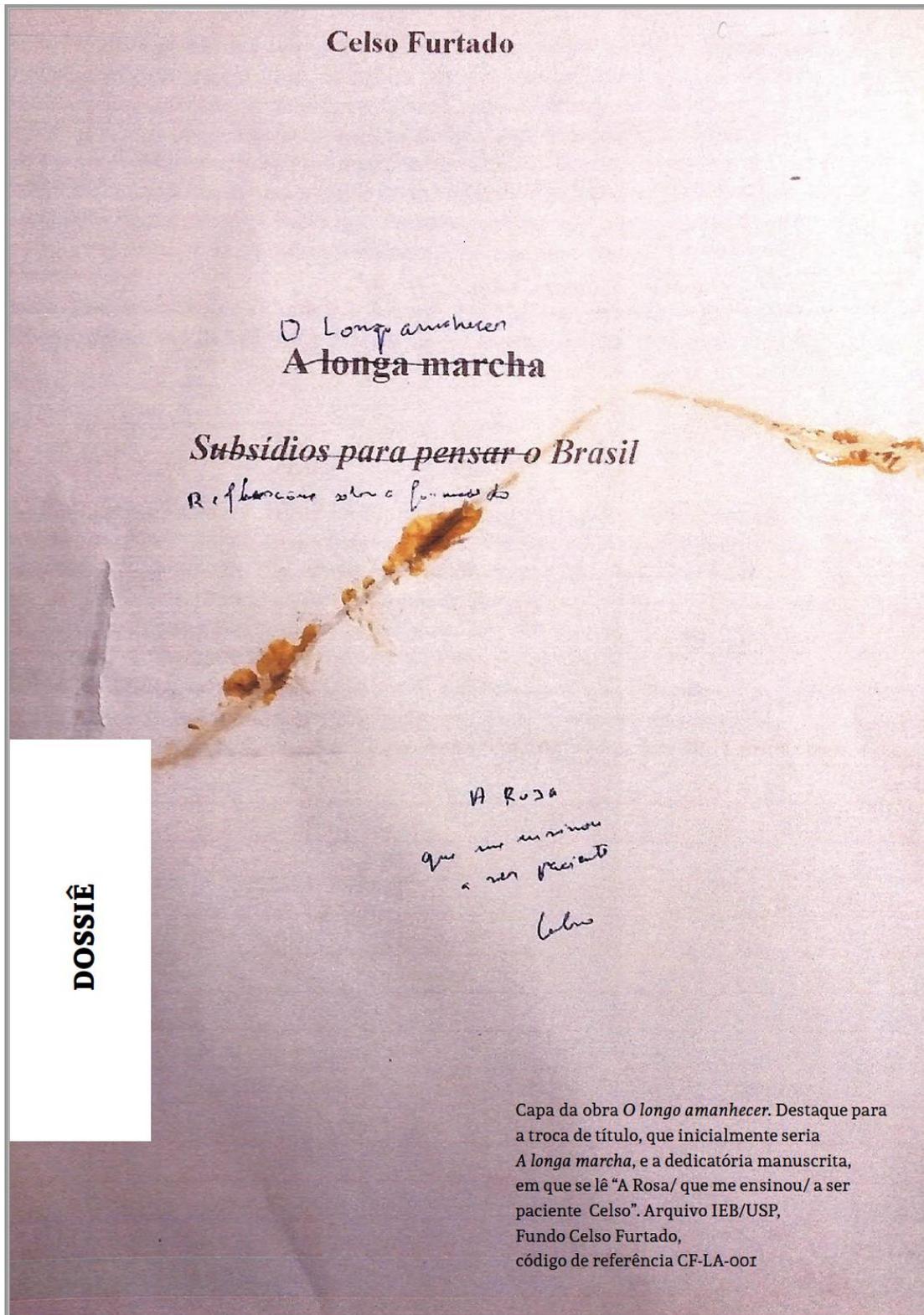
O mesmo apagamento é reiterado nas quatro seções da edição (editorial, dossiê, documentação e resenhas), que, ao serem desmembradas, perdem as páginas introdutórias que trazem mais materiais do arquivo de Furtado (Figuras 22 a 25):

Figura 22 Página introdutória do editorial



Fonte: [n. 78 \(2021\) da Rieb.](#)

Figura 23 Página introdutória do dossiê



Fonte: [n. 78 \(2021\) da Rieb](#).

Figura 24 Página introdutória da documentação

CF-LA-002

Quarta capa:

Muitos foram os estudiosos da nossa realidade que nos deixaram obras que têm sido objeto de frutuosa reflexão dentro e fora do país. Contudo, esse esforço de compreensão do processo histórico de construção deste país continental tem-se tornado menos eficaz à medida que as forças do processo de globalização tendem a prevalecer. A tradição tem sido pensar o Brasil como um ente histórico que se formou sob a impulsão de fatores endógenos, quando na verdade este país surgiu como uma feitoria comandada de fora para dentro e evoluiu ao sabor da conjuntura internacional. Ocorre que estamos vivendo uma mutação nas relações internacionais de conseqüências particularmente graves em países com agudas desigualdades sociais como é o nosso.

Esta é a problemática de que se ocupa *O longo amanhecer - reflexões sobre a formação do Brasil*, livro que se inscreve na linha de reflexão das obras mais recentes de Celso Furtado.

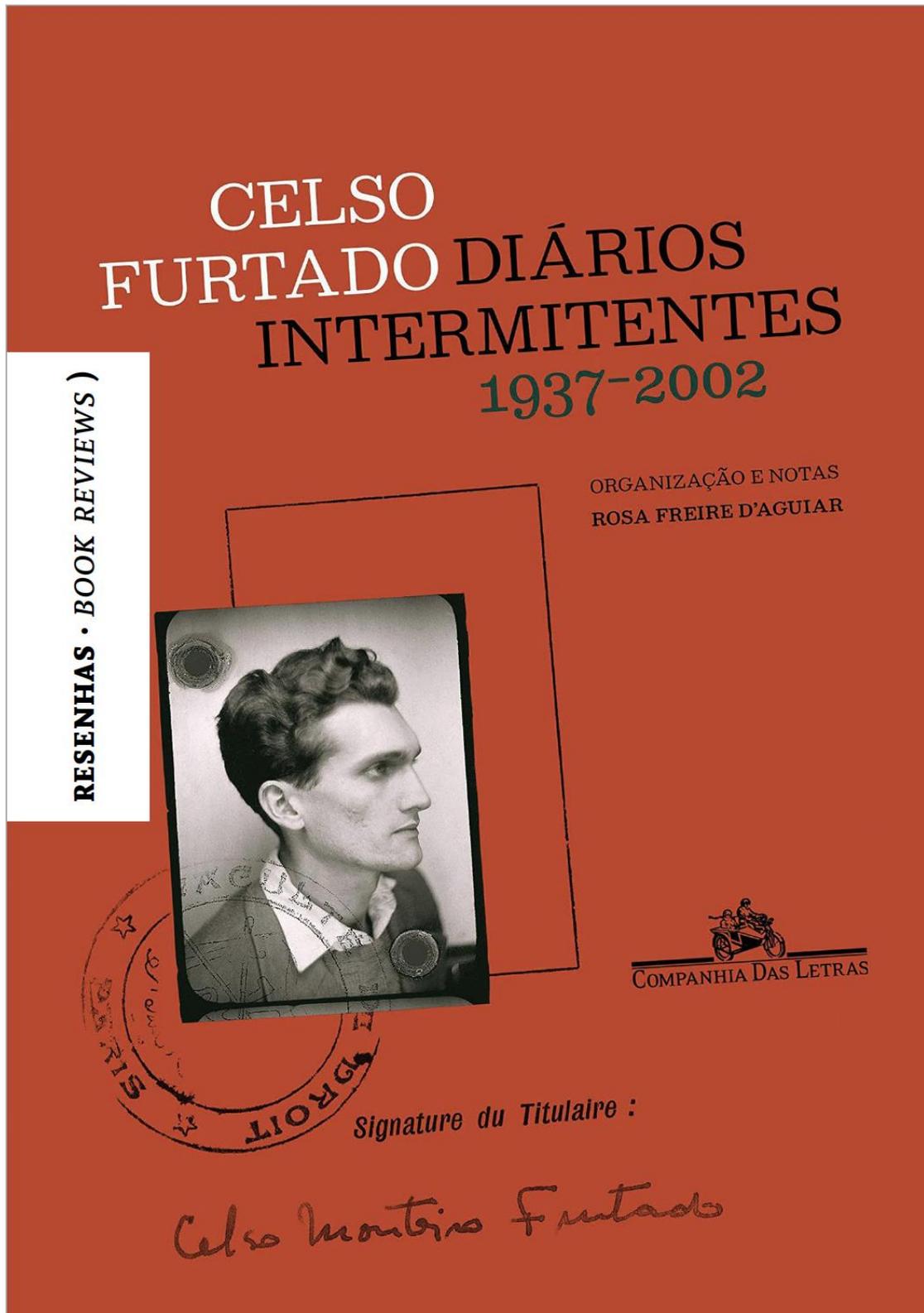
Biografia:

Celso Furtado nasceu em 1920 no estado da Paraíba. Formou-se em Direito pela Universidade do Brasil, doutorou-se em Economia pela Universidade da Sorbonne e fez pós-doutoramento em Cambridge, Inglaterra. Ao lado do economista argentino Raul Prebisch, integrou ^{em 1948} o núcleo inicial da CEPAL (Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina), onde permaneceu durante dez anos. Em 1959 criou a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. Foi o primeiro ministro do Planejamento do ^{Brasil} governo de João Goulart. Privado de direitos políticos pelo governo militar, em 1964, dedicou-se à pesquisa e ensino em universidades européias e norte-americanas. Com a redemocratização, foi embaixador junto à Comunidade Européia e ministro da Cultura. É membro da Academia Brasileira de Letras.

Textos de composição da obra
O longo amanhecer nos quais se vê, novamente, a troca do título do livro.
 Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado,
 código de referência CF-LA-002

**DOCUMENTAÇÃO •
DOCUMENTS)**

Figura 25 Página introdutória das resenhas



Fonte: [n. 78 \(2021\) da Rieb.](#)

Na omissão dessas quatro páginas, perdem-se, no mínimo, as referências às obras selecionadas, nos casos da epígrafe relacionada ao editorial e da capa do livro alinhada às resenhas, e os debates (editoriais, inclusive) em torno da composição da obra *O longo amanhecer*, ligada tanto ao dossiê quanto à documentação. Outra parte da revista que desaparece no seu desmembramento é a folha de créditos (Figura 26):

Figura 26 Folha de créditos da edição completa



Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Vahan Agopyan
 REITOR
Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez
 VICE-REITOR



Instituto de Estudos Brasileiros

Profa. Dra. Diana Gonçalves Vidal
 DIRETORA
Profa. Dra. Flávia Camargo Toni
 VICE-DIRETORA

Pedro B. de Meneses Bolle
 CHEFE TÉCNICO DA DIVISÃO DE APOIO E DIVULGAÇÃO



Credenciamento e Apoio Financeiro do: Programa de Apoio às Publicações Científicas da USP
 Comissão de Credenciamento



Instituto de Estudos Brasileiros
 Espaço Brasiliana
 Av. Prof. Luciano Gualberto, 78
 Cidade Universitária, Butantã
 05508-010, São Paulo - SP, Brasil
 (11) 3091-1149
 www.ieb.usp.br

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros
 ISSN 2316-901X · n. 78, 2021 · abril

COMISSÃO EDITORIAL **DARLENE J. SADLIER** (UNIVERSIDADE DE INDIANA, BLOOMINGTON) BLOOMINGTON, EUA; **FERNANDO LARA** (UNIVERSIDADE DO TEXAS, AUSTIN) AUSTIN, EUA; **FLÁVIA INÊS SCHILLING** (FE-USP) SÃO PAULO, BR; **HELOÍSA ANDRÉ PONTES** (UNICAMP) CAMPINAS, BR; **JOSÉ LUIZ PASSOS** (UCLA) LOS ANGELES, EUA; **LAURA DE MELLO E SOUZA** (PARIS IV-SORBONNE) PARIS, FR/(PFLCH/USP) SÃO PAULO, BR; **ŠÁRKA GRAUOVÁ** (UNIVERSIDADE CAROLINA DE PRAGA) PRAGA, CZ

EDITORES RESPONSÁVEIS **Fernando Paixão** (IEB-USP); **Inês Gouveia** (IEB-USP); **Luciana Suarez Galvão** (IEB-USP)

PRODUÇÃO **DIVISÃO DE APOIO E DIVULGAÇÃO** (IEB-USP)

EDITOR-EXECUTIVO **Pedro B. de Meneses Bolle**

DIAGRAMAÇÃO **Flavio Alves Machado**

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS **Cleusa Conte Machado**

PROJETO GRÁFICO **Camillo e Tressler Design**

CAPA **Flavio Alves Machado**

CONSELHO CONSULTIVO **ADRIÁN GORELIK** (UNIV. NACIONAL DE QUILMES, BERNAL, AR); **BARBARA WEINSTEIN** (UNIV. DE NOVA IORQUE, NOVA IORQUE, EUA); **CARLOS AUGUSTO CALIL** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **CARLOS SANDRONI** (UNIV. FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE, BR); **ETTORE FINAZZI-AGRÒ** (UNIV. DE ROMA LA SAPIENZA, ROMA, IT); **FERNANDA ARÉAS PEIXOTO** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **HELOISA MARIA MURGEL STARLING** (UNIV. FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, BR); **JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA** (UNIV. ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, BR); **JORGE COLI** (UNIV. ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS, BR); **LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO** (UNIV. DE PARIS-SORBONNE, PARIS, FR); **MANUEL VILLAVEVERE CABRAL** (UNIV. DE LISBOA, LISBOA, PT); **MARIA CECILIA FRANÇA LOURENÇO** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **MARIA LIGIA COELHO PRADO** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **MARIA LUCIA BASTOS KERN** (PONTIFÍCIA UNIV. CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, BR); **PETER BURKE** (EMMANUEL COLLEGE CAMBRIDGE, CAMBRIDGE, RU); **REGINA ZILBERMAN** (UNIV. FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, BR); **RICARDO AUGUSTO BENZAQUEN DE ARAÚJO** (PONTIFÍCIA UNIV. CATÓLICA DO RIO/ INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISAS DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, BR); **RODOLFO NOGUEIRA COELHO DE SOUZA** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **SERGIO MICELI** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **WALNICE NOGUEIRA GALVÃO** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR)

Capa: **Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado**

Enquanto a edição completa registra em detalhes todos os responsáveis pela publicação, as versões da revista nos portais da USP e do SciELO não apresentam prontamente os expedientes de cada número, singularidade importante para todas as edições, que designam materiais do acervo do IEB, por exemplo, na composição da capa. As informações gerais sobre os expedientes da revista precisam ser acessadas nas abas *equipe editorial* e *corpo editorial*, respectivamente. Nos dois casos, há funções que se perdem ou não são delimitadas de maneira clara: a plataforma da USP sintetiza em *equipe de apoio* as funções de preparação, revisão de textos e diagramação, não creditando produção, projeto gráfico e capa; a da SciELO discrimina melhor essa equipe de apoio, indicando os preparadores, revisores e diagramadores, mas também não pontuando produção, projeto gráfico e capa; ambas ignoram os créditos institucionais da USP, do IEB e do programa da universidade de apoio a suas publicações científicas que financia a revista (Figuras 27 e 28).

Figura 27 Expedientes da *Rieb* no portal da USP

revista *ieb*

ATUAL ARQUIVOS SOBRE ▾

INÍCIO / Equipe Editorial

Equipe Editorial

Editores

- Inês Gouveia (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Luciana Suarez Galvão (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Walter Garcia (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)

Comissão Editorial

- Darlene J. Sadlier (Universidade de Indiana, Bloomington, EUA)
- Fernando Lara (Universidade do Texas, Austin, EUA)
- Flávia Inês Schilling (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Heloísa André Pontes (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, BR)
- José Luiz Passos (Universidade da Califórnia, Los Angeles, EUA)
- Laura de Mello e Souza (Paris IV-Sorbonne, Paris, FR; Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Šárka Grauová (Universidade Carolina de Praga, Praga, CZ)

Conselho Consultivo

- Adrián Gorelik (Universidade Nacional de Quilmes, Bernal, AR)
- Barbara Weinstein (Universidade de Nova York, Nova York, EUA)
- Carlos Augusto Caill (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Carlos Sandroni (Universidade Federal de Pernambuco, Recife, BR)
- Ettore Finazzi-Agrò (Universidade de Roma La Sapienza, Roma, IT)
- Fernanda Arêas Peixoto (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Heloísa Maria Murgel Starling (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, BR)
- João Cezar de Castro Rocha (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, BR)
- Jorge Coli (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, BR)
- Luiz Felipe de Alencastro (Universidade de Paris-Sorbonne, Paris, FR)
- Manuel Villaverde Cabral (Universidade de Lisboa, Lisboa, PT)
- Maria Cecília França Lourenço (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Maria Lígia Coelho Prado (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Maria Lucia Bastos Kern (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR)
- Peter Burke (Emmanuel College Cambridge, Cambridge, RU)
- Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR)
- Ricardo Augusto Benzaquen de Araújo (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, BR)
- Rodolfo Nogueira Coelho de Souza (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Sergio Miceli (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Walnice Nogueira Galvão (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)

Editor-executivo

Pedro B. de Meneses Bolle (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR - IEB - Divisão de Apoio e Divulgação)

Equipe de Apoio

Cleusa Conte Machado (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR - IEB - Divisão de Apoio e Divulgação)

Flávio Alves Machado (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR - IEB - Divisão de Apoio e Divulgação)

Fonte: [página do portal da USP](#).

Figura 28 Expedientes da *Rieb* no portal do SciELO

Corpo editorial

Editores

- Inês Gouveia – <https://orcid.org/0000-0003-4783-9033> (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR) – revistaieb@usp.br
- Luciana Suarez Galvão – <https://orcid.org/0000-0003-1369-688X> (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR) – revistaieb@usp.br
- Walter Garcia <https://orcid.org/0000-0002-0455-4831> (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR) – revistaieb@usp.br

Comissão editorial

- Darlene J. Sadlier (Universidade de Indiana, Bloomington, EUA)
- Fernando Lara (Universidade do Texas, Austin, EUA)
- Flávia Inês Schilling (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Heloísa André Pontes (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, BR)
- José Luiz Passos (Universidade da Califórnia, Los Angeles, EUA)
- Laura de Mello e Souza (Paris IV-Sorbonne, Paris, FR; Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Šárka Grauvová (Universidade Carolina de Praga, Praga, CZ)

Conselho consultivo

- Adrián Gorelik (Universidade Nacional de Quilmes, Bernal, AR)
- Barbara Weinstein (Universidade de Nova York, Nova York, EUA)
- Carlos Augusto Calil (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Carlos Sandroni (Universidade Federal de Pernambuco, Recife, BR)
- Ettore Finazzi-Agrò (Universidade de Roma La Sapienza, Roma, IT)
- Fernanda Arêas Peixoto (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Heloisa Maria Murgel Starling (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, BR)
- João Cezar de Castro Rocha (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, BR)
- Jorge Coli (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, BR)
- Luiz Felipe de Alencastro (Universidade de Paris-Sorbonne, Paris, FR)
- Manuel Villaverde Cabral (Universidade de Lisboa, Lisboa, PT)
- Maria Cecília França Lourenço (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Maria Ligia Coelho Prado (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Maria Lucia Bastos Kern (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR)
- Peter Burke (Emmanuel College Cambridge, Cambridge, RU)
- Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR)
- Ricardo Augusto Benzaquen de Araújo (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, BR)
- Rodolfo Nogueira Coelho de Souza (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Sergio Miceli (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)
- Walnice Nogueira Galvão (Universidade de São Paulo, São Paulo, BR)

Produção editorial

Divisão de Apoio e Divulgação

Editor-executivo:

- Pedro B. de Meneses Bolle – <https://orcid.org/0000-0003-3800-9046> (Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, BR) – revistaieb@usp.br

Equipe de apoio:

Preparação e revisão de textos

- Cleusa Conte Machado – <https://orcid.org/0000-0002-7138-9426> (Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, BR)

Diagramação

- Flávio Alves Machado – <https://orcid.org/0000-0003-3333-6136> (Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, BR)

Fonte: [página do SciELO](#).

O apagamento de expedientes é problemático por si só quando consideramos o cenário de precariedade que a editoração científica brasileira enfrenta devido aos cortes de orçamento destinado às universidades públicas, que afetam diretamente a manutenção de equipes e serviços dos periódicos (tópico que exploraremos melhor na Parte 3). Além disso, para a *Rieb* também é significativo todo o trabalho intelectual que se omite quando não são creditados a produção, o projeto gráfico e a capa da revista, que necessariamente envolvem a curadoria de materiais do acervo do IEB. Neste caso, são negligenciados elementos constitutivos do funcionamento tanto das suas edições completas quanto das suas identidades visuais como partícipes de uma interlíngua, ou seja, vetores de sensibilidade que apontam para os jeitos de comunicar a produção do conhecimento de determinado campo – a interdisciplinaridade nos estudos brasileiros.

Pela perspectiva dos estudos discursivos da edição, entendemos aqui que a noção de interlíngua

[...] supõe que não há um uso (ou usos) “da” língua. A norma culta ou a norma padrão, aquilo que se considera *default* ou o que se define como idioma oficial não estão à disposição de usuários que, tomando essas referências, podem desdobrá-las conforme sua vontade; a língua não é exterior e posterior à formulação de um algo-a-dizer: ela é constitutiva dos dizeres. (SALGADO, 2011, p. 260)

Se considerarmos que o projeto gráfico é parte fundamental da inscrição material dos objetos editoriais, e que, na *Rieb*, tantas funcionalidades do periódico se perdem quando os artigos são descolados desse projeto, fica claro que há uma intervenção nos efeitos de sentido da própria interlíngua promovida pela revista. Nesse contexto, reiteramos as palavras de Maingueneau (2002, s/p) quando o analista afirma que:

Em todo posicionamento, ao lado de investimentos em tais ou tais gêneros do interdiscurso, há também o investimento da interlíngua, por meio do qual uma obra se inscreve no espaço das práticas languageiras e dos idiomas. Trata-se de um duplo investimento: entrada num espaço que se pretende ocupar e atribuição de valor.

Logo, essa intervenção se dá nos modos de inscrição da *Rieb* como médium representativo do espaço das práticas languageiras das áreas que publica, espaço este que constrói com e pela iconografia um diálogo direto com as práticas de

pesquisa dessas áreas. Isso significa que, no jogo de “dispositivos de autoridade e relações de dominação” de que fala Debray (1995, p. 63) quanto aos processos de transmissão, a mediação editorial do periódico cumpre o papel de contornar essa intervenção, a partir do emprego dos recursos que analisamos até aqui, já que não é suficiente para a revista fazer parte do sistema de comunicação científica do modo como lhe é imposto pelos mundos éticos que o autorizam: é importante ocupar esse espaço reforçando os mundos éticos próprios, que, afinal, são também constituintes da sua atribuição de valor.

Nesse sentido, a *Rieb* exemplifica mais claramente que os periódicos, como médiuns “centrais” da comunicação científica, têm suas formas de mediação amparadas pela matriz de sociabilidade *ciência* – fiadora, então, dos imaginários de hegemonia que discutimos até aqui –, mas também funcionam como vetores de sensibilidade de matrizes específicas, ou das *ciências* que difundem e incorporam – uma vez que “[...] o fiador implica ele mesmo um ‘mundo ético’ do qual ele é parte prenante e ao qual ele dá acesso” (MAINGUENEAU, 2015, p. 18). É preciso observar, assim, que o desmembramento dos periódicos e os demais critérios que culminam no efeito de padronização silenciam modos de atuação que caracterizam não “a cara de revista” que se perde com a alteração do gênero *periódico científico*, mas sim as várias caras de revista representativas das várias caras de ciência que publicam, que, por sua vez, viabilizam determinadas práticas de gestão da autoria, ou *das autorias*, conforme desenvolveremos a seguir.

Na seção abaixo, apontamos os caminhos teórico-analíticos que seguiremos ao falar da coenunciação editorial nessas práticas de gestão das autorias, que analisaremos na Parte 3.

COENUNCIÇÃO EDITORIAL, PARATOPIA CRIADORA E TRANSITIVIDADE DAS AUTORIAS

Como vimos até aqui, as condições de produção da comunicação científica interferem diretamente nas práticas editoriais dos periódicos, de modo que as balizas necessárias para a circulação desses médiuns conforme suas particularidades colocam em xeque rubricas como *ciência*, *produção do conhecimento* e, como discutiremos mais pontualmente a partir de agora, *autoria*. Assim sendo, o olhar discursivo-mediológico para as questões técnicas da editoração científica nos permite descrever as nuances camufladas por rubricas como essas, gradações que dizem

muito sobre a inscrição material dos discursos que legitimam não *a ciência*, *a produção do conhecimento* ou *a autoria*, mas sim fazeres científicos heterogêneos que chamam a atenção para as diferentes ciências, fruto das diversas formas de produzir conhecimentos que apontam para as possibilidades variadas de gestão das autorias.

Para pensarmos a autoria como gestão na editoração científica, é preciso entender de saída que não existe autoria sem construção, uma vez que, nos periódicos profissionalizados, sempre haverá mediação editorial. Podemos perceber isso logo na obrigatoriedade da instituição de políticas editoriais para as revistas, que, resultado do imbricamento do seu escopo, dos seus ritos genéticos editoriais e das restrições impostas pelo sistema vigente de comunicação científica, são o primeiro gesto na direção de sistematizar a produção autoral: há diferentes implicações para quem submete um material para publicação e quem o edita quando certos tipos de textos são aceitos como científicos e outros não, certos idiomas são incentivados para a produção de textos originais e/ou traduzidos, certas diretrizes mais ou menos flexíveis para autores são estabelecidas, e assim por diante.

A mediação, independentemente das etapas e tarefas que compoñham o processo adotado por cada periódico, acontece a partir do trabalho do coenunciador editorial. Esse profissional é aquele que “se dedica a calibrar os textos na produção de livros e outros objetos editoriais”, podendo “ser chamado de editor, preparador ou revisor, a depender da fase do processo e das práticas específicas do coletivo de trabalho” (SALGADO; MUNIZ JR., 2011, p. 88). Dessa perspectiva, “chega-se à autoria por meio das marcas da leitura feita por um profissional que, num certo lugar de leitor, se inscreve no texto autoral” (SALGADO, 2011, p. 21).

Considerando a configuração discursiva da autoria no preparo dos textos para sua publicação, levamos em conta a relação acordada entre autor e coenunciador editorial nos ritos genéticos editoriais, a partir da qual:

Do lugar de editor de textos (ou *preparador* ou *copidesque* ou mesmo *revisor* – não há consenso sobre a designação desse ofício [conforme dissemos na Introdução]), um outro vai tecendo, no fio do texto do autor, certos sentidos e, embora não imponha ao autor um texto que não é o seu, interfere discursivamente na sua tessitura. Faz isso guiado por um conjunto de procedimentos que chamo de *ritos genéticos editoriais*, com base na proposta de Dominique Maingueneau para a abordagem dos *ritos* como procedimentos sistemáticos destinados a consagrar certas práticas, e da *gênese*, em

termos discursivos, como convergências históricas que se condicionam e, assim, estabelecem uma orientação semântica. (SALGADO, 2011, p. 23, grifos da autora)

Como nesta tese nos interessam os expedientes tanto dos editores quanto dos pareceristas de periódicos, é preciso esclarecer que esse acordo se dá não só no tratamento editorial de textos, uma etapa já prevista por Salgado (2011) como autoral, mas também na avaliação por pares. Esta etapa, que antecede o tratamento editorial e ao mesmo tempo o possibilita, já que apenas artigos aprovados para publicação nas revistas são encaminhados para edição, também interfere discursivamente na versão final a ser publicizada – seja por meio de anotações pontuais nos formulários de avaliação ou nos artigos submetidos, as quais visam aperfeiçoar os sentidos em análise, seja pelo próprio ato de aprovar os artigos, que legitima esses sentidos com base em determinados critérios. Constitui-se, portanto, também como uma etapa autoral.

Embora esse acordo autor-coenunciador se dê em etapas autorais, é importante lembrar que os profissionais que atuam na coenunciação não se configuram como coautores dos textos editados. Trata-se, na verdade, de uma colaboração especializada que “produz um descentramento do texto-primeiro, que permite ao autor ser um outro desse outro de si que fez anotações pontuais como quem deixa rastros a serem seguidos” (SALGADO, 2011, p. 23). A natureza dessa colaboração depende da função assumida pelo coenunciador editorial nos expedientes de trabalho, cujas práticas institucionalizadas definem as tarefas e os procedimentos de que se ocupará, de modo que estes não podem estar desvinculados das políticas editoriais das revistas,

e disso decorre a complexa relação entre os profissionais que trabalham nos textos autorais e a orientação das editoras [neste caso, dos periódicos], considerando o projeto gráfico, a área de conhecimento em questão, o tema sobre o qual versa o texto e também o estilo e as pretensões do autor [...]. (p. 123)

Na comunicação científica, entendemos que todos os atores envolvidos nos processos de editoração contribuem para a gestão autoral dos artigos, pois necessariamente mobilizam de alguma forma as tantas normas e dinâmicas dos diferentes ritos genéticos editoriais adotados por cada periódico com vistas a consolidar o lugar do autor: na preparação, na revisão e na normalização de textos,

etapas e/ou serviços fundamentais para que os artigos tenham um bom acabamento linguístico e, cada vez mais, técnico e algorítmico para a circulação pública; na tradução, que visa garantir, sobretudo, versões especializadas dos pré-textos, dados de afiliação ou textos completos para publicação em inglês; na diagramação, que atualmente tem a função de estabilizar versões finais eletrônicas e individuais dos artigos, em vez de números e volumes completos que caracterizem um periódico; na produção de XML, serviço de conversão dos artigos em linguagem recuperável nos sistemas eletrônicos de indexação e busca; na editoria e na avaliação por pares, etapas que constituem instâncias mais decisórias dos regimes de publicação de artigos, cujas funções investigaremos detidamente na Parte 3.

Se a consolidação do lugar de autor depende da contribuição de cada coenunciador, precisamos observar a dimensão editorial de cada caso para entender como se constitui essa relação, o que faremos logo adiante por meio da proposta metodológica de análise da autoria definida por Maingueneau (2014 [2006]) como *paratopia criadora*. Ao dizer que existe uma localidade paradoxal para aqueles que produzem no âmbito do discurso científico, um discurso constituinte, Maingueneau (2014 [2006], p. 68) chama de paratopia a “difícil negociação entre o lugar e o não lugar, uma localização parasitária, que retira vida da própria impossibilidade de estabilizar-se”. Nesse sentido, ao mesmo tempo que, “sem localização, não há instituições que permitam legitimar e gerir a produção e o consumo de obras”, a sua “constituência” não existe “sem deslocalização” (p. 68). Segundo o analista,

se toda paratopia minimamente expressa o pertencimento e o não pertencimento, a impossível inclusão em uma “topia”, podemos classificar os tipos de paratopia que um produtor de discurso constituinte é suscetível de explorar. A paratopia pode assumir a forma de alguém que *se encontra em um lugar que não é o seu*, de alguém que *se desloca de um lugar para outro sem se fixar*, de alguém que *não encontra um lugar*, a paratopia afasta esse alguém de um grupo (paratopia *de identidade*), de um lugar (paratopia *espacial*) ou de um momento (paratopia *temporal*). Acrescentem-se, ainda, as paratopias *linguísticas*, cruciais para o discurso literário, que caracterizam aquele que enuncia em uma língua considerada como não sendo, de certo modo, sua língua. (MAINGUENEAU, 2010, p. 161, grifos do autor)

A paratopia criadora, como o próprio nome coloca, nos possibilita pensar as identidades autorais em seus processos de criação, considerando “o sistema de relações que permite que cada discurso se instaure e se mantenha”, bem como “o modo de funcionamento dos grupos que o produzem e gerem” (MAINGUENEAU, 2014 [2006], p. 68/69).

Nem suporte nem quadro, a paratopia envolve o processo criador, que também a envolve: fazer uma obra é, num só movimento, produzi-la e construir por esse mesmo ato as condições que permitem produzi-la. Logo, não há “situação” paratópica exterior a um processo de criação: dada e elaborada, estruturante e estruturada, a paratopia é simultaneamente aquilo de que se precisa para ficar livre por meio da criação “e” aquilo que a criação aprofunda; é a um só tempo aquilo que cria a possibilidade de acesso a um lugar e aquilo que proíbe todo pertencimento. (MAINGUENEAU, 2001, p. 109, grifos do autor)

É no processo criador que tomamos a autoria a partir das dinâmicas autor-sociedade-obra, cujo estudo deve observar aspectos pessoais, que envolvem as relações e vivências, sempre intrínsecas às obras produzidas, ainda que a figura empírica do autor não seja acessível; aspectos de reconhecimento social, já que o escritor, além de escrever, se mobiliza conforme as práticas que o conduzem por conta dessa condição; e aspectos inscricionais, ligados ao próprio trabalho com a materialidade linguística. Na proposição de Maingueneau (2014 [2006]), esses aspectos definem as três instâncias que, entrelaçadas, compõem a autoria: a *pessoa*, que refere o autor como um indivíduo no mundo; o *escritor*, que alude ao autor como ator que tem uma trajetória na instituição literária e à circulação das obras; e o *inscritor*, que designa o indivíduo na enunciação, compreendendo os ritos genéticos editoriais.

Para o estudo do funcionamento dessas instâncias paratópicas na gestão autoral, Salgado (2016b) propõe que as organizemos graficamente conforme o seguinte modelo, que enfatiza sua condição indissociável (Figura 29):

Figura 29 Nó borromeano das três instâncias que configuram a gestão autoral



Fonte: SALGADO (2016b, p. 9).

A partir das diferentes configurações que cada instância pode adquirir nesse nó borromeano, podemos descrever as tantas relações que se dão entre escritor e obra, escritor e sociedade e sociedade e obra, nelas prevista a coenunciação editorial, já que se trata de:

instâncias que se conjugam assimetricamente, conforme os espaços, campos e arquivos se articulam. E devemos pensar em termos de como se espacializam as trocas definidoras de lugares discursivos: no caso do lugar de autor, temos que uma autoria é sempre *autoria de alguma coisa*, assim como a leitura ou a edição. Faz diferença ser autor de um folheto informativo, de uma tese de doutorado, de um artigo, de uma crônica jornalística etc., assim como ser leitor de cada um desses tipos de texto ou editor de cada um deles. Práticas sociais e objetos técnicos distintos estão ligados a cada um desses tipos de texto, que se produzem cada qual num campo, onde circulam e que, ao mesmo tempo, ao circularem, constroem. E esses campos são tecidos por memórias variadas, cultivadas em cada comunidade discursiva, conforme as relações espaciais e temporais que produzem sua realidade material, que as caracterizam como uma dada formação socioespacial. (p. 8, grifo da autora)

Da percepção de que sempre será necessário considerar essa “autoria de alguma coisa” decorre a noção de *transitividade das autorias*, formulada por Salgado (2016a) para marcar a complexa rede constitutiva do lugar de autor que se deve gerir. Partindo de uma abordagem material, o estudo dessa rede deve analisar as

relações entre sujeitos e objetos técnicos por eles produzidos, os quais, longe de serem inertes, sobre os sujeitos recaem, produzindo subjetividade; mais especificamente, trata-se de abordar as relações entre sujeitos levando em conta que não há produção de quaisquer objetos senão a partir do estabelecimento de valores construídos intersubjetivamente. (p. 191)

Nessa abordagem, conforme a AD que fundamenta esta tese, é importante destacar que: i) a língua é opaca e polissêmica, por isso a produção de sentidos depende das relações que se estabelecem em conjunturas históricas; ii) a história é não linear, portanto definida no confronto de diferentes temporalidades e seus acontecimentos, determinando lugares de fala; iii) os lugares de fala são definidos pela posição firmada pelo interlocutor, isto é, a partir da atualização de sujeitos que, ora assujeitados, ora sujeitos, não controlam totalmente seus dizeres. Considerando esse tripé, que sustenta a perspectiva da mediação editorial de que tratamos aqui, Salgado (2016a, p. 198) elabora uma abordagem material da gestão dos processos, pela qual explicita o problema da transitividade:

um autor não é senão um dos nós de uma rede que se tece conjunturalmente e, então, se define conforme aquilo que escreve – um autor de artigos científicos de física nuclear, ou de uma tese de doutorado em sociologia que mobiliza esta ou aquela vertente teórica, ou um autor de romances, ou de poemas ou de uma dissertação nos estudos da literatura, ou autor de história em quadrinhos para adultos ou de um roteiro cinematográfico ficcional para grandes telas ou de um roteiro de documentário engajado para tevê, um autor de material didático de ensino de português para estrangeiros ou de material encomendado pelo Ministério da Educação para formação de neoleitores... Cada um desses objetos editoriais articula-se à condição de existência do nó que é sua autoria, imprescindível nó entre outros.

Na editoração científica, a definição desse nó e sua gestão ganham contornos mais ou menos definidos a depender das práticas de legitimação de autoria adotadas, especialmente por conta de direcionamentos das diretrizes de cada periódico e dos critérios SciELO. A seguir, analisaremos como essas práticas têm se configurado em meio à atuação de pareceristas e editores no contexto da avaliação de artigos.

PARTE 3

REGIMES DE AUTORIA NA AVALIAÇÃO POR PARES

PRESCRIÇÕES E PRÁXIS: O QUE SIGNIFICA AVALIAR UM ARTIGO?

A avaliação por pares é um dos pilares do atual sistema de comunicação científica. Além de requisito básico para a validação do conhecimento produzido por pesquisadores em todas as áreas de saber, é a primeira etapa da mediação editorial dos periódicos que visa contribuir para a qualidade técnica de um original com vistas à circulação pública e, assim, legitimar tanto a profissionalização das revistas quanto a gestão de suas autorias. Na seção 5.2.6 *Avaliação de manuscritos* dos critérios SciELO (2020, p. 17), a centralidade dessa etapa nos periódicos é declarada da seguinte forma:

A avaliação de manuscritos de pesquisas é a função principal dos periódicos na comunicação científica. Trata-se da função de validar a pesquisa segundo o método científico, obediência aos cânones éticos, alinhamento com as práticas da ciência aberta, as práticas da área temática da pesquisa, a política editorial do periódico, incluindo as instruções aos autores e guias aos responsáveis pela avaliação e decisão final sobre a publicação do artigo.

Apesar do caráter reconhecidamente essencial da atividade, o trabalho dos pareceristas tem sido feito sem formação especializada desde a segunda metade do século XX, quando grande parte das revistas científicas passou a adotá-la de maneira efetiva (NASSI-CALÒ, [S. d.]). Nesse cenário, notamos que as políticas editoriais dos periódicos têm um duplo papel normatizador: instruir autores e pareceristas quanto aos parâmetros e fluxos de seus ritos genéticos editoriais e sistematizar a atuação desses últimos, contribuindo de certa forma para a diminuição da lacuna no que se refere à qualificação desses profissionais.

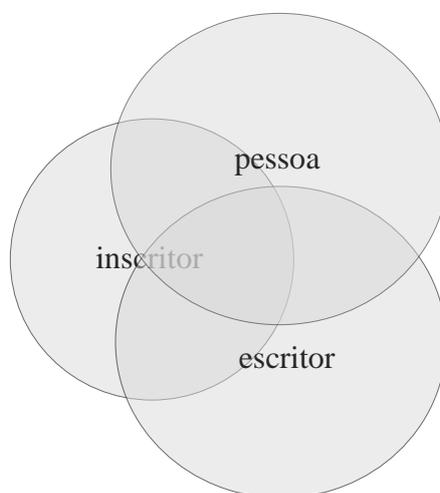
Ainda na tentativa de amenizar essa lacuna, a Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC) lançou em 2021 o curso *Avaliador de artigo científico*, a primeira formação do Brasil para a avaliação por pares. Com oferta na modalidade a distância e carga de 60 horas, o curso registra logo na apresentação que “professores

e pesquisadores desempenham essa atividade geralmente sem receber formação específica para isso, com a experiência da prática acadêmica e dos pareceres recebidos em seus próprios trabalhos como autores” (ABEC, [S. d.]).

Funcionando como justificativa para a criação do curso, a apresentação faz explicitações importantes, reconhecendo os atores responsáveis pela avaliação de artigos (professores e pesquisadores) e as práticas empíricas em que se baseiam para isso (experimentações, portanto, a partir da atuação acadêmica, que prevê a lida com pareceres de seus trabalhos autorais). Essas explicitações nos remetem ainda aos editores, atores com o mesmo perfil acadêmico que, também sem formação para atuar junto aos periódicos, têm entre seus expedientes a etapa de avaliação.

Como não se exige formação específica para os ofícios de parecerista e editor, o convite de professores-pesquisadores para ocupar esses papéis decisórios depende basicamente das práticas de gestão de suas próprias autorias. No modelo da paratopia criadora que mobilizamos, sua aptidão para as duas atividades pode ser representada pela evidência das instâncias *pessoa* e *escritor*, que se sobressaem igualmente amparadas pela instância *inscritor*, uma vez que a reputação construída em determinada comunidade científica depende dos modos como esses autores se articulam em seus lugares institucionais e da circulação de suas publicações, cujas práticas enunciativas nos ritos de criação e inscrição estão sempre pressupostas. Nos termos de Maingueneau (2014 [2006]), evidenciam-se os aspectos pessoais e sociais que, nesse caso, afiançam os aspectos linguísticos, sempre em figuração (Figura 30).

Figura 30 Nó borromeano das três instâncias que configuram a gestão autoral de professores-pesquisadores considerados aptos a exercer os ofícios de parecerista e editor



Fonte: elaboração própria.

Na instância *pessoa*, que se refere ao indivíduo com estado civil e, então, passível de uma biografia, é preciso considerar a titulação acadêmica, dado que os conselhos científicos e editoriais dos periódicos são compostos majoritariamente por doutores. Importam também os vínculos institucionais firmados, que envolvem a universidade, o departamento, o programa de pós-graduação, o grupo de pesquisa, o laboratório ou os projetos em que esses autores se engajam, informações que nas práticas de publicação científica são retomadas como dados de afiliação, indicadores impostos para a verificação de representatividade institucional e geográfica das contribuições – fundamentais para o parecerista, que integra comitês científicos a depender das questões de endogenia avaliadas, e para o editor, que é chamado a gerir periódicos sediados no programa/departamento em que está lotado. Como se entende que a prática acadêmica dá subsídios para a atuação especializada nesses ofícios, é válido ressaltar ainda todas as atividades que essa prática envolve junto à comunidade acadêmica: a docência, a extensão, a orientação de pesquisas, a participação em bancas, a composição de grupos de pesquisa e a publicação, que legitima todas as demais e ao mesmo tempo é legitimada por elas, assim como o faz com a própria titulação acadêmica, já que só se torna doutor a partir da validação de um trabalho autoral, a tese, que também passa a validar academicamente seu autor.

Na instância *escritor*, que se refere à circulação das obras, consideram-se os modos de difusão das publicações desses autores, como as citações que recebem, as indicações em emendas de disciplinas e cursos, as premiações, as resenhas e traduções de seus trabalhos, enfim, todas as práticas de retomada que dão notícia sobre o consumo de suas produções, corroborando sua trajetória no ambiente acadêmico. Na instância *inscritor*, que diz respeito ao indivíduo na enunciação e aos seus ritos genéticos e genéticos editoriais, são presumidos os recursos que o trabalho inscricional de autores de publicações científicas em geral articula no âmbito da circulação restrita: suas práticas de escrita, leitura, pesquisa e avaliação, seu domínio sobre gêneros textuais acadêmicos e normas de publicação da área, o fato de assinar textos sozinhos ou em coautoria, ou seja, tudo que mobilizam na construção de suas obras e que, portanto, passa a servir de ferramenta para a atividade de avaliação de artigos, avalizando sua ocupação dessa instância na condição de coenunciadores editoriais.

A atuação desses dois coenunciadores nessa instância decisória da editoração científica é pontuada pelo SciELO (2020, p. 17) a partir da discriminação de duas etapas:

A avaliação dos manuscritos submetidos aos periódicos indexados pelo SciELO ou dos manuscritos encomendados por seus editores compreende em geral duas etapas principais. A primeira visa verificar a adequação dos manuscritos ao escopo do periódico e o cumprimento dos requisitos para avaliação. Os manuscritos selecionados passam para a segunda etapa de avaliação que é realizada em geral sob a supervisão de um editor e de um ou mais pareceristas e cujas recomendações apoiam o editor ou editores nas decisões de aprovação ou rejeição de manuscritos. O editor-chefe ou o editor associado (ou de seção) correspondente é o responsável final pelas decisões segundo o fluxo de processamento adotado pelo periódico e seu nome deverá ser registrado no artigo final.

Apesar da impressão de identificarmos uma distribuição clara das atribuições entre editores e pareceristas, muitas vezes as fronteiras entre elas são sutis, assim como acontece comumente entre as demais atividades de edição. À primeira vista, parece evidente que aos pareceristas cabe validar ou não caminhos teóricos, metodológicos e analíticos “mais autorizados” nos artigos que avaliam, enquanto os editores se responsabilizam por administrar os percursos dessa validação. Isso é reforçado no curso da ABEC logo na contextualização da avaliação por pares:

No processo de publicação científica, cada ator envolvido tem responsabilidades específicas. [...] Os avaliadores (ou *peer reviewers*), qualificadores da informação, precisam garantir a qualidade do produto editorial, sugerindo melhorias nos artigos, ao mesmo tempo em que devem respeitar a confidencialidade dos autores e do conteúdo do manuscrito. Os editores, gestores da informação (ou *gate keepers*), devem organizar e validar a informação, estabelecer a política editorial da publicação, garantir a integridade da publicação e sua sustentabilidade financeira, redigir as instruções aos autores e fazer a gestão do processo de Avaliação por pares [...]. (NASSI-CALÒ, [S. d.]a)

Há, entretanto, atravessamentos entre essas e as demais atividades desempenhadas na etapa de avaliação, os quais dependem tanto das diretrizes estabelecidas por cada periódico quanto das condições em que esses profissionais atuam. Dois dados chamam a atenção para a precariedade dessa atuação: 1. A sobrecarga de pesquisadores seniores identificada pelo informe *The Global State of Peer Review*, que relata que 10% dos pareceristas fazem 50% das avaliações,

enquanto pesquisadores menos experientes não são chamados a contribuir (PUBLONS, 2018 *apud* NASSI-CALÒ, [S. d.]a); 2. A não disponibilização por parte dos periódicos do Brasil e da América Latina de instruções precisas sobre como realizar a avaliação de artigos, as quais, em geral, resumem-se a formulários com campos objetivos para preenchimento (NASSI-CALÒ, [S. d.]a).

O primeiro dado está relacionado ao perfil de pesquisadores exigido pela maioria dos periódicos para a avaliação por pares – conforme pontuamos mais acima, professores doutores vinculados a universidades e atuantes sobretudo no âmbito da pesquisa, com práticas de publicação notáveis em suas comunidades científicas. Também corrobora o problema da contribuição voluntária que discutimos anteriormente, já que esses professores-pesquisadores lidam com jornadas extras de trabalho para produzir seus pareceres, manejando ainda os prazos muitas vezes exíguos atribuídos pelos periódicos. O segundo dado, por sua vez, agrava o primeiro, pois indica que essa atuação, já sobrecarregada pela recorrência de convites aos mesmos pesquisadores e pela extensão de seus expedientes sem creditação, pode ser dificultada pela falta de informações específicas para a atividade, desenvolvida, portanto, somente a partir das competências adquiridas nas próprias práticas avaliativas. Ambos têm consequências diretas para o trabalho dos editores, como a dificuldade de encontrar pareceristas em determinadas áreas de especialidade e/ou que possam atender aos prazos impostos – segundo o já referido informe, 75% dos editores de periódicos afirmam que “a parte mais difícil de seu trabalho é encontrar avaliadores dispostos a realizar avaliações”; 71% dos pesquisadores rejeitam solicitações de parecer por considerar que “o artigo está fora de sua área de especialização” e 42% recusam convites “alegando que estão muito ocupados” (PUBLONS, 2018 *apud* NASSI-CALÒ, [S. d.]a).

Entre os quatro periódicos em estudo, três confirmam o dado sobre a escassez de instruções precisas para a avaliação de artigos: a *Cerâmica* apresenta informações incipientes sobre o seu processo de avaliação; a *Geosp* e a *Rieb* têm basicamente descrições dos seus processos avaliativos e/ou das condutas éticas esperadas de pareceristas e editores, não oferecendo exatamente instruções para a produção dos pareceres. A *CBTO* é a única que disponibiliza informações mais pontuais sobre as etapas de avaliação e alguns de seus parâmetros.

Na *Cerâmica*, a seção *Instruções e Políticas*³⁷ tem a seguinte recomendação:

Interessados em submeter artigos para publicação, favor encaminhar o arquivo com uma versão preliminar, em qualquer formato. Se o conteúdo for compatível com a linha editorial da Cerâmica Industrial, entraremos em contato para acertarmos a formatação.

Dela, a única etapa que pode ser depreendida quanto à avaliação dos artigos é a análise da compatibilidade de seu conteúdo “com a linha editorial” do periódico, que, segundo sua *Missão*³⁸, visa “*contribuir para atualização e melhoria da formação dos técnicos cerâmicos brasileiros*”. O posterior ajuste de “formatação” indicado depende, então, da aprovação dos textos nesse quesito.

Conforme apresentamos na Parte 1 desta tese, diferentemente dos demais periódicos do *cópus*, que usam o sistema OJS, a submissão de artigos na *Cerâmica* é feita por *e-mail*, assim como o encaminhamento dos textos aos pareceristas e a emissão de seus pareceres pelo editor. Não há, portanto, um formulário de parecer que reúna critérios a serem considerados na avaliação, o que indica que a única diretriz a ser seguida é de fato a compatibilidade do artigo com o escopo do periódico. Isso se verifica nos *e-mails* trocados entre autores, comissão editorial e editor quanto aos dois artigos submetidos à publicação na revista que constituem nosso *cópus*, os quais chamamos de Artigo 1 e Artigo 2.

A submissão do Artigo 1 é feita da seguinte forma (Figura 31):

Figura 31 Submissão do Artigo 1 à *Cerâmica Industrial*

Boa noite,

Gostaria de verificar a possibilidade de publicação do artigo em anexo na Revista Cerâmica Industrial.

Att.

Fonte: *cópus* da pesquisa.

³⁷ Dados coletados no *site* da revista antes da reformulação de suas políticas editoriais feita em 2020. Na atual versão, disponível em <https://www.ceramicaindustrial.org.br/instructions> (último acesso em 2 dez. 2022), também não constam informações sobre o processo de avaliação por pares, e as instruções reunidas para a preparação dos artigos para submissão são direcionadas aos autores.

³⁸ Em <https://www.ceramicaindustrial.org.br>. Acesso em: 2 dez. 2022.

O tom de consulta expresso pelo uso de “*verificar a possibilidade de publicação do artigo*” se descola dos protocolos de submissão tradicionais, provavelmente porque a autora que encaminha o texto tem alguma familiaridade com o funcionamento característico da revista. Essa familiaridade é reafirmada no título e no interior do arquivo submetido, que têm registros dos nomes dos autores, identificação geralmente não permitida nos sistemas mais usuais de avaliação por pares.

O artigo é assinado por cinco autores, quatro com vínculo acadêmico na área de engenharia química e um com vínculo empresarial numa indústria de materiais para aplicações em substratos cerâmicos. No anexo, a autora apresenta um arquivo em doc. totalmente adequado ao gênero artigo científico – há título, nomes dos autores com dados de afiliação, resumo e palavras-chave, corpo do texto com seções e ilustrações padronizadas, chamadas autor-data e lista de referências normalizadas no sistema numérico usado pela revista.

Como não existe um modelo para formatação e normalização dos arquivos e a recomendação das políticas editoriais do periódico não descreve elementos dessa ordem, enfatizando ainda que podem ser submetidos “*em qualquer formato*”, nota-se o funcionamento dos artigos já publicados em edições anteriores como vetores de sensibilidade da mediação editorial da revista, uma vez que apontam algumas das práticas de gestão de suas autorias: a sistematização dos dados profissionais dos autores nos moldes da editoração científica, que revela a exigência de vínculos institucionais, embora não haja explicitações sobre o perfil mais autorizado a publicar na *Cerâmica*; a padronização de elementos de citação e referência segundo norma usual nas áreas de seu interesse (a APA, hoje característica das engenharias), ainda que suas áreas de especialidade não tenham ênfase para além do nome da revista (*Cerâmica Industrial*); a estruturação do texto em seções marcadamente previstas no gênero discursivo artigo científico de ciências exatas (Introdução, Revisão Bibliográfica, Procedimentos Experimentais, Resultados e Discussões, Conclusões), mesmo que o periódico tenha seu perfil técnico ratificado por duas de suas fontes institucionalizadoras (a Associação Brasileira de Cerâmica e as indústrias brasileiras de cerâmica que o patrocinam).

A partir dessas práticas de gestão autoral, parece cristalizar-se a comunicação científica como uma matriz de sociabilidade fundamental da *Cerâmica*, amparada na outra fonte que a institucionaliza (o Departamento de Engenharia de Materiais da Universidade Federal de São Carlos), fonte esta que sedia a revista, mas não provê

nenhum de seus recursos financeiros. É importante observar que essa é uma sede que tem *status* dentro de determinadas comunidades científicas: criado em 1972, o referido departamento, segundo registros de seu *site*³⁹, foi “o primeiro departamento de engenharia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), bem como o pioneiro em engenharia de materiais no Brasil”. Também é valorizado pelas práticas de projeção internacional do seu corpo docente e discente, entre elas a publicação de artigos e o depósito de patentes, característico de áreas das engenharias:

O quadro de professores é composto por pesquisadores experientes reconhecidos internacionalmente através de inúmeros prêmios nacionais e internacionais, além de ocupar posições de destaque em agências de fomento à pesquisa, conselhos de fundações públicas e empresas e cadeiras em academias de ciências do Brasil e exterior. A qualidade da pesquisa realizada pelos professores e seus alunos é evidenciada pelos milhares de artigos originais em revistas científicas [qu]e depositaram algumas dezenas de patentes (i.e., inventos originais em nível mundial e que demonstram potencial de aplicação prática). (informações do site do departamento)

O que chama a atenção aqui é a força que o capital simbólico da *Cerâmica* (atrelado ao ambiente acadêmico) adquire em detrimento de seu capital financeiro (atrelado ao ambiente industrial), uma vez que também amparado no caráter formativo da revista expresso em sua missão (“*contribuir para atualização e melhoria da formação dos técnicos cerâmicos brasileiros*”). Embora, historicamente, a Associação Brasileira de Cerâmica tenha uma trajetória mais extensa, já que atua desde 1953⁴⁰, é a tradição acadêmica do departamento-sede e da universidade que condiciona seu funcionamento técnico-científico.

Nesse sentido, destacamos a função das universidades amplamente reconhecidas como institucionalizadoras de imaginários sobre a produção científica, assim como explicita Salgado (2016a) em sua análise da gestão autoral de um caso editorial de Roger Chartier:

Ociosos dizer, talvez, que tudo isso está ligado ao fato de Roger Chartier ser um autor maior, isto é, de muitos modos referido como pertencente a um panteão – o que tem a ver [...] com seus textos serem publicados, traduzidos, estudados, retomados num alcance editorial de logística exponencial. De fato, a logística de distribuição dos textos é parte desse panteão. Esse imaginário quase mítico se

³⁹ Em <https://www.dema.ufscar.br/pt-br/institucional/quem-somos>. Acesso em: 2 dez. 2022.

⁴⁰ Conforme registra em sua página <https://abceram.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

produz com a dispersão de materiais de alta potência difusora, que implicam uma cadeia criativa, uma cadeia produtiva e um farto ambiente de consumo.

Na quarta-capa da edição brasileira [do livro *A mão do autor e a mente do editor*], o aparecimento de dois outros expoentes na mesma comunidade de circulação de Chartier endossa esse imaginário: Stephen Greenblatt, professor em Harvard, fala em “brilhantes ensaios”; Peter Burke, professor em Cambridge, atesta “o extraordinário talento” do colega. Veja-se que as próprias universidades que localizam as vozes avalizadoras institucionalizam o imaginário mítico: são famosas universidades, que figuram publicamente como abrigo de pesquisas de ponta, de um grupo seletivo de pesquisadores, com resultados altamente relevantes. (p. 200-201)

No caso da Cerâmica, embora não se trate de um imaginário mítico, é evidente a importância da relação entre a figuração pública das universidades famosas de que fala Salgado (2016a) e a logística de distribuição dos textos via periódicos científicos registrada pelo próprio departamento-sede, que enfatiza que “*a qualidade da pesquisa realizada pelos professores e seus alunos é evidenciada pelos milhares de artigos originais [publicados] em revistas científicas*”. Se observarmos o *Corpo Editorial*⁴¹ da revista, o predomínio do perfil acadêmico também se verifica na sua composição, que conta com uma maioria de membros vinculados a universidades estaduais ou federais, com exceção de um deles, vinculado à Associação Brasileira de Cerâmica.

No que se refere à gestão autoral, é interessante notar o papel da editoria de periódicos no reforço e/ou na atualização desses imaginários sobre a produção do conhecimento a partir da escolha dos membros das comissões editoriais, dada a dimensão autoral que esses atores avalizam nos periódicos antes mesmo da interlocução/circulação dos artigos, ou seja, como vetores de sensibilidade das autoridades fiadoras da própria interlocução que será estabelecida nos textos e dos tipos de autorias que se definirão a partir disso.

Ainda na submissão do Artigo 1 em análise, ao acionar a comissão editorial da revista, o editor reforça o tom de consulta da autora que destacamos anteriormente ao solicitar dos pareceristas “*suas opiniões em relação à publicação do artigo*” (Figura 32):

⁴¹ Em <https://www.ceramicaindustrial.org.br/board>. Acesso em: 2 dez. 2022.

Figura 32 Acesso à comissão editorial da *Cerâmica Industrial* para análise do Artigo 1

Prezados,

Agradeceria se me informassem suas opiniões em relação a publicação do artigo em anexo na Cerâmica Industrial. Curto e grosso, acham que, em tempos de digital, um artigo como esse representa uma contribuição?

Abraço.

Fonte: cópula da pesquisa.

Nesse caso, o tom se justifica pela relação de colaboração estabelecida entre editor e pareceristas, salientada pelo uso de “*agradeceria se me informassem*”, que parece amenizar a responsabilidade que esse profissional atribui a seus pares ao pedir que decidam sobre a publicação em análise. A especificação para que opinem quanto à contribuição efetiva do artigo “*em tempos de digital*” também marca uma posição de partilha dessa responsabilidade, e mesmo de hierarquização na instância decisória que ocupam: no papel de “gestor da informação”, cujas funções incluem a gestão do processo de avaliação por pares, conforme categorização da ABEC, o editor parece direcionar a atenção dos pareceristas para um aspecto que já reconheceu em sua análise como uma possível fragilidade do artigo, de modo a verificar se sua leitura pode ser fundamentada e/ou agilizar o retorno desses especialistas, “qualificadores da informação”, afinal.

Os pareceres fornecidos tratam tecnicamente da questão do digital registrada e expressam interpretações diferentes (Figuras 33 e 34), e o Parecer Final do editor recomenda outras modificações (Figura 35):

Figura 33 Parecer 1 do Artigo 1 da *Cerâmica Industrial*

Acho que vale sim, [REDACTED]

Na verdade ela usa o termo base serigráfica para se referir ao esmalte transparente aplicado como protetiva, que ainda não foi substituído pela tecnologia digital.

Fonte: cópula da pesquisa.

Figura 34 Parecer 2 do Artigo 1 da *Cerâmica Industrial*

Olá [REDACTED], bom dia

Um artigo que fale somente de pasta serigráfica **protetiva** é pior ainda. Idade da Pedra.

Fonte: cópula da pesquisa.

Figura 35 Parecer Final do Artigo 1 da *Cerâmica Industrial*

Prezada [REDACTED]

A Comissão Editorial recomenda as seguintes modificações para que o artigo submetido seja publicado na *Cerâmica Industrial*:

1. que o título seja modificado para algo como "[REDACTED]"
2. que o item "Revisão da literatura" seja reduzido, considerando que o público alvo é familiarizado com a maioria desses conceitos.

Atenciosamente,

Fonte: cópula da pesquisa.

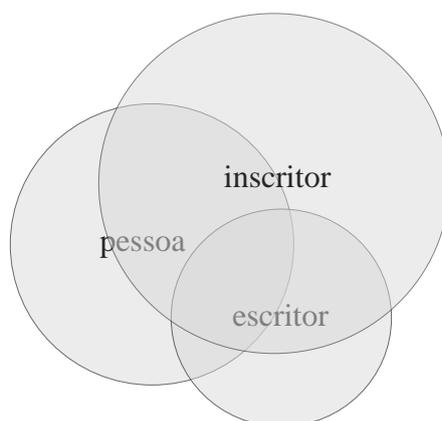
Enquanto no Parecer 1, que começa com a validação da publicação (*"acho que vale, sim"*), o parecerista justifica a terminologia empregada no artigo relacionando-a com a tecnologia digital de forma não pejorativa (*"na verdade ela [a autora que fez a submissão] usa o termo base serigráfica para se referir ao esmalte transparente aplicado como protetiva, que ainda não foi substituído pela tecnologia digital"*), no Parecer 2 o avaliador parece retomar uma avaliação anterior negativa não explicitada nesse e-mail (*"é pior ainda"*), realçando com uso de negrito o aspecto do tema do artigo que não considera uma contribuição relevante para a revista (*"um artigo que fale somente de pasta serigráfica **protetiva**"*) e justificando sua decisão com um apelo à desatualização da abordagem/tecnologia (*"Idade da Pedra"*).

No Parecer Final, embora faça menção à comissão editorial (*"a Comissão Editorial recomenda"*), o editor condiciona o aceite do artigo a alterações (*"recomenda as seguintes modificações para que o artigo submetido seja publicado na *Cerâmica Industrial*"*) que não foram apontadas pelos pareceristas: a mudança de título (*"que o título seja modificado para algo como [...]"*), que não é justificada, e a redução da seção *"Revisão de literatura"*, *"considerando que o público-alvo é familiarizado com a maioria desses conceitos"*. Como um coenunciador editorial que participa ativamente do fazer avaliativo, mas se coloca na posição de árbitro a princípio prevista para a sua função nesse processo, ele convoca a comissão editorial da revista para validar o parecer que emite, publicizando uma hierarquização da instância decisória que ambos ocupam diferente daquela explicitada no acesso aos pareceristas (Figura 32).

Se nos dois casos o editor tem um papel de autoridade como *"gestor da informação"*, podemos dizer que essa autoridade é construída de maneiras distintas em termos de gestos inscricionais. No convite aos pareceristas, se estabelece uma relação de colaboração entre pares de uma mesma comunidade científica na qual é o

editor quem afiança a atuação dos avaliadores, tanto ao acioná-los para a atividade de avaliação, reforçando a condição de especialistas dos colegas, quanto ao pontuar uma primeira leitura do artigo, sinalizando um caminho objetivo para a análise do que entende por “contribuição” para a revista. No Parecer Final, os pareceristas ocupam o lugar de fiadores da decisão comunicada pelo editor, mas é ele quem coloca a autoridade desses especialistas em primeiro plano para afiançar a própria, explicitada na sua assinatura do parecer, e de certa forma também para responder pela decisão coletiva que simula e comunica. No entrelaçamento das três instâncias da paratopia criadora, podemos pensar num mesmo gráfico para essas figurações (Figura 36):

Figura 36 Nó borromeano da mediação editor-pareceristas no convite para avaliação por pares e no Parecer Final da *Cerâmica*



Fonte: elaboração própria.

Nos dois casos, é a instância *inscritor* que se evidencia, pois tanto no âmbito restrito em que a avaliação acontece quanto na publicização de seu resultado para os autores há ênfase no trabalho inscricional de editoria e avaliação que sustenta ora o processo avaliativo, ora a decisão comunicada. Esse trabalho, por sua vez, tem sustentação na instância *pessoa*, cujas condicionantes são consideradas na avaliação por pares: no convite, o editor, por ser autoridade pública no periódico que gerencia, aciona e direciona determinados pareceristas, por serem autoridades nas suas áreas de especialidade; no Parecer Final, embora os pareceristas permaneçam anônimos para os autores, continuam sendo figuras de autoridade representadas pela categoria “comissão editorial”, que é selecionada pelo editor e, portanto, autorizada por ele para o apoio das decisões do periódico, personalizadas na sua assinatura. Sem retomadas

explícitas que dizem respeito à circulação de uma produção autoral, o trabalho inscricional desses coenunciadores tem menor apoio na instância *escritor*.

Como não tivemos acesso à versão do Artigo 1 modificada pelos autores para compará-la com o original, não é possível analisar pontualmente o nível de intervenção que fizeram a partir da recomendação de síntese da seção “*Revisão de literatura*”. No caso da recomendação de mudança de título, já feita com uma proposta de textualização (“*que o título seja modificado para algo como [...]*”), notamos que são mantidos alguns dos elementos essenciais que caracterizam a proposta do texto e alterados outros com o intuito de marcar uma aplicação prática dessa proposta:

Redução de [termo técnico da área] de uma Empresa de [produto da área] da Região [localidade da empresa]. (título original)

Redução de [mesmo termo técnico da área] para Serem Usadas Como [termo técnico da área]. (título sugerido e publicado)

A substituição de informações que localizam a empresa protagonista da técnica discutida por informações que especificam o uso dessa técnica reforça a preocupação do editor com o público-alvo da *Cerâmica* (os técnicos cerâmicos brasileiros), que não foi explicitado como argumento do novo título, mas está sempre pressuposto pela ênfase que recebe na missão da revista. Essa mesma ênfase é dada também no parecer do Artigo 2 (Figura 37):

Figura 37 Parecer do Artigo 2 da *Cerâmica Industrial*

Prezada [REDACTED],

Resumo abaixo os comentários da Comissão Editorial:

As informações sobre o efeito da temperatura de queima sobre as cores de tintas aplicadas por jato de tinta são extremamente interessantes para o público alvo da *Cerâmica Industrial*.

O artigo, como submetido, é extremamente acadêmico.

É preciso “*enxugá-lo*” levando em consideração que o público alvo mencionado acima já é familiarizado com boa parte da revisão.

Um aspecto que foi deixado de fora, e é extremamente importante, é o fato de que, além das cores, a temperatura de queima também afeta outras características fundamentais dos revestimentos cerâmicos, como, por exemplo, as dimensões e absorção de água. Nesse sentido, a falta de um controle rigoroso da qualidade das matérias-primas, da formulação e preparação da massa, pode requerer a alteração da temperatura de queima para ajustar os parâmetros mencionados, exigidos por norma. Isso, como mostra o artigo de vocês, alteraria as cores. Entretanto, o controle mais rigoroso das matérias-primas, massa, etc., implica em elevação do custo de produção. Nesse contexto, buscar tintas menos sensíveis às variações de temperatura é o objetivo de especialistas na área.

À luz dos comentários acima, sugiro que reescrevam o artigo valorizando o que o mesmo tem de melhor, o efeito da temperatura de queima sobre as cores do produto final, e submetam novamente.

Além disso, no que se refere a forma, adotem um estilo mais direto e menos acadêmico de escrita.

Com objetivo de ajudá-los na reescrita do artigo, se acharem apropriado e conveniente, sugiro que contatem do Prof. Dr. [REDACTED], que nos lê em cópia.

Ele é membro da Comissão Editorial da *Cerâmica Industrial* e certamente poderá ajudá-los na reescrita do artigo.

POR FAVOR, UTILIZEM ESTE E-MAIL NAS PRÓXIMAS VEZES.

Atenciosamente,

Fonte: cópula da pesquisa.

Sinalizando, por um lado, que as informações técnicas do artigo submetido quanto ao “efeito da temperatura de queima sobre as cores de tintas aplicadas por jato de tinta” são “extremamente interessantes para o público-alvo da *Cerâmica Industrial*”, por outro, o parecer chama a atenção dos autores para o caráter “extremamente acadêmico” do texto, solicitando que seja enxugado “levando em consideração que o público-alvo mencionado acima já é familiarizado com boa parte da revisão” – como feito no parecer anterior. A solicitação é complementada pela discriminação de outros aspectos do artigo que ainda podem ser detalhados, como a temperatura de queima, “que também afeta outras características fundamentais dos revestimentos cerâmicos”, e todas as implicações disso que levam à busca de “tintas menos sensíveis às variações de temperatura”, considerada “o objetivo de especialistas na área”. Por fim, recomenda-se que o artigo seja reescrito para nova submissão com base em dois critérios: a valorização do que “tem de melhor”, isto é, “o efeito da temperatura de queima sobre as cores do produto final”; e a adoção de “um estilo mais direto e menos acadêmico de escrita”, em termos do que o editor chama de “forma”.

No caso da submissão do Artigo 2, não tivemos acesso à troca de e-mails entre editor e comissão editorial, por isso não sabemos qual foi o debate para a confecção desse parecer. É interessante notar que ele não rejeita o artigo, mas também não o aceita para publicação com ressalvas, como feito no anterior. O tom instrucional que prevalece nas recomendações não as coloca exatamente como condicionantes do aceite do novo texto, deixando claro apenas que há possibilidade de uma nova submissão.

Ao verificarmos o artigo original, notamos que essa possibilidade, que também pode ser entendida como um estímulo à submissão do texto reescrito, pode se justificar pelo fato de o primeiro autor ser um graduando, cujo texto foi “apresentado ao Curso de Graduação em [...] da Faculdade [...] como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em [...]”, em coautoria com a professora coordenadora do curso. Conforme apresentado na Parte 1 desta tese, um dos interesses do editor da *Cerâmica* é incentivar a publicação de jovens pesquisadores e grupos de pesquisa para, conseqüentemente, incentivar a produção científica da área, o que, por sua vez, também garante contribuições relevantes para o periódico. Nesse sentido, observamos que a “autonomia relativa” do editor em relação à comissão editorial que

percebemos nos dois pareceres tem a ver com sua função de ponderar o que tem sido publicado na revista em relação às reais demandas das indústrias cerâmicas que a consomem e patrocinam, garantindo a sua existência.

Como o parecer fala da escrita do texto como um critério à parte do seu conteúdo (“*além disso, no que se refere à forma*”), temos um indício da transitividade das autorias no periódico: no que diz respeito às matrizes de sociabilidade envolvidas nos modos de materializar os textos que publica, são convocadas áreas do conhecimento (de saída, as engenharias, dado o departamento-sede da Cerâmica) nas quais se cultiva o imaginário de que é possível fazer essa separação, de modo a garantir máximas como a da objetividade (“*adotem um estilo mais direto e menos acadêmico de escrita*”), bastante retomada no âmbito da escrita científica, em geral, fora das humanidades. Essa busca pela objetividade, que muitas vezes é sinalizada como sinônimo de clareza de um texto, é reiterada na solicitação de síntese da revisão de literatura do artigo, que, por ser “*extremamente acadêmico*”, precisa ser enxugado para atender ao que se espera de um artigo científico das ciências exatas, ou um artigo científico da engenharia de materiais, ou um artigo técnico-científico da área de materiais cerâmicos.

Ainda que imprecisa – já que não tivemos acesso ao artigo alterado pelos autores para análises pontuais –, a relação que se estabelece entre estilo “*mais direto*” e “*menos acadêmico*” dá notícias de uma interlíngua do periódico que também funciona como gestão autoral, na medida em que aponta para o caráter técnico-científico que os dois pareceres ressaltam. No parecer do Artigo 2, esse caráter é reforçado na sugestão do editor para que os autores acionem determinado professor “*membro da Comissão Editorial da Cerâmica Industrial*” para “*ajudá-los na reescrita do artigo, se acharem apropriado e conveniente*”. A sugestão de auxílio de um profissional alinhado com as práticas editoriais da revista para a reescrita do artigo (um funcionamento comum da *Cerâmica* sobretudo para artigos traduzidos, conforme apresentamos na Parte 1) visa a uma adaptação do texto que, assim como a avaliação por pares, não tem embasamento em critérios predeterminados.

A atuação desse profissional na reescrita do artigo não fica clara no parecer, pois não está explícito se ele prestará algum tipo de consultoria contratado pela revista (como acontece nos casos de tradução) ou pelos próprios autores, se editará o texto propondo novas textualizações ou indicará os caminhos mais apropriados para que os autores o façam. De todo modo, podemos dizer que a coenunciação editorial que

exerce no periódico ora como tradutor, ora como consultor está fundamentada na sua experiência em lidar com a interlíngua que a *Cerâmica* promove no âmbito da avaliação por pares, experiência esta validada pelo editor no parecer emitido (“*ele é membro da Comissão Editorial da Cerâmica Industrial e certamente poderá ajudá-los na reescrita do artigo*”).

Vale lembrar que os tipos de documentos aceitos para publicação nos periódicos também dizem muito sobre a sua interlíngua e, portanto, sobre a gestão de suas autorias. Nesse sentido, o fato de a *Cerâmica* se valer da adaptação dos artigos em vez de propor um novo gênero discursivo talvez mais produtivo para seu público-alvo, seus autores e também seu tratamento editorial reforça a cristalização da revista em práticas da comunicação científica de que falamos anteriormente: sua circulação, ainda que mais mercadológica, legitima-se a partir de um documento amplamente reconhecido como acadêmico por critérios como os do SciELO, isto é, o artigo científico, o *médium* central de um sistema de publicação de que a revista participa paralelamente.

Nas demais revistas em análise, que propõem formulários de parecer para a avaliação por pares, a questão da interlíngua nem sempre pode ser depreendida em meio aos critérios listados, embora esteja pressuposta. No formulário da *Geosp*, composto de seis itens, o parecerista é chamado a analisar pontualmente a originalidade do artigo, a relevância da temática para a geografia, a clareza da delimitação dos objetivos, a coerência teórico-metodológica, a pertinência e o tratamento dos dados e a adequação das ilustrações apresentadas, para, por fim, redigir seu parecer (Figura 38):

Figura 38 Formulário de avaliação da *Geousp*

Resposta do formulário de avaliação

Formulário de avaliação

Após responder as questões abaixo salve o formulário e faça sua recomendação (parecer) no item 6.

O artigo é original? *

- Sim
 Não

Há relevância da temática para o conhecimento geográfico? *

- Sim
 Não

Os objetivos estão claramente delimitados? *

- Sim
 Não

Há coerência teórico-metodológica? *

- Sim
 Não

Os dados empíricos (fontes primárias e secundárias) têm pertinência e foram adequadamente tratados? Observar a adequação e suficiência das ilustrações, figuras e tabelas *

- Sim
 Não

Insira neste campo o texto de seu parecer

Fonte: cópula da pesquisa.

É claro que, na condição de especialista da área/subárea dos estudos da geografia física e humana, o parecerista poderá detalhar no campo específico para isso (que não é obrigatório) os critérios dessa análise que julgar pertinentes como contribuição aos autores para a melhoria do artigo ou ao editor para decidir sobre a publicação do texto. Entretanto, em termos de diretrizes sobre a avaliação por pares, o que chama a atenção é a objetividade das questões, que oferecem poucas instruções para a confecção do parecer. No Parecer 1 apresentado acima, o campo aberto para detalhamentos é preenchido pelo Avaliador A da seguinte forma (Figura 39):

Figura 39 Parecer 1 da Geousp

Insira neste campo o texto de seu parecer

Considero o texto bom e importante. Apenas faço uma ressalva quanto aos dados empíricos. O texto é principalmente produzido por racionalização a partir do diálogo com fontes teóricas sobre corporeidade e lugar, o desenvolvimento das formas ciborgue (interface homem/máquina informacional) e as implicações na ação cidadã e nas formas de participação e pressão políticas.

No entanto o texto faz alusão a processos reais: movimento MPL, jornadas de 2013, ocupação das escolas de São Paulo (2015), além de outros internacionais (primavera árabe, ocupação da Praça Tahir). Considero que esses exemplos (ou alguns deles) poderiam ser melhor explorados para dar maior embasamento e consistência à racionalização proposta no artigo.

No mais considero muito bom e recomendo sua aceitação pela revista.

* Indica campo obrigatório

Fonte: cópula da pesquisa.

Nesse caso, o parecerista justifica o único item do formulário que respondeu com “não” (“Os dados empíricos (fontes primárias e secundárias) têm pertinência e foram adequadamente tratados? Observar a adequação e suficiência das ilustrações, figuras e tabelas”) a título de contribuição para o autor (“apenas faço uma ressalva quanto aos dados empíricos”): ele fala da qualidade do artigo (“Considero o texto bom e importante”) e destaca aspectos de sua abordagem do tema (“O texto é principalmente produzido por racionalização a partir do diálogo com fontes teóricas sobre corporeidade e lugar, o desenvolvimento das formas ciborgue (interface homem/máquina informacional) e as implicações na ação cidadã e nas formas de participação e pressão políticas.”), apresentando o contraponto que motivou sua sugestão de melhoria (“No entanto, o texto faz alusão a processos reais: movimento MPL, jornadas de 2013, ocupação das escolas de São Paulo (2015), além de outros internacionais (primavera árabe, ocupação da Praça Tahir). Considero que esses exemplos (ou alguns deles) poderiam ser melhor explorados para dar maior embasamento e consistência à racionalização proposta no artigo.”). Por fim, pontua seu aceite do texto, realçando sua qualidade (“No mais, considero muito bom e recomendo sua aceitação pela revista”).

O Avaliador B, por sua vez, que respondeu “sim” em todos os itens do formulário, trata de outro ponto no campo de parecer (Figura 40):

Figura 40 Parecer 2 da *Geousp*

Os dados empíricos (fontes primárias e secundárias) têm pertinência e foram adequadamente tratados? Observar a adequação e suficiência das ilustrações, figuras e tabelas *

- Sim
 Não

Insira neste campo o texto de seu parecer

O texto é de significativa relevância para o atual contexto político e geográfico internacional. O autor deverá, no entanto, fazer uma pequena revisão em seu texto para evitar erros ortográficos e gramaticais, além de adequar as referências ao padrão solicitado pelo periódico.

* Indica campo obrigatório

Fonte: cópula da pesquisa.

No Parecer 2, ele também destaca a importância da temática do artigo (“*O texto é de significativa relevância para o atual contexto político e geográfico internacional*”), porém recomendando que o autor faça “*uma pequena revisão em seu texto para evitar erros ortográficos e gramaticais*” e também confira a normalização das referências conforme o “*padrão solicitado pelo periódico*”. Como o formulário não prevê análises sobre a qualidade da escrita e da normalização do artigo ou mesmo especifica a norma usada na revista, é interessante notar que o parecerista se valeu de critérios extras que considerou relevantes para que o texto possa ser aprovado para publicação – ele não verbaliza que aprova apenas se os ajustes dessa ordem forem feitos, mas também não dá margem para que a recomendação seja recebida como sugestão (“*O autor deverá, no entanto, fazer [...]*”).

Se observarmos o que a *Geousp* diz sobre a avaliação por pares no seu *site*, nos deparamos com a seção *Sobre a Revista*⁴², que apresenta o que chama de *Deveres dos pareceristas*:

Os trabalhos recebidos para análise devem ser tratados como documentos confidenciais.

Os pareceristas devem registrar a declaração de conflito de interesses, disponibilizada no formulário de avaliação.

Devem ainda manter a confidencialidade de qualquer informação fornecida pelo editor ou pelo autor, sem conservar nenhuma cópia do manuscrito. Não devem usar em proveito próprio informações ou ideias obtidas na leitura dos trabalhos.

⁴² Em <https://www.revistas.usp.br/geousp/about>. Acesso em: 2 dez. 2022.

Finalmente, podem indicar trabalhos relevantes já publicados que não foram citados no manuscrito, bem como chamar a atenção dos editores para qualquer semelhança substancial ou sobreposição entre o manuscrito e outro texto publicado de que tenham conhecimento.

Nota-se que são enfatizadas questões de confidencialidade e conflito de interesses no processo de avaliação, sem maiores informações sobre as etapas desse processo. Também se fala da atenção à originalidade dos artigos, que já aparece no formulário de parecer, e da possibilidade de indicação de outros trabalhos publicados não citados no texto, a única diretriz que não tem a ver diretamente com a postura ética dos pareceristas. Na aba *Submissões*⁴³, os itens 5, 6 e 7 das *Diretrizes para Autores* especificam elementos da apresentação do manuscrito em termos de formatação, citações e referências, os quais podem ser relevantes para a avaliação dos artigos, como mostra o Parecer 2, mas não se encontram reunidos em seção específica sobre a avaliação por pares de forma a facilitar esse tipo de checagem dos pareceristas – talvez porque essa análise não esteja prevista de saída no próprio formulário de avaliação, provavelmente porque a *Geousp* conta com tratamento editorial dos artigos feito por empresa externa que inclui revisão parcial com base em *checklist* predeterminada e normalização.

O Avaliador B, além de preencher o formulário, também faz comentários no artigo submetido com sugestões de ajustes do texto. O primeiro deles aparece no resumo (Figura 41):

Figura 41 Comentário do Avaliador B no resumo de um artigo da *Geousp*

Autor

Revisar o resumo para ser descritivo daquilo que de fato se apresenta no texto completo, indicando o problema que será discutido.

Fonte: cópula da pesquisa.

⁴³ Em <https://www.revistas.usp.br/geousp/about/submissions>. Acesso em: 2 dez. 2022.

Apesar de não fazer no parecer apontamentos quanto à inadequação do resumo com relação ao conteúdo do artigo, o parecerista sugere que ele seja alterado “*para ser descritivo daquilo que de fato se apresenta no texto completo*”, de modo que indique “*o problema que será discutido*”. Também destaca repetições para que o autor verifique, sem, entretanto, comentá-las (Figura 42):

Figura 42 Realce do Avaliador B em artigo da *Geousp*

tem sido uma amostra deste **fato**. Provavelmente, pelo **fato** de os problemas, indignações e

Fonte: cópula da pesquisa.

Na sequência do texto, deixa outro comentário no título da primeira seção recomendando que o autor faça uma revisão do artigo “*para evitar erros de digitação, gramática e ortografia*” e informando que alguns desses problemas já foram indicados por ele ao longo do texto (Figura 43):

Figura 43 Comentário do Avaliador B na primeira seção de um artigo da *Geousp*

Autor

É recomendável que o(a) autor(a) verifique e revise o seu texto para evitar erros de digitação, gramática e ortografia. Alguns deles foram revistos aqui, conforme o padrão de controle das alterações do programa.

Fonte: cópula da pesquisa.

Nesse caso, o termo “revisão” adquire sentido diferente daquele empregado no comentário do resumo. Lá, se espera que o autor revise o texto do resumo para garantir que seja realmente uma síntese de tudo que foi abordado no artigo, o que não indica que o parecerista identificou a necessidade de ajustes de ordem ortográfica ou gramatical – o que é reforçado pelo realce da repetição da palavra “*fato*”, que evidencia o olhar do avaliador para um ajuste mais fino do texto que não remete à correção; aqui, é justamente de correção que se trata, e o parecerista enfatiza isso ao categorizar os “erros” com base na norma-padrão da língua escrita (“*de digitação, gramática e ortografia*”). Nesse sentido, é interessante observar o nível de intervenção dos ajustes que marca ao longo do texto (Figuras 44, 45, 46 e 47):

Figura 44 Indicações de correção do Avaliador B em artigo da *Geosp*

e paradoxalmente, **certas formas letargias dos corpos. À velocidade da luz**, os meios digitais de

Fonte: cópua da pesquisa.

Figura 45 Indicações de reescrita do Avaliador B em artigo da *Geosp*

proximidade geográfica perdeu a proeminência na configuração das relações sociais. **As redes** passando a substituir os lugares como suportes da sociabilidade nos bairros e nas cidades, pelo fato de os laços significativos destas redes serem mais constituídos com base em relações de afinidade do que de proximidade (2010, p. 106).

De fato, nosso cotidiano nas grandes cidades se dá em rede fazendo com que nossas relações de vizinhança sejam mais fracas, pois este cotidiano envolve vínculos, percursos percorridos e conexões entre pessoas e locais próximos e distantes em nossas ações e diferentes relações no âmbito do trabalho, do lazer, do consumo e da família entre outros. | Todavia, é preciso atentar

Autor
Poderiam ser reescritas as frases para facilitar o entendimento.

Autor
Formatado: Realce

Autor
Formatado: Realce

Fonte: cópua da pesquisa.

Figura 46 Ajuste do Avaliador B em artigo da *Geosp*

Como observa Sennett:

independência e autonomia só despertam quando há alguma impureza, dificuldade e obstrução, como partes da sua própria experiência [...] a resistência constitui uma experiência necessária e fundamental para o corpo humano, por meio dela, o corpo é despertado para o mundo em que vive (Sennett, 2014, p. 314).

Fonte: cópua da pesquisa.

Figura 47 Sugestão de citação do Avaliador B em artigo da *Geosp*

Nos lugares, sobretudo no seio das grandes cidades, a **co-presença** permite a consciência da existência real dos outros, de que eles fazem parte do meio em que vivo, de que eu sou parte do campo de ação deles e que, juntos, fazemos parte de uma realidade total compartilhada. | A

Autor
Ainda poderiam ser citados Urry e outros trabalhos sobre mobilidade urbana em um mundo conectado em rede.

Fonte: cópua da pesquisa.

Nas indicações de correção e reescrita (Figuras 44 e 45), são apontados problemas de forma mais indireta – os realces que presumem a correção de “formas letárgicas” e de “Na velocidade da luz” e o comentário que verbaliza que “*poderiam ser reescritas as frases para facilitar o entendimento*”, presumindo ajustes de coesão e coerência que tornem os dois trechos mais claros. Ao indicar os problemas identificados em sua análise sem propor textualmente soluções, o parecerista ao

mesmo tempo formaliza seu papel de avaliador, registrando os estranhamentos da leitura especializada que fez como forma de contribuição para a melhoria do artigo, e atribui ao autor a responsabilidade pelas alterações (que, afinal, demandam tempo de trabalho sobre o texto), bem como a decisão de fazê-las ou não. No ajuste da chamada autor-data e na sugestão de citação de outros trabalhos (Figuras 46 e 47), são feitas recomendações mais diretas que têm relação com uma questão bastante enfatizada na comunicação científica: o papel das citações. Enquanto o ajuste da grafia do nome do autor nas duas ocorrências (“*Sennett*”) visa a garantir a sua correspondência exata com os metadados recuperáveis nas plataformas de indexação de artigos e autores, a sugestão da citação de “*Urry e outros trabalhos sobre mobilidade urbana em um mundo conectado em rede*” tem a função de assegurar a legitimação da discussão feita a partir de outros trabalhos publicados que dialoguem diretamente com o tema e/ou que sejam referência na área, os quais, por sua vez, também são legitimados a cada citação que recebem, tornando-se ou não referência, inclusive, a partir desse recurso de gestão das autorias.

A importância da citação também pode ser reconhecida em outro ponto do artigo avaliado, no qual o parecerista estabelece um diálogo com o autor num comentário que registra a relação que faz entre as “*experiências de celeridade e letargia*” do homem moderno de determinadas classes sociais de que o parágrafo trata e “*a longa discussão promovida por Harvey, Soja e Massey sobre a compreensão do espaço-tempo e o jogo de escalas*” (Figura 48):

Figura 48 Comentário do Avaliador B em trecho de um artigo da *Geousp*

<p>experiências de celeridade e letargia. A primeira se manifesta pelo ritmo acelerado das inovações tecnológicas, profissionais e do frenético fluxo das informações e do dinheiro. Já a segunda, corresponde às seguros, confortáveis e assépticos com os quais os indivíduos buscam proteger seus corpos de e ameaçadores para a sua integridade física e <i>status</i> social.</p>	<p>Autor A longa discussão promovida por Harvey, Soja e Massey sobre a compreensão do espaço-tempo e o jogo de escalas...</p>
--	---

Fonte: cópula da pesquisa.

Em seu comentário, o parecerista não só indica uma leitura possível de um aspecto do artigo ancorada em uma obra de provável ampla circulação na área – já que informa apenas o nome dos autores (aparentemente coautores de um mesmo material), sem data de publicação –, mas também sinaliza para a possibilidade de mobilização desses autores no texto e sua consequente citação – já que não constam na lista de referências bibliográficas do artigo.

As referências, aliás, são outro recurso amplamente valorizado no que se refere à legitimação das autorias. Um dos elementos de destaque das páginas de metadados dos artigos, conforme mostramos na Parte 2 desta tese (Cf. Figura 11 Exemplo de página de metadados de um artigo da *Rieb*), aparecem frequentemente nas diretrizes dos periódicos para autores com exigências quanto a data e origem de publicação (geralmente mais recente e com representatividade internacional expressiva), área de especialidade e limite quantitativo. No formulário da *Rieb*, estão entre as primeiras alternativas avaliadas (Figura 49):

Figura 49 Formulário de avaliação da *Rieb*

Resposta do formulário de avaliação

Formulário de Avaliação

RECOMENDAÇÕES

- Publicação sem revisão
- Publicação somente após revisões substantivas (especificar)
- Publicação após pequenas revisões estilísticas ou textuais (especificar)
- Rejeição

AVALIAÇÃO | assinale uma ou mais alternativas

- O artigo apresenta uma reflexão original
- A bibliografia citada é adequada e atualizada
- O texto é bem redigido
- O texto tem repetições de palavras e expressões
- O texto poderia ser sintetizado
- O texto requer reestruturação
- O texto não cabe em uma revista de caráter multidisciplinar
- O texto não corresponde aos padrões de um artigo acadêmico
- Outros (especifique)

OBSERVAÇÕES

Solicitamos seus comentários sobre o artigo anexo, observando particularmente os seguintes pontos:

- Oportunidade e relevância do artigo
- Qualidade e rigor da argumentação
- Cumprimento dos objetivos a que se propõe
- Adequação entre a análise e os dados apresentados

Fonte: corp3s da pesquisa.

Nos *Cr3terios para publica33o e orienta33es aos autores*⁴⁴ do peri3dico, entretanto, n3o aparecem listadas, assim como n3o h3 detalhamentos sobre a avalia33o por pares para al3m da descri33o do processo nem instru33es direcionadas aos avaliadores:

Os artigos ser3o submetidos 3 avalia33o de dois pareceristas, sendo consideradas a autenticidade e a originalidade do trabalho.
a) Em caso de diverg3ncia, ser3 ouvido um terceiro parecerista.
b) Os pareceristas t3m 30 dias para emitirem seus pareceres.
c) O prazo m3dio para publica33o 3 de 12 meses, incluindo os processos de avalia33o, edi33o de texto e finaliza33o.

No formul3rio acima, embora n3o esteja claro que h3 uma hierarquiza33o desses elementos listados, vale observar que o item que avalia se “*a bibliografia citada 3 adequada e atualizada*” aparece antes de v3rios outros que dizem respeito a aspectos do texto a serem considerados, inclusive a adequa33o ao g3nero discursivo (“*o texto n3o corresponde aos padr3es de um artigo acad3mico*”) e ao escopo do peri3dico (“*o texto n3o cabe em uma revista de car3ter multidisciplinar*”). A relev3ncia dada 3 an3lise desse item e sua rela33o com as possibilidades de entendimento sobre texto multidisciplinar que o peri3dico promove aparecem pontualmente quando comparamos as respostas do Avaliador A, apresentadas na figura acima, 3s do Avaliador B (Figura 50) e seus respectivos pareceres de um mesmo artigo submetido:

⁴⁴ Em <https://www.ieb.usp.br/wp-content/uploads/sites/127/2020/03/crit3rios-e-orienta33es-aos-autores-RIEB-mar3o-2021-v2.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2022.

Figura 50 Respostas do Avaliador B ao formulário da *Rieb*

Resposta do formulário de avaliação

Formulário de Avaliação

RECOMENDAÇÕES

- Publicação sem revisão
 Publicação somente após revisões substantivas (especificar)
 Publicação após pequenas revisões estilísticas ou textuais (especificar)
 Rejeição

AVALIAÇÃO | assinale uma ou mais alternativas

- O artigo apresenta uma reflexão original
 A bibliografia citada é adequada e atualizada
 O texto é bem redigido
 O texto tem repetições de palavras e expressões
 O texto poderia ser sintetizado
 O texto requer reestruturação
 O texto não cabe em uma revista de caráter multidisciplinar
 O texto não corresponde aos padrões de um artigo acadêmico
 Outros (especifique)

OBSERVAÇÕES

Solicitamos seus comentários sobre o artigo anexo, observando particularmente os seguintes pontos:

- *Oportunidade e relevância do artigo*
- *Qualidade e rigor da argumentação*
- *Cumprimento dos objetivos a que se propõe*
- *Adequação entre a análise e os dados apresentados*

Fonte: cópula da pesquisa.

Os dois pareceristas concordam que o artigo “*apresenta uma reflexão original*” e tem um texto “*bem redigido*”, mas discordam quanto à mobilização de uma bibliografia “*adequada e atualizada*”, o que influencia suas “*recomendações*” – o Avaliador A considera que o artigo merece publicação “*após pequenas revisões estilísticas ou textuais (especificar)*” e o Avaliador B, “*somente após revisões substantivas (especificar)*” –, conforme evidenciam seus pareceres. O Avaliador A, que valida a adequação e atualização da bibliografia, começa seu parecer associando os pontos positivos do texto ao aparato teórico que o autor convoca nas reflexões desenvolvidas (Figura 51):

Figura 51 Trecho 1 do parecer do Avaliador A

[O texto em análise constitui importante reflexão em torno da assim chamada virada multiespécies na antropologia contemporânea. Destaco a interessantíssima discussão – ainda que breve – das possibilidades para uma reflexão sobre o animal contidas na obra de Pierre Clastres (lida em paralelo com as contribuições lévistraussianas para o debate, um pouco melhor conhecidas) que, a meu ver, merece aprofundamento (não necessariamente aqui). Destaco, também muito especialmente, a parte III do texto, que traz reflexões interessantíssimas que conectam Evans-Pritchard, G. Bateson e as antropologias perspectivistas (o que também mereceria um maior investimento, mas não, talvez, necessariamente aqui). Por isso, o que tenho são algumas sugestões com vistas à aprimorar o texto de modo a torná-lo completamente “redondo” para publicação.

Fonte: cópula da pesquisa.

Além da menção nominal de autores citados no texto, como “*Pierre Clastres*”, “*Evans-Pritchard*” e “*G. Bateson*”, os próprios termos que ele usa na construção dos seus argumentos reforçam o papel da bibliografia na consagração de uma área do conhecimento a partir da gestão autoral: a “*assim chamada virada multiespécies*”, a “*antropologia contemporânea*”, as “*contribuições lévistraussianas*” e as “*antropologias perspectivistas*” não poderiam ser abordadas dessa forma sintética que as presume como referências comuns de um campo se não fossem as milhares de retomadas que acumulam por meio das referências bibliográficas e suas respectivas chamadas autor-data que as fazem circular em materiais publicados diversos, as quais são constitutivas, inclusive, da noção de obra também mencionada (“*na obra de Pierre Clastres*”). Apesar de suas observações sobre a possibilidade de aprofundamento das reflexões do autor, o parecerista pontua que apresenta sugestões “*com vistas a aprimorar o texto de modo a torná-lo completamente ‘redondo’ para publicação*”, partindo para explicitações sobre problemas de coesão e coerência do artigo que interferem diretamente na sua lógica argumentativa (Figura 52):

Figura 52 Trecho 2 do parecer do Avaliador A

Uma primeira sugestão é a de repensar a fluidez da leitura e a concatenação do argumento. O texto apresenta duas quebras abruptas na sua argumentação que, a meu ver, confundem o leitor e prejudicam sua fluidez. A primeira delas acontece na página 4: o autor (ou autora; doravante “autor”, por economia) vem dando exemplos do paradigma antropocêntrico na antropologia, mas, então, de repente, refere-se aos estudos do comportamento animal como possibilidades de questionamento do tal paradigma antropocêntrico. O quanto esses estudos servem ao questionamento do antropocentrismo na antropologia pode ser questionado, na medida em que a etnografia pode não apontar na mesma direção dos achados dos etólogos; o próprio autor parece desconfiar desta transição, e acho que ele tem razão; e, se desconfia, deve sofisticar a argumentação para fazer a transição adquirir sentido. (Cuide-se que o mesmo

Fonte: cópula da pesquisa

Por mais que o texto seja considerado bom, o parecerista identifica truncamentos (“*duas quebras abruptas na sua argumentação*”) que interferem na “*fluidez da leitura*” e na “*concatenação do argumento*”, e sugere que essa questão seja revista para evitar contradições teóricas – o autor “*deve sofisticar a argumentação para fazer a transição adquirir sentido*”. Ele trata longamente dos pontos questionáveis no modo como alguns estudos são mobilizados pelo autor nessa argumentação antropologia/etologia e, mais adiante, fala da importância da citação de autores brasileiros (Figura 53) e da outra quebra mencionada (Figura 54):

Figura 53 Trecho 3 do parecer do Avaliador A

Logo no início do artigo, o autor menciona os desdobramentos recentes no campo dos estudos antropológicos de seres outros-que-humanos, mas cita apenas autores estrangeiros. Por que não citar os desdobramentos recentes também no Brasil? Sobretudo tendo-se em vista o fato de que celebra, com este texto, a incorporação que fez a REACT deste tema.

Fonte: cópula da pesquisa.

Figura 54 Trecho 4 do parecer do Avaliador A

A outra transição abrupta acontece mais a frente, quando o autor, que vinha dando exemplos, na antropologia, da “redução” da condição animal para a produção, por antítese, da condição humana. No meio desses exemplos, aparece a já mencionada – e fabulosa, ainda que muito curta – discussão com Clastres e Lévi-Strauss. Aí, também, o leitor se confunde, pois a leitura feita aqui de Clastres parece abrir a discussão em uma outra frente, contraditória com o argumento que anterior, ilustrado por autores que apostam num reducionismo do animal. Talvez fosse melhor destacar – e, se possível, investir nela – a discussão com as ideias clastreanas.

Fonte: cópula da pesquisa.

Ao mesmo tempo que reitera a sua validação do diálogo estabelecido com as referências teóricas usadas no artigo (“*aparece a já mencionada – e fabulosa, ainda que muito curta – discussão com Clastres e Lévi-Strauss*”), o parecerista se coloca no lugar do leitor para apontar outra contradição (“*aí, também, o leitor se confunde*”) quanto ao argumento anterior, que é “*ilustrado por autores que apostam num reducionismo do animal*”. Ele critica a “*leitura feita aqui de Clastres*”, pois entende que “*parece abrir a discussão em uma outra frente*”, isto é, dá margem para outros desdobramentos da reflexão não indiciados pelo autor na tessitura do texto feita até aqui, e não considerados interessantes da sua perspectiva de análise, provavelmente fundamentada no fato de ser também leitor de Clastres, dada sua sugestão para resolver o problema (“*talvez fosse melhor destacar – e, se possível, investir nela – a discussão com as ideias clastreanas*”).

Assim, durante toda a interlocução feita, o Avaliador A articula vetores de sensibilidade (MO) da comunicação científica – bibliografia e chamadas autor-data – e matrizes de sociabilidade (OM) da multidisciplinaridade dos estudos brasileiros publicada pela Rieb – a interface antropologia e etologia –, evidenciando a importância do modo como se diz para áreas em que o texto é parte fundamental da reflexão a ser comunicada e convocando também para isso o lugar do leitor, que tem poder de validar o do autor e o do próprio parecerista. Nesse sentido,

[...] essa triangulação autor/coenunciador editorial/leitor mostra-se bastante complexa, sobretudo se considerarmos que tais posições são, de certo modo, intercambiáveis: o coenunciador editorial, que opera sobre o texto ainda em etapa autoral, dá ao autor um distanciamento que lhe permite a experiência de um leitor de si, de modo que o leitor final – por definição, também um coenunciador a preencher as lacunas que todo texto lhe propõe – finalmente conclua um caminho de produção dos sentidos. (SALGADO; MUNIZ JR., 2011, p. 89)

No formulário de avaliação, uma operação mais indireta sobre o artigo, já que propõe intervenções com base na tessitura do original submetido, e não marcadamente no original, a recomendação de publicação “*após pequenas revisões estilísticas ou textuais (especificar)*” tem apoio ainda num dos comentários do parecerista que especificam outras revisões a que se refere (Figura 55):

Figura 55 Trecho 5 do parecer do Avaliador A

Recomendo, antes de terminar, uma revisão cuidadosa do texto, para sanar alguns erros ortográficos e descuidos de digitação (palavras repetidas, conectivos ausentes etc.).

Fonte: cópula da pesquisa.

Enquanto nos comentários anteriores são propostos ajustes de parâmetros de coesão e coerência diretamente relacionados à composição do texto na ordem do discurso, aqui se indica uma revisão pontual da ordem da correção “*para sanar alguns erros ortográficos e descuidos de digitação (palavras repetidas, conectivos ausentes etc.)*”, indicação que também é feita com tom de sugestão (“*recomendo*”). É interessante notar que alguns dos pontos que são debatidos pelo Avaliador A com vistas a validar e “*aprimorar*” o artigo, como a fundamentação teórica, são identificados pelo Avaliador B como argumentos para o seu aceite “*somente após revisões substantivas*”. Seu parecer começa afirmando a qualidade da escrita e da argumentação do autor (Figura 56):

Figura 56 Trecho 1 do parecer do Avaliador B

O texto está bem escrito e com argumentos bem colocados em relação a uma proposta de etnografia multiespecie que se ancora numa crítica ao antropocentrismo e ao dualismo entre natureza e cultura. Todavia há algumas questões que podem ser melhor desenvolvidas.

Fonte: cópula da pesquisa.

Na sequência, ele critica o que entende como uma redução da noção de vida “*à ideia de interação entre espécies*”, ressaltando a multiplicidade de interpretações dessa noção em diferentes campos teóricos para chegar ao seu ponto: “*a questão é de que antropologia trata o autor*”. Assim como o Avaliador A, esse parecerista convoca alguns autores para fundamentar sua análise, mas, nesse caso, menciona referências da área não citadas no texto (“*autores como P. Descola [...] ou Tim Ingold*”), ressaltando também a tradição de um deles em determinado campo da antropologia (“*que desde os anos 70 vem apontando para outras formas de se fazer uma antropologia da vida [...]*”) e o fato de o autor ignorar o que considera “*um debate central para a área*” ao deixar de lado “*o debate crítico iniciado por Tim Ingold, em ‘Anthropology beyond humanity’, frente ao campo das etnografias multiespécies, que aponta a reificação da ideia ocidental de espécie nesta literatura, bem como a resposta de E.Kirksey ao autor*” (Figura 57):

Figura 57 Trecho 2 do parecer do Avaliador B

Na página um o(a) autor (a) faz questionamento sobre definição de vida, reduzindo a noção à ideia de interação entre espécies. São múltiplas as noções de vida tanto da biologia quanto na filosofia ou na antropologia. Ao mesmo tempo o autor enfatiza que a vida a antropologia sempre foi vista como vida humana, desqualificando a vida não humana. A questão é de que antropologia trata o autor. A meu ver não seria o caso, por exemplo, da antropologia produzida por autores como P.Descola, e todo o debate recente sobre o animismo, ou Tim Ingold, que desde os anos 70 vem apontando para outras formas de se fazer uma antropologia da vida, que não implica a redução do “não-humano” em objeto biológico. Aqui é interessa frisar que o autor ou autora deixa de lado o debate crítico iniciado por tim ingold, em “Anthropology beyond humanity” frente ao campo das etnografias multiespecies, que aponta a reificação da ideia ocidental de espécie nesta literatura, bem como a resposta de E.Kirksey ao autor. Um debate central para o campo.

Fonte: cópua da pesquisa.

Em outro trecho, o parecerista recomenda um olhar para outros desenvolvimentos relacionados à temática em questão (a “*virada multiespécie*”), mencionando “*autores outros que não os citados pelo autor e que comporiam seu leque de inspirações*” de modo a complementar o debate, ainda que não indique quais são esses autores (Figura 58). Mais adiante, fala de desdobramentos do tema desconsiderados pelo autor, que o “*apresenta como algo ‘novo’*”, desta vez citando exemplos de “*autores e grupos de pesquisa*” e ainda do que chama de “*literaturas sínteses*” (Figura 59).

Figura 58 Trecho 3 do parecer do Avaliador B

Em certa passagem do texto o (a) autor(a) apresenta sua proposta como tendo iniciada com a virada animalista. Todavia seria interessante observar todo desenvolvimento da antropologia/arqueologia dos objetos, bem como no campo das ciencias e da técnica, ou dos estudos feministas (ciborgue) e como influenciaram o que vem sendo denominado de virada multiespécie em autores outros que os citados pelo autor e que comporiam seu leque de inspirações para o que o artigo define como virada multiespecie.

Fonte: cópua da pesquisa.

Figura 59 Trecho 5 do parecer do Avaliador B

Assim a proposta do autor para uma “virada multiespécie” se apresenta como algo “novo”, mas sem abordar, ou deixa de lado, uma série de argumentos do campo, formulados por autores e grupos de pesquisas que vem se debruçando sobre outra proposta teórica-metodológica da apresentada pelo autor, como D. Haraway, A. Tsing, T. Van Dooren, E. Kirksey, D. B. Rose, E. Munster, H. Swanson, E. Kohn, bem como um vasto e recente campo do que vem sendo chamado de Environmental Humanities, o que pode ser visto em literaturas sínteses como “The Multispecie Salon”, Special Number Multispecie na Enviromental humanities e no livro “Arts of Living on a Damaged Planet”, para citarmos alguns destes textos. Portanto atinge parcialmente o objetivo de apresentar o movimento que vem sendo denominado de “virada multiespecie”.

Fonte: cópua da pesquisa.

A seguir, ele aponta contradição numa crítica feita no texto, afirmando que “*contraria justamente a proposta de autores clássicos do campo multiespécie, como D. Haraway e A. Tsing*”, uma vez que o autor “*não consegue se desvencilhar do antropocentrismo que critica ao afirmar que os não humanos se subordinam à política dos humanos*” (Figura 60):

Figura 60 Trecho 4 do parecer do Avaliador B

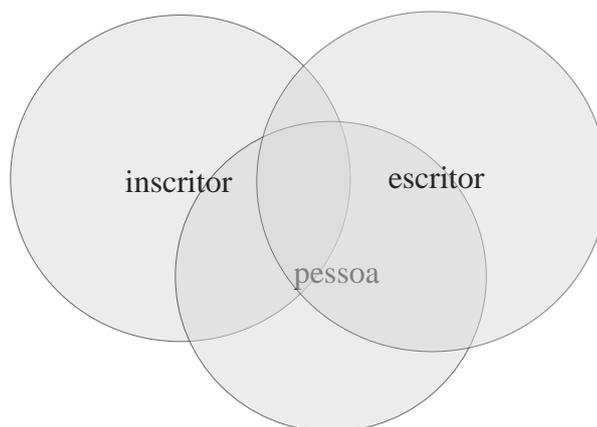
Nas Pagina 8-9 o(a) autor(a) formula uma crítica aos dispositivos antropocentricos, porém cai em contradição ao afirmar que o “não-humano esta irremediavelmente ligado as relações de poder estabelecida entre sociedades humanas”. Ou seja, o(a) autor(a) não consegue se desvencilhar do antropocentrismo que critica ao afirmar que os não humanos se subordinam a politica dos humanos. O que contraria justamente a proposta de autores clássicos do campo multiespecie, como D. haraway e A. Tsing.

Fonte: cópua da pesquisa.

No âmbito da coenunciação editorial, podemos dizer que ambos os pareceristas se valem da identificação de indícios bibliográficos mais ou menos reconhecidos e avalizados nos campos colocados em debate no artigo para avaliar as contribuições possíveis para a *Rieb* e a multidisciplinaridade dos estudos brasileiros. Isso significa que sua avaliação dos quesitos adequação e atualização da bibliografia citada no texto considera não só sua pertinência para o diálogo multidisciplinar entre autorias e seus respectivos objetos de reflexão, mas também sua atualidade no que se refere à articulação dessas autorias em meio a suas retomadas recentes. Em termos de paratopia criadora, entendemos que as autorias consagradas como referência constitutiva de um campo e, conseqüentemente, consagradoras de outras

autorias nos parâmetros da comunicação científica podem ser representadas pelo seguinte gráfico (Figura 61):

Figura 61 Nó borromeano das três instâncias que configuram a gestão autoral de autores considerados referência em determinada área



Fonte: elaboração própria.

A evidência da instância *escritor* se dá pela circulação reconhecida de suas obras, e mesmo pela constituição de um conjunto de publicações que é referido em determinadas comunidades científicas como “obra” nas suas práticas de retomada (como os pareceres de avaliação). Esse reconhecimento acontece também a partir de vetores de sensibilidade da comunicação científica como as chamadas autor-data e as listas de referências, rastreáveis por produtos de regulação como o ORCID e o DOI, que são hoje formas de enunciação dos indivíduos na lógica digital de gestão das autorias, marcadas, portanto, na coevidência da instância *inscritor*. A instância *pessoa* sustenta as outras duas na medida em que a ordem dos autores nas publicações científicas, por exemplo, depende diretamente de critérios como titulação acadêmica e construção de biografia dos indivíduos.

No que se refere à atuação dos editores no processo de avaliação das duas revistas, não tivemos material de análise na *Rieb*, na qual são emitidas súmulas com a decisão editorial enviadas por *e-mail* aos autores que não puderam ser reunidas pela equipe da revista no período da nossa pesquisa de campo, conforme detalhamos na Parte 1 desta tese. Na *Geousp*, o parecer final é emitido via plataforma, no campo de *comunicação entre editor/autor*, e sintetiza a decisão de aceite do artigo analisado, informando que se iniciará o processo de tratamento editorial do texto – “*em breve*

entraremos em contato para corrigir erros de ortografia”, considerando a recomendação de “pequenas revisões” do Parecer 2 (Figura 62):

Figura 62 Emissão do parecer final da *Geousp*

Comunicação entre editor/autor

Edito Assunto: [geousp] Decisão editorial

r

2016-

10-15

06:35

PM

[REDACTED],

Foi tomada uma decisão sobre o artigo submetido à revista GEOUSP: Espaço e Tempo (Online),

"[REDACTED]".

A decisão é: o artigo foi aceito e será publicado pela Revista Geousp. Em breve entraremos em contato para corrigir erros de ortografia.

Cordialmente,

[REDACTED]

Universidade de São Paulo

[REDACTED]@usp.br

Editor

GEOUSP - Espaço e Tempo

Assunto

[REDACTED]

Incluir comentário

[REDACTED]

Salvar

* Indica campo obrigatório

Fonte: cópula da pesquisa.

Dada a atuação dos pareceristas nos casos analisados aqui, que propõem avaliações detalhadas com justificativas das respostas aos formulários de avaliação, é possível que a função dos editores tanto na *Rieb* quanto na *Geousp* seja mais dedicada às atividades de gestão dos periódicos, sobretudo na *Rieb*, que conta com um editor-executivo responsável pela condução de todo o processo editorial desde a submissão dos artigos.

No caso da *CBTO*, a seção *Processo de Avaliação pelos Pares*⁴⁵, disponibilizada na aba *Políticas Editoriais*, informa detalhadamente de que modo o periódico promove essa avaliação:

[...] Os textos são submetidos on-line e, se de acordo com as normas de publicação, são encaminhados a um dos Editores de Seção para uma avaliação inicial.

Aprecia-se, nesta fase, a pertinência da submissão ao escopo da revista e, dentre outros aspectos formais considerados, destacam-se a relevância e originalidade do tema e a adequação e densidade da abordagem teórico-metodológica utilizada. Apenas textos aprovados nesta etapa serão encaminhados para as próximas etapas de avaliação de mérito. Os textos não aprovados nesta fase serão encaminhados pelos Editores de Seção ao Editor-Chefe para finalização do processo.

Se aprovado na avaliação inicial pelo Editor de Seção, este indicará dois revisores ad hoc, de acordo com a temática da pesquisa, os quais deverão emitir, no prazo de 30 dias, um parecer com a análise do texto e com a indicação de revisão, aceite ou não para publicação, segundo os critérios de relevância do conteúdo, consistência argumentativa, coerência teórica e metodológica, adequação estrutural e contribuições para o avanço do conhecimento na área.

Os textos que entrarem em avaliação por pares, após o processo de revisão, serão encaminhados aos autores com a decisão editorial, indicando revisões requeridas e/ou decisão final de aceite e/ou recusa. No caso de revisões requeridas, os textos serão devolvidos aos autores para adequações e uma nova rodada de avaliação será solicitada aos Editores de Seção e/ou aos revisores ad hoc.

Os Editores-Chefes são os responsáveis pela comunicação com os Editores de Seção e com revisores, quando necessário, cabendo-lhes a decisão final sobre cada texto submetido ao periódico.

Cumprida a etapa de análise pelos revisores ad hoc e Editores de Seção, o Editor-Chefe emitirá o parecer final (no qual o anonimato dos revisores é preservado) [...].

A revista busca esclarecer quais são as tarefas dos editores-chefes, editores de seção e pareceristas, estes chamados de “revisores *ad hoc*”. De saída, indica que aos editores-chefes e editores de seção cabem não só as etapas de gestão do processo avaliativo (a designação e o acompanhamento de editores de seção e de revisores *ad hoc*, respectivamente), como também as primeiras etapas de avaliação dos textos que condicionam essa gestão (a análise de adequação às normas de publicação e a “avaliação inicial”, respectivamente). Vale observar que a editoria da *CBTO* conta com um estagiário interno que auxilia nos processos de recebimento e

⁴⁵ Em <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/Processodeavaliacaoporpares>. Acesso em: 2 dez. 2022.

tramitação dos artigos, conferindo em diferentes momentos do fluxo editorial a normalização dos textos, o que visa facilitar o trabalho dos editores e pareceristas:

Quando os artigos chegam, a secretaria [o estagiário] verifica se estão nas normas da revista, depois eu encaminho para os editores de seção e eles encaminham para os pareceristas. Às vezes o texto tem uma rodada, duas ou três, a depender do processo [de avaliação], ou é recusado. Quando o texto volta, há uma conferência [do estagiário], pois, como mudou a versão, pode não estar respondendo às normas; aí verifica-se novamente se está nas normas e, se tem necessidade de adequação, isso é solicitado aos autores. Por fim, o artigo está pronto para ir para o processo de editoração [na empresa terceirizada]. (Entrevista CBTO, 2017)

A chamada “*avaliação inicial*” atribuída aos editores de seção tem algumas recomendações um pouco mais específicas, como a análise da “*pertinência da submissão ao escopo da revista*”, da “*relevância e originalidade do tema*” e da “*adequação e densidade da abordagem teórico-metodológica utilizada*”, e outras mais vagas, como a apreciação de “*outros aspectos formais considerados*”, em que não fica claro se “*aspectos formais*” se referem a normas de formatação e normalização da revista ou a questões de redação (uso da norma-padrão da língua, de determinado estilo recorrente entre as áreas de publicação da revista etc.). A seleção dos revisores *ad hoc* tem como parâmetro a “*temática da pesquisa*”, outro ponto que precisa ser considerado nessa primeira avaliação.

Já a análise dos revisores *ad hoc* deve indicar “*revisão, aceite ou não para publicação*”, considerando também alguns critérios mais precisos, como a “*relevância do conteúdo*”, a “*consistência argumentativa*”, a “*coerência teórica e metodológica*” e as possíveis “*contribuições para o avanço do conhecimento na área*”, e outros mais genéricos, como a “*adequação estrutural*”. Por fim, a revista confere aos editores-chefes a comunicação com editores de seção e revisores *ad hoc*, a decisão final sobre a publicação dos manuscritos e a consequente emissão do parecer final, a ser apresentado nos seguintes termos:

1. *Aceito para Publicação: O trabalho é aceito integralmente para publicação em um dos próximos números do periódico, segundo critério cronológico de conclusão do processo de análise.*
2. *Revisões Requeridas: As modificações deverão ser realizadas pelo autor, que receberá o parecer com as referidas recomendações, devolvendo o trabalho reformulado no prazo estipulado e com as alterações realizadas marcadas em cor distinta para conferência. No*

caso de grande número de alterações solicitadas, o artigo será reencaminhado aos Editores de Seção e/ou revisores ad hoc, após a adequação pelo autor, para nova análise, podendo vir a ser aceito ou recusado.

3. Recusado: Recusa da publicação, com a devida justificativa dada pelo Editor-Chefe, tomando como referência a análise de cada um dos revisores ad hoc, a qual é repassada aos autores, preservando-se a identidade dos revisores.

Não há especificações sobre os tipos de “revisões requeridas” ou os critérios que podem justificar a recusa de artigos, mas o procedimento para reenvio dos textos modificados é informado e inclui a marcação das alterações pelos autores “*em cor distinta para conferência*” e a previsão de uma nova análise pelos editores de seção ou revisores *ad hoc*, no caso de “*grande número de alterações solicitadas*”. Na seção *Ética e Publicação Acadêmica*⁴⁶, a CBTO trata dos compromissos éticos dos pareceristas e dos editores:

Os Revisores, ao receberem um convite para avaliação de qualquer texto, deverão se comprometer a:

- *Recusar o convite caso existam quaisquer conflitos de interesse;*
- *Realizar a avaliação eles próprios, observando o mais completo rigor;*
- *Aceitar convites somente quando estejam capazes de realizar a avaliação dentro do prazo estipulado;*
- *Informar sobre uma possível referência relevante publicada e que não foi citada no texto;*
- *Manter sigilo absoluto sobre os textos revisados, não discuti-los com colegas e nem usar informações em seu benefício, até a publicação do artigo.*

Os Editores devem sempre:

- *Zelar pela garantia de uma avaliação por pares, parametrizada pela isenção e imparcialidade conformadas academicamente;*
- *Garantir o anonimato de Revisores e Editores de Seção frente aos Autores;*
- *Avaliar e investigar todos os casos e suspeitas de má conduta e falta de atitude ética;*
- *Impedir que interesses financeiros possam comprometer os padrões éticos da publicação;*
- *Zelar para que não haja plágio e para que não ocorra a publicação de dados e resultados fraudulentos.*

⁴⁶ Em https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/etica_e_public_academica. Acesso em: 2 dez. 2022.

O formulário de parecer da revista é dividido em quatro partes, que reúnem itens optativos para a avaliação e campos para avaliação geral do parecerista, parecer final e análise da categorização do artigo segundo as possibilidades de documentos publicados pela revista. A Parte A se organiza da seguinte forma (Figura 63):

Figura 63 Ficha para análise de artigo da *CBTO* – Parte A

CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCar

Nº do Manuscrito: [REDACTED]
 Parecerista: [REDACTED]
 Data de recebimento: 13/05/16 Data de envio do parecer: 04/10/16
 Título: [REDACTED]
 Categoria apresentada pelos autores para publicação: Artigo original

FICHA PARA ANÁLISE DE ARTIGO

A) Itens para avaliação:

- 1) Adequação do título ao manuscrito: sim () não
- 2) Resumo contempla os conteúdos relevantes do manuscrito:
 sim () não () em parte
- 3) Os descritores (palavras-chaves) condizem com o conteúdo do trabalho?
 sim () não () em parte
- 4) Atualidade e pertinência das referências:
 sim () não () em parte
- 5) Apresenta introdução ou justificativa que situe o tema desenvolvido:
 sim () não () em parte
- 6) Descreve a metodologia utilizada (se pertinente):
 sim () não () em parte
- 7) Apresenta coerência teórica:
 sim () não () em parte
- 8) Apresenta consistência argumentativa:
 sim () não () em parte
- 9) Apresenta resultados/análises, conclusões e/ou considerações relevantes:
 sim () não () em parte
- 10) Linguagem correta e clara do manuscrito:
 sim () não () em parte
- 11) O manuscrito contribui para o avanço do conhecimento em terapia ocupacional:
 sim () não () em parte

Fonte: cópula da pesquisa.

Entre os itens optativos constam critérios que aparecem nas diretrizes da revista, como “*coerência teórica*”, “*consistência argumentativa*” e “*contribuições para o avanço do conhecimento em terapia ocupacional*”, além de “*adequação do título ao manuscrito*”, contemplação do resumo de “*conteúdos relevantes do manuscrito*”, pertinência dos descritores (palavras-chave) para “*o conteúdo do trabalho*”, “*atualidade e pertinência das referências*”, apresentação de “*introdução ou justificativa que situe o tema desenvolvido*”, descrição da “*metodologia utilizada (se pertinente)*”, apresentação de “*resultados/análises, conclusões e/ou considerações relevantes*” e uso de “*linguagem correta e clara*”. Nas Partes B, C e D estão previstos comentários gerais para o autor e os editores, decisão de aceite ou recusa do texto e análise do tipo de texto submetido (Figura 64):

Figura 64 Ficha para análise de artigo da *CBTO* – Partes B, C e D

B) Avaliação geral do parecerista:

- Comentários e/ou modificações necessárias a serem enviados ao autor:

- Comentários aos editores: solicito que seja conferido o limite de caracteres proposto pela revista e a formatação das tabelas e figuras.

C) Parecer final:

Aceito para publicação sem modificações

Aceito condicionado às modificações

Recusado

D) O manuscrito está adequadamente categorizado pelos autores?

sim não

Se não, favor sugerir recategorização:

Artigo Original¹

Artigo de Revisão e/ou Atualização de Literatura²

Ensaio³

Relato de Experiência⁴

Comunicação Livre⁵

¹ Manuscrito resultante de pesquisa, de natureza teórica e/ou de campo, referentes a temas de interesse para a área de Terapia Ocupacional.

² Levantamento bibliográfico, referente a determinado período e fontes, acompanhado de análise crítica e/ou descritiva.

³ Texto que expresse ponto de vista acerca de assuntos polêmicos e/ou relevantes, relacionados à teoria e à prática em Terapia Ocupacional, com reflexões e análises inovadoras.

⁴ Apresentação de experiências profissionais, relacionadas a indivíduos e/ou grupos, decorrentes de intervenções que tragam contribuição para a reflexão sobre a prática em terapia ocupacional. Podem ser apresentados sob a forma de descrição de ações de pesquisa, ensino e serviços.

⁵ Texto sucinto relacionado à pesquisa, experiência profissional, entrevistas realizadas ou debates temáticos. Publicação de documentos, legislação, traduções, manuais e outros materiais de interesse para a área.

No formulário acima, o parecerista 1 assinala “*sim*” em quase todos os itens, exceto no 10º, em que considera que a linguagem do artigo é parcialmente “*correta e clara*”, e registra seu aceite “*condicionado às modificações*” indicadas no artigo original. No campo para comentários aos editores, solicita que “*seja conferido o limite de caracteres proposto pela revista e a formatação das tabelas e figuras*”. O parecerista 2 preenche o formulário assinalando exatamente os mesmos itens da Parte A, mas incluindo sugestões nos itens 1 e 3 (Figura 65):

Figura 65 Ficha da *CBTO* preenchida pelo parecerista 2 – Parte A

CADERNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCar

Nº do Manuscrito: [REDACTED]
 Parecerista: [REDACTED]
 Data de recebimento: 13/05/16 Data de envio do parecer: 04/10/16
 Título: [REDACTED]
 Categoria apresentada pelos autores para publicação: Artigo original

FICHA PARA ANÁLISE DE ARTIGO

A) **Itens para avaliação:**

1) Adequação do título ao manuscrito: sim () não
 Sugestões: Tendo em vista que se trata de uma pesquisa local e os resultados poderiam ser diferentes em, por exemplo, outras regiões do país (como os próprios autores ressaltaram no final do manuscrito), sugiro adequação do título para “[REDACTED]”.

2) Resumo contempla os conteúdos relevantes do manuscrito:
 sim () não () em parte

3) Os descritores (palavras-chaves) condizem com o conteúdo do trabalho?
 sim () não () em parte
 Sugestões: Indico que o descritor “satisfação” seja revisto, uma vez que, na verdade, o manuscrito trata de “satisfação no trabalho”.

4) Atualidade e pertinência das referências:
 sim () não () em parte

5) Apresenta introdução ou justificativa que situe o tema desenvolvido:
 sim () não () em parte

6) Descreve a metodologia utilizada (se pertinente):
 sim () não () em parte

7) Apresenta coerência teórica:
 sim () não () em parte

8) Apresenta consistência argumentativa:
 sim () não () em parte

9) Apresenta resultados/análises, conclusões e/ou considerações relevantes:
 sim () não () em parte

10) Linguagem correta e clara do manuscrito:
 sim () não (X) em parte

11) O manuscrito contribui para o avanço do conhecimento em terapia ocupacional:
 sim () não () em parte

Fonte: cópula da pesquisa.

Nesses itens, ele propõe uma adequação do título considerando “*que se trata de uma pesquisa local e os resultados poderiam ser diferentes em, por exemplo, outras regiões do país*” (a qual não exploraremos para evitar a identificação do texto), bem como o ajuste da palavra-chave “*satisfação*”, uma vez que “*o manuscrito trata de ‘satisfação no trabalho’*”. Ele também condiciona o aceite do artigo a modificações e confirma sua categorização segundo as seções da revista, fazendo algumas observações ao autor e aos editores na Parte B do formulário (Figura 66):

Figura 66 Ficha da *CBTO* preenchida pelo parecerista 2 – Partes B, C e D

B) Avaliação geral do parecerista:

O texto em análise trata de assunto atual e de extrema relevância para a área. De fato, a literatura de referência ainda é incipiente, mas tem crescido a cada ano e as discussões sobre “saúde mental e trabalho” tem ganhado espaço nas áreas tanto acadêmica como técnica, e tem tomado corpo junto às áreas de interface, como a sociologia.

Os autores conseguiram expor a pesquisa que foi feita de forma clara, porém, existem deslizes gramaticais e semânticos graves, especialmente, do uso de pontuação, e isso compromete a coesão e coerência do texto em diversos momentos. É um texto de conteúdo bastante importante e, por isso, é urgente a revisão do português, para que a leitura flua melhor e as ideias sejam passadas de maneira mais clara e coesa.

Outras bibliografias poderiam ser indicadas para melhor definir questões de “centralidade do trabalho” ou “trabalho e identidade”, mas os autores exploraram pouco essa temática. Seria cabível se debruçar um pouco na relação entre “precarização do trabalho” (com leituras de Ricardo Antunes e Castel, por exemplo) e “satisfação do trabalho”. Indico leitura do tema.

- Comentários e/ou modificações necessárias a serem enviados ao autor: as sugestões de adequação estão indicadas no corpo do manuscrito. É necessária a adequação do título e, especialmente, é necessária a revisão do português, uma vez que o texto contém VÁRIAS inadequações, principalmente, no uso da pontuação, o que compromete a transmissão das ideias em diversos pontos do texto. Também indico desenvolver melhor a ideia de “identidade e trabalho” e “precarização do trabalho”, trabalhando a relação desses temas com “satisfação no trabalho” ou “sofrimento mental no trabalho”.

- Comentários aos editores: solicito que seja conferido o limite de caracteres proposto pela revista e a formatação das tabelas e figuras.

C) Parecer final:

Aceito para publicação sem modificações

Aceito condicionado às modificações

Recusado

D) O manuscrito está adequadamente categorizado pelos autores?

sim () não

Se não, favor sugerir recategorização:

Artigo Original¹

Artigo de Revisão e/ou Atualização de Literatura²

Ensaio³

Relato de Experiência⁴

Comunicação Livre⁵

Fonte: cópula da pesquisa.

Antes dos comentários específicos para o autor e os editores, o parecerista 2 faz uma avaliação geral do artigo em que ressalta a atualidade do tema (“*saúde mental e trabalho*”) e sua “*extrema relevância para a área*”, uma vez que tem “*ganhado espaço nas áreas tanto acadêmica como técnica e tem tomado corpo junto às áreas de interface, como a sociologia*”. Apesar de considerar que a pesquisa é apresentada no artigo “*de forma clara*”, ele enfatiza que “*existem deslizes gramaticais e semânticos graves, especialmente, do uso de pontuação, e isso compromete a coesão e coerência do texto em diversos momentos*”, sendo “*urgente a revisão do português para que a leitura flua melhor e as ideias sejam passadas de maneira mais clara e coesa*”. Em diálogo com o item 4 da Parte A, que analisa a “*atualidade e pertinência das referências*”, também faz sugestões bibliográficas que considera importantes “*para melhor definir questões de ‘centralidade do trabalho’ ou ‘trabalho e identidade’*” – “*seria cabível se debruçar um pouco na relação entre ‘precarização do trabalho’ (com leituras de Ricardo Antunes e Castel, por exemplo) e ‘satisfação do trabalho’*”.

No comentário para o autor, o mesmo parecerista pontua que fez “*sugestões de adequação*” diretamente no artigo e ressalta a necessidade de “*adequação do título*” e “*especialmente*” de “*revisão do português*”, já que “*o texto contém VÁRIAS inadequações, principalmente, no uso da pontuação, o que compromete a transmissão das ideias em diversos pontos do texto*”. Ele encerra suas observações nesse campo retomando a avaliação geral anterior sobre os desenvolvimentos teóricos que sugere, relacionando-os à temática central do artigo: “*também indico desenvolver melhor a ideia de ‘identidade e trabalho’ e ‘precarização do trabalho’, trabalhando a relação desses temas com ‘satisfação no trabalho’ ou ‘sofrimento mental no trabalho’*”. Seu comentário para os editores do periódico faz a mesma solicitação do parecerista 1 quanto à conferência de “*limite de caracteres*” estabelecido pela revista e padrão de “*formatação das tabelas e figuras*”.

Embora apenas o parecerista 2 tenha feito observações no formulário, os dois avaliadores fazem diversos comentários ao longo do original com sugestões de ajustes de redação e terminologia, especificação de participantes da pesquisa e referências da área, alinhamentos teóricos e validação de observações do autor. Um dos comentários do parecerista 1 propõe ajustes no resumo do artigo (Figura 67):

Figura 67 Sugestões do parecerista 1 em resumo de artigo da *CBTO*

do tipo descritiva exploratória com caráter transversal. A amostra é composta por profissionais dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), sendo eles CAPS ad e CAPS II, de um município do Paraná. Para a coleta dos dados, foi utilizada a escala de Avaliação da Satisfação da Equipe em Serviços de Saúde Mental (SATIS-BR), em sua versão abreviada.

User
Sugiro "de dois"

User outubro 04, 2016
É preciso padronizar a sigla "CAPS" em todo o manuscrito, que tem sido referenciada como "CAPs" pelos autores. Sugiro consulta às portarias ministeriais, para verificar a forma correta de abreviatura, que seria "CAPS" e não "CAPs".

Fonte: cópys da pesquisa.

A primeira sugestão (“*sugiro ‘de dois’*”) visa especificar o número de Centros de Atenção Psicossocial estudados na amostra analisada no texto, já que “*dos Centros [...]*” deixa essa informação imprecisa. O segundo comentário alerta para a necessidade de padronizar a grafia da sigla “*CAPS em todo o manuscrito*”, a qual tem variado já no resumo. A sugestão de “*consulta às portarias ministeriais para verificar a forma correta de abreviatura*”, mesmo quando o parecerista já indica essa forma (“*que seria ‘CAPS’, e não ‘CAPs’*”), parece também uma maneira de instruir quanto a uma praxe da área de conferência da grafia de nomes institucionais de grande circulação nos ambientes técnicos e acadêmicos – no caso do artigo em análise, nome que aparece também entre as palavras-chave, outro vetor de sensibilidade da comunicação científica muito valorizado nas bases de indexação e que é verificado no item 3 do formulário da revista.

Mais adiante, o parecerista 1 faz três apontamentos sobre revisão do artigo: um mais genérico (“*sugiro revisão do texto*”), deixando pressupostos os problemas do parágrafo ao selecioná-lo com o balão de comentário; outro mais pontual (“*não se aplica ponto-final*”), indicando o uso de ponto-final no lugar de vírgula; e outro mais ou menos genérico (“*sugiro revisão do termo ‘fornecedor de prazer’*”), pois especifica o termo a ser revisado, mas não comenta o porquê do estranhamento no contexto em que foi empregado. Ele também sugere a realocação de duas chamadas autor-data para o “*final da frase*”, de modo a evitar a repetição de uma delas (Figura 68):

Figura 68 Sugestões do parecerista 1 em trechos de artigo da *CBTO*

Ó mundo com seus aspectos lógicos, desafiadores, ditatoriais moldam a particularidade de cada sujeito (LANCMAN; GHIRARDI, 2002). Visto isso, as mesmas autoras contribuem que o trabalho permite o enfrentamento dos fatores intrínsecos e extrínsecos do trabalhador.

A partir disso, entende-se o trabalho como um determinante no desenvolvimento da identidade do indivíduo, sendo um processo de busca de equivalências e de distinções em relação ao outro. Portanto, pode-se tornar tanto um fornecedor de prazer, quanto de doenças e insatisfações (LANCMAN, 2004). Sendo assim, o trabalho nunca é neutro, pois pode gerar consequências na proporção que se evidencia desafios externos, relações de poder, relações sociais, relações contraditórias, entre outras. Podendo levar ao crescimento e desenvolvimento psíquico, que pode ser, tanto prazeroso quanto adoecedor (LANCMAN, 2004).

User
Sugiro revisão do texto e que a referência seja colocada no final da frase.

User
Como as frases são da mesma referência, sugiro citação apenas no final da frase. E sugiro revisão do termo “fornecedor de prazer”.

User
Não se aplica ponto final.

Fonte: cópys da pesquisa.

Em outro ponto do artigo, o parecerista indica que o autor informe a localização dos dois CAPS em que a pesquisa foi feita, “*zelando para que não sejam identificados*”. A indicação conta com exemplos de textualização e tem o cuidado com a não identificação dos participantes reforçada – “*sempre cuidando para que os sujeitos participantes não sejam identificados*” –, um critério muito importante para esse tipo de estudo (Figura 69):

Figura 69 Sugestões do parecerista 1 em trecho de artigo da *CBTO*

Os CAPs que participaram do estudo são:

User
Indico que seja indicada, de forma generalizada, a localização desses dois CAPS, zelando para que não sejam identificados. Por exemplo: “dois CAPS no interior do Paraná” ou “dois CAPS numa cidade de 200 mil habitantes no Paraná”, sempre cuidando para que os sujeitos participantes não sejam identificados.

Fonte: cópula da pesquisa.

Outra de suas sugestões de ajuste recomenda que o termo “*alta maturidade*” seja revisto com “*consulta de referências a respeito*”, pois reconhece que pode ter outro significado que não o “*técnico*” da área (Figura 70):

Figura 70 Sugestões do parecerista 1 em trecho de artigo da *CBTO*

levanta-se a hipótese de alta rotatividade dos mesmos nos CAPs. Outro fator importante a ser analisado é a presença de profissionais menores de idade no contexto complexo e com tantas especificidades, pois além das exigências naturais do trabalho há uma demanda alta de maturidade que é exigida mais dos profissionais do serviço.

User
Sugiro revisão do texto, consulta de referências a respeito, tendo em vista o significado relativo e não técnico que pode ter o termo “alta maturidade”.

Fonte: cópula da pesquisa.

Estabelecendo um diálogo com o autor, em outro ponto do artigo o parecerista valida uma reflexão feita (“*ótima observação!*”), complementando-a com informações sobre conjuntura política que considera que têm implicações no resultado do estudo em análise – “*o momento político da instituição e do município também pode influenciar, tendo em vista o contexto de serviço de saúde pública*”. Com realce amarelo, o avaliador também aponta o uso incorreto de crase no trecho (Figura 71):

Figura 71 Sugestões do parecerista 1 em trecho de artigo da *CBTO*

Por ser uma pesquisa qualiquanti de caráter transversal de forma auto aplicável, a confiabilidade das informações prestadas pode ser influenciada pelo estado emocional do participante no momento da pesquisa. Os resultados não devem ser reproduzidos para outras instituições, pois cada equipamento e instituição possuem suas especificidades.

User
Ótima observação!! O momento político da instituição e do município também pode influenciar, tendo em vista o contexto de serviço de saúde pública.

Fonte: cópula da pesquisa.

Entre os comentários do parecerista 2 no artigo há recomendações sobre o que se espera de algumas das seções do texto. Na introdução, por exemplo, ele recomenda na primeira ocorrência de citação direta “*não usar citações em recuo*” (Figura 72) e, numa subseção proposta, não dividir a seção (“*rever o uso de tópicos*”), sugerindo “*um texto contínuo que possa agregar as ideias centrais trazidas na introdução*” (Figura 73). Em um parágrafo dos objetivos, ele solicita revisão para verificar se uma das considerações feitas de fato “*cabe nos objetivos*” (Figura 74).

Figura 72 Sugestões do parecerista 2 em citação direta de artigo da *CBTO*

(...) estes profissionais têm além dos deveres típicos do trabalho, uma responsabilidade implicada na mudança do paradigma da atenção dada a loucura na sociedade torna-se necessário olhar a sua situação de maneira diferenciada, pois ela agrega uma responsabilidade idealizadora e social importante (GUAZZELLI, 2015, p.76).

Comentário
Recomenda-se não usar citações em recuo na introdução. Verificar a possibilidade de alterar.

Fonte: cópula da pesquisa.

Figura 73 Sugestões do parecerista 2 em título de seção de artigo da *CBTO*

Centro de Atenção Psicossocial (CAPs)

Comentário
Rever o uso de tópicos na introdução. Recomenda-se fazer um texto contínuo que possa agregar as ideias centrais trazidas na introdução.

Fonte: cópula da pesquisa.

Figura 74 Sugestões do parecerista 2 em trecho de artigo da *CBTO*

Considerando o contexto acima delineado, esta pesquisa tem por objetivo diagnosticar o grau de satisfação dos profissionais dos serviços de Saúde Mental de um município do Paraná, sendo de relevante importância a contribuição que os resultados desta pesquisa podem representar tanto para os profissionais do âmbito de saúde mental como para os gestores dos CAPs.

Comentário
Rever se esta explicação cabe nos objetivos.

Fonte: cópula da pesquisa.

Ainda sobre os resultados, o parecerista 2 seleciona a palavra “*pacientes*” num título de seção para solicitar que o autor “*apresente melhor os resultados*”, questionando se se trata de “*uma categoria*” ou se “*diz respeito ao instrumento*” da pesquisa (Figura 75):

Figura 75 Sugestões do parecerista 2 em título de seção de artigo da *CBTO*

Satisfação da equipe com a qualidade dos serviços oferecidos aos pacientes

Comentário
Apresentar melhor os resultados. Isso é uma categoria? Ou diz respeito ao instrumento? Muito confuso!

Fonte: cópula da pesquisa.

Assim como o parecerista 1, em um dos trechos ele trata do cuidado com a preservação do anonimato dos participantes da pesquisa descrita, solicitando “*não identificar o local*” a que o estudo se vincula (Figura 76):

Figura 76 Sugestões do parecerista 2 em trecho de artigo da *CBTO*

Esta pesquisa tem por finalidade discutir o conjunto de fatores relacionados à satisfação dos profissionais em Saúde Mental. Para tal, foi utilizado o a abordagem qualiquanti, do tipo descritivo exploratório com caráter transversal. Este estudo está vinculado ao Laboratório de Reabilitação, Acessibilidade e Trabalho (LABRAT) do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Comentário
Não identificar o local

Fonte: cópua da pesquisa.

Além de indicar vários ajustes de redação ao longo do texto, como feito pelo primeiro avaliador, o parecerista 2 destaca na seção de metodologia algumas observações sobre os problemas que identifica nessa parte. Ele recorre à preocupação com o leitor para começar a sua crítica (“*os autores não apresentam adequadamente ao leitor a escolha do desenho metodológico*”) e para justificar os desenvolvimentos pontuais que sugere (“*por fim, para melhor compreensão do leitor, sugere-se que tenha uma sequência dos procedimentos utilizados para a realização da pesquisa*”), apontando deslizes na descrição do processo de pesquisa que considera “*uma falta grave*” e afirmando que apenas a menção do tipo de estudo feito “*não demonstra a adequação desta escolha à pesquisa realizada*” (Figura 77):

Figura 77 Observações do parecerista 2 na seção de metodologia de artigo da *CBTO*

Os autores não apresentam adequadamente para o leitor a escolha do desenho metodológico. Infere-se que a pesquisa tem um enquadramento quantiquali, mas em nenhum momento essas duas etapas são apresentadas separadamente. Sendo esse instrumento quantitativo, qual é a parte quali da pesquisa? Teve alguma entrevista aberta? Um grupo? Sugere-se alteração por se tratar de uma falta grave.

Como foram feitas as análises qualitativas desse estudo?

O que os autores entendem como um estudo do tipo descritivo exploratório com caráter transversal? Citar apenas não demonstra a adequação desta escolha à pesquisa realizada. Precisa-se mostrar o porquê essa escolha se faz necessária a este tipo de estudo.

Por fim, para melhor compreensão do leitor sugere-se que tenha uma sequência dos procedimentos utilizados para a realização da pesquisa.

1. Começar pelo delineamento do estudo;
2. Apresentar a área de estudo, ou seja, o universo da pesquisa;
3. Os procedimentos utilizados, fazendo uma descrição sucinta do instrumento e da parte quali da pesquisa,
4. A análise dos dados (tanto quanti como quali)
5. Considerações éticas

Fonte: cópua da pesquisa.

No parecer final da *CBTO*, categorizado como “*parecer modificações*”, os editores informam aos autores a decisão sobre o artigo submetido – “*será necessária uma revisão do seu trabalho, conforme síntese abaixo apresentada, de maneira que possa ser submetido a uma nova rodada de avaliação*” (Figura 78):

Figura 78 Parecer final de artigo da *CBTO*

PARECER MODIFICAÇÕES

TÍTULO:

SATISFAÇÃO NO TRABALHO: UM DIAGNÓSTICO DOS PROFISSIONAIS
VINCULADOS AO SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL

PARECER DO CONSELHO EDITORIAL

Prezados Autores,

O Conselho Editorial agradece o envio do texto para o os Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar.

Após análise de nossos assessores *ad hoc*, informamos que será necessária a revisão do seu trabalho, conforme síntese abaixo apresentada, de maneira que possa ser submetido a uma nova rodada de avaliação.

A seguir encaminhamos os pareceres recebidos

Fonte: cópua da pesquisa.

O documento reúne na sequência as sínteses das observações de cada parecerista no formulário de avaliação e nos comentários ao longo do original (Figuras 79 e 80), juntamente com acréscimos dos editores, que devem ser atendidas para a nova rodada de avaliação do texto.

Figura 79 Parte da síntese da avaliação do parecerista 1 no parecer final da *CBTO*

PARECERISTA 1:

Sugestões aos autores:

Tendo em vista que se trata de uma pesquisa local e os resultados poderiam ser diferentes em, por exemplo, outras regiões do país (como os próprios autores ressaltaram no final do manuscrito), sugerimos adequação do título para “”.

Indico que o descritor “satisfação” seja revisto, uma vez que, na verdade, o manuscrito trata de “satisfação no trabalho”.

O texto em análise trata de assunto atual e de extrema relevância para a área. De fato, a literatura de referência ainda é incipiente, mas tem crescido a cada ano e as discussões sobre “saúde mental e trabalho” tem ganhado espaço nas áreas tanto acadêmica como técnica, e tem tomado corpo junto às áreas de interface, como a sociologia.

Fonte: cópua da pesquisa.

Figura 80 Parte da síntese da avaliação do parecerista 2 no parecer final da *CBTO*

PARECERISTA 2:

O manuscrito tem temática relevante, mas apresenta erros graves metodológicos, que precisam de adequação para que possa ser publicado.

Em nenhum momento o estudo traz a vertente qualitativa da pesquisa, nem nos objetivos, nem na metodologia. Apenas apresenta algumas falas nos resultados que não se articulam com o estudo de uma forma geral. Sugere-se adequação do objetivo, método, resultados, que, de certa forma, irão impactar no manuscrito como um todo.

Sugere-se ainda que as variáveis quantitativas sociodemográficas, como sexo (masculino e feminino), faixa etária, escolaridade, etc, seja colocado na metodologia como objeto de análise do estudo.

Os resultados precisam ser mais bem apresentados e o manuscrito precisa de uma revisão gramatical como um todo.

Fonte: cópula da pesquisa.

O parecer final também solicita que os autores se atentem às instruções da revista quanto às normas de formatação e normalização de resumo, *abstract*, palavras-chave, limite do número de palavras e estruturação do “*Artigo Original*”, categoria em que se enquadra o texto avaliado (Figura 81):

Figura 81 Instruções do parecer final de artigo da *CBTO*

Solicitamos que atentem aos seguintes itens do seu artigo:

Resumo e Abstract: Devem refletir os aspectos fundamentais dos trabalhos, com no mínimo 150 palavras e, no máximo, 250. Preferencialmente, adotar explicitação da estrutura do trabalho, com colocação de subtítulos (Introdução, Objetivos, Método, Resultados e Conclusão). Devem preceder o texto e estar em português e inglês.

Palavras-chave: De três a seis, em língua portuguesa e inglesa, apresentadas após o resumo e após o abstract, respectivamente. As palavras-chave deverão vir separadas por vírgulas. Consulte o [DeCS](http://decs.bvs.br) (Descritores em Ciências da Saúde - <http://decs.bvs.br>) e/ou o [Sociological Abstracts](http://www.sociologicalabstracts.com).

Quanto ao número de palavras do texto, destaca-se

Artigo Original

Texto resultante de pesquisa, de natureza teórica e/ou empírica, referente a temas de interesse no campo da terapia ocupacional (Estruturado preferencialmente em: Introdução, Métodos, Resultados e Discussão, com no máximo, 10.000 palavras, incluindo referências bibliográficas).

Fonte: cópula da pesquisa.

Por fim, o parecer solicita que os autores usem “*cor diferente do texto*” para destacar suas alterações no original a ser reenviado, com vistas a facilitar a nova conferência dos pareceristas, e estabelece prazo para o reenvio do artigo alterado (Figura 82):

Figura 82 Solicitação do parecer final de artigo da *CBTO*

Solicitamos que as alterações sejam realizadas **em cor diferente do texto original**, a fim de facilitar a identificação pelos pareceristas.

A devolução do texto corrigido deverá ocorrer em **30 dias**.

Atenciosamente,

Comissão Editorial Convidada do Dossiê [REDACTED] dos
Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar

Fonte: cópula da pesquisa.

Nos casos analisados na *CBTO*, observamos que os pareceristas realmente se valem das balizas apresentadas pelo periódico nas diretrizes detalhadas de seu *site* e no formulário de avaliação, o que demonstra a importância do estabelecimento de critérios de análise para uma atuação desses coenunciadores editoriais mais alinhada às práticas de gestão das autorias de cada revista. No que se refere a essas práticas, os ajustes analisados evidenciam semelhanças e diferenças com relação às outras revistas do cópula.

As diferenças apontam para a transitividade das autorias de que vimos tratando, explicitando noções de língua, de texto, de fazer científico e de modos de comunicar e avaliar a produção do conhecimento que caracterizam os estudos da terapia ocupacional no Brasil e, assim, as possibilidades de se constituir autor e avaliador de artigos científicos de saúde mental. As semelhanças chamam a atenção para o efeito de padronização de que falamos, difundido pelos vetores de sensibilidade que em geral se repetem nos pareceres das demais revistas, como resumo, palavras-chave, citações e referências bibliográficas.

A atuação dos editores no processo avaliativo se evidencia na confecção do parecer final, que sintetiza as observações dos pareceristas, as decisões sobre a publicação e as instruções aos autores a partir disso. Como descrito nas diretrizes da

revista, tanto os editores-chefes quanto os editores de seção se responsabilizam não só pelas tarefas de gestão do periódico, como também pela análise de adequação às normas de publicação e pela “*avaliação inicial*” dos artigos, respectivamente, as primeiras etapas de avaliação dos originais cujos registros não acessamos, mas que têm indícios nos acréscimos aos comentários dos pareceristas inseridos nas sínteses.

Avaliar um artigo, portanto, significa se apropriar das práticas de legitimação das autorias adotadas por cada periódico, o que reforça a função de gêneros discursivos como os formulários de avaliação na sensibilização para as diversas possibilidades dessas práticas em cada área de publicação – são vetores, então, da transitividade das autorias, que presume uma transitividade também das avaliações.

Nesse sentido, a restrição de acesso a documentos sistematizadores da atividade como os formulários dá margem para uma circulação restrita de informações sobre os próprios processos avaliativos, que em geral são pouco conhecidos até mesmo entre os atores envolvidos. Essa restrição é uma praxe dos periódicos no sistema de avaliação pré-publicação, que, conforme indica o próprio nome, acontece antes da publicação de qualquer versão do artigo submetido. Predominante entre as revistas brasileiras, inclusive as do nosso corpus, a avaliação pré-publicação é organizada em três modelos: o simples-cego, no qual somente os pareceristas têm acesso às informações sobre identidade e afiliação institucional dos autores; o duplo-cego, em que autores e pareceristas permanecem anônimos entre si; e o triplo-cego, cujas identidades dos autores, pareceristas e editores-associados ou de seção são preservadas entre eles e acessadas somente pelos editores-chefes (NASSI-CALÒ, [S. d.]a).

É interessante notar que o critério do anonimato prevalece nesse sistema como um indicativo de qualidade que o legitima, influenciando essa circulação restrita de informações e materiais sobre o próprio processo de coenunciação editorial – a exemplo não só dos formulários de parecer limpos (sem preenchimento), mas também dos artigos e pareceres editados mesmo para fins de pesquisa, como discutimos ao relacionar o acesso regulado e a edição na Parte 1 desta tese. Sua ausência, ao contrário, é apontada como falha do modelo de avaliação, ou no mínimo categorizada como desvantagem, como feito pelo curso da ABEC na comparação dos três modelos (Quadros 2, 3 e 4):

Quadro 2 Modelo simples-cego de avaliação pré-publicação

Vantagens	Desvantagens
Avaliadores têm acesso ao contexto de outros trabalhos do autor e podem detectar conflitos de interesses não declarados, por isso é mais eficiente.	Está sujeito a vieses de vários níveis (gênero, etnicidade, origem geográfica, nacionalidade, reputação, afiliação institucional etc.). O autor não está protegido e os pareceres não podem ser verificados.

Fonte: NASSI-CALÒ ([S. d.]a).

Quadro 3 Modelo duplo-cego de avaliação pré-publicação

Vantagens	Desvantagens
A anonimidade permite a avaliação do trabalho do autor independentemente de vieses de qualquer natureza e não há o risco do avaliador ser influenciado, de modo explícito, pela produção pregressa do autor ou sua falta.	A despeito da anonimidade, ainda é possível identificar o autor ou grupo de pesquisa e a falta de transparência do processo pode levar a práticas antiéticas.

Fonte: NASSI-CALÒ ([S. d.]a).

Quadro 4 Modelo triplo-cego de avaliação pré-publicação

Vantagens	Desvantagens
O anonimato de autores, avaliadores e do editor-associado tende a reduzir em grande parte o viés, inclusive na escolha dos avaliadores para avaliar o artigo, e sua aprovação ou reprovação depende tão somente do mérito do próprio artigo e não de seus autores.	Consome muito mais tempo do editor-chefe e a falta de transparência do processo pode levar a práticas antiéticas.

Fonte: NASSI-CALÒ ([S. d.]a).

No referido curso, considera-se que o momento atual da comunicação científica brasileira é de transição para a ciência aberta, o que significa que gradativamente os periódicos estão alterando suas práticas de editoração e de acesso aberto⁴⁷, conforme as proposições que têm sido feitas, por exemplo, nos critérios SciELO mais recentes. Para as práticas de avaliação por pares, essa transição representa a possibilidade de abertura também dos pareceres e dos materiais de apoio e instrução dessa atividade,

⁴⁷ Vale pontuar aqui uma diferença importante entre *ciência aberta* e *acesso aberto*, termos que têm sido usados frequentemente como sinônimos. O *acesso aberto* é um movimento que os periódicos brasileiros teoricamente já vivem de publicação e leitura de artigos sem custos para autores e leitores (a disponibilidade e o acesso gratuitos). E dizemos “teoricamente” por conta da questão da gratuidade: hoje, pela falta de recursos que as universidades e conseqüentemente as suas revistas têm enfrentado, muitas delas têm sido obrigadas a cobrar taxas de publicação e editoração dos seus autores, o que já é a prática comum na maioria dos outros países, sobretudo do hemisfério norte, que cobram inclusive pela leitura dos artigos. A *ciência aberta*, por sua vez, é um novo modelo de produção científica que tem como princípio a abertura de dados e processos, e não só dos resultados de pesquisas científicas, ou seja, a publicização desde os pareceres da avaliação por pares até os dados analisados nos artigos para reutilização por outros pesquisadores. Na prática, importa considerar que a implantação desse modelo requer uma série de ajustes nos expedientes editoriais dos periódicos, e que, para isso, é necessário investimento. Os critérios SciELO incentivam essa transição, mas não propõem reflexões sobre a sustentabilidade de seus custos, desconsiderando as condições precárias em que operam muitos periódicos.

bem como a creditação do trabalho dos pareceristas. Com relação às práticas de gestão das autorias, tem implicações já previstas nos critérios SciELO quanto às formas de registro de diferentes tipos de autores, como o sistema CRedit, que apresentaremos brevemente a seguir.

O SISTEMA CREDIT E O AUTOR-COLABORADOR

A esta altura, os exemplos do efeito de padronização que temos discutido ao longo do texto nos permitem reconhecer uma das características do ambiente digital que sustentam as diversas imposições em prol da regulação das publicações periódicas: a interoperabilidade. O imperativo da troca cada vez mais precisa de informações entre plataformas de editoração, publicação, indexação e busca de revistas e artigos tem promovido uma hiperespecialização de práticas de registro cujos produtos são amplamente difundidos, sobretudo a partir dos alinhamentos em torno da ciência aberta. Para citar alguns: o International Standard Serial Number (ISSN), um número feito para identificar periódicos; o Digital Object Identifier (DOI), uma combinação de números e letras que pretende garantir a rastreabilidade dos artigos; o Extensible Markup Language (XML), uma linguagem de marcação que documenta todos os metadados dos textos.

Essa precisão, como vimos, tem consequências para as práticas de produção e circulação das pesquisas, e cada vez mais para a visibilidade dos pesquisadores. Nesse sentido, o Open Researcher and Contributor Identifier (ORCID), ou Identificador Aberto de Pesquisador e Contribuidor, em tradução livre, foi a primeira iniciativa para a identificação de autores acadêmicos recomendada pelos critérios SciELO e, por isso, rapidamente adotada pelos periódicos da sua coleção. A função desse código alfanumérico é distinguir a autoria resolvendo problemas como o da ambiguidade de nomes e sobrenomes, automatizando, assim, a atualização de publicações⁴⁸.

O ORCID, entretanto, identifica cada pesquisador sem especificar sua participação nas publicações, e é essa especificidade que ganha ênfase quando consideramos a prescrição quanto aos tipos de autoria apresentada pelo SciELO no documento mais recente de seus critérios e procedimentos. A nova exigência pela

⁴⁸ Mais informações sobre o ORCID estão disponíveis em: <https://info.orcid.org/what-is-orcid/>. Acesso em: 2 set. 2022.

adoção de um sistema de registro é contextualizada da seguinte forma na seção 5.2.6.4.1 *Créditos aos autores*:

Nas instruções aos autores os periódicos devem informar precisamente os critérios de aceitação de autoria, que normalmente exigem contribuições significativas na concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito e obrigatoriamente na revisão e aprovação da versão final. Ademais e como expressão de transparência e reconhecimento das diferentes contribuições de pesquisadores a um manuscrito e à pesquisa comunicada, o manuscrito deve informar no final do texto de modo preciso as contribuições específicas de cada um dos autores. (SCIELO, 2020, p. 20)

O primeiro ponto que chama a atenção é que os periódicos podem considerar autores de um artigo científico não só os responsáveis pela escrita e validação da versão final do manuscrito, mas também aqueles que se dedicam de alguma forma à pesquisa que o fundamenta. Por si só, essa prescrição não é uma novidade para todas as revistas científicas, pois em áreas que integram as ciências médicas e biológicas, por exemplo, essa é uma prática comum de validação autoral. Entre os periódicos do nosso corpus, a CBTO já sinaliza nas suas diretrizes para autores que é preciso “*definir a contribuição efetiva de cada um no trabalho*”. Entretanto, deixa claro que se deve indicar “*a colaboração de cada autor com relação ao material enviado (i.e.: concepção do texto, organização de fontes e/ou análises, redação do texto, revisão etc.)*”⁴⁹, sem explicitar que credita atividades ligadas apenas ao trabalho de que deriva o texto submetido à publicação.

É justamente essa explicitação que passa a ser feita a partir da nova exigência por especificidade, que amplia, então, o entendimento sobre legitimação do lugar de autor: ele pode ser tanto aquele que produz o artigo propriamente dito quanto aquele que de alguma forma viabiliza esse objeto editorial. Isso é enfatizado pelo SciELO (p. 20) ao nivelar todas as responsabilidades passíveis de creditação: “Independentemente da contribuição e do sistema de registro, todos os autores são igualmente responsáveis pelo artigo”.

⁴⁹ Informações apresentadas no site da revista, em *Contribuição dos Autores*: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/about/submissions>. Acesso em: 5 set. 2022.

Para a especificação de cada contribuição autoral, o SciELO (p. 20) adota o sistema Contributor Roles Taxonomy (CRediT)⁵⁰, ou Taxonomia de Funções do Colaborador/Contribuidor, em tradução livre, que indica 14 “papéis de autoria ou contribuição”: Administração do Projeto; Análise Formal; Conceituação; Curadoria de Dados; Escrita – Primeira Redação; Escrita – Revisão e Edição; Investigação; Metodologia; Obtenção de Financiamento; Recursos; Software; Supervisão; Validação; Visualização (SCIELO, 2020). Em seu *site*, o CRediT é descrito como

uma taxonomia de alto nível, incluindo 14 funções, que pode ser usada para representar os papéis tipicamente desempenhados por colaboradores nos resultados de pesquisa. Os papéis descrevem a contribuição específica de cada colaborador para a produção acadêmica. (tradução nossa)⁵¹

Nota-se que “papéis de autoria ou contribuição” é uma versão do SciELO (p. 20) de “14 Contributor Roles” (14 funções/papéis do colaborador/contribuidor, em tradução livre), ou seja, foi uma decisão institucional incluir a palavra “autoria” na designação do sistema de taxonomia, bem como ligá-la a “contribuição” usando a conjunção “ou”, que indica uma relação de alternância. Observa-se também que a descrição do CRediT em nenhum trecho fala de autoria, mas sim de “papéis” de “colaboradores/contribuidores” e de “contribuição” nos “resultados de pesquisa” e na “produção acadêmica”, não determinando os produtos desses resultados e dessa produção. É possível, portanto, que o SciELO entenda a autoria como sinônimo de contribuição, empregando o “ou” para expressar possibilidade (papéis de autoria ou [de] contribuição), e, nessa chave de leitura, que também a compreenda como um produto – nos termos do que já discutimos, um produto de regulação, vetor que, nesse caso, agora sensibiliza para atividades validadas no âmbito da produção científica que

⁵⁰ Segundo o SciELO (2020), o CRediT é mantido por uma instituição chamada Consortia for Advancing Standards in Research Administration Information (CASRAI), cujo *site* aparentemente oficial (<https://www.casrai.org/credit.html>) direciona para diferentes serviços pagos de gerenciamento de projetos e não declara nenhuma informação sobre seus interesses. De acordo com as dispersas descrições encontradas *on-line*, trata-se de uma iniciativa sem fins lucrativos de associação internacional que desenvolve taxonomias para a troca de informações entre instituições de pesquisa. É interessante registrar que a pesquisa por “CASRAI” no buscador Google tem mais de 22 mil resultados e direciona, em geral, para páginas em que o CRediT é mencionado, como periódicos nacionais e internacionais que descrevem o sistema.

⁵¹ No idioma original do *site*: “a high-level taxonomy, including 14 roles, that can be used to represent the roles typically played by contributors to research outputs. The roles describe each contributor’s specific contribution to the scholarly output”. Disponível em: <https://credit.niso.org>. Acesso em: 5 set. 2022.

vão além ou ficam aquém (no sentido de anteceder) da textualização da pesquisa para sua comunicação entre pares, ou seu produto final, o artigo.

Como são elencadas de saída as possibilidades dessa contribuição, é interessante observar quais são as atividades delimitadas entre essas 14 funções. Cada uma delas tem no *site* do CRediT uma descrição, cuja tradução apresentamos no Quadro 5, partindo da versão traduzida pelo SciELO (2020) de suas categorias:

Quadro 5 Descrição dos 14 papéis de autoria ou contribuição do CRediT

Categoria	Descrição
Administração do Projeto	Responsabilidade pela gestão e coordenação do planejamento e da execução da atividade de pesquisa.
Análise Formal	Aplicação de técnicas estatísticas, matemáticas, computacionais ou outras técnicas formais para analisar ou sintetizar dados de estudo.
Conceituação	Formulação ou evolução de ideias, metas e objetivos de pesquisa abrangentes.
Curadoria de Dados	Gerenciamento de atividades para anotar (produzir metadados), limpar dados e manter dados de pesquisa (incluindo códigos de programa, quando isso for necessário para interpretar os dados em si) para uso inicial e posterior reutilização.
Escrita – Primeira Redação	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado, especificamente a redação do rascunho inicial (incluindo tradução substantiva).
Escrita – Revisão e Edição	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado por parte do grupo original de pesquisa, especificamente revisão/análise crítica (critical review), comentário ou revisão (revision) – incluindo estágios pré ou pós-publicação.
Investigação	Condução de um processo de pesquisa e investigação, especificamente realizando os experimentos ou a coleta de dados/evidências.
Metodologia	Desenvolvimento ou design de metodologia; criação de modelos.
Obtenção de Financiamento	Aquisição de apoio financeiro para o projeto que deu origem à publicação.
Recursos	Fornecimento de materiais de estudo, reagentes, materiais, pacientes, amostras de laboratório, animais, instrumentação, recursos computacionais ou outras ferramentas de análise.
Software	Programação, desenvolvimento de software, concepção de programas de computador; implementação de códigos de computador e algoritmos de suporte; teste de componentes de código existentes.

Supervisão	Responsabilidade de supervisão e liderança para o planejamento e a execução da atividade de pesquisa, incluindo orientação externa para a equipe principal.
Validação	Verificação, como parte da atividade ou separadamente, de replicação geral/reprodutibilidade de resultados/experimentos e outros resultados de pesquisa.
Visualização	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado, especificamente visualização/apresentação de dados.

Fonte: elaboração própria com base em SciELO (2020) e [CRedit](#).

Por mais que o CRedit tenha como objetivo “representar os papéis tipicamente desempenhados por colaboradores nos resultados de pesquisa” (CREDIT, [S. d.]), é possível perceber tanto nos tipos de categorias quanto nas suas descrições o predomínio de funções que identificam mais prontamente certos perfis de pesquisa/pesquisadores e menos outros.

Categorias como “Administração do Projeto” e “Supervisão”, por exemplo, que designam as responsabilidades pela gestão de um processo de pesquisa, marcam uma divisão de tarefas incomum para trabalhos das humanidades. Enquanto a primeira reconhece a possibilidade de a “gestão e [a] coordenação do planejamento e da execução da atividade de pesquisa” ficarem a cargo de um colaborador, nessas áreas é o próprio pesquisador quem necessariamente cuida disso, o que é explicitado pelos campos obrigatórios de projetos e relatórios de pesquisa voltados para a apresentação de cronogramas de trabalho. Já a segunda, ao creditar a “supervisão e [a] liderança para o planejamento e a execução da atividade de pesquisa”, parece reconhecer atividades como a de orientação acadêmica, um trabalho comum a professores-pesquisadores de todas as áreas, mas considerando também a “orientação externa para a equipe principal”, o que registra a possibilidade de direção de coletivos de pesquisa.

As categorias referentes à escrita, divididas em “Escrita – Primeira Redação” e “Escrita – Revisão e Edição”, reconhecem “preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado”, especificando “redação do rascunho inicial (incluindo tradução substantiva)” e “análise crítica, comentário ou revisão”, respectivamente, esta última incluindo “estágios pré ou pós-publicação”. Em síntese, tentam englobar qualquer atividade de escrita e edição relacionada com o artigo a ser publicado. Nesse caso, nota-se que essas categorias não consideram as atividades de edição profissional,

embora descrevam várias etapas desempenhadas por coenunciadores editoriais, nem a avaliação por pares, o que indica que há restrições quanto à colaboração registrada: é de um autor-colaborador que esse sistema trata.

Se considerarmos a função desse sistema para periódicos como a *Rieb*, cujos artigos têm em geral no máximo três autores, e a *Geousp*, que aceita até dois autores, é preciso levar em conta o papel da coautoria no contexto de artigos das humanidades. Nesse sentido, como estamos falando de áreas que têm o texto como parte fundamental dos processos de pesquisa – dado que o modo como se diz é tão importante quanto o que se diz –, nos perguntamos se é possível categorizar a colaboração de autores que participaram igualmente do processo de escrita, ou se essa categorização contribui efetivamente para essas áreas.

De todo modo, percebemos que o CRediT é a assunção da divisão do trabalho intelectual constitutiva da gestão autoral, na contramão de um entendimento de autoria como intocável na ciência, fruto de um trabalho de criação individual que se concentra sobretudo na atividade de escrita descolada de outras atividades laborais que a condicionam.

CONCLUSÕES

Os autores dos textos científicos não se limitam a pôr leitores, heróis e testes no papel. Também deixam claro quem são. Os autores de carne e osso transformam-se em autores no papel, acrescentando ao artigo mais personagens semióticas. Os seis autores daquilo que chamamos artigo de Guillemin evidentemente não o escreveram. Nenhum deles se lembraria de quantos rascunhos houve. A atribuição desses seis nomes, a ordem em que aparecem, tudo isso está muito bem encenado, e, como parte da escrita do enredo, não se conta quem escreveu o enredo.
(LATOURE, 2011, P. 80)

Na rede de publicações que se tece a partir dos ritos genéticos editoriais da comunicação científica, refletimos sobre a variedade de nós que se constituem como autorias na medida em que é feita sua gestão. Para isso, olhamos mais de perto os processos e materiais de avaliação por pares dos quatro periódicos estudados – a *Cerâmica Industrial*, a *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional (CBTO)*, a *Geosp: espaço e tempo* e a *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (Rieb)* – e a atuação de pareceristas e editores na sua mediação editorial.

Nas análises dos formulários de avaliação, trechos de pareceres e artigos avaliados, discutimos o trabalho do parecerista e do editor, importantíssimo para decidir a vida pública de um texto autoral. Nessa discussão, mobilizamos a paratopia criadora (MAINGUENEAU, 2014 [2006]) para pensar os processos envolvidos na gestão autoral, e essa proposta metodológica nos auxiliou na descrição desses processos em meio à negociação que os discursos constituintes impõem a seus enunciadores. De uma perspectiva discursivo-mediológica (DEBRAY, 2000a, 2000b), observamos ainda como esse trabalho de coenunciação editorial aparece nas diretrizes dos periódicos e nos parâmetros do SciELO e do curso de avaliador de artigo científico da ABEC, tentando mostrar exemplos diversos da prática avaliativa em cada perfil de revista e seus médiuns.

De saída, esclarecemos que o acordo de tessitura que se estabelece entre autor e coenunciador editorial nos ritos genéticos editoriais se dá não só no tratamento editorial de textos, uma etapa já prevista por Salgado (2011) como autoral, mas também na avaliação por pares. Dada a configuração discursiva da autoria no preparo dos textos para publicação, entendemos que a etapa avaliativa, que antecede o tratamento editorial e ao mesmo tempo o viabiliza, uma vez que somente artigos

aprovados para publicação são tratados, também interfere discursivamente na versão final a ser publicizada – seja por meio de encaminhamentos nos formulários de avaliação ou nos originais submetidos, que visam lapidar os sentidos em análise, seja pela própria prática de aprovar os artigos, que legitima esses sentidos a partir de critérios variados, conforme pontuamos nas análises. Constitui-se, assim, também como uma etapa autoral, considerada um dos pilares do atual sistema de comunicação científica.

Nesse sentido, fomos construindo o caminho que sustenta a ideia de transitividade das autorias (SALGADO, 2016a), uma abordagem material da gestão dos processos que, explicitada na etapa de avaliação de artigos, também se constitui nos mundos éticos da comunicação científica, ainda que velada pelo que chamamos aqui de efeito de padronização: a busca por certos tipos de periódico eletrônico, que se adaptam a plataformas predefinidas, que penduram certos tipos de artigo, que reproduzem certos tipos de usos da língua, de expediente de pesquisa, de publicação, de produção do conhecimento, e assim por diante.

Entre os dados analisados, o número da *Rieb* com o dossiê temático de Celso Furtado é um dos mais representativos desse efeito, visto que evidencia as tantas restrições impostas pela obrigatoriedade de desmembramento das revistas em artigos soltos e suas consequências – nesse caso, para a própria circulação do periódico e a divulgação do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) a que se vincula. Na contramão dos efeitos de sentido discursivizados pelas matrizes de sociabilidade (OM) de que falamos nesta tese – o sistema vigente de comunicação científica e as instituições, empresas e instâncias que o sustentam –, a confecção de volumes completos da *Rieb* reivindica a existência de tipos de produção científica que não necessariamente cabem na lógica da unidade e da aceleração dessas matrizes. O que está em jogo nesse embate é, portanto, mais do que o gênero discursivo que a “cara de revista” de que tratam os profissionais entrevistados no periódico representa: é a cultura científica que esse objeto editorial, como médium e vetor de sensibilidade (MO), pode promover ou rejeitar.

Do ponto de vista da gestão das autorias, dados como esse enfatizam a importância de discutir questões de médium. No cenário atual da comunicação científica, que claramente exige que os periódicos repensem seus espaços de inscrição material, bem como suas normas, técnicas e práticas de produção e circulação de conhecimento, é crucial entendermos de que forma a imposição do uso

de plataformas de editoração eletrônica como o OJS interfere nos seus ritos genéticos editoriais, nos modos de ler, de escrever, de revisar, de avaliar, de gerir, enfim, de ser autor, parecerista, editor, coenunciador editorial.

Em termos de normas, técnicas e práticas, podemos dizer que as condições de produção da comunicação científica, que, não por acaso, atravessam toda a tese, denunciam, entre outros pontos, as fragilidades do processo de profissionalização dos periódicos, apesar da importância deste para essa comunicação especializada e para a própria existência das revistas como dispositivos comunicacionais centrais da produção do conhecimento. É chocante constatar que essa profissionalização tem se viabilizado em meio:

- ao trabalho voluntário e à sobrecarga de editores, pareceristas e outros atores das equipes de editoração científica – nos casos em que há equipes sistematizadas, que não são a regra;
- à falta de formação e de suporte institucional para as atividades que desenvolvem;
- à desconsideração desses profissionais em decisões tomadas por agências que regulamentam a produção científica com consequências diretas para o seu cotidiano de trabalho;
- à falta de orçamento adequado para estruturação e manutenção dessas equipes e de seus expedientes.

O problema da insuficiência de recursos, por exemplo, é o que tem obrigado vários periódicos brasileiros de acesso aberto a cobrarem taxas de publicação e editoração dos seus autores, uma prática infelizmente naturalizada por muitos países, sobretudo do hemisfério norte, que cobram até mesmo pela leitura dos artigos. Entre os periódicos do nosso cópulo, vimos que orçamentos limitados interferiram na contratação de serviços (a revisão adaptada dos artigos da *Geosp* pela Confraria de Textos), na circulação (a redução do número de exemplares impressos distribuídos para as indústrias que apoiam a *Cerâmica*) e na gestão de custos (o repasse de taxas de tradução dos artigos da *CBTO* para os autores).

Em 2021, devido aos cortes drásticos de orçamento para a ciência e a tecnologia promovidos pelo projeto do agora ex-presidente de desmonte das universidades públicas, os quais afetaram diretamente os periódicos, tivemos notícias do fechamento ou da interrupção das atividades de revistas das humanidades

importantes para suas respectivas comunidades científicas. Duas delas foram a *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*⁵², do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília (UnB), e a *Sala Preta*, do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Nos dois casos, apesar de se tratar de revistas bem-avaliadas no sistema Qualis e de ampla circulação, com mais de 20 anos de história, não houve nenhuma nota pública ou medida por parte da SciELO e da Capes, e a única publicação da ABEC sobre o assunto apenas lamentou ambos os encerramentos⁵³, o que reforça a precariedade do suporte institucional mesmo para periódicos já consolidados.

Esse funcionamento relativamente autônomo de muitos periódicos é não só problemático, mas também contraditório: enquanto, por um lado, há grande pressão para sua especialização a partir do cumprimento de diversos protocolos, por outro, há pouco ou nenhum incentivo para a superação das dificuldades que essa especialização impõe. É por isso que precisamos entender momentos de transição como o da *ciência aberta*, que tem sido fortemente estimulada pelos critérios SciELO, como desafios, e não só oportunidades de uma produção científica mais colaborativa e/ou transparente. Na medida em que a implantação desse modelo requer uma série de ajustes nos ritos genéticos editoriais dos periódicos, o que demanda, no mínimo, investimento, é preciso refletir sobre a sustentabilidade de suas práticas considerando as condições precárias em que ainda operam muitos periódicos brasileiros.

Assim, ao discutir as minúcias dos processos de gestão autoral na avaliação de artigos científicos e alguns de seus desdobramentos, desejamos que esta tese também possa contribuir para debates como esse, que interferem diretamente nas dinâmicas de trabalho dos profissionais de editoração, cujos ofícios são indispensáveis para a publicização e a conseqüente legitimação e democratização do conhecimento.

⁵² A revista publicou uma nota de seus editores expondo a série de motivos que levaram ao seu fechamento, e a falta de recursos foi um dos pontos críticos para isso (Cf. <https://anpoll.org.br/2022/nota-dos-editores-da-revista-estudos-de-literatura-brasileira-contemporanea-2/>, acesso em: 30 mar. 2023).

⁵³ Disponível em: <https://www.abecbrasil.org.br/novo/2021/06/abec-brasil-lamenta-encerramento-das-atividades-de-dois-periodicos/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

REFERÊNCIAS

- ANGERMULLER, Johannes. Academic careers and the valuation of academics. A discursive perspective on status categories and academic salaries in France as compared to the U.S., Germany and Great Britain. **Higher Education**, v. 73, p. 963-980, 2017.
- ANGERMULLER, Johannes. Accumulating discursive capital, valuating subject positions. From Marx to Foucault. **Critical Discourse Studies**, v. 15, n. 4, p. 1-12, 2018a.
- ANGERMULLER, Johannes. Truth after post-truth: For a Strong Programme in Discourse Studies. **Palgrave Communications**, v. 4, n. 30, p. 1-8, 2018b.
- ANTAS JR., Ricardo. M. A produção de periódicos na geografia. **Geosp: espaço e tempo**, São Paulo, v. 23, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/157185/152828>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- ARAÚJO, E. **A construção do livro**: princípios e técnicas de editoração. Rio de Janeiro/Brasília: Nova Fronteira/INL, 2008 [1986].
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES CIENTÍFICOS – ABEC. Apresentação. *In*: ABEC. **Curso Avaliador de artigo científico**. (Modalidade EaD com acesso restrito a participantes). Botucatu: ABEC Brasil, [S. d.].
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 25-42, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. Vulgarização da ciência. *In*: AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Revisão técnica da tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BALESTERO, Mirela de S. **Definições terminológicas da Revisão de Textos: estudos iniciais para a elaboração de um glossário**. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2019.
- BOSCHI, Anselmo O. Redução do número de exemplares impressos. **Cerâmica Industrial**, São Carlos, v. 21, n. 2, mar./abr. 2016.
- BOSCHI, Helena. **Língua, cultura e comunidades discursivas**: um estudo sobre materiais didáticos de Português Língua Estrangeira (PLE). 325 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

- BOURDIEU, P. O campo científico. *In*: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Editora Unesp/INRA, 2004.
- BOURDIEU, P. Uma revolução conservadora na edição. Tradução de Salgado e Muniz Jr. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 17, n. 39, p. 198-249, maio/ago. 2018.
- BURANYI, S. Is the staggeringly profitable business of scientific publishing bad for science? **The Guardian**, 2017. <https://www.theguardian.com/science/2017/jun/27/profitable-business-scientific-publishing-bad-for-science>.
- CABRAL, Ivone. Qualidade na avaliação de artigos científicos. *In*: Associação Brasileira de Editores Científicos (org.). **Curso Avaliador de artigo científico**. Botucatu: ABEC Brasil, [S. d.]. (Disciplina 3).
- CAPA. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, 2019.
Disponível em:
<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/index>.
Acesso em: 19 nov. 2019.
- CAVALCANTI, J. R. Autor e autoria. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 151-165, 1º sem. 2011.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. 3. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary Del Priori. 2. ed. Brasília: UNB, 1999.
- CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.
- CHARTIER, R. **A mão do autor e mente do editor**. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora da Unesp, 2014a.
- CHARTIER, R. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia**. Tradução de Luzmara Curcino e Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2014b.
- CHIEREGATTI, A. **Mídium e gestão dos espaços canônico e associado nas plataformas colaborativas Wattpad e Widbook**. 241 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2018.
- CLARES, L. M. **Ritos genéticos editoriais do impresso ao audiolivro: o revisor de textos e as manobras de intervenção**. 2013. 65 f. Trabalho de Conclusão de

Curso (Bacharelado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

CLARES, L. M. **Mediação editorial na comunicação científica**: um estudo de dois periódicos de humanidades. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. **Critérios de classificação Qualis – Ensino**. [S.d.]. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/qualis/ensino.pdf. Acesso em: 28 fev. 2020.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. Esclarecimentos a respeito do Qualis Periódico e avaliação da produção intelectual. **Fundação CAPES**, 2019a. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/novo_portal/documentos/DAV/avaliacao/18072019_Esclarecimentos_Qualis2.pdf. Acesso em 27 mar. 2020.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. **Ofício n. 6/2019-CGAP/DAV/Capes**. Brasília: Capes, 2019b. Disponível em: http://app.pr2.ufrj.br/public/uploads/repositories/Oficio_CAPES_N%C2%BA06.2019_CGAP_DAV_.pdf. Acesso em: 18 out. 2019.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. Portaria n. 145, de 10 de setembro de 2021. **Diário Oficial da União**, Brasília, 14 set. 2021. Disponível em: <https://in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-145-de-10-de-setembro-de-2021-344468240>. Acesso em: 15 set. 2021.

DEBRAY, R. **O escriba – gênese do político**. Rio de Janeiro: Retour, 1983.

DEBRAY, R. **Curso de midiologia geral**. Tradução de Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993.

DEBRAY, R. **Manifestos midiológicos**. Tradução de Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

DEBRAY, R. **Introduction à la médiologie**. Paris: PUF, 2000a.

DEBRAY, R. **Transmitir**: o segredo e a força das ideias. Tradução de Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000b.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Alves. v. 1., 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DELEGE, M. **Um estudo cenográfico da “ciência” divulgada na Revista Pesquisa Fapesp**. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2018.

- DORETTO, V. F. A edição brasileira do objeto editorial S.: uma leitura do paradoxo de O Navio de Teseu. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2020.
- EDITORIAL. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 10, out. 2019. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/880/contribuies-ao-debate-sobre-a-avaliacao-da-producao-cientifica-no-brasil>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- FERREIRA, Ana Elisa Sobral Caetano da Silva. **Capitalismo de vigilância e produção de subjetividade por meio de algoritmos**: uma análise discursivo-medialógica. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, 2021.
- FERREIRA, Ana Elisa Sobral Caetano da Silva; DAMACENO, Livia Beatriz; SALGADO, Luciana Salazar. Me(i)diologia? Pensando o conceito de *médium* de Régis Debray e algumas traduções para o português brasileiro. In: SILVA, Eufrida Pereira da; TOPAN, Juliana de Souza; MARTINS, Teresa Helena Buscato (org.). **Educação, literatura e linguagem em diálogo**. 2021.
- FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução de A. F. Cascais e Edmundo Cordeiro. Portugal: Veja Editora, 2002 [1969].
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardins Moraes. Rio de Janeiro: Editora NAU, 2003.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 24. ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.
- GOMES, A. de C.; HANSEN, P. S. (Orgs.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GRUSZYNSKI, A. C.; GOLIN, C.; CASTEDO, R. Produção editorial e comunicação científica: uma proposta para edição de revistas científicas. **E-compós**, v. 11, ago. 2008.
- GUIMARÃES, E. (Org.). **Produção e circulação do conhecimento**: Estado, Mídia, Sociedade. Campinas: Pontes, 2001.
- HOUGHTON, B. **Scientific Periodicals**: their historical development, characteristics and control. Londres: The Central Press, 1975.
- JACOBY, Russel. **Os últimos intelectuais**: a cultura americana na era da academia. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Trajetória Cultural: Edusp, 1990.
- KRIEG-PLANQUE, A. Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. Trad. Luciana Salazar Salgado. **Revista Linguagem**, 16. ed. 2010. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao16/art_001.pdf. Acesso em: 25 fev. 2014.

- KROKOSCZ, Marcelo. Ética na Avaliação por pares. *In*: Associação Brasileira de Editores Científicos (org.). **Curso Avaliador de artigo científico**. Botucatu: ABEC Brasil, [S. d.]. (Disciplina 5).
- LAHUERTA, Milton. **Elitismo, autonomia, populismo**: os intelectuais na transição dos anos 40. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- LATOURE, B. **Ciência em ação – como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- LATOURE, B. **Jamais fomos modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2013.
- LAWSON, S.; GRAY, J.; MAURI, M. Opening the black box of scholarly communication funding: a public data infrastructure for financial flows in academic publishing. **Open Library of Humanities**, v. 2, 2016.
- LE GOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média**. Tradução de Luísa Quintela. Rio de Janeiro: Estúdios Cor, 1973.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. Discours. Intertextualité. Interlangue. **Champs du signe**, n. 13/14, p. 197-210, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.
- MAINGUENEAU, Dominique. A noção de autor em Análise do Discurso. *In*: SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de; POSSENTI, S. (org.). **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Tradução de Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 25-47.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. 2. ed. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2014 [2006].
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. *In*: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana Salazar (org.). 2. ed., 1. reimp. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-29.
- MALFITANO, A. P.; CRUZ, D. M. C.; LOPES, R. E. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional: mudando para permanecer e avançar. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 25, n. 2, p. 243-244, 2017. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1964/861>. Acesso em: 17 set. 2018.

- McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. 18. reimp. São Paulo: Cultrix, 2014.
- McNEELY, I; WOLVERTON, L. **A reinvenção do conhecimento: de Alexandria à internet**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.
- MENDONÇA, Alex. Avaliação por pares nos sistemas de gestão. *In: Associação Brasileira de Editores Científicos (org.). Curso Avaliador de artigo científico*. Botucatu: ABEC Brasil, [S. d.]. (Disciplina 4).
- MOLIER, J-Y. A história do livro e da edição – um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII ao século XX. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p. 521-537, jul./dez. 2009.
- MUNIZ JR., J. de S. **O trabalho com o texto na produção de livros: os conflitos da atividade na perspectiva ergodológica**. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010a.
- MUNIZ JR., J. de S. Revisor, um maldito: questões para o trabalho e para a pesquisa. *In: RIBEIRO; VILLELA; SOBRINHO; COURA; SILVA (Orgs.). Leitura e escrita em movimento*. São Paulo: Peirópolis, 2010b. p. 269-289.
- MUNIZ JR., J. de S. Intelectuais do livro: instâncias de formação e autorreflexão do espaço editorial no Brasil e na Argentina. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014, Foz do Iguaçu. Anais...* Foz do Iguaçu: Intercom, 2014. p. 1-16.
- MUNIZ JR., J. de S. **Girafas e bonsais: editores “independentes” na Argentina e no Brasil (1991-2015)**. 334 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- MUNIZ JR., J. de S. **Tinha um editor no meio do caminho: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual**. Divinópolis: Artigo A, 2018.
- MUNIZ JR., J. de S. O editor como (mediador) intelectual e o espaço editorial como ilusão de óptica: apontamentos teórico-metodológicos. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. Anais [...]*. Belém: Intercom, 2019. p. 1-15.
- MUSSALIM, F.; ROCHA, M. A. F. Dossiê Problemáticas em torno da noção de autoria. **Revista da ABRALIN**, v. 15, n. 2, 2016. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/issue/view/2189>. Acesso em: 07 set. 2016.

- NASSI-CALÒ, Lílian. Contexto da Avaliação por pares. *In*: Associação Brasileira de Editores Científicos (org.). **Curso Avaliador de artigo científico**. Botucatu: ABEC Brasil, [S. d.]a. (Disciplina 1).
- NASSI-CALÒ, Lílian. Processo de Avaliação por pares. *In*: Associação Brasileira de Editores Científicos (org.). **Curso Avaliador de artigo científico**. Botucatu: ABEC Brasil, [S. d.]b. (Disciplina 2).
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. Intelectuais, cultura e política. Apresentação a LAHUERTA, Milton. **Elitismo, autonomia, populismo**: os intelectuais na transição dos anos 1940. São Paulo: Ministério da Cultura; CPFL Energia; Andreato Comunicação e Cultura, 2014.
- OLIVA, Jaime Tadeu. É possível o objeto Brasil? *In*: PAIXÃO, Fernando; TONI, Flávia Camargo (org.). **Estudos brasileiros em 3 tempos**: 1822-1922-2022: Pensar o Brasil: desafios e reflexões. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021. (E-book).
- PAIXÃO, Fernando; GOUVEIA, Inês Cordeiro; GALVÃO, Luciana Suarez. Editorial. **Revista do IEB**, São Paulo, n. 78, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/184709/170879>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- PÊCHEUX, M. (1983). **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2008.
- PIERRO, B. de. Comunicação científica sem barreiras. **Pesquisa FAPESP**, ano 20, n. 276, p. 18-25, fev. 2019.
- PINTO, P. A. R. **Mídium e gestão da paratopia criadora**: o trabalho inscricional do Clube Atlético Passarinheiro. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.
- POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1998].
- POSSENTI, S. Sobre linguagem científica e linguagem comum. *In*: _____. **Os limites do Discurso**. Curitiba: Criar, 2002 [1997]. p. 235-252.
- POSSENTI, S. Índícios de autoria. *In*: _____. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p.103-117.
- PRIMO, G. **Ver o livro como buraco negro**: a formalização material da Antologia da Literatura Fantástica, de Bioy Casares, Borges e Ocampo. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.
- RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**. Tradução de Mônica Costa Netto. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

- RIBEIRO, A. E. Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 12., 2007, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora, 2007.
- RIBEIRO, A. E. Revisão de textos e “diálogo” com o autor: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009.
- RIBEIRO, A. E. **Em busca do texto perfeito – Questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual.** Divinópolis: Artigo A, 2017.
- RUGONI, L. S. **O imaginário do revisor de textos nos ritos genéticos editoriais.** 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- SAFERSTEIN, E. La edición como intervención cultural, comercial y política: best-sellers políticos del director de Random House-Sudamericana en el Kirchnerismo. **MILLCAYAC - Revista Digital de Ciencias Sociales**, v. 4, n. 7, p. 141-164, 2017.
- SALGADO, Luciana Salazar. **Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011.
- SALGADO, Luciana Salazar. Ritos Genéticos Editoriais: uma abordagem discursiva da edição de textos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 57, p. 253-276, 2013.
- SALGADO, Luciana Salazar. A Transitividade das Autorias nos Processos Editoriais. **Revista da ABRALIN**, v. 15, n. 2, p. 187-215, jul./dez. 2016a.
- SALGADO, Luciana Salazar. Grupo de pesquisa “Comunica – inscrições linguísticas na comunicação”: um trabalho no limiar. In: JORNADA INTERNACIONAL GEMINIS, 2., 2016, São Carlos. **Anais...** São Carlos: JIG, 2016b.
- SALGADO, Luciana Salazar. **Quem mexeu no meu texto? Questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual.** Divinópolis: Artigo A, 2017.
- SALGADO, Luciana Salazar. Um quadro teórico-metodológico para o estudo dos objetos editoriais no tempo presente: contribuições da geografia de Milton Santos. **Cadernos do IEB**, 2020 (no prelo).
- SALGADO, Luciana Salazar. O mundo ético dos periódicos científicos. In: PESSOA, F.; DEUSDARÁ, B. (org.). **Discurso, trabalho e ética.** Rio de Janeiro: UERJ. No prelo.

- SALGADO, Luciana Salazar; CLARES. Letícia Moreira. Mediação editorial em artigos científicos: um estudo de injunções e apagamentos nas humanidades. **Revista do GEL**, v. 14, n. 3, p. 29-58, 2017.
- SALGADO, Luciana Salazar; DELEGE, Marina. Mundo ético e mídiu: uma cenografia paulistana para a ciência brasileira. **Letras Hoje**, v. 53, n. 3, p. 374-385, 2018.
- SALGADO, Luciana Salazar; DORETTO, Vitória Ferreira. Implicações entre mídiu e paratopia criadora: um caso de autoria exponencial. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 40, n. 2, e40988, 2018.
- SALGADO, Luciana Salazar; MUNIZ Jr., José de S. Da interlocução editorial: a presença do outro na atividade dos profissionais do texto. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.5, p. 87-102, 2011.
- SALGADO, Luciana Salazar; PENTEADO, A. E. de A. **Mediação editorial: o que é, quem faz?** Revisão de textos, ofícios correlatos e materialidades editáveis. Bragança Paulista: Margem da Palavra, 2018.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 1994.
- SANTOS, M. A aceleração contemporânea: tempo-mundo e espaço-mundo. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P-E. (org.). **Desafios da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2012. Edição original: 2000.
- SCIELO Brasil. **Crítérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil**. São Paulo: SciELO, 2014.
- SCIELO Brasil. **Crítérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil**. São Paulo: SciELO, 2017.
- SCIELO Brasil. **Crítérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil**. São Paulo: SciELO, 2018.
- SCIELO Brasil. **Crítérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil**. São Paulo: SciELO, 2020. Disponível em: <https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/20200500-Criterios-SciELO-Brasil.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- STUMPF, I. R. C. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, 1996.

STUMPF, I. R. C. Revistas universitárias brasileiras: barreiras na sua produção. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 45-57, 1997.

STUMPF, I. R. C. Reflexões sobre as revistas brasileiras. **Intexto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 1-10, 1998.

TARGINO, M. das G. Comunicação científica na sociedade tecnológica: periódicos eletrônicos em discussão. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 31, p. 71-98, 1º sem. 1999.

THOMPSON, J. B. **Mercadores de cultura**: o mercado editorial no século XXI. Tradução de Alzira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

WATERS, L. **Inimigos da esperança**: publicar, perecer e o eclipse da erudição. Tradução de Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

YAMAZAKI, C. Editor de texto: quem é e o que faz. XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais...** Santos: Intercom, 2007.

YAMAZAKI, C. **Edição de texto na produção editorial de livros**: distinções e definições. 231 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

APÊNDICES

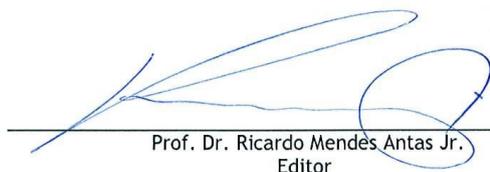
1 AUTORIZAÇÕES

GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO

Autorização

A revista *Geosp: espaço e tempo*, ISSN 2316-901X, localizada na Avenida Prof. Lineu Prestes, 338, Cidade Universitária, CEP 05508-000, CP 72042, São Paulo - SP, Brasil, sob gestão do Editor Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas Jr., autoriza o uso de materiais referentes a seu processo de produção editorial dos números publicados de janeiro de 2016 a janeiro de 2018 como objeto de estudo da pesquisa de doutorado *Ritos genéticos editoriais em periódicos: autoria na comunicação científica*, de Letícia Moreira Clares, CPF 395.624.868-69, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e bolsista Fapesp (processo n. 2017/14641-9). Ressalva-se que não serão utilizados nomes de autores, pareceristas ou quaisquer membros da comissão ou equipe editorial, bem como títulos de artigos submetidos à publicação e/ou publicados ou materiais que identifiquem textos e autores, senão em conformidade com aceitação explícita do editor.

São Paulo, 15 de dezembro de 2017.



Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas Jr.
Editor

Autorização

A *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, ISSN 2316-901X, localizada na Praça do Relógio Solar, 342, Complexo Brasileira Cidade Universitária, CEP 05508-050, São Paulo - SP, Brasil, sob gestão dos Editores Profa. Dra. Ana Paula Cavalcanti Simioni e Prof. Dr. Fernando Paixão, autoriza o uso de materiais referentes a seu processo de produção editorial dos números publicados de abril de 2016 a dezembro de 2017 como objeto de estudo da pesquisa de doutorado *Ritos genéticos editoriais em periódicos: autoria na comunicação científica*, de Leticia Moreira Clares, CPF 395.624.868-69, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e bolsista Fapesp (processo n. 2017/14641-9). Ressalva-se que não serão utilizados nomes de autores, pareceristas ou quaisquer membros da comissão ou equipe editorial, bem como títulos de artigos submetidos à publicação e/ou publicados ou materiais que identifiquem textos e autores, senão em conformidade com aceitação explícita do editor.

São Paulo, 01 de AGOSTO de 2018.



Profa. Dra. Ana Paula Cavalcanti Simioni
Editora



Prof. Dr. Fernando Paixão
Editor



Profa. Dra. Flávia Toni
Editora

ERRATA PARA AUTORIZAÇÃO DA REVISTA DO IEB

25/10/2018

Gmail - Errata



Letícia Clares <leticia.clares@gmail.com>

Errata

2 mensagens

Revista do IEB-USP <revistaieb@usp.br>
Para: Letícia Clares <leticia.clares@gmail.com>

23 de outubro de 2018 07:27

Prezada Letícia Clares,

No documento de **autorização** datado de 01 de agosto de 2018, assinado pelos três editores, há uma correção importante a ser feita.

Onde se lê:

"autoriza o uso de materiais referentes a seu processo de produção editorial dos números publicados de abril de 2016 a dezembro de 2017 como objeto de estudo da pesquisa de doutorado Ritos genéticos editoriais em periódicos: autoria na comunicação científica, de Letícia Moreira Clares, CPF 395.624.868-69,"

Deve-se ler:

"autoriza o uso de materiais referentes a seu processo de produção editorial dos números publicados **de abril de 2016 a abril de 2018** como objeto de estudo da pesquisa de doutorado Ritos genéticos editoriais em periódicos: autoria na comunicação científica, de Letícia Moreira Clares, CPF 395.624.868-69,"

Desculpe-nos o erro. Estamos mandando esta errata por e-mail para não lhe causar maiores transtornos.

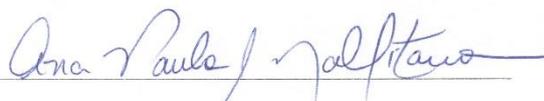
Atenciosamente,

Pedro Bolle
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros
Divisão de Apoio e Divulgação
Universidade de São Paulo
(11) 3091-1149
www.revistas.usp.br/rieb
SciELO: www.scielo.br/rieb

CADERNOS BRASILEIROS DE TERAPIA OCUPACIONAL**Autorização**

A *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar/Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, ISSN Impresso 0104-4931, ISSN Eletrônico 2238-2860 e novo ISSN 2526-8910, localizada no Rodovia Washington Luis, km 235, CEP 13.565.905, São Carlos - SP, Brasil, sob gestão da Editora Profa. Dra. Ana Paula Serrata Malfitano, autoriza o uso de materiais referentes a seu processo de produção editorial dos números publicados de janeiro de 2016 a janeiro de 2018 como objeto de estudo da pesquisa de doutorado *Ritos genéticos editoriais em periódicos: autoria na comunicação científica*, de Leticia Moreira Clares, CPF 395.624.868-69, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e bolsista Fapesp (processo n. 2017/14641-9). Ressalva-se que não serão utilizados nomes de autores, pareceristas ou quaisquer membros da comissão ou equipe editorial, bem como títulos de artigos submetidos à publicação e/ou publicados ou materiais que identifiquem textos e autores, senão em conformidade com aceitação explícita da Editora. Enfatiza-se ainda que a pesquisadora se compromete a apresentar para a equipe de editoria da revista os resultados encontrados e a análise que fará.

São Carlos, 04 de dezembro de 2017.



Profa. Dra. Ana Paula Serrata Malfitano
Editora

Autorização

A *Cerâmica Industrial*, ISSN 1413-4608, localizada no Rodovia Washington Luis, km 235, CEP 13.574-970, UFSCar-DEMa-LaRC, São Carlos - SP, Brasil, sob gestão do Editor Prof. Dr. Anselmo Ortega Boschi, autoriza o uso de materiais referentes a seu processo de produção editorial dos números publicados de janeiro de 2016 a janeiro de 2018 como objeto de estudo da pesquisa de doutorado *Ritos genéticos editoriais em periódicos: autoria na comunicação científica*, de Leticia Moreira Clares, CPF 395.624.868-69, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e bolsista Fapesp (processo n. 2017/14641-9). Ressalva-se que não serão utilizados nomes de autores, pareceristas ou quaisquer membros da comissão ou equipe editorial, bem como títulos de artigos submetidos à publicação e/ou publicados ou materiais que identifiquem textos e autores, senão em conformidade com aceitação explícita do editor.

São Carlos, 04 de DEZEMBRO de 2017.



Prof. Dr. Anselmo Ortega Boschi
Editor

2 PRIMEIRO ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA EM ENTREVISTAS

Pesquisa – Revista X

Grupo de Pesquisa *Comunica – inscrições linguísticas na comunicação*

- escritas profissionais e processos de edição – produção, circulação e consumo de textos

Labeppes – Laboratório de Escritas Profissionais e Processos de Edição

- pesquisa acadêmica, formação profissional, fomento a experiências culturais e assessoria editorial

❖ o que foi a pesquisa de mestrado *Mediação editorial na comunicação científica: um estudo de dois periódicos de humanidades:*

- processos, produtos e serviços em editoração científica;
- processos editoriais da Geousp e da Rieb (entrevistas com editores e profissionais internos e externos da equipe editorial).

❖ o que é a pesquisa de doutorado *Ritos genéticos editoriais em periódicos – autoria na comunicação científica:*

- estudo comparativo entre periódicos de ciências humanas e exatas/naturais (processos editoriais distintos, com base nos documentos Capes e SciELO);
- o funcionamento da autoria pela perspectiva da coenunciação editorial;
- Geousp, Rieb, Cerâmica Industrial e a CBTO:
 - meios de circulação (impressa e/ou eletrônica)
 - bases de indexação (SciELO, bases específicas)
 - processo de internacionalização (idiomas de publicação, equipe estrangeira de editores e pareceristas, autores etc.)
 - processos de avaliação qualitativa e quantitativa (Qualis Capes)
 - mudança tecnológica e plataformas de editoração (OJS/SEER?)
 - expedientes do tratamento editorial de artigos (edição, avaliação por pares, revisão e tradução de textos, marcação para linguagem XML)

3 ROTEIRO FINAL DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA EM ENTREVISTAS

Apresentação da pesquisa para solicitação de uso da Revista X como objeto de estudo

Letícia Clares (pesquisadora)*
 Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (orientadora)**

Na pesquisa de doutorado intitulada **Ritos genéticos editoriais em periódicos: autoria na comunicação científica**, temos como principal objetivo investigar o funcionamento da autoria em diversas áreas da comunicação científica no atual período para desenvolver uma abordagem discursiva do que chamamos de *mediação editorial*. Para isso, pretendemos:

- identificar e descrever os processos de tratamento editorial de textos na constituição da autoria de artigos científicos de diferentes áreas de conhecimento destinados à publicação;
- discutir os efeitos desses processos de mediação editorial na relação autor-coenunciador editorial à luz de uma noção da área, a *paratopia criadora*, como metodologia analítica;
- contribuir para os estudos da análise do discurso (área de concentração da pesquisa) ao desenvolver a perspectiva da gestão autoral e, assim, contribuir também para os estudos sobre comunicação científica, divulgação científica e editoração científica.

Delineamos esse estudo no âmbito do Labepe e do Grupo de Pesquisa Comunica, o qual se organiza a partir das reflexões sobre comunicação no mundo contemporâneo, propondo estudar os objetos comunicacionais de uma perspectiva linguístico-discursiva e, assim, consolidar suas atividades em torno de discussões sobre o eixo **produção e circulação de textos**. Nesse sentido, a pesquisa se configura como um aprofundamento da dissertação **Mediação editorial na comunicação científica: um estudo de dois periódicos de humanidades**¹, desenvolvida no mestrado no mesmo grupo de pesquisa, a qual nos deu um panorama do processo editorial de duas revistas de humanidades (Geusp e Rieb), que também serão estudadas agora.

O tipo de dado com que trabalharemos é constitutivo do que chamamos de *produção editorial* da revista: trata-se de materiais sobre seu processo editorial e suas diferentes etapas de tratamento, desde a submissão dos artigos para publicação até

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL-UFSCar) e revisora de textos, tem algumas de suas atividades de pesquisa e extensão disponíveis na página <https://grupopesquisacomunica.wordpress.com/leticia-claras/>.

** Professora adjunta no Departamento de Letras e no PPGL-UFSCar e líder das atividades do Grupo de Pesquisa **Comunica – inscrições linguísticas na comunicação** e da sede do **Labepe – Laboratório de Escritas Profissionais e Processos de Edição**. A página <https://lucianasalazarsalgado.wordpress.com/> dá apoio a suas atividades acadêmicas.

¹ Financiada pela Fapesp e defendida em março de 2017. Disponível em https://grupopesquisacomunica.files.wordpress.com/2016/04/dissertacao_leticiaclares-versaocorrigida.pdf.

a versão final, incluindo os pareceres. Como recorte temporal para essa coleta, pontuamos os dois anos mais recentes de publicação da revista, o que contempla os números publicados de janeiro de 2016 a janeiro de 2018.

Para coletar esses materiais, faremos entrevistas gravadas com os editores, e, se for o caso, com os demais profissionais envolvidos na edição do periódico, e reuniremos os arquivos da produção editorial dos referidos números disponibilizados sob autorização dos editores, seja nas equipes internas da revista ou na empresa responsável por sua editoração – no caso, a Editora Cubo, que aceitou colaborar para a pesquisa e para a qual também propomos um termo de autorização formal.

A seguir, propomos uma autorização de uso da Revista X como objeto de estudo.

Autorização

A *Revista X*, ISSN X e X, localizada no endereço x, CEP x, Cidade, SP, Brasil, sob gestão do Editor Prof. Dr. X, autoriza o uso de materiais referentes a seu processo de produção editorial dos números publicados de janeiro de 2016 a janeiro de 2018 como objeto de estudo da pesquisa de doutorado *Ritos genéticos editoriais em periódicos: autoria na comunicação científica*, de Letícia Moreira Clares, CPF 395.624.868-69, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e bolsista Fapesp (processo n. 2017/14641-9). Ressalva-se que não serão utilizados nomes de autores, pareceristas ou quaisquer membros da comissão ou equipe editorial, bem como títulos de artigos submetidos à publicação e/ou publicados ou materiais que identifiquem textos e autores, senão em conformidade com aceitação explícita dos editores.

São Carlos, _____ de _____ de 2017.

Prof. Dr. X
Editor
Revista X

4 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM EDITOR – CERÂMICA INDUSTRIAL

Entrevista 1*

Cerâmica Industrial – junho de 2017 (áudio entrevista 1_07.06.2017, 25min14s)

Participante: editor da revista

Descrição do processo editorial do periódico: [trabalho do editor] então chegou o artigo, a primeira coisa é eu avalio se o artigo trata de um tema que é de interesse do público-alvo da revista. O público-alvo é, na sua grande maioria, o pessoal das indústrias de revestimento cerâmico, o pessoal que trabalha nas fábricas de revestimento cerâmico. Se eu já tiver segurança suficiente pra dizer “esse artigo tem um conteúdo que é de interesse desse pessoal e tem qualidade”, esse artigo já está aceito. Se eu sentir, às vezes sai um pouco da minha área de expertise, então eu aciono alguém do comitê editorial e digo: “1. Me diz se esse artigo/se o tema desse artigo é de interesse para a sua competência; 2. Se ele for, se ele tem alguma coisa que pode ser modificada”. Caso contrário/eu já fiz isso, então, nos artigos que eu seleciono, se eu perceber, por exemplo, “olha, o gráfico você fez tudo em preto e branco, faz colorido” ou alguma coisa, eu já devolvo pro autor, então eu assumo/toda a parte do conselho editorial sou eu nesse caso, e de vez em quando eu recorro a esse pessoal. A partir do momento em que o artigo foi aceito para publicação ou por mim ou por algum membro da comissão ele vai pra Cubo, aí eu já passo pra Cubo “esses são os artigos que vão sair no próximo número” e a partir daí eu sumo da história e entra a Nome [assistente editorial] pra ver uma questão de capa, de::/ela está ligada à Associação Brasileira de Cerâmica, essa revista, aí tem a questão de quem é o presidente da associação, essas coisas, aí é tudo a Nome que cuida. Ela cuida da parte financeira da revista, então todos pagamentos da Cubo, tudo isso é a Nome que cuida, e captação de recursos. [trabalho da assistente editorial] Então, de um lado, uma empresa está pagando e por isso ela quer algum logo na capa, aí é a Nome que informa a Cubo “esses são os logos que vão entrar na capa, essa é::”/então essa parte é tudo a Nome que cuida. [trabalho da comissão editorial] Quando a comissão avalia algum artigo, envia direto para o autor; se o parecerista simplesmente disser “esse artigo/o conteúdo é interessante e a forma está boa para publicar”, já vem direto pra mim e já vai pra Cubo/aí, nesse caso, o contato é sempre comigo, porque se não abria um leque muito grande. [artigos traduzidos] E no caso dos artigos que a gente tem autorização pra traduzir e publicar, o principal tradutor é um professor da Universidade Nome, é uma universidade particular, ele é professor lá e nosso parceiro há muitos anos, então eu peço autorização para o original, eles [os editores das revistas em que o artigo foi publicado em idioma estrangeiro] me dão autorização, é informal, não tem uma carta, ninguém nunca me processou por causa disso, espero que nunca processe. É muito informal, eu conheço os editores dessas revistas, tenho

* Legenda

prolongamentos: ::

truncamentos bruscos: /

trechos transcritos na íntegra: “ ”

comentários da analista: []

tópicos da conversa: destaques em azul

contato pessoal, então eu escrevo para eles, mando pro Nome [tradutor] e já mando para a Cubo o original com as figuras e com tudo, o Nome traduz e já manda o texto traduzido com as legendas e tudo direto pra Cubo, e aí a Cubo já conversa com ele, eu já não entro no circuito mais. [trabalho do tradutor – se o tradutor tiver alguma dúvida, ele trata direto com os autores, sem intermédio da Editora Cubo] Eu não me lembro de ter alguma coisa assim, porque o tradutor tem a rede dele lá [no Sul], então, como Criciúma é um dos maiores polos também de fabricação de pisos e azulejos, qualquer coisa um telefonema dele ali “fulano, como é que vocês chamam tal coisa lá na fábrica?” e tal, aí ele já pega. [observação importante sobre o trabalho da equipe em relação ao trabalho do editor] O mais importante é me cercar de pessoas que resolvam os problemas, e não que me devolvam os problemas, porque há uma personalização muito grande e isso compromete bastante a periodicidade. Por exemplo: a gente publicou este ano [2017] só a revista de janeiro e fevereiro, a revista de fevereiro e março está enroscada em um artigo que eu estou terminando de escrever, então enquanto eu não acabo de escrever o artigo não pode sair o número/é muito caseiro, é bem caseira a revista. [artigos por encomenda] Há ainda artigos por encomenda, então, por exemplo, tem um problema que a maior parte das indústrias de pisos e azulejos do Brasil estão encontrando agora, uma barreira com a indústria da construção civil etc., aí eu sei que esse é um tema que eles querem ouvir. Eu caço na literatura internacional, já localizei um artigo que é sobre esse tema e agora o bendito artigo não tem autor [caso interessante para pensar a autoria], é um relatório, meio assim, e estou na maior briga com os meus amigos na Espanha pra achar pra quem eu peço autorização pra traduzir esse negócio/olha os problemas. Achando quem é essa pessoa é quase certo que ela dá autorização pra traduzir, a gente traduz e publica. Em outras áreas, né, tem os grupos de especialistas em coisas diferentes, por exemplo, tem um grupo muito bom na parte de matérias-primas, aí quando eu sinto que está fazendo falta um artigo sobre matéria-prima eu cutuco esse pessoal e eles fazem meio um apanhado do que eles estão publicando na área, fazem uma adaptação para publicar na revista [adaptação dos textos para o perfil da revista] tendo em vista o perfil do profissional no chão de fábrica. Essa é uma preocupação grande da revista em não usar conceitos químicos, matemáticos muito avançados porque o público-alvo a gente pressupõe que tenha segundo grau, não mais do que isso. [revistas parceiras da Cerâmica] Essas revistas são da Itália, Espanha e Alemanha, e é o mesmo tradutor para todas elas. A revista alemã é bilíngue, ele traduz do inglês, e a outra é italiano-espanhol, a maior parte da literatura que a gente está acessando é italiano-espanhol, então a gente traduz direto [do espanhol]. [seleção dos artigos] Para a gente o que interessa mais é o tema [dos artigos], esse é o filtro central/o tema tem que ser de interesse do público-alvo. [preocupação do editor com a formação dos profissionais da área] A gente sempre reserva uma parte dos artigos, artigos que não são tecnicamente tão bons e até em alguns temas que você fala “pô, esse tema é meio assim”, mas muito mais com o objetivo de incentivar grupos de pesquisa que estão começando a atuar nessa área. O fato de um artigo ser publicado, mesmo que não seja ainda um bom artigo ou uma boa contribuição, faz com que essa pessoa se interesse por essa área e continue trabalhando nessa área. Então a gente sempre reserva um ou dois artigos por número, que a gente coloca/se preocupa/esse aqui é o conteúdo hard da revista, esse aqui o pessoal vai ter, e esses dois aqui vão junto. [intervenções do editor no processo] O caso mais difícil é quando o autor não responde o e-mail, aí tenho que entrar no circuito e achar onde é que foi parar, porque acontece de a pessoa mandar, o arquivo fica, o cara muda de emprego, muda o e-mail, e aí tem dificuldade, mas não me lembro de nada além disso [nenhum outro caso de

dificuldade], porque a partir do momento que eu libero o arquivo para comunicação o contato da Cubo é direto com o autor, eu já não participo mais. A Cubo nem me manda cópia nem nada, ela trata e, se tiver problema, me procura e fala/ou eu cutuco a Cubo e já vejo “os arquivos estão aí há 4 semanas e não sai nada”, aí eles falam “fulano e sicrano não estão respondendo e-mail”, aí eu entro no circuito pra ajudar a identificar, localizar, colocar pressão às vezes, coisas assim, mas não me lembro de nada além disso. Ou detalhes do tipo as figuras estão em baixa, então, na época em que a gente imprimia a revista, às vezes/aí tem um outro detalhe, [revista impressa x eletrônica] por causa de contenção de custos, a revista era em preto e branco, sempre foi em escala de cinza, né, e isso comprometia bastante figuras, essas coisas, era uma maracutaia pra conseguir fazer várias coisas, e a partir do momento em que a gente criou o site lá atrás, já nem lembro a quanto tempo a gente criou o site, a versão do site a princípio era a versão cinza, em escala de cinza também. A partir do momento que eu olhei e pensei “por que que precisa?”, a versão digital pode ser colorida, a gente imprime em escala de cinza e a partir daí os artigos passaram a ser coloridos. Agora que a gente está praticamente tudo no digital os artigos são quase todos coloridos. [redução do número de exemplares impressos da revista] A gente fazia 1500 exemplares e atualmente fazemos algo em torno de 100 exemplares, também para o intercâmbio com outras revistas parceiras, como a de Portugal/nesse caso, em determinado momento, eu e o editor passamos a trocar pdfs das revistas. Em outros casos não, a gente acha meio humilhante dizer que não temos grana pra impressão e correio, então a gente manda ainda um exemplar impresso pra esse pessoal. As outras revistas (portuguesa, alemã, QualiCer, espanhola) têm as duas versões, impressa e eletrônica, o que muda é o acesso, em algumas delas o acesso é aberto e em outras depende de uma assinatura. [fontes fundamentais para a Cerâmica] Como você percebe, essa é uma fonte fundamental [as revistas que o editor recebe], um termômetro do que está acontecendo no setor. [única revista técnica do Brasil na área de cerâmica] A Cerâmica é a única revista que tem essa preocupação com o chão de fábrica no país. As revistas voltadas para o setor cerâmico no Brasil/tem uma revista tradicional publicada pela Associação Brasileira de Cerâmica, a revista Cerâmica, que já está com uns 50 anos de publicação e começou com essa vertente e a partir de determinado momento ela virou uma revista de cerâmica avançada e deixou o chão de fábrica para trás, exatamente para entrar nos rankings de classificação [comunicação científica], abandonando essa parte, e foi aí que eu entrei. Na época eu era muito ativo na Associação Brasileira de Cerâmica e em uma reunião eu disse que o pessoal estava com saudade daquela época da revista, então pensamos “por que não fundar uma outra revista?”, aí eu fundei a Cerâmica Industrial, então com essa ideia e aquela coisa fatídica “mas a gente não vai dar um tostão, tá, então se vira” [falta de incentivo para publicações que não entram nesse jogo da comunicação científica]. A Editora Cubo trata a revista desde alguns de seus primeiros números, então foi a empresa que criou também o site, que cuida da sua administração etc.

[Observações: é interessante pontuar a preocupação do editor com o que ele chama de “grande informalidade da revista” (falta de documentação dos processos, acesso aos materiais etc.) para o que ele entende que minha pesquisa seja. Segundo o editor, em 95% dos casos os artigos são aceitos diretamente por ele, ele decide; nos demais casos em que ele precisa recorrer a alguém, isso acontece de maneira informal, ele não faz questão de manter registros; são muito esporádicos os casos em que alguém da comissão precisa se responsabilizar por alguma coisa; casos em que ele emite parecer para os autores (mexe aqui na introdução, faz isso ou aquilo) também não

são registrados formalmente porque o editor apaga os e-mails para não encher sua caixa de entrada diariamente. Mesmo no caso de tradução dos artigos não há autorização formalizada, apenas um pedido verbal para os editores das revistas parceiras. “O importante é que a revista funciona, e o financiamento das empresas de cerâmica é um termômetro para saber se ela está atingindo seus objetivos. Como os financiadores são indústrias, se a revista começar a não ter temas que são de interesse, eu não consigo os patrocinadores”. A revista está formalmente ligada à Associação Brasileira de Cerâmica, então em teoria ela é uma publicação dessa associação, que tem três revistas – a Cerâmica (mais acadêmica), a Cerâmica Industrial e a Materials Research (mais acadêmica também) –, mas seu financiamento vem dos patrocínios das indústrias.

5 ENTREVISTA POR E-MAIL COM TRADUTOR – CERÂMICA INDUSTRIAL

Entrevista 2**Processo de tradução dos artigos da Cerâmica Industrial****Eu**

O foco da pesquisa é estudar a mediação editorial no processo de tratamento dos artigos de periódicos científicos. Você poderia me contar como acontece o processo de tradução e a tramitação dos artigos com o editor, os autores e a Editora Cubo?

Tradutor²

Oi Leticia, o processo na verdade é bem simples.

Como o Anselmo Boschi é o editor chefe da Revista, ele sempre me envia os artigos do congresso Qualicer, ou de outras revistas, que ele julga adequados para o público da Cerâmica Industrial.

Assim, ele me envia o artigo em questão e me solicita qual prazo para a tradução eu necessito, geralmente de 10 a 15 dias.

Então eu analiso o artigo, em inglês ou espanhol, e faço a tradução para o português levando sempre em conta três coisas:

- 1) correção do texto para o português técnico, com foco em cerâmica;
- 2) formato dos artigos para a Cerâmica Industrial, é comum eu alterar o formato do artigo original para que se enquadre no formato da revista. Normalmente com título, autores, instituições, resumo e palavras-chave, introdução, materiais e métodos (ou procedimento experimental), resultados e discussão, conclusões e por fim as referências.
- 3) revisão do texto buscando a adequação para o setor industrial, até mesmo chão de fábrica, pois a Cerâmica Industrial não tem só teor acadêmico, mas também foco industrial, como atesta o nome da revista.

Eu não faço contato com os autores, é comum eu ter de buscar pelo endereço deles e e-mail de contato de algum dos autores, mas eu não os contato, faço somente a tradução destes artigos.

Após a tradução do texto principal e do texto das figuras e tabelas, eu faço a revisão final e envio o material para o prof. Anselmo, que o encaminha para a Editora Cubo.

Quando há alguma dúvida de tradução o responsável pela Cubo faz contato comigo para sanar alguma dúvida.

² Algumas observações: [Lattes](#) – graduação e mestrado em Engenharia Mecânica, doutorado em Engenharia Química e dois pós-doutorados. Professor universitário de pós-graduação em Ciência e Engenharia de Materiais e Ciências Ambientais. Experiência na área de Cerâmica, atuando principalmente com cerâmica tradicional, vidros e vidrados, geopolímeros, nano-óxidos e cerâmicas funcionais fotocatalíticas. (Acesso em 19 jun. 2017). Não tem formação editorial como tradutor; no Lattes, lista vários periódicos internacionais na seção “Revisor de periódicos”, mas entendi que são os periódicos cujos artigos são traduzidos para a Cerâmica.

Em seguida a Cubo me encaminha as provas do artigo, com as dúvidas que surgiram já anotadas no esboço do artigo, faço as correções solicitadas e encaminho a versão final para a editora, tudo por e-mail. Nunca fizemos contato por telefone!

A editora finaliza o artigo e recebo o comunicado de "revisão finalizada".

É este o processo todo!

Eu

Oi, Adriano,

Muito interessante esse processo de tradução, você na verdade precisa se preocupar não só com a tradução dos artigos, mas também com essa adaptação do texto para a linguagem e o formato específicos da revista, o que acaba se configurando como uma etapa extra de revisão ou revisão técnica, né?

Algumas questões em que fiquei pensando ao te ler:

Você chama essa tradução de "tradução", "tradução técnica" ou "versão" (ou de algum outro nome)?

No caso do contato com a Editora Cubo, há algum tipo de dúvida ou correção mais comum e/ou frequente ou depende caso a caso (dos artigos, da área específica em que se situam, do idioma etc.)?

Tem alguma seção específica do artigo que costuma gerar mais problemas ou dúvidas para os profissionais da editora ou para o seu trabalho de tradução?

Você também traduz e/ou normaliza de alguma forma as referências dos textos ou mantém como constam nos artigos em espanhol/inglês?

Os dados sobre as instituições dos autores são traduzidos?

Tradutor

Oi Letícia,

1) chamo de tradução mesmo, apesar de algumas vezes tomar liberdade de adaptar o texto tecnicamente para os termos usados industrialmente no Brasil.

2) a Cubo diagrama o artigo conforme os padrões da revista e normalmente solicita alguns dados a mais, como e-mail dos autores ou outros detalhes. É mais caso a caso mesmo, depende do artigo, do tema e do idioma.

3) os problemas são mais de tradução, onde eu tenho de encontrar o termo mais adequado sem perder o sentido. Neste ponto a editora não interfere, tenho liberdade total na tradução.

4) algumas vezes tenho de formatar as referências conforme o padrão da revista, e mesmo buscar a referência completa, pois dependendo do artigo elas não são. Mas não traduzo as referências, pois devem ser citadas como estão, senão não são contabilizadas como citação por bases como o ISI.

5) eu também traduzo as instituições.

Eu

Adriano,

nos pontos 2 e 3, você comentou que as questões aparecem caso a caso; você se lembra de alguns casos interessantes que poderia mencionar? Esses casos particulares, além do processo como um todo, me interessam diretamente como dado para a pesquisa, por isso a pergunta.

Tradutor

Algumas vezes os diagramadores pensaram que eu era o autor e pediam para eu editar as figuras em português ou que enviasse o arquivo da figura em alta resolução.

Em outras me pediam o e-mail dos autores, então eu tinha de buscar, quando eram conhecidos. Ainda outras vezes tive de indicar o ponto de citação de referência, pois artigos industriais não se preocupam muito com formatação.

Me lembro mais destes.

Eu

Muito obrigada pela descrição do processo e pela prontidão das respostas, Adriano.

Eu tenho uma entrevista em breve com os profissionais da Editora Cubo e imagino que, como eles têm todas as versões dos artigos tratados documentadas, terão mais casos para me contar. Posso entrar em contato com você novamente depois dessa entrevista, se for o caso?

Tradutor

Sim, claro, pode me contatar novamente.

Eu

Olá, Adriano, boa tarde,

consegui organizar o material da Cerâmica que coletei na editora Cubo, e, conforme combinamos, entro em contato com você novamente. Na entrevista com a editora, me dei conta de que seria interessante trabalhar também com as versões dos artigos editadas na tradução. Pensando nisso, fiz uma lista dos artigos publicados em 2016 e 2017, recorte da minha pesquisa, e te envio no anexo. Será que você poderia reunir tudo o que encontrar por aí do processo de tradução desses textos e me enviar (ou compartilhar comigo via google drive ou outro modo mais fácil pra você)?

Sei que será preciso verificar seus arquivos, então fique tranquilo quanto à sua disponibilidade, não tem pressa.

Aguardo seu retorno e, desde já, agradeço muitíssimo!

Tradutor

Oi Letícia,

Da lista você quer saber quais artigos foram traduzidos por mim, é isto?

Tenho de ver os emails que o Anselmo me enviou, pois sempre foi assim, ele me encaminha o PDF original do artigo e eu faço a tradução.

O material que terei será o PDF original e um arquivo doc com a tradução.

Eu

Oi, Adriano,

isso, tudo que você tiver desde que recebe o original até a última versão que encaminha traduzida me interessa na pesquisa.

Muito obrigada! [fim da entrevista]

6 ENTREVISTA POR E-MAIL COM PROFISSIONAL DA EDITORA CUBO – CERÂMICA INDUSTRIAL

Entrevista 3**Tratamento editorial dos artigos da Cerâmica Industrial na Editora Cubo****Eu**

Olá, Rafael, boa tarde,
tudo bem?

Como combinamos há alguns dias, te escrevo com algumas questões sobre a Cerâmica para a minha pesquisa de doutorado. Será que você poderia, por gentileza, encaminhar para a Renata?

Aqui vão (direto no corpo do e-mail para não gerar mais demanda pra vocês):

(1) O foco da pesquisa é estudar a mediação editorial no processo de tratamento de artigos de periódicos científicos. Vocês poderiam me contar como acontece o processo de tratamento dos artigos da Cerâmica Industrial na Editora Cubo?

(2) Há algum tipo de contato ou tramitação de arquivos com o editor, os autores, o tradutor e/ou outros profissionais que participam da edição dos textos? Se sim, é possível citar alguns casos e/ou motivos que levam a isso?

Aguardo seu retorno e desde já agradeço muitíssimo pela atenção e colaboração.

abraço,
Letícia

Profissionais da editora

Letícia, bom dia
Encaminho as respostas da Renata.

(1) O foco da pesquisa é estudar a mediação editorial no processo de tratamento de artigos de periódicos científicos. Vocês poderiam me contar como acontece o processo de tratamento dos artigos da Cerâmica Industrial na Editora Cubo?

O processo de tratamento dos artigos da *Cerâmica Industrial* na Editora Cubo ocorre na sequência descrita abaixo:

Recebimento: Os artigos são enviados pela assistente editorial da revista para o setor de recebimento da Editora Cubo, que é a nossa porta de entrada para os artigos. Nesse setor, a equipe responsável faz uma checagem inicial dos artigos para verificar se eles possuem os elementos básicos que possibilitam o início da sua produção, como título, nome dos autores, afiliações, dados para correspondência, resumo, palavras-chave, figuras e tabelas citadas no corpo do texto, lista de referências, etc. Caso alguns desses dados estejam faltando, a equipe de recebimento anota as pendências para que sejam solicitadas na prova de layout dos artigos ou, dependendo do item, paralisa a produção dos artigos e entra em contato com os autores solicitando o que falta. Nesta situação, os artigos apenas seguem para a próxima etapa da produção após recebermos as respostas dos autores.

Figuras: Nesta etapa as figuras são extraídas dos arquivos de Word e salvas no formato ideal para diagramação. O artigo segue para a padronização.

Padronização: Neste momento a equipe responsável faz a padronização dos artigos, ainda em arquivo de Word, seguindo os padrões adotados pela revista. Itens como título, nome dos autores, afiliações, dados para correspondência, resumo, palavras-chave, títulos de seções e legendas de figuras e tabelas são verificados e padronizados. Caso a equipe identifique itens faltantes ou ocorra dúvidas em relação às informações apresentadas nos artigos, pendências são anotadas e somadas às já verificadas pela equipe de recebimento. Após essa etapa, os arquivos estão prontos para a diagramação.

Diagramação: A diagramação é feita por uma equipe específica que aplica aos artigos o layout próprio da revista. Além de diagramar o texto e gerar um arquivo PDF, essa equipe cria uma página com todas as pendências identificadas pelas etapas anteriores para que seja enviada aos autores. Finalizada a diagramação, essa mesma equipe envia uma prova para o autor correspondente dos artigos. O autor deverá verificar o que foi apontado na página de pendências, responder às solicitações e aprovar o artigo para publicação. Após a verificação das respostas dos autores, ajustes no PDF e aprovação final dos autores, os artigos passam por uma revisão interna.

Revisão interna: Essa revisão é voltada para o exame final dos artigos antes de sua publicação. Nessa etapa da produção são conferidos os padrões de elementos específicos do texto, como: títulos e títulos de seções, nomes dos autores e suas afiliações, apresentação de resumos e palavras-chave, seções do texto, lista de referências, paginação, cabeçalho e rodapé, etc., para garantir que o artigo seja publicado sem erros. As correções são anotadas no PDF revisado e a equipe de diagramação é encarregada de promover esses ajustes e gerar um novo arquivo PDF.

Fechamento: Após aprovado pelos autores e revisado internamente, os artigos ficam no aguardo da finalização dos demais artigos que comporão o número da revista. Quando todos os artigos do número passarem pelas etapas explanadas anteriormente, a equipe de fechamento monta o “boneco” final, ou seja, um arquivo PDF que apresenta todos os artigos do número a ser publicado. Os artigos são dispostos no boneco de acordo ordem previamente indicada pela revista. Após montado o boneco, ele passa por uma revisão interna na editora, que é feita pela equipe de revisão interna, em que são revisados os elementos acrescentados durante a montagem do boneco, como o rodapé e cabeçalho dos artigos, é feita a checagem do sumário, a indicação de paginação e demais itens. Anotados os ajustes a serem feitos, a equipe de fechamento faz as correções necessárias, gera um novo PDF e envia uma prova para o editor da revista. O editor revisa o boneco e indica as correções que julgar necessárias. Após ajustado o boneco aprovado pelo editor, este é enviado para o setor Helpdesk, para a publicação dos artigos no site da revista *Cerâmica Industrial*. Na sequência, a equipe de fechamento envia o boneco aprovado para a gráfica, que fará a impressão do número de exemplares solicitados pela revista.

(2) Há algum tipo de contato ou tramitação de arquivos com o editor, os autores, o tradutor e/ou outros profissionais que participam da edição dos textos? Se sim, é possível citar alguns casos e/ou motivos que levam a isso?

Durante a produção dos artigos da *Cerâmica Industrial* a Editora Cubo faz contato com os autores correspondentes dos artigos, a assistente editorial e o editor da revista.

O contato com os autores correspondentes pode acontecer em dois momentos: durante o recebimento dos artigos e após a sua diagramação. O primeiro caso não é uma regra para todos os artigos. O contato com os autores durante o recebimento acontece se a equipe de recebimento identificar pendências que impossibilitam a produção dos artigos nas etapas posteriores, como arquivos enviados em formato PDF, arquivos de Word com marcas de revisão, a presença de

tabelas ou quadros não editáveis, a falta de figuras, tabelas, quadros, equações, anexos, apêndices, etc. citados no texto, a falta do resumo ou título do artigo, dentre outros elementos. Já o contato com os autores após a diagramação do texto é feito para todos os artigos. A prova de layout, como chamamos a prova enviada após a diagramação dos artigos, tem como objetivos sanar as pendências que as equipes de recebimento e padronização identificaram durante a verificação dos artigos e de receber a aprovação final dos autores antes da publicação do artigo. Nesse momento são trocadas provas com os autores até que todas as pendências sejam sanadas e o artigo seja aprovado.

O contato com a revista (assistente editorial e editor) é feito, principalmente, no início e no fim da produção dos artigos. A equipe de recebimento recebe os arquivos enviados pela assistente editorial da revista. É a assistente editorial quem indica para a equipe de recebimento em que volume e número será publicado o artigo enviado, qual é a ordem em que eles devem ser apresentados no número, quais são os dados que comporão as páginas iniciais e finais do boneco, como a lista de professores que integram a comissão editorial da revista, de patrocinadores daquele número, o número de exemplares que serão publicados, etc. Ao final da produção do número da revista, a equipe de fechamento da Editora Cubo entra em contato com o editor para solicitar a aprovação final do “boneco”, a fim de liberá-lo para publicação no site e enviá-lo para a impressão gráfica. Ambos, assistente editorial e editor, também podem ser contatados no meio da produção dos artigos, para que ajudem na cobrança de autores com provas em atraso.

Eu

Olá, Rafael, tudo bem?

Será que eu poderia fazer mais algumas perguntas sobre a Cerâmica Industrial? Seria uma continuação da entrevista a partir das questões que Renata pontuou nas respostas anteriores.

Se sim, já me adianto e aí vão:

(1) No caso dos artigos traduzidos de revistas estrangeiras, com quem a equipe fala sobre as pendências dos textos?

(2) Na prova de layout enviada após a diagramação dos textos, sempre há contato e tramitação de arquivos com os autores para solucionar todas as pendências dos artigos. Se o editor da revista autorizar formalmente, é possível ter acesso aos arquivos dessa etapa armazenados na Editora Cubo? Estamos pensando em algo como os 2 anos mais recentes de publicação da revista (o que daria, em média, os 10 últimos números publicados).

Se vocês puderem responder mais essas questões, agradeço muitíssimo!

Estou organizando o texto de autorização de uso da revista para encaminhar ao editor na próxima semana e acredito que, em breve, eu comece a etapa de coleta desses materiais.

Cordialmente,

Letícia

Profissional da editora

Oi, Letícia! Tudo bem com você?

Envio as respostas às perguntas enviadas sobre a Cerâmica Industrial.

(1) No caso dos artigos traduzidos de revistas estrangeiras, com quem a equipe fala sobre as pendências dos textos?

A tradução de artigos de revistas estrangeiras é feita por um dos editores da Cerâmica Industrial e é com ele que tratamos para resolver as pendências identificadas durante a

produção dos artigos. A Editora Cubo não faz contato com os autores desse tipo de artigo, o contato é feito apenas como o tradutor/editor.

(2) Na prova de layout enviada após a diagramação dos textos, sempre há contato e tramitação de arquivos com os autores para solucionar todas as pendências dos artigos. Se o editor da revista autorizar formalmente, é possível ter acesso aos arquivos dessa etapa armazenados na Editora Cubo? Estamos pensando em algo como os 2 anos mais recentes de publicação da revista (o que daria, em média, os 10 últimos números publicados).

Sim, é possível que você tenha acesso aos arquivos trocados com os autores durante as provas de layout. Boa parte desse conteúdo está disponível, mas será necessário recuperá-lo por meio de backup. Porém, não há maiores problemas em fornecê-lo. Quando precisar desse material, por favor, entre em contato.

Letícia, se houver qualquer dúvida ou se precisar de informações adicionais, por favor, não deixe de entrar em contato.

Fico à disposição.

7 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM EDITORA – CBTO

Entrevista 4*

Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional – outubro de 2017 (áudio entrevista 4_31.10.2017 editora, 17min24s)

Participante: editora da revista

Descrição do processo editorial do periódico: Quando os artigos chegam, a secretaria verifica se estão nas normas da revista, depois eu encaminho para os editores de seção, eles encaminham para os pareceristas. Às vezes o texto tem uma rodada, duas ou três, a depender do processo, ou é recusado. Quando o texto volta, há uma conferência, pois, como mudou a versão, pode não estar respondendo às normas, aí verifica-se novamente se está nas normas e, se tem necessidade de adequação, isso é solicitado aos autores e, por fim, o artigo está pronto para ir para o processo de editoração. [exigências das bases científicas para compor os números da revista] Aí a gente monta um volume a ser publicado, e a montagem desse volume pelos critérios das bases científicas, a gente tem que ter uma predominância de artigos originais, então artigos que são os relatos de experiência, ou ensaios, às vezes eles demoram mais para serem publicados em função do número de textos de cada categoria que a gente pode pôr, a questão da distribuição geográfica, né, então a gente tem, o que é uma característica da área, mais pesquisadores no estado de São Paulo, mas a gente não pode ter um número composto só de pesquisadores do estado de São Paulo. Então a gente tenta verificar todos esses critérios para compor um número, aí quando a gente fecha esse número a gente encaminha esses textos pra Cubo [editora]. [serviços contratados na Editora Cubo – “editoração final”] O serviço que a Cubo faz pra gente hoje é só da editoração final, então a empresa recebe, aí faz a diagramação, as conferências das referências, das figuras, aí entra em contato com os autores para verificar as informações faltantes, até transformá-lo no pdf, ah, e antes disso tem a revisão de português [serviços de revisão], que é a Cubo que oferece, mas é feita por profissionais que ela terceiriza, então tem a revisão de português e a revisão do abstract em inglês. Quando o pdf está pronto para publicação, o que a gente tem feito hoje é contatar os autores perguntando se eles querem publicar o texto em português e inglês, em duas versões, [internacionalização e bases de dados] e com incentivo pra isso porque pra gente é bastante importante frente às bases de dados. Então no caso dos autores que aceitam, mediante o pagamento de parte desse processo, a gente encaminha essa versão finalizada em português pra tradutora, ela faz uma versão em inglês e essa versão segue pra Cubo para editoração. [a revista já tem uma tradutora com quem trabalha sempre] Esse trabalho de tradução não é feito pela Cubo “por uma questão de preço de mercado”, porque o preço que a Cubo nos ofereceu do trabalho com as pessoas que eles têm como tradutores era mais alto do que o de algumas pessoas que a gente pôde contratar. Então aí a gente volta esse texto pra

* Legenda

prolongamentos: ::

truncamentos bruscos: /

trechos transcritos na íntegra: “ ”

comentários da analista: []

tópicos da conversa: destaques em azul

Cubo, mas eles só fazem a diagramação final em pdf, aí não tem mais marcação porque isso foi feito na versão original, e aí o texto sai para publicação, então esse é o fluxo hoje que a gente segue. [revista eletrônica e mudança de nome] A revista até o primeiro volume de 2017 era impressa e eletrônica, no segundo volume a gente acabou de mudar de nome/nosso nome era Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar e agora a gente mudou para Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional. Essa foi uma indicação/a gente fez uma solicitação no ano passado para a SciELO e foi recusada, e uma das questões que eles colocaram é que a revista demonstra uma abrangência nacional, mas seu nome é institucional, e que eles entendiam que isso era parte de um processo histórico, mas que a gente deveria mudar; e a gente vem discutindo isso há bastante tempo porque dá uma marca muito forte, né, chamar “da UFSCar”, né, então a gente vinha pensando como fazer, aí algumas pessoas da área de biblioteconomia tinham indicado para tentar umas primeiras indexações com o nome original pra depois poder fazer aquela vinculação, né, de “continuidade de...”, para não parecer uma nova revista, ter que aguardar 2 anos etc., então a gente fez esses processos e aí a partir do número 2 de 2017 a gente mudou de nome, então é Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy, a gente já colocou os dois títulos [necessidade de colocar também o nome em inglês] e só *on-line*, então a gente fez essa opção por uma questão de custo, a gente tem um certo apego ao papel, né, acho que a versão impressa era ainda/algumas pessoas requisitavam, a gente encaminhava para algumas pessoas, mas o fato é que são poucas com acesso aberto e *on-line*/ninguém compra a versão impressa mais e foi ficando só um custo extra, embora a gente tenha um certo afeto pela versão em papel. Então a gente parou e nesse momento nós somos só *on-line*. A gente tem quatro edições da revista por ano [periodicidade trimestral]. [novo ISSN] Há mudança de ISSN quando se altera o nome da revista, tem que solicitar um novo para a Biblioteca Nacional, na verdade pro registro lá do controle do ISSN que é sediado na Biblioteca Nacional, aí a gente fez isso, mas ele é continuidade do anterior, aí a gente teve que pedir pra todas as bases de dados atualizarem o nome, então a gente ainda está um pouco nesse processo, grande parte já foi, mas tem algumas que ainda estão fazendo isso, então a gente ainda está operando/bom, vão ficar pra sempre os dois nomes, né, fica tudo que foi antes, porque a revista começou em 91, então é bastante tempo dessa história e desse nome, mas agora está quase lá, está quase tudo atualizado. [SciELO] A revista não está no SciELO [em outubro de 2017], a gente teve essa solicitação, foi recusada e a gente está rerepresentando a submissão no SciELO [porque precisava resolver essa questão do novo nome, entre outras coisas]. Ela está indexada em outras várias bases, a gente entrou este ano [2017] na Web of Science, naquela primeira base que eles chamam de Emerging Sources Citation Index, que deixou a gente bastante contente, a gente está na Lilacs, uma base latino-americana importante pra área, no Sociological Abstracts e em algumas outras, e a gente está olhando pra permanecer na Web of Science e no SciELO certamente, mas como meta, ainda não é nossa realidade hoje. [SEER] Por isso também a gente está no SEER, e tudo é feito nessa plataforma; a editora Cubo não usa o SEER, a gente encaminha os arquivos em versão Word para eles fazerem a marcação, se comunicarem com os autores e fazerem o pdf, depois a gente sobe os pdfs pelo sistema, mas dentro da área de cada artigo, então o artigo está aprovado, depois quando eles encaminham a versão final a gente coloca lá o *layout* e publica. Todo contato que os profissionais da Cubo têm com os autores é feito por *e-mail*. Os artigos chegam na revista pelo sistema, as pessoas submetem pelo SEER, aí pela

administração do sistema eu designo os editores de seção, aí esses editores de seção via sistema designam os pareceristas.

[Observações: ao perguntar para a editora se seria possível ter acesso aos materiais de parecer dos artigos, ela me pediu para formalizar esse pedido por escrito para apresentar à toda equipe de editoria, explicitando os objetivos da pesquisa, quais materiais eu precisaria, quais os procedimentos éticos que vou tomar quanto à questão da identificação das pessoas (autores etc.) e quanto de material eu precisaria; no documento de autorização, ela pediu para incluir um ponto sobre a apresentação das minhas análises previamente à equipe de editoria (o que também é um dado muito interessante sobre a gestão da autoria). A preocupação da editora se deve ao fato de a revista não contar com uma estrutura administrativa; há um estagiário que a universidade oferece e duas pessoas que trabalham parcialmente como voluntárias, e, quando a revista tem algum financiamento, busca-se fazer alguns pagamentos pontuais; essas pessoas trabalham auxiliando na administração do sistema, colocando os volumes *on-line*, que é um trabalho mais pontual, e numa assistência à secretaria; esses trabalhos são mais eventuais, o que a revista tem permanentemente é um estagiário de nível superior por 20 horas, “que é uma estrutura bastante aquém do que a gente precisaria como periódico”. Esse estagiário recebe os artigos, faz um checklist inicial, faz o encaminhamento para o editor de seção quando a editora atribui e faz esse checklist final quando o artigo é aprovado ou o arquivamento quando ele é recusado, e depois encaminha para a Cubo os textos para a editoração do volume.]

8 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM ESTAGIÁRIO – CBTO

Entrevista 5*

Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional – fevereiro de 2018 (áudio entrevista 5_8.02.2018 estagiário, 12min21s)

Participante: estagiário da revista

Descrição do trabalho no periódico: [trabalho da editora] Eu faço várias coisas na revista, começando com o contato direto com o autor recebendo o artigo dele, falando como vai ser todo o processo tanto de recebimento quanto de devolução, caso venha com erros [perspectiva da correção], de ABNT e de documentos, caso esteja faltando algum. Depois disso, eu cuido da parte mais básica de edição, aí eu edito/dou uma editadinha, cuido da ABNT e tudo mais. Aí aqui dentro dos Cadernos eu faço a parte da organização também dos artigos, a parte mais burocrática mesmo. [uma primeira revisão dos textos – o que, na verdade, é um trabalho de normalização] É uma primeira revisão, depois eu vou passando para os editores, depois vem o parecer dos pareceristas e eu encaminho as respostas pros próprios autores e em seguida a gente encaminha pra ele quais são os próximos passos, a questão do pagamento e tudo mais [pagamento pelos textos publicados], e eu faço mais essa parte mesmo. [uso da plataforma SEER] Tem a plataforma *on-line* aqui dos Cadernos, em que o autor pode verificar várias informações, ele verifica se o artigo foi aprovado também, mas é um pouco complicado, às vezes as pessoas têm um pouco de preguiça também, então eu acabo fazendo mais essa parte por e-mail também, pra garantir que a pessoa saiba e por um pouco de comodidade, tem essa questão também. Então tem essa parte *on-line*, em que ele pode ver tudo, pode encaminhar documentos que faltaram, a correção do artigo que a gente pediu [perspectiva da correção], dúvidas, questões, ele pode fazer isso por lá. [os pareceres] Quem tem acesso a essa correção são os editores dentro do *site* [SEER], e ela pode ser enviada aos autores posteriormente por *e-mail*, eles não têm acesso. Os autores sabem quem são os editores de seção e é com eles que mantêm contato e tiram suas dúvidas sobre esse processo de avaliação dos pareceristas etc. [trabalho de revisão/normalização do estagiário] A maior parte dos problemas dos artigos que chegam é com a ABNT. Quando há pouca coisa, a gente deixa passar, obviamente, mas às vezes o texto vem muito fora das normas, e aí a gente precisa mandar porque infelizmente não podemos dar tanta atenção só para a ABNT, pois chega bastante artigo na revista e é preciso dar atenção a outros procedimentos e tudo mais, aí a gente acaba encaminhando pra eles [os autores] com os problemas. [normalização na Editora Cubo: interessante olhar o que a empresa faz nessa etapa, considerando que os textos têm esse ajuste de ABNT feito na revista] Todos os artigos são mexidos na revista, a Cubo recebe os textos praticamente prontos, dentro do possível. [retomando aquele “deixa passar” dito antes] Todos os artigos são editados quando chegam, antes de serem enviados para a Cubo; “deixar

* Legenda

prolongamentos: ::

truncamentos bruscos: /

trechos transcritos na íntegra: “ ”

comentários da analista: []

tópicos da conversa: destaques em azul

passar” significa que, quando há poucos problemas, os textos são “corrigidos” diretamente, sem devolvê-los aos autores para esse ajuste na norma [uma forma comum entre os periódicos de agilizar o processo; conforme consta na aba “orientação para autores” do *site* da revista, “Os textos que não atenderem aos itens mencionados serão devolvidos aos autores para adequação anteriormente à avaliação pelos Editores de Seção.”]. [sobre o pagamento pela tradução dos artigos] Os autores podem encontrar no *site* da revista a informação sobre o pagamento pela tradução dos textos.

[**Observações:** há aí um desencontro de informações: segundo a editora (vide Entrevista 4), trata-se de um pagamento parcial do valor cobrado pela tradução dos textos; no *site* da revista, entretanto, na aba “orientação para autores”, as seções “revisão ortográfica” e “condições de submissão” explicitam valores cobrados por todo o tratamento editorial dos artigos (“editoração científica”, “revisão de português” e “tradução do corpo do texto para o inglês”), conforme reproduzido a seguir:

“Revisão Ortográfica

Após a fase de apreciação, os textos aprovados serão submetidos à revisão de língua portuguesa (todo o texto) e inglesa (versão do título, das palavras-chave e do resumo), sendo que os autores deverão arcar com o custo desse trabalho, no valor de R\$250,00/texto.

Justifica-se a elaboração de revisão ortográfica para a garantia da habilidade de comunicação escrita dos textos a serem publicados e a sua leitura pelo público nacional e internacional.

Condições de Submissão

Não há cobrança de taxa de submissão.

É de responsabilidade dos autores a conferência de todas as normas especificadas.

Após o processo de avaliação, em caso de aprovação do texto para publicação, os autores deverão comprometer-se com o pagamento da taxa de R\$1.050,00, referente aos custos parciais de editoração científica (R\$200,00), revisão de português (R\$250,00) e tradução do corpo do texto para o inglês (R\$600,00). O início do processo de editoração dependerá da comprovação do pagamento dessa taxa.

O pagamento deverá ser realizado mediante depósito em conta bancária. [...]”

É interessante notar também que o título, o resumo e as palavras-chave em inglês são tratados como parte do trabalho de “revisão de língua inglesa”, enquanto o corpo do texto é de fato o trabalho de “tradução”.]

Quando o autor submete um artigo, recebe um e-mail preestabelecido (padrão) pela revista informando essas normas de pagamento e pedindo que ele as aceite ou não dentro do prazo de sete dias. Caso ele confirme, dá-se continuidade ao processo editorial do texto. [sobre a adesão dos autores a esse sistema de publicação] Desde que o estagiário trabalha na revista, um único autor se recusou a pagar essas taxas. [sobre o estágio na revista] O estagiário está na revista há seis meses. Nesse trabalho, sempre há estudantes do curso de Linguística da universidade [o que demonstra a compreensão da necessidade de um profissional de língua atuando na edição de periódicos]. Embora ele chame o trabalho de revisão, trata-se da normalização e da formatação dos artigos segundo a ABNT. Os pareceristas dão um retorno também sobre questões de linguagem dos artigos [ver quais são os critérios dos pareceres dessa revista e das demais]. Quando um texto é recusado por problemas dessa ordem, há uma devolutiva ao autor para que reveja. [quanto aos prazos do trabalho] Para o estagiário, os prazos para essa normalização são tranquilos. Apesar do grande número de artigos que a revista recebe, ele dá prioridade para os que serão publicados no volume em edição, assim não há congestionamento do trabalho. Os

3

Informações

disponíveis

em

<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/about/submissions#authorGuidelines>. Acesso em 15 nov. 2019.

artigos são enviados, depois de normalizados, para a Editora Cubo via *e-mail* pela editora da revista e pela assistente editorial, que têm mais contato com a empresa e passam também as informações mais burocráticas. Esse trabalho de normalização é considerado, então, uma primeira etapa que facilita as etapas seguintes do processo editorial. [quanto às questões burocráticas da revista] Os artigos só podem ser tratados para publicação depois que toda documentação exigida pela revista está em ordem; essa documentação [reunida na pasta “termos” coletada] contém os termos de concordância de código aberto e de cessão de direitos autorais para a revista.

9 TRANSCRIÇÃO DE DIÁRIO DE CAMPO SOBRE A GEOUSP

Diário de campo*

Geosp: espaço e tempo – dezembro de 2017 (áudio diário de pesquisa_Geosp 15.12.2017_lembretes, 11min25s)

Participante: baseado na conversa com editor da revista

Como a reunião não foi gravada, esse diário de campo foi feito para registrar informações da revista às quais tive acesso. O processo editorial da revista continua o mesmo desde o período em que a estudei no mestrado. O editor continua o mesmo, apesar de seu afastamento para pós-doc, e a Confraria de textos também segue como a empresa que edita os artigos. [avaliação do programa de pós-graduação em geografia] O que mudou foi a nota do programa ao qual a revista se vincula, que na avaliação Capes foi rebaixada, segundo o editor, injustamente. Apesar do grande número de professores do programa (em média 70 professores, quando na geografia a média é de 25), há no departamento professores mais velhos que têm se dedicado a outras atividades e ainda às aulas, e, por isso, não têm publicado tanto. A revista vai recorrer argumentando que não se trata só de publicar, muito menos de publicar só em revistas, e ainda considerando que ter uma revista A1 [como é a Geosp] no programa importa, embora isso não seja avaliado. Também será colocado o fato de muitos professores publicarem também livros autorais, além de se dedicarem a outros tipos de produção que não só artigos científicos e não só artigos submetidos a revistas A1, A2 e B1. [influência dessa mudança de nota do programa na revista] O programa tendo menos dinheiro, a revista conseqüentemente também terá menos orçamento para sua manutenção. Trata-se de um periódico quadrimestral cuja produção custa em média R\$ 8.000 por número, considerando a edição da revista pela empresa especializada. [quanto aos dados coletados para a pesquisa] O editor assinou a autorização e me permite acessar todos os dados da revista do recorte de tempo estabelecido (2016 e 2017) por meio da plataforma eletrônica de editoração, em que farei login com perfil de editoria durante cinco dias para fazer a coleta. Na plataforma, reunirei desde os artigos originais submetidos à publicação até os pareceres e as versões finais que são disponibilizadas para a Confraria de textos [abas “resumo” e “avaliação” da plataforma]. Os materiais editados na empresa conseguirei coletar diretamente lá. [descrição do funcionamento da plataforma] Acesso com login e senha; clicar nas abas “resumo” e “avaliação”; como os pareceres são às cegas, tanto os autores quanto os pareceristas não têm acesso aos nomes uns dos outros, só o perfil de editoria vê tudo isso em detalhes; ali constam o artigo original [clicar em cima do *link* para baixar], os comentários dos pareceristas [nos balõezinhos à direita], o formulário de avaliação preenchido e a versão final alterada pelo autor e confirmada pelo editor. Nos casos em que não há retorno do autor, isso se deve à dificuldade dele para usar a plataforma, por isso alguns autores encaminham os textos por e-mail (eventualmente) e pedem ao editor para subir na plataforma [letramento]. A princípio, a coleta para a pesquisa se restringe aos casos de artigos aprovados [combinado com editor], pois coletar os textos reprovados demandaria outro caminho. [Confraria] Na empresa, os problemas encaminhados aos autores se referem basicamente a

* Tópicos da conversa destacados em azul.

citações e referências; é interessante ter a *checklist* de cada número editado, pois os arquivos se alteram conforme as necessidades identificadas durante o tratamento dos textos. Vale a pena recuperar a descrição do trabalho feita na dissertação, quando também estudei a revista, verificando inclusive as mudanças nas *checklists*, o que pode dar pistas interessantes sobre a dinâmica desse tipo de revisão/normalização atípico ofertado para a revista, talvez também relativas à discussão sobre gestão da autoria.

[Observações: fiquei pensando se seria interessante analisar também casos de artigos recusados, especialmente considerando o grande número de artigos de áreas como a ciência da informação e a biblioteconomia, palestras nos cursos de editoração científica da ABEC e cursos de escrita científica que abordam temáticas como “porque os artigos são recusados para publicação”, “como não ter seu artigo reprovado imediatamente pelo editor” etc.; na CBTO coletei também artigos recusados, talvez valha a pena analisar esse material em uma seção da tese, mostrando como cada caso é realmente um caso muito particular. Na reunião, o editor me mostrou na plataforma textos de autores renomados da área de geografia, por exemplo, que receberam pareceres imensos com vários comentários e sugestões, apesar de aprovados. Isso me lembra o dado de um artigo da Luciana que analisei no mestrado: aprovado, mas com grandes mudanças que começaram no próprio título do artigo, que não era rastreável pelas ferramentas de busca das plataformas de indexação, por exemplo, segundo argumentos dos profissionais que editaram o texto.]

10 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM REVISORA E DIAGRAMADOR – RIEB

Entrevista 6*

Revista do IEB – dezembro de 2017 (áudio entrevista 6_15.12.2017 revisora e diagramador, 50min04s)

Participantes: revisora e diagramador da revista

Descrição do processo editorial do periódico: [revista eletrônica] Quando a gente veio para cá, tivemos que nos habituar com essa coisa de ser só uma revista *on-line* [eles trabalhavam em outro setor da USP, num jornal impresso que interrompeu sua circulação], hoje a gente imprime algumas edições, mas não são todas. O foco central é publicar na plataforma da SciELO, e no Portal de Revistas da USP também. [atualização das normas SciELO] Esta semana [dezembro de 2017] a gente está tentando entender as mudanças que aconteceram nas normas SciELO. O “grosso” continua o mesmo, mas há umas mudanças mais burocráticas que acabam amarrando demais a difusão do conhecimento, que é o objetivo de uma revista, de qualquer publicação especializada, né, acaba truncando demais, você fica escravo de datas, de coisas que na verdade não deveria ser tão “a ferro e fogo” assim. A gente estava acostumado a ter um pouco mais de liberdade nessa coisa de difundir todos os dados que a gente precisa. O que a gente percebe é que cada vez mais a SciELO espera que a gente publique continuamente, todo mês ou algo assim. [equipe editorial] A Revista do IEB não tem uma equipe específica para ela, a gente cuida também dos Cadernos do IEB, então não tem uma equipe que trabalhe especificamente para a SciELO, mas tem um tempo em que a gente se dedica só à revista, tem aquela época de fechamento em que daí é só aquilo, só aquilo, só aquilo e depois tem um “descanso” pra fazer as outras publicações. Não para por que, nesse descanso pra nós, tem outra pessoa trabalhando no recebimento dos artigos, que é um negócio que demanda bastante tempo. Às vezes você manda um artigo pra um parecerista e ele recusa, o outro recusa mais ou menos, então são dois, aí você pode mandar pra um terceiro ou pra um quarto pra tirar a dúvida, né, para ver o que é que se faz. [pareceres] Aí os pareceres têm uma súmula afirmando que os autores seguiram o que os pareceristas indicarem e o texto vem para eu preparar. [trabalho de preparação] Aí eu faço toda aquela coisa de colocar nos moldes da revista/e isso a gente pede, tem as orientações para os autores com relação às citações, às notas de rodapé, notas de referências/aqui a gente usa aquele sistema francês de referência, né, que é citar tudo nas notas, então é colocar a referência toda na nota e nas referências bibliográficas, mas grande parte das publicações usa aquele sistema americano, que é colocar entre parênteses com o ano. Então, apesar de a gente colocar nas normas, tem muita gente que manda no formato americano, aí pra não/às vezes a gente devolve quando é muita coisa, muita demanda, a gente devolve pro autor e pede pra ele colocar, se não, eu mesma coloco. Dependendo do tamanho do artigo, pode demorar dois dias só pra

* Legenda

prolongamentos: ::

truncamentos bruscos: /

trechos transcritos na íntegra: “ ”

comentários da analista: []

tópicos da conversa: destaques em azul

normalizar as notas de referência. Agora mesmo eu estava fazendo aqui um artigo e, como hoje em dia você pode consultar tudo no Google, às vezes você vai tirar uma dúvida e percebe que o texto já passou por todo esse processo e é um texto que já foi publicado em algum lugar, ou em partes, ou inteiro, daí você vai cotejar e é 80% do texto que está lá [publicado em outro lugar], não é um artigo original. Às vezes você faz todo esse processo para depois recusar o artigo por isso. Depois da preparação vai para o autor [a revisora trabalha com marcações da ferramenta do Word], a maioria deles acata todas ou quase todas as sugestões; em geral, são muitas marcações, os textos vão cheios de sugestões para o autor. [a dificuldade em lidar com autores professores e a questão do “cuidado” com a autoria no trabalho editorial] Recentemente eu peguei um texto de dois autores da universidade x e eu precisei praticamente reescrever, aí como eu você fala “ó, desculpa aí, mas eu tenho que reescrever seu trabalho”? É chato, né. Então o texto preparado vai para o autor aprova e só depois que ele aprovar todas as alterações é que vai para a diagramação. [trabalho de revisão] A revisão é feita depois que o artigo é diagramado para checar se todas as emendas foram passadas, se alguma coisa passou ou se está tudo ok depois dos vários ajustes que são feitos ao longo do processo de fechamento. [rotatividade dos editores] a equipe de editoria é trocada a cada dois anos, mas dois anos é muito pouco tempo, pois quando os professores estão pegando o jeito eles saem da revista. Os professores do IEB têm muitas atribuições além das da revista, e também trabalham na tradução de textos, quando necessário [o editor-executivo também deu essa informação]. [marcação em XML e impressão feitas fora da revista] Todos os números são tratados na linguagem XML por empresa terceirizada, um valor que, na revista, não chega a R\$ 1.000. A impressão também é feita fora. [Observações: discutimos se vale a pena tanto esforço e investimento para as revistas de Humanidades publicarem na SciELO, visto que os profissionais não enxergam tanto ganho pra essas áreas. A revisora enfatizou a proposta da SciELO de que as publicações sejam cada vez mais contínuas, texto após texto, sem periodicidade específica e mesmo sem a composição de um número de revista; “talvez o que a SciELO quer publicar não se chama revista, é outra coisa para a qual ainda vão inventar um nome”.]

11 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM EDITOR-EXECUTIVO – RIEB

Entrevista 7*

Revista do IEB – junho de 2018 (áudio entrevista 7_11.06.2018 editor-executivo, 28min08s)

Participante: editor-executivo da revista

Descrição do processo editorial do periódico: [plataforma da SciELO, que é a OJS] Todos os artigos chegam pela plataforma da SciELO e ficam lá como “não designados” até se decidir o que de lá é “útil” no sentido de fazer parte das áreas que a revista publica. Nesse primeiro momento, é decidido por meio dos resumos e dos próprios artigos como é que isso será tratado. Se o artigo for recusado, a gente vai sugerir ao autor outras revistas. Se os artigos tratarem de temas de interesse da revista e forem pertinentes, portanto cumprirem também com pelo menos as normas mínimas, porque às vezes chegam artigos, por exemplo, de pessoas que estão terminando o TCC, vão terminar a faculdade e desejam publicar esses textos/falta um pouco ainda, na verdade a gente aceita artigos a partir do doutorado, o que é uma regra da revista, uma premissa. Nesses casos a gente rejeita e explica o porquê, mesmo sendo da área. [artigos aceitos] Os artigos aceitos continuam todos na plataforma, alguns ficam arquivados e recusados e outros ficam aceitos e vão participar do processo. [os dossiês] No caso dos dossiês, por enquanto, temos autores que são do IEB mesmo. Até agora [2018], nesse começo de ano, se levantou a seguinte questão: será que a gente vai aceitar dossiês externos, da universidade etc.? A questão foi bem debatida e a princípio sim, a partir de 2019 já vai começar a primeira leva de dossiês que são de fora. E a gente tem um cronograma/como são três edições por ano, a gente pode ter, digamos, duas edições no ano que sejam dossiês, então este ano, por exemplo, por acaso são três, porque é o primeiro ano, mas no ano que vem são dois com o dossiê externo, e a gente vai tentar manter esse padrão, sempre um dossiê externo, ou interno, dependendo se existe essa possibilidade do dossiê externo, sempre um dossiê interno, se for o caso, e sempre uma janela/que eu chamo de janela, para os artigos que chegam através do portal, porque a gente tem que deixar também aquilo fluir, a gente não pode fechar a revista e dizer “só vamos fazer dossiês”, por isso a gente debateu bastante essa questão. Então estamos aceitando, sim dossiês externos, o primeiro começará no ano que vem. [o trabalho de assistente editorial/editor-executivo e da equipe da revista] Eu sou o assistente editorial e tento organizar, fazer a coisa funcionar. A equipe da revista é pequena, somos eu o Nome [diagramador] e a Nome [revisora], só. Ele faz exclusivamente diagramação e ela faz exclusivamente revisão e preparação e eu, digamos, tento organizar a coisa pra tudo fluir e fico também em conversa com os professores, que são os editores. Como os professores têm as tarefas deles do dia a dia em geral, aula, pesquisa etc., a gente não consegue fazer tantas reuniões quanto necessário, então eu tento organizar, tento

* Legenda

prolongamentos: ::

truncamentos bruscos: /

trechos transcritos na íntegra: “ ”

comentários da analista: []

tópicos da conversa: destaques em azul

passar pra eles o que está acontecendo e tento principalmente fazer a coisa fluir e seguir prazo, enfim, tudo isso que precisa pra revista funcionar. Quando eu peguei a revista/eu entrei aqui faz dois anos, eu acho que a coisa estava sendo feita de forma errada pelas pessoas que estavam aqui antes, então eu criei uma planilha minha pra controlar isso e através dessa planilha, que é *on-line*/depois eu posso te passar, é que eu controlo tudo, e é onde tem os artigos que estão aprovados e recusados, é uma mistura na verdade do que o SciELO [a plataforma OJS] tem, do andamento e de onde está, em que processo, em que período, em que status, digamos, está cada artigo. Então é por meio da planilha, que, obviamente, a cada edição a gente vai complementando um pouquinho, vai mudando, vai mexendo etc., ou, digamos, aprimorando, e é através dela que me norteio quanto a isso. É um passo a passo bem extenso, que eu posso te mostrar, porque a gente tem que pensar desde o momento em que o autor pergunta “como eu faço para mandar um artigo pra revista” até a revista sair *on-line*, tem muita coisa, então isso tudo tem que estar anotado porque eu não sei de cabeça tudo, por isso comecei a montar essa planilha e colocar as etapas, etapa 1, 2, 3, 4, 5 e por aí vai. Basicamente, o trabalho é esse. [serviços terceirizados] A gente só terceiriza, por uma imposição/um pedido da SciELO sobre o envio de arquivos em linguagem XML, a etapa de conversão em XML, o que acontece depois que está tudo pronto e diagramado. [sobre a tradução] As traduções geralmente são feitas por pessoas “da casa”, digamos assim, professores, alunos, coordenadores ou organizadores do próprio dossiê; 95% dos casos de traduções são de textos dos dossiês. Antigamente, havia uma verba para as traduções necessárias, mas nas última três vezes em que o serviço foi feito deu problema; além de todo o tempo necessário para as licitações, um processo demorado, mesmo entre empresas renomadas, segundo os professores [editores], o serviço foi “um fiasco”. A tradução não foi satisfatória porque tem muita coisa de pesquisa, muita coisa científica que não é só traduzir assim “ao pé da letra”, tem muita coisa que você precisa entender do assunto para saber o que você está falando; eles reclamaram muito, então geralmente a gente faz isso. Na última revista feita, a maior que já produzimos, com 500 páginas, tivemos três traduções grandes e foram os professores que fizeram. No caso das empresas, achamos que os textos já feitos foram traduzidos “como uma coisa qualquer, estava certo, mas não estava”, é complicado pra quem não é da área, precisa entender do assunto [compreensão do trabalho como uma tradução técnica e feita somente pelo profissional, sem intervenção do autor, dos organizadores]. [revista impressa e eletrônica] A revista continua com circulação impressa e eletrônica, mas faz mais ou menos dois anos que a gente não imprime porque/agora eu vou fazer o pedido [junho], acho que até o final do ano vai sair/porque houve um problema quanto a isso com a equipe anterior da revista [o profissional explica o problema e pede para que não registremos na transcrição], que investiu nisso um dinheiro que não precisava, por isso agora estou cuidando disso para fazer tudo da melhor forma possível. [indexação no SciELO, na Redalyc e no Portal de Periódicos da USP] O SciELO é o que nos dá mais trabalho, mas é também o que mantém a gente/é uma indexação um pouco mais reconhecida pela Capes no Qualis, então a gente mantém o SciELO a todo custo assim, a gente cumpre todas as regras. [problemas com a indexação no SciELO] Inclusive a gente tem muito problema porque muita coisa que a gente quer fazer, que a gente quer/é um pouco, sei lá, bloqueado, é um pouco restritivo por essas questões de norma do SciELO do manual deles [documento de critérios de admissão e permanência], então isso é por um lado bom, mas é um problema também. [orçamento] Como a gente tem profissionais de todas as áreas, a grana que vem pra revista é pra impressão [entendimento de estrutura de um

periódico, de uma equipe editorial], acho que 90% é pra impressão e os outros 10% são para cursos na área pra gente aqui da equipe mesmo, algum tipo de treinamento, para aprender alguma ferramenta, algum tipo de *software* de que a gente precise, enfim, coisas ligadas à revista, mas o “grosso” mesmo do dinheiro que vem é para impressão [uma mudança radical no funcionamento da equipe se comparada à anterior, que contratava diferentes profissionais externos para tradução, preparação, revisão, estagiários etc.]. Eu estou segurando [a impressão] de propósito nesse tempo para conseguir reunir documentos e expertise para fazer tudo da melhor forma correta. [circulação da revista impressa] Quando a revista é impressa, são enviados exemplares para bibliotecas, institutos, centros, para os autores, algumas escolas, mas não muito mais do que isso, não é tanta gente assim, não são tantos lugares; geralmente é enviada uma, no máximo duas, para cada lugar. Inclusive essa é uma forma/a gente acha fundamental ter ela impressa, eu sei que muita gente é contra, “vamos fazer tudo *on-line*”, mas eu gosto, acho importante ser em papel pela história do IEB, pela história da revista. [problemas da disposição dos arquivos em indexadores como o SciELO] A necessidade de colocar no site do SciELO texto por texto se dá pelas marcações XML. O SciELO é muito padronizado, então por exemplo: quando a gente vai subir os arquivos no Portal de Revistas da USP (outro indexador), tem que ser feito manualmente, então você coloca a capa, o sumário, o arquivo completo, e isso tudo não tem nos outros indexadores, não tem no ScieLO e não tem na Redalyc, porque são indexadores diferentes. No Portal de Revistas da USP, isso é feito de um jeito na minha opinião bem melhor, porque fica mais com uma “cara de revista”, você entra e vê a capa, o sumário da forma como está lá, as páginas, “tem uma série de coisas ali que te dão mais ou menos uma noção de que você está dentro do sumário de uma revista”. No SciELO não tem capa, não tem expediente, não tem sumário, não tem os critérios [as normas da revista], não tem/nada que não seja artigo e que não seja científico está lá. Por exemplo, os critérios que estão no final da revista não estão lá, o informe IEB, que a gente coloca como *news* ou notícias, não está lá, “eles só consideram aquilo que tem DOI”, ou seja, só artigos, resenhas e documentos. Ou seja, você entra lá [no site] e só sabe que aquilo é da revista porque está na aba ou debaixo do nome da revista, fica tudo jogado ali, não parece uma revista, tudo é contado como números. No Portal de Revistas da USP já se trabalha um pouco diferente, com uma noção de revista, inclusive na navegação. No SciELO e na Redalyc você acessa as abas com os números anteriores/você tem lá atual, arquivo, mas você navega numa sequência de artigos, ou seja, se esses artigos são de um dossiê, eles estão junto com todos, eles não são agrupados por dossiês. Nesse sentido, o Portal de Revistas da USP é um pouco melhor para navegar, conhecer, baixar, você tem lá nomes de quem fez, tem o pdf, que você baixa se quiser.